

BELÉM

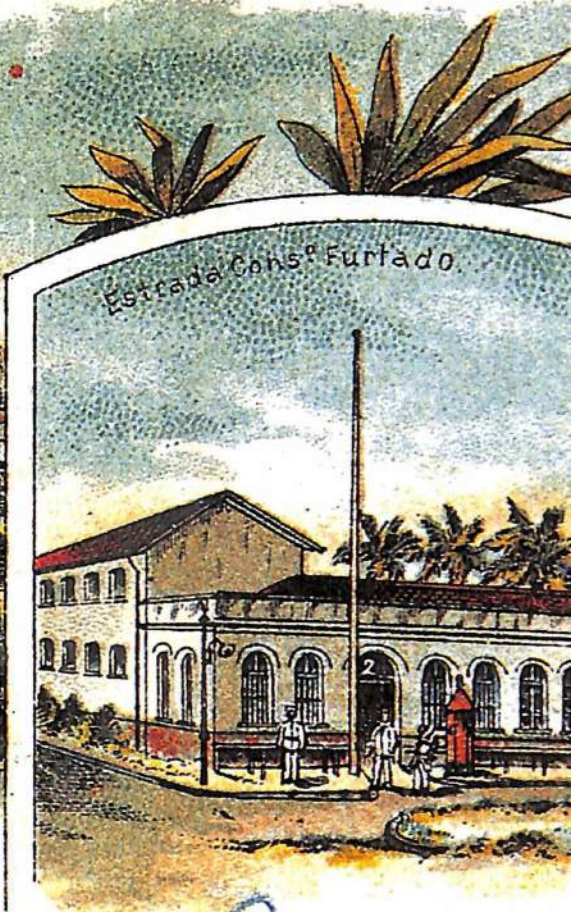
da Saudade







Lembrança do Pará.



S. g. H. v. P.
 Habe leider lange
 nichts von Ihnen gehört.
 Ihr ganz ergebener
 Sal.

Carte Postale - Bilhete Postal

Union postale universelle - União postal universal

Estado do Pará

Estados Unidos do Brazil



A
Donato Mello Jr.
e Augusto Meira Filho,
a nossa saudade

Belém - Pará - Brasil, 1998

Coler a carte a l'adresse

Lado reservado do endereço

BELÉM
da Saudade

A Memória da Belém do Início do Século em Cartões-Postais

2ª edição - Revista e aumentada



BELÉM DA SAUDADE

A Memória da Belém do Início do Século em Cartões-Postais

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

Almir Gabriel

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Paulo Chaves Fernandes

COMISSÃO EDITORIAL

Benedito Nunes / Maria Regina Maneschy / Geraldo Mártires Coelho /
Lorena Souza / Gilberto Chaves / Salomão Larêdo

CRIAÇÃO E PRODUÇÃO

Secretaria de Estado da Cultura

NÚCLEO EDITORIAL

Coordenação e edição: Lorena Souza
Revisão: Alaysses Franco

PESQUISA E ORGANIZAÇÃO

Rosário Lima da Silva / Paulo Chaves Fernandes

FICHA CATALOGRÁFICA

Ana Lucidéa Rodrigues Leitão

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Maria Alice Penna

REPRODUÇÕES DOS POSTAIS

Patrick Pardini / Luiz Braga /
Pedro Oswaldo Cruz / Octávio Cardoso

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Paulo F. Lourenço - Virtual

TRATAMENTO DE IMAGENS

Omni Graphics

FOTOLITOS

Pancrom

IMPRESSÃO

Gráfica Supercoros

APOIO CULTURAL

Albras - Alumínio Brasileiro S.A.
Associação Comercial do Estado do Pará
Ministério da Cultura
Montemil - Montagens Industriais e Construção Civil Ltda.

Catálogo na Publicação (CIP)
Diretoria de Bibliotecas Públicas do Pará

B 428 Belém da Saudade: A Memória da Belém do Início
do Século em Cartões-Postais. 2. ed. rev. aum. Belém:
Secult, 1998. 278 p. : il.

ISBN 85-7313-007-5

1. BELÉM - Aspectos culturais. 2. BELÉM - Cartões-
postais. 3. BELÉM - História. 4. BELÉM - Monumen-
tos. 5. BELÉM - Ruas. I. Título.

CDU: 981.151

Índice para catálogo sistemático
BELÉM - História

© Direitos de cópia/Copyright 1998 por/by Secult

IDENTIFICAÇÃO DAS COLEÇÕES

Antônio Miranda (AM)
Elysio de Oliveira Belchior (EOB)
Habib Fraiha Neto (HFN)
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)
João Baptista Monteiro da Silva (JMS)
Márcio Meira (MM)
Olínio Gomes Paschoal Coelho (OC)
Paulo Chaves Fernandes (PCF)
Victorino C. Chermont de Miranda (VCM)
Yolanda Roberto (Y)

Foi mantida, nas denominações de ruas e logradouros, a grafia empregada no início do século.



CARTA BILHETE (CARTE LETTRE)



CARTÃO-POSTAL: MEMÓRIA DE PELÉM



CARTOGRAFIAS DA MODERNIDADE DE PELÉM

Postais



VISTAS LITORÂNEAS

DOCA E PORTOS

DOCA DO REDUCTO
ZONA DO CAIS
DOCA DO VER-O-PESO
PORTO DO SAL

VISTAS FAZENDAS DO



AV. MARECHAL HERMES
BOULEVARD DA REPÚBLICA (BOULEVARD CASTILHOS FRANÇA)
AV. 16 DE NOVEMBRO
AV. ALMIRANTE TAMANDARÉ
AV. DA REPÚBLICA (AV. PRESIDENTE VARGAS)
AV. DE NAZARETH
AV. DA INDEPENDÊNCIA (AV. MAGALHÃES BARATA)
AV. SÃO JERÔNIMO (AV. GOVERNADOR JOSÉ MALCHER)
AV. GENERALÍSSIMO DEODORO
AV. 22 DE JUNHO (AV. ALCINDO CACELA)
AV. SÃO JOÃO (AV. SENADOR LEMOS)
AV. TITO FRANCO (AV. ALMIRANTE BARROSO)

RUA E TRAVESSAS

RUA DA CALÇADA DO COLÉGIO (RUA PADRE CHAMPAGNAT)
RUA 15 DE NOVEMBRO
RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO
RUA DE SANTO ANTÔNIO
RUA 13 DE MAIO
RUA NOVA DE SANT'ANA (RUA SENADOR MANOEL BARATA)
TRAV. CAMPOS SALLES
TRAV. DR. FRUCTUOSO GUIMARÃES
RUA PADRE PRUDÊNCIO
RUA LAURO SODRÉ (RUA Ó DE ALMEIDA)
TRAV. SÃO MATHEUS (TRAV. PADRE EUTÍQUIO)
RUA CARLOS GOMES
RUA OLIVEIRA BELLO
RUA DOS CEARENSES (AV. CEARÁ)



PRACAS

PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA (PRAÇA D. PEDRO II)
PRAÇA FREI CAETANO BRANDÃO
PRAÇA VISCONDE DO RIO BRANCO
LARGO DE SANT'ANA
JARDIM PRUDENTE DE MORAES (PRAÇA FILIPE PATRONI)
LARGO DA TRINDADE
PRAÇA DA REPÚBLICA
PRAÇA BAPTISTA CAMPOS
PRAÇA DR. JUSTO CHERMONT
PRAÇA FLORIANO PEIXOTO

CATEDRAL DA SÉ
IGREJA DE SANTO ALEXANDRE
IGREJA DO CARMO
IGREJA DAS MERCÊS
IGREJA DE SANT'ANA
IGREJA DE NAZARETH
ASSEMBLÉIA DE DEUS
IGREJA DOS FRADES CAPUCHINHOS



PALACETE MUNICIPAL
PALÁCIO DO GOVERNO

HOSPITAL DA ORDEM 3ª DE SÃO FRANCISCO

HOSPITAL MILITAR
HOSPITAL DA REAL SOCIEDADE PORTUGUESA BENEFICENTE
ESTABELECIMENTO HIDROTERÁPICO
HOSPITAL DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
HOSPITAL DOS ALIENADOS
ASYLO DE MENDICIDADE
INSTITUTO ORPHANOLÓGICO

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO 190

GYMNÁSIO NOSSA SENHORA DO CARMO
LYCEU BENJAMIN CONSTANT (COLÉGIO PAES DE CARVALHO)
ACADEMIA DE DIREITO
INSTITUTO CÍVICO-JURÍDICO PAES DE CARVALHO
GRUPO ESCOLAR BARÃO DO RIO BRANCO
GRUPO ESCOLAR SANTA LUZIA
INSTITUTO GENTIL BITTENCOURT
INSTITUTO LAURO SODRÉ

FORÇAS ARMADAS 204

QUARTEL GENERAL
CORPO DE BOMBEIROS
ARSENAL DE MARINHA



PARQUES E ZOOBOTÂNICOS 208

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
BOSQUE MUNICIPAL

PARQUES E HOTÉIS 221

HOTEL AMÉRICA
HOTEL CENTRAL
GRANDE HOTEL
CAFÉ DA PAZ
BAR ESTRELLA DE NAZARETH
THEATRO-BAR PARAENSE

PARQUES COMERCIAIS E PARQUES 224

"PARIS N'AMÉRICA"
"BON MARCHÉ" E CASA CARVALHAES
LIVRARIA ALFACINHA
CASA FRANCO
FORMOSA PARAENSE
LIVRARIA UNIVERSAL
BANCO DO PARÁ
CASA SÃO PAULO
CAMISARIA PARAENSE
LONDON BANK E BANCO COMMERCIAL
ARMAZÉM DE AUTRAN & CIA
EDIFÍCIO DA GARANTIA DA AMAZÔNIA

FÁBRICAS 234

FÁBRICA PALMEIRA
FÁBRICA DE CERVEJA PARAENSE
FÁBRICA CERÂMICA APERFEÇOADA
CURTUME MAGUARY



ESTRADA DE FERRO DE PRAÇA 238

PALACETES 242

CASA DO MAESTRO MENELEU CAMPOS
RESIDÊNCIA DO SENADOR ANTÔNIO JOSÉ DE LEMOS
RESIDÊNCIA DO DR. PEDRO GUSMÃO
PALACETE BIBI COSTA
PALACETE DO DR. AUGUSTO MONTENEGRO
PALACETE DR. CORRÊA
PALACETE DE MIRA-SELVAS
CHALET "CASTEL D'AMOUR"
CHALET NO SUBÚRBIO DE BELÉM

CEMITÉRIO SANTA IZABEL 248



ILHAS E VILAS 250

VILA DE PINHEIRO
VILA DE OUTEIRO
VILA DO MOSQUEIRO
ILHA DE TATUOCA
VILA DE SANTA IZABEL



FESTAS, FOLGUEDOS E PROCIOS 260



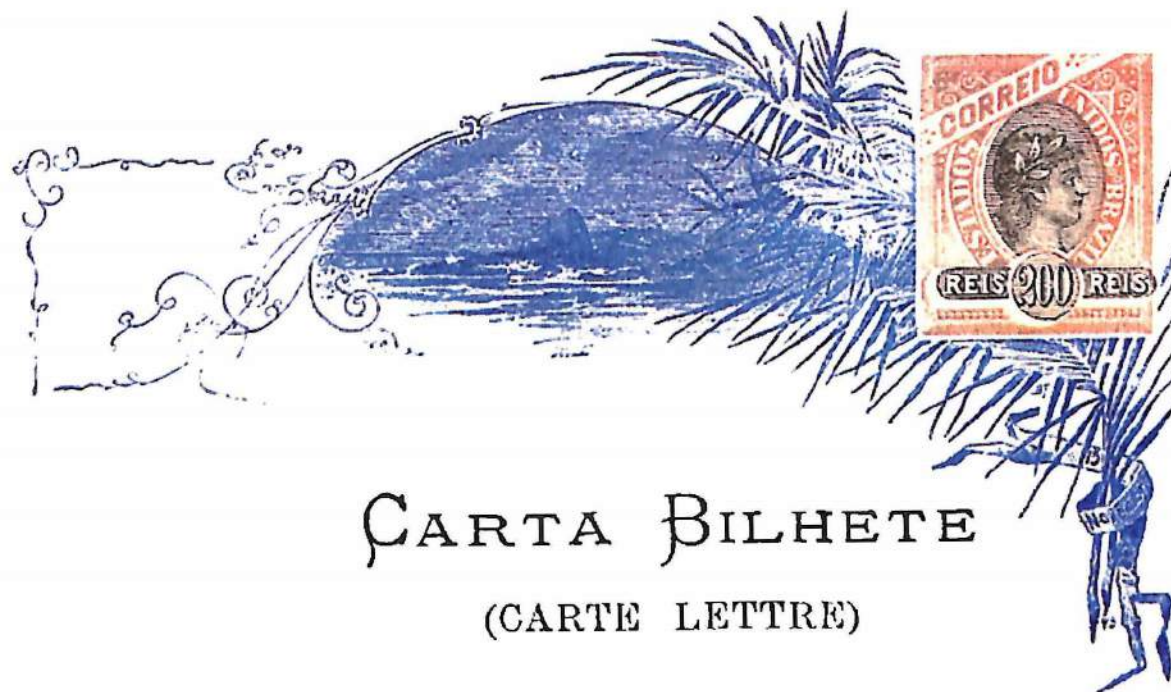
COSTUMES PARAENSES 266

BIBLIOGRAFIA 275



“Se for possível, para o Observador, narrar essa cidade, a sua função principal estará em polir as pedras das ruínas e colecioná-las: poli-las até mineralizá-las, para que reflitam o havido com certo esplendor, e colecioná-las para que os fragmentos sejam salvos”.

Fábio Castro, na tese *A cidade sebastiana*, p. 107.



CARTA BILHETE

(CARTE LETTRE)

Querida Belém,

Nos últimos dias, revendo a *belle époque* dos teus retratos, venho sonhando os teus sonhos de modernidade, os teus desenganos e, por que não, o teu amanhã?

Em traje de *soirée* - o *dernier cri* do "Paris N'América" - te vejo assistir "La Bohème", no esplendor do Theatro da Paz. Em êxtase, a bailar nos saraus do Palacete Pinho, onde impecáveis acepipes foram encomendados à Casa Carvalhaes. Soberbamente *cocotte*, a empinar os "seios de látex", na *matinée* do Cinema Olympia e, necessariamente depois, saborear o *charlotine*, na *terrasse* do Grande Hotel.

Ah! Quanta saudade. E, perdoe-me a franqueza, quanta pretensão de eterna frivolidade na sedução.

Também te vejo - e nem por isso menos querida - em estamparia de chita, a despertar a sonolência da Cidade Velha com os pregões que anunciam o amanhecer. À luz das lamparinas, requebrar desejos, reluzindo frenesis de suor na pele morena, nos batuques dos arrabaldes da grã-finagem. Ao entardecer dos quintais, entre tantos afazeres da casa senhorial, a deflorar os pirralhos mais taludos, com o discreto e orgulhoso assentimento dos pais, tendo a hora do ângelus e o canto das cigarras, cúmplices, a embaralhar gemidos e sacralizar o pecado.

Ah! Quanta saudade, minha Santa Maria de Belém. E, perdoe-me a ousadia, quanta leviandade ao pensares que dominavas o tempo e o mundo te pertencia.

Afogado em nostalgia, deliciado com a memória da paixão, ia esquecendo de te relembrar aquele malsinado dia de 1912. Aquele tenebroso ano que ainda hoje não acabou...

Não, não vale a pena remoer tragédias, esticar o luto e aceitar o consolo do tempo havido, na infinita celebração da "Belém do já teve". E mesmo convencido, ao contrário do que se pensa, que o bardo dos tempos de agora referia-se a ti - aliás, com toda a propriedade - quando fez a canção:

"Quem te viu

Quem te vê

Quem não a conhece

Não pode mais ver pra crer

Quem jamais a esquece

Não pode reconhecer",

chega de melancolia. É preciso exorcizar o passado, o que não é exatamente o mesmo que esquecê-lo.

Preservar os teus retratos, guardar as tuas ruínas, recolher os teus pedaços e, a partir deles, reinventar os teus sonhos. Eis a questão!

Quero continuar sentindo saudades até do tempo que não conheci, mas quero, sobre todos os pesares, sentir saudades, como Pessoa, do porvir.

No limiar deste século e milênio, quando completas neste 12 de janeiro de 1996, os teus 380 anos, se fizemos este livro - eu, e os tantos filhos que também te amam - como uma ode a Belém de ontem, a nossa musa inspiradora é a Belém que desejamos construir.

Sempre cativa e intemporal, a minha saudade.

Do teu filho,

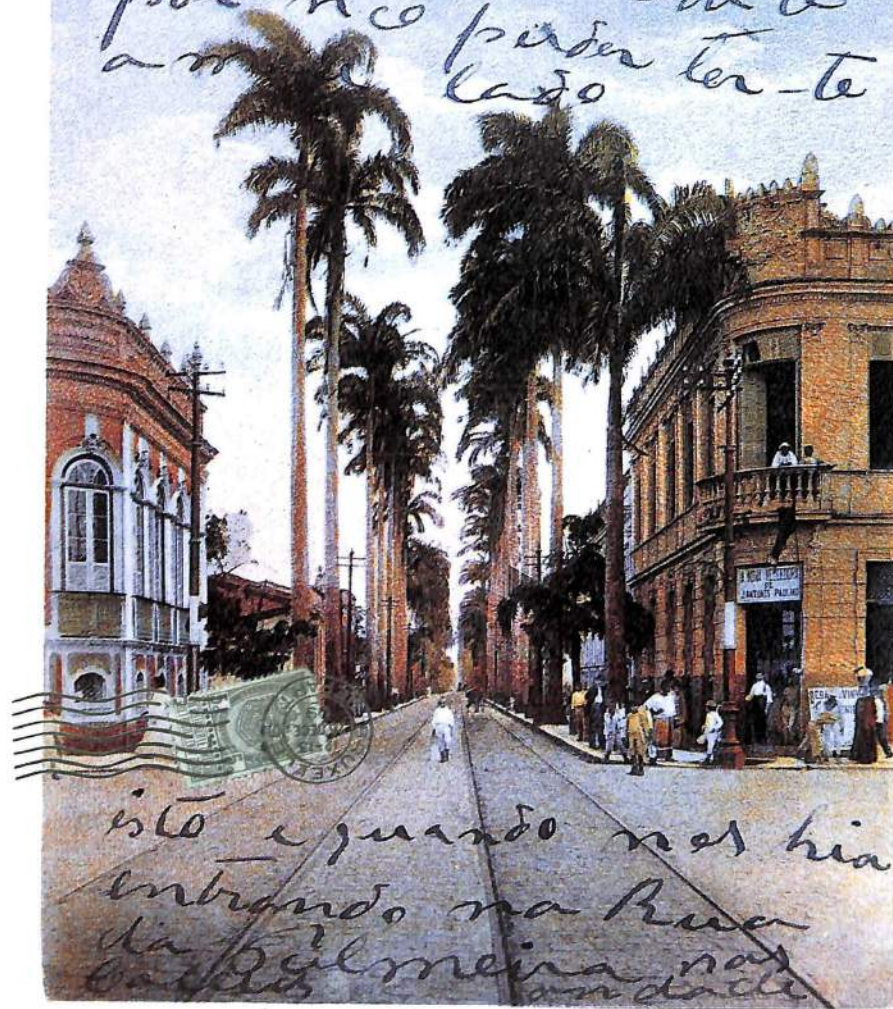
Paulo Chaves Fernandes

Secretário de Estado da Cultura

25.— Brazil. Pará-Belem.

Avenida 18 de Novembro

muito e muita saudade
que eu tenho da tua
linda terra e de ti
por não poder ter-te
ao meu lado



isto e quando nos hia
entrando na Rua
da Belmeira nos
callees



CARTÃO-POSTAL: MEMÓRIA DE BELÉM

*Victorino C. Chermont de Miranda**



A idéia de lançar este livro tem no cartão-postal, enquanto documento, a sua razão de ser. Queremos nos referir ao seu poder de resgatar, pela imagem, flagrantes espaço-temporais do nosso mundo que, de outra forma, talvez se tivessem perdido com o passar dos anos e a própria ação do homem.

É bem verdade que o poder de tais postais não existe independentemente da imagem neles veiculada, especialmente a fotográfica. Nesse sentido, cartão-postal e fotografia praticamente se confundem no registro da realidade.

Mas se tivermos presente que, no Brasil, a ação dos fotógrafos dos anos finais do século passado e nos primeiros deste, centrou-se, com poucas exceções¹, nos trabalhos de atelier, vale dizer nos retratos, bem se pode avaliar a contribuição do cartão-postal, enquanto meio de correspondência, para o registro da iconografia urbana de nossas cidades.

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada, escreveu Susan Sontag em conhecido ensaio². E o que são essas pequenas cartolinhas senão "retratos" múltiplos, variados, de nossas cidades, a desafiar, na poética beleza dos tempos de antanho, toda a destruição que sobre elas se abateu em nome de uma falsa noção

do progresso, que não soube entender a alma das coisas e a insubstituível relação existente entre o espaço físico de uma cidade e o mundo interior de seus habitantes³.

Talvez seja isso que faça da cartofilia, no tempo presente, um dos *hobbies* mais apaixonantes, pois, afinal, esses pequenos retângulos de papel parecem ter o condão de devolver ao homem de hoje um pouco da sua história. História, na sua acepção mais simples, que não precisa de lances épicos para fazer-se nossa, mas que é tecida, no silêncio de cada dia, pelo simples caminhar da humanidade e de cada homem em particular, com suas alegrias, tropeços, fadigas e conquistas, no chão de sua origem.

Nessas condições, a imagem de um canto de rua perdido nos longes do passado, ou de um prédio derruído, ou de um vulto a saltar, de repente, do esmaecido de um postal, bem pode ser a chave proustiana de vivências que urge recuperar a nível individual ou coletivo⁴.

Este livro reproduz algumas dezenas desses postais. São cartões das primeiras décadas deste século, quando era "chic", em Belém e no mundo inteiro, colecionar postais.

Colecionar postais é colecionar o mundo - poder-se-ia dizer, parafraseando a ensaísta já citada, na passagem em que decodifica a

“magia ambígua da imagem fotográfica”, que ela tão bem soube buscar em Godard, no seu clássico “Les carabiniers”⁵.

No filme - e vale a alusão pela absoluta propriedade com que vem ao caso - dois camponeses são atraídos para o exército do rei com a promessa de que poderiam saquear, matar ou fazer com o inimigo o que bem lhes aprouvesse. Mas, finda a guerra, ao retornarem em triunfo para a sua cidade, levaram apenas, em seu saco de pilhagem... centenas de cartões-postais!

A cena é deveras sugestiva para demonstrar o apelo que a imagem fotográfica exerce sobre o homem moderno, prolongando-lhe as emoções captadas no contato direto com os lugares ou coisas visitadas e conferindo-lhes a significação de um verdadeiro fragmento da realidade, passível de ser apropriado e vivenciado a nível individual e coletivo⁶.

Todos os que vivem em sociedades industrializadas vêm-se obrigados a esquecer o passado. A afirmação algo patética de Sontag⁷ tem a comprová-la a experiência nossa de cada dia. Basta olhar os espigões que, pouco a pouco, vão mudando a fisionomia de nossas cidades, igualando-as, na monotonia do concreto, a tantas outras, como se fosse possível abolir a sedimentação cultural e humana que se esconde em seus sobrados, praças e esquinas. Pois uma cidade não se faz da noite para o dia e cada manifestação arquitetônica ou paisagística de significação constitui-se num referencial de identificação do cidadão com sua terra, que importa preservar em benefício dele próprio e da comunidade.

Modelamos nossa habitação e ela nos modela - destacaram Foramitti e Piperek, em estudo citado por Benedito Lima de Toledo, ao lembrar como a preservação e revitalização do patrimônio ambiental urbano se constitui no meio mais efetivo de assegurar a saúde psíquica de sua população⁸.

A moderna antropologia, com efeito, está a demonstrar que as pessoas precisam pertencer a uma unidade especial identificável⁹ e como essa identificação supõe um feixe de inter-relações com o próprio ambiente em que se formaram¹⁰. Ora, essa interação não subsiste quando o ambiente sofre transmutações tais que o esvaziam de

seu poder significante, isolando o homem “no” e “do” seu meio.

E é exatamente o que acontece nos grandes centros urbanos, toda vez em que as necessidades do desenvolvimento tecnológico ou do crescimento das cidades levam ao sacrifício de parcelas importantes de seu patrimônio arquitetônico ou paisagístico.

Paes Loureiro disse-o lapidarmente: “desfalar uma cidade dos seus monumentos históricos, dos seus prédios, de seu patrimônio cultural, é como ir desgastando, mutilando, extirpando as partes da alma de uma pessoa”, pois tudo isso “faz parte da memória, da história, da emoção, do equilíbrio espiritual e emocional de toda a população”¹¹.

A Belém que está neste álbum é a Belém dos tempos áureos da borracha e do que eles lhe legaram em melhoramentos e progressos. É a Belém dos palacetes neo-clássicos e das nascentes mangueiras. Do Café da Paz e do Grande Hotel. Dos vendedores de jasmims, nas ruas e praças hoje expostas à violência. Da Fábrica Palmeira, a Real Fábrica Palmeira, com suas bolachas de soda e de leite, e do Reservatório Paes de Carvalho, impiedosamente destruídos para nada.

É a Belém de Augusto Montenegro e Antônio Lemos e do velho Largo das Mercês, primorosamente ajardinado, que já aquele último concebera, como um desafogo para os bairros centrais da cidade. Desta cidade que, não há muito, se livrou de vê-lo transformado numa feira de bugigangas, pela ação esclarecida de algumas de suas lideranças.

É a Belém das grandes livrarias - Tavares Cardoso, Alfacinha, Bittencourt e outras mais -, onde uma geração, que já não podia ir a Paris com a frequência de seus pais, teve nelas o que de melhor se publicava na Europa. É a Belém dos bondes, seges e vitórias, como a que ia buscar monsenhor Muniz, do Instituto Gentil Bittencourt, para a missa na Sé¹². É a Belém do velho edifício de “A Província do Pará”, que a sanha popular destruiu numa noite de agosto, e dos quiosques e trapiches, e de tanta coisa mais.

É a Belém do “já teve” e do que ainda tem do belo legado que lhe ficou das gerações passadas, mas em condições, hoje,

de fazer corar e chorar a quantos amam esta cidade e a sabem encantadora como poucas.

Mais do que um passeio pela cidade de nossos pais e avós, este livro quer ser um convite à reflexão. É ver e comparar o passado e o presente, pois para isso também servem os cartões-postais, como bem observou Elysio Oliveira Belchior, ao prefaciар o livro de Paulo Berger, quando lhes apontou aquela vocação que Malraux atribuía aos museus, de servirem a uma “confrontação de metamorfoses”¹³: o ontem e o hoje, a tradição e o moderno, o que ficou e o que, já tendo passado, sobrevive, ainda, na alma do povo, na poesia de tantas recordações.



Os cartões-postais têm nos antigos cartões de votos, que os chineses já conheciam no século X, e nos *billets de visite*, em voga a partir do Renascimento, uma fonte remota de inspiração e referência, pois também se prestavam à inscrição de pequenas mensagens¹⁴.

E, como eles, as antigas cartas de jogo, cujo verso também servia a tal fim e nos quais Joële e Gerard Neudin¹⁵ chegam a ver a origem etimológica da palavra carta, que viria, em dado momento da evolução do postal, a se transformar na expressão mesma da brevidade da comunicação que ele encerra: carta-postal. Bilhete-postal.

Martin Willoughby, em sua “História do bilhete-postal”, aponta, ainda, os cartões comerciais da segunda metade do século XVIII, os envelopes rubricados de Mulready (1840) e os cartões de Natal, de Henry Cole (1843), como outros tantos precursores do cartão-postal¹⁶.

O surgimento deste, porém, só veio a se dar na Áustria de 1869, ou melhor, no Império Austro-Húngaro, como então se chamava o reino dos Habsburgo, a partir de um artigo de Emanuel Hermann (1839-1902), intitulado “Acerca de um novo meio de cor-

respondência postal”, publicado no “Neuen Freien Presse”, de 26 de janeiro de 1869¹⁷.

Hermann, um brilhante regente da cadeira de economia política nas escolas superiores de Graz, Wiener Neustadt e Viena, e colecionador de canções populares de sua terra, captou de modo magistral o que, no dizer de Claude Demaret, estava “no ar”, em matéria de revolução postal¹⁸.

Em 1777, com efeito, a Petite Poste de Paris havia proposto as cartas gravadas por Demaison; em 1784, a Petite Poste de Viena lançou a idéia do que viria a ser a “carta resposta” e, em 1865, a Prússia fez circular as primeiras cartas anúncios com tarifa impressa, levando a Áustria, no ano seguinte, ao lançamento das cartas *sans bande* (sem envelope)¹⁹.

E isso para não se falar nas *Postblatten* (folhas postais abertas), de que Heinrich Stephan (1831-1897), diretor do correio alemão, se fizera pregoeiro na 5ª Conferência Postal Austro-alemã de Karlsruhe, de 1865²⁰, e nas experiências isoladas de H. Lipman, na Filadélfia de 1861, com os direitos patenteados por John Charlton, de uma emissão não oficial de bilhetes postais que, entretanto, não chegou a circular antes de seus congêneres austríacos²¹.

A idéia de simplificação e do barateamento da correspondência estava, pois, “no ar”, mas coube, inegavelmente, a Hermann, o privilégio de, se assim se pode dizer, intuí-la em sua forma definitiva, dando ao mundo uma nova e revolucionária forma de correspondência, que viria a se revelar avassaladora em seu poder de comunicação e insubstituível como forma sucinta de relacionamento epistolar.

Regulado pelo Decreto de 2 de setembro de 1869, o cartão-postal viria à lume em 1º de outubro daquele ano, na capital austríaca.

Era um cartão castanho claro, em cartolina dura, sem ilustração, trazendo impressas no anverso, em arco, a inscrição “Correspondenz Karte” e o selo de 2 Neukreuger²², além do tracejado para o endereçamento. No reverso, apenas o espaço para a mensagem e a advertência do correio de que não se responsabilizava pelo teor da correspondência²³.

Seu tamanho era menor (12 x 8,5) do que o hoje normal-

mente adotado (14 x 9)²⁴.

A reação do público foi simplesmente estonteante: cerca de 2.930.000 vendidos em um ano²⁵, não cessando de crescer, em progressão geométrica, nos anos seguintes²⁶.

Um a um, os demais países o foram adotando: Alemanha, Luxemburgo, Suíça, Grã-Bretanha e Irlanda (1870), Bélgica, Países-Baixos, Dinamarca e Canadá (1871), Suécia, Noruega, Rússia e Ceilão (1872), França, Espanha, Sérvia, România, Japão e Estados Unidos (1873), Itália (1874), Turquia e Uruguai (1875), Grécia e Portugal (1876), e Argentina (1878)²⁷.

Mas a ilustração somente viria a se fazer presente no cartão-postal nos idos de 1870, para uns com os discutidos cartões de Besnardeau, sobre a guerra franco-prussiana²⁸, para outros com os *Feldpost Correspondenz Karten* alemães, do livreiro Schwartz, sobre o mesmo tema²⁹.

Em 1875 foi constituída a União Postal Geral, em Berna, na Suíça, numa conferência em que se fizeram representar 22 países, estabelecendo-se, a partir de então, uma taxa postal fixa para os países membros. Quatro anos após, em Paris, a UPG transformou-se na União Postal Universal³⁰.

No Brasil, entretanto, o cartão-postal somente chegou em 1880.

A impressão desses bilhetes, dispunha o Decreto 7.695, de 28 de abril, cabia ao Estado e o seu custo ou porte achava-se declarado nas armas imperiais estampadas no seu ângulo superior direito.

Inicialmente, havia duas modalidades desses bilhetes: os destinados à correspondência interna, com os dizeres impressos em cor azul, ao preço de cinquenta réis, e os destinados à correspondência internacional com os países da União Postal Universal, de cor laranja, à razão de oitenta réis. Posteriormente, foi criada uma terceira categoria, de cor vermelha, para correspondência urbana, ao preço de vinte réis, ficando a primeira destinada à correspondência para o interior das províncias em todo o Império³¹.

Havia, também, os bilhetes duplos, que, destacados, serviam de veículo para a resposta. A postagem, quando da expedição do

bilhete, já incluía a tarifa respectiva.

O “Almanaque do Pará Comercial, Industrial e Administrativo” para o ano bissexto de 1888, organizado por Pinto Barbosa, como era costume nesse gênero de publicação, traz a íntegra de tal decreto, com sua minuciosa regulamentação sobre as classes dos bilhetes, a forma de escrevê-los e as normas que presidiam à sua expedição e trânsito postal³².

À semelhança da Europa, todavia, o cartão-postal surgia, entre nós, sem ilustração. Esta, com efeito, levaria quase vinte anos para chegar ao Brasil nos postais da série Sud-Amérika, de Albert Aust, hoje disputados como verdadeiras raridades, no meio cartofílico brasileiro³³. E foram, exatamente, imagens como essas que conferiram ao cartão-postal de ontem o valor documental que hoje todos lhe reconhecem. Pois ele é, em certos casos, o único registro de determinados logradouros ou construções, a ponto de servir como suporte para trabalhos de restauração no nível dos próprios governos, como Joële e Gerard Neudin assinalaram no trabalho já citado e, mesmo em Belém, se viu quando da restauração do Bosque Municipal³⁵ nos anos 80.



O cartão-postal chegou ao Pará no apagar das luzes do século XIX³⁶. O ilustrado, bem entendido, pois os bilhetes postais sem ilustração, editados pelo governo, já circulavam desde 1880.

E “chegar” é bem o termo a julgar por vários exemplares que pudemos examinar e que trazem a marca de editores alemães e italianos, como Albert Aust, de Hamburgo, e o Stabilimento Armanino, de Gênova. Ou a bela série dos irmãos Engelhard, com suas vinhetas *art-nouveau* e dizeres em francês, lançada em Belém para comemorar os quatrocentos anos da aventura cabralina.

Tal fato, aliás, não é de estranhar à vista da carência de recursos tipográficos do Pará de então. Vicente Salles, em conhecido

estudo sobre o aparecimento das primeiras partituras musicais de Belém, aponta na mesma direção, chegando a indicar o nome de casas impressoras na Europa, especializadas em trabalhos de litografia, calcografia e fotografias³⁷, processos esses também empregados na edição de cartões-postais.

Mas, se bem examinarmos os exemplos acima, veremos que, na cartofilia, o problema não se põe exatamente nesses termos, pelo menos no que concerne aos dois primeiros citados.

Suas edições, com efeito, não correspondiam a encomendas de editores nacionais desejosos de lançar aqui um artigo que, no velho mundo, já havia adquirido foros de cidadania. Eram, ao revés, fruto da escolha de editores europeus que, privilegiando vistas de países distantes, apostavam no *boom* da cartofilia e queriam incorporar-lhe novas opções e mercados.

Albert Aust, nesse particular, chega a ser paradigmático, com sua série *Sud-Amérika*, contemplando diversos países da América espanhola e o Brasil em particular, onde seus cartões madrugaram em Pernambuco, Pará, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro, antecipando-se, invariavelmente, a todos mais³⁸.

O exemplo do *Stabilimento Armanino*, conquanto circunscrito a Belém, traduz, também, essa mesma escolha a partir do estrangeiro. É bem verdade que, nele, a utilização do cartão-postal não tem a mesma significação do que no anterior.

Aust era um editor de postais *tout court*; já *Armanino*, com seu *Stabilimento Artístico Industriale*, os imprimiu como forma de ampliar sua linha de produtos - álbuns, cartas de jogo, fotografias para uso industrial, reproduções as mais variadas por fototipia, etiquetas, anúncios etc.³⁹, em praças, como a de Belém, onde a *Ligure-Brasiliana*, de que era representante em Gênova, mantinha representação⁴⁰.

Mas a indústria local não demorou a se fazer presente em tal mercado e logo apareceram as primeiras séries nacionais. Eram, em sua maioria, de livrarias, papelarias e casas editoras (o que também se explica em razão das atividades tipográficas que, de alguma forma, desenvolviam): a *Livraria Clássica*, a *Livraria França Santos*,

a *Papelaria Silva* e a *Livraria Universal*.

Representam elas, no Pará, o que se convencionou classificar de primeira fase da cartofilia no Brasil, ou seja, o período que medeia entre os anos de 1898 e 1906. E cada uma delas, diga-se, com uma contribuição particular.

A *Livraria Clássica*⁴¹, com a bela edição das fotografias de Júlio Augusto Siza⁴², testemunha como poucos a incipiente conquista, pela ilustração, do espaço antes reservado à mensagem. Nela, com efeito, a imagem começa a insinuar-se no canto esquerdo do postal, imagem essa que, ainda hoje, se impõe pelo ineditismo de sua iconografia: a Praça Baptista Campos de antes da reforma de Antônio Lemos, o velho Hospital Militar, onde hoje se acha instalada a Subsistência do Exército, a Travessa Marquês de Pombal, com seus sobrados de fachada lisa e seus balcões de ferro, bem ao estilo português, esquecidos praticamente de toda a produção cartofílica posterior.

A *Livraria França Santos*, por seu turno, responde pelas primeiras variações de tonalidade, antes da introdução da cor propriamente dita, que faria sua estréia nos cartões-postais de Belém por volta de 1906, com os postais aquarelados à mão do Centro Photographico Girard e da série, sem editor, intitulada "O Município de Belém", que, incorporando todas as grandes realizações da administração lealista, valia por um verdadeiro cartão de visita da cidade.

Mas não é apenas pela coloração de seus postais que a *Livraria França Santos* merece ser lembrada. Também as suas ilustrações fugiam ao que já se afigurava como convencional, revelando a preocupação do editor com o caráter documental de sua produção: os fundos do Theatro da Paz, ao invés do frontão grandioso, para com isso fixar o velho Largo da Pólvora; o Largo de Nazareth, com seus coretos e samaumeiras, ao invés da igreja; a caixa d'água da Avenida da Independência, no antigo Largo de São Braz, já então chamado Praça Floriano Peixoto; e, sobretudo, a primeira vista panorâmica da cidade, tirada do Largo da Pólvora.

Já a *Papelaria Silva*, de Alfredo Augusto Silva⁴³, tem a seu

crédito o haver, por primeiro, intuído o valor do postal como objeto colecionável, ao dividir sua produção em séries, uma de vistas (prédios e logradouros), outras temáticas (Costumes Paraenses, Subúrbios de Belém, Pará Pittoresco, Artes e Artistas Brasileiros e Etnografia Brasileira). Sua é também a primeira experiência de patrocínio comercial, sob os auspícios da Garantia da Amazônia, Sociedade de Seguros Mútuos sobre a Vida.

Felipe Augusto Fidanza foi o fotógrafo oficial da Papeleria Silva, embora esta, à semelhança do que ocorreu com muitos outros editores de postais, não lhe tivesse dado, nos postais, o merecido crédito. Basta comparar, todavia, os velhos álbuns de propaganda governamental editados nos governos Paes de Carvalho⁴⁴ e Augusto Montenegro⁴⁵ com o Álbum de Belém (1902)⁴⁶, de fotografias daquele, para se identificar a sua produção.

Nenhuma dessas editoras, entretanto, chegou a ombrear com a Livraria Universal, de Tavares Cardoso e Cia⁴⁷. Fundada em 1868, a Livraria Tavares Cardoso, como também ficou conhecida, foi, sem dúvida, a mais bela casa livreira de Belém e, quiçá, do Brasil⁴⁸.

Tavares Cardoso, escreveu Vicente Salles, guardou a tradição de amigo dos intelectuais, editando-lhes os livros e transformando seu estabelecimento num "ponto" onde eles se reuniam habitualmente⁴⁹. Sua livraria foi responsável por uma enorme - a maior, sem dúvida - tiragem de postais que se conhece do Pará, ora coloridos, ora em preto e branco, numerados e sem numeração, numa sucessão de "bilhetes", "cartas" e "tarjetas" postais que, reunidos, valem por uma verdadeira reconstituição da Belém de então.

A cuidadosa impressão de tais postais, especialmente na série em preto e branco dos anos cinco, em nada fica a dever aos trabalhos litográficos em voga na Europa, tal a nitidez do traço e o contraste entre as áreas impressas e a superfície branca do cartão.

Pioneiras foram também as duas maravilhosas cromolitografias, com vistas em miniatura - os famosos *gruss aus*, de inspiração alemã (aqui traduzidos para "lembrança de"), de cores fortes e vari-

adas, de tanto sucesso nas estações turísticas da Europa, obra, lá como aqui, quase sempre de artistas anônimos, e a cuja beleza - há quem diga - se deve o nascimento do próprio álbum de bilhetes-postais⁵⁰.

E, como elas, os cartões da Livraria Bittencourt, de Raimundo Lameira Bittencourt⁵¹, os de Campbell Penna⁵² e os do Centro Photographico Girard, a que antes aludimos, e cujo dono, o francês Joseph Girard, além de ilustrador dos Relatórios da Intendência de Belém, foi o primeiro a ter sua produção veiculada como "marketing" do governo, como se pode ver pelos inúmeros exemplares de sua edição marcados pela propaganda da administração lealista⁵³.

Os postais desse período têm em comum uma característica que os assinala e distingue: foram, em sua maioria, impressos pelo sistema de clichê e trazem o reverso sem divisão, destinado à expedição e postagem. E, neles, de par com algumas vistas que depois se transformariam em verdadeiros retratos de Belém (Ver-o-Peso, Catedral etc.), estão imagens hoje irreconhecíveis das largas avenidas de Belém, então chamadas de estradas (São José, Conselheiro Furtado, Nazareth, São Jerônimo), da Doca do Reducto, que o major Antônio José de Miranda construiu para a municipalidade nos idos de 1851, com o aval de Vicente Galego, seu pai; do Theatro da Paz, com o frontão avançado, que viria a perder com a reforma de Augusto Montenegro, e de uma certa Rua dos Cearenses que, ao que tudo indica, é a atual Avenida Ceará, no antigo bairro de Queluz, antes do arruamento determinado pela Lei Municipal 598, de 12 de abril de 1912, que transformou em públicas as terras antes doadas ao comendador Coimbra⁵⁴.

O segundo período pode ser situado nos anos de 1907 a 1920, ou pouco mais, e nele se destacam as edições de E. F. Oliveira Júnior e Eduardo A. Fernandes.

Oliveira Júnior foi o editor, por excelência, das vistas panorâmicas da capital paraense, ora tiradas do mar, ora de planos elevados (possivelmente da velha caixa d'água, hoje desaparecida), retratando o esguio traçado das ruas, a sucessão de telhados verme-

lhós (ah! os telhados de Belém, que já haviam chamado a atenção de Kidder⁵⁵, quase setenta anos antes) e a onipresença das mangueiras. Não soube ou não quis, todavia, extrair de tais panoramas, o efeito plástico que G. Hubner & Amaral obtiveram, ampliando-os em postais de duas e três faces que, talvez, não se destinassem à circulação, mas que, sem dúvida, se constituíram em expressivos painéis da urbe paraense, à semelhança do que, no século anterior, fizera, com suas gravuras, o italiano Righini.

As séries da Livraria Alfacinha ou da Tabacaria Alfacinha⁵⁶, como também se apresentava, primeiramente sob a direção do próprio Eduardo A. Fernandes e, depois, de sua viúva, também foram muitas⁵⁷, cobrindo as praças e jardins da cidade - as praças mais bonitas deste país, ao mesmo tempo brasileiras e portuguesas, como tão bem as fixou Gerardo de Mello Mourão, numa crônica de jornal⁵⁸.

Dessa fase são ainda os postais do Estabelecimento Litográfico Carlos Wiegandt, o pai da litografia paraense, numerados em séries, onde cada tipo de cartão era identificado por uma letra, que o distinguia do restante da produção⁵⁹; os de Martins Araújo, semi-aquarelados em Paris, na Rue de Thenère, n. 9⁶⁰; os de O Fafazinho⁶¹ e do Tico-Tico⁶²; os do atelier fotográfico de G. Hubner & Amaral, de Manaus (que em Belém era associado a Fidanza) e os do Pará-Chic⁶³.

É a fase da cor, da policromia mais ousada. Cores vivas, reais algumas, imaginárias outras, a refletir, num verdadeiro caleidoscópio, a luminosidade dos trópicos⁶⁴.

Os postais dessa época, entretanto, já não apresentam o reverso inteiro, mas dividido para a mensagem e o endereçamento; o anverso, em compensação, foi absorvido pela ilustração.

Desse período é, ainda, a série de quase cem postais da Livraria Tavares Cardoso, já citada. Nela, como em quase todos os cartões então publicados, aparecem as grandes praças e avenidas, obra de Antônio Lemos, que tanta admiração causaram a Pereira Passos, o reformador do Rio de Janeiro⁶⁵, os próprios governamentais e as primeiras imagens do interior

do Estado: Bragança, Moju, Santarém e cidades do Baixo Amazonas, das ilhas e da Zona do Salgado.

Curiosamente, porém, o cartão-postal deixou de fora de seu universo marcos hoje reputados de significação para o conjunto arquitetônico da cidade. Onde estão, por exemplo, o Solar do Barão de Guajará com o azul-branco de seus azulejos, hoje propriedade do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, e os palacetes Pinho e Bolonha, de tantas recordações para os que os conheceram no fausto de outrora? E a capela dos Pombo e o belo casario da Avenida de Nazareth?

O que explicaria o silêncio do postal diante de construções como essas, cujo significado, ontem, como hoje, devia ser o mesmo ao olhar do homem de cultura e bom gosto? A resposta parece estar no caráter privado de tal patrimônio e, como tal, insuscetível de ser utilizado para deleite de terceiros, sem quebra - digamos - da privacidade de seus donos ou, pelo menos, sem anuência destes que, provavelmente, não a dariam, em nome do mesmo recato.

Há exceções, é bem verdade. Mas elas, como sói acontecer, confirmam a regra: o Palacete Mira-Selvas, do deputado Antonio Marques de Carvalho; o Retiro Moema e a própria casa do velho Lemos, na Gentil Bittencourt, e um que outro mais. Em todos, porém, a participação de seus proprietários na vida pública como que os exclui da vida reservada dos demais. E, como esses, o Palacete Bibi Costa, alçado à notoriedade, pelo fato de haver servido de residência oficial ao presidente Affonso Penna, quando de sua visita ao Pará.

O cartão-postal chegara ao auge. Virara nome de jornal⁶⁶, artigo de exposição⁶⁷ e mania. Colecioná-los, sob todos os temas, tornara-se verdadeira coqueluche, no Brasil e no mundo. De *souvenir* que era (os célebres *gruss aus* dos primeiros tempos), passou a registrar também o dia-a-dia da cidade, graças ao *voyeurismo* dos fotógrafos a soldo das casas editoras: a corrida do Velódromo Paraense; a excursão do Clube do Remo à Ilha de Tatuoca (terá o Clube, em seus arquivos, documento igual?); o Círio, com suas multidões incontáveis; a construção do hoje desaparecido Edifício da Bolsa, no Boulevard Castilhos França; as obras do novo cais e até mesmo um protagonista desta mesma história, como o velho Eduardo A.

Fernandes, proprietário da Livraria Alfacinha, que se fez imortalizar à porta de sua loja, na Conselheiro João Alfredo, entre letreiros e anúncios de postais.

O conhecido livreiro, por sinal, não foi o único a ter sua imagem transformada em objeto de curiosidade pública. Homens de Estado, como Montenegro, Lemos e Lauro Sodré, viram seus retratos passar de mão em mão, numa forma de mídia que se poderia dizer revolucionária para a época, graças ao poder multiplicador da propaganda. E, como eles, músicos, artistas, pintores, jornalistas⁶⁸ e até mesmo simples comerciantes, ávidos de notoriedade⁶⁹.

Dessa fase é, também, a propaganda comercial. É verdade que, já no início do século, a Farmácia e Drogaria Sant'Ana, de Urbano Trucco⁷⁰, comprara ao Stabilimento Armanino alguns postais para transformá-los em brinde aos seus fregueses, coisa que a então recém fundada Fábrica Augusta, especializada em artigos de folha de zinco⁷¹, e a Casa Gino, viriam a fazê-lo neste século. Mas é nessa segunda fase que o postal se impõe como "marketing" dos grandes magazines, fábricas e estabelecimentos, ora retratando seus próprios prédios e instalações (como o "Paris N'América", a Fábrica Palmeira, o Grande Hotel, a Cervejaria Paraense, a Livraria Tavares Cardoso e os Armazéns de Autran & Cia.)⁷², ora veiculando propaganda de artigos e produtos do próprio comércio, fossem remédios, como a Drogaria Cezar Santos, ou artigos musicais, como as mini-partituras de *polkas* e *scottish*, da Casa Mendes Leite⁷³.

Segue-se-lhe a terceira e última fase do período que nos propusemos a cobrir, e que corresponde, aqui como no estrangeiro, à fase que, começando em 1920, estende-se até 1930, ou pouco mais, quando surgem os modernos processos de reprodução gráfica e sua distribuição massiva.

A clicheria praticamente desaparece, a cor cede lugar ao preto e branco e a temática começa a fazer-se repetitiva. E - o que é pior - desaparecem os flagrantes do dia-a-dia, que deram aos cartões-postais aquele sabor de vida, presente nos exemplares das duas primeiras décadas, e que fizeram de muitos deles documentos insubstituíveis da crônica urbana.

Novas edições entram em cena: a da Agência Martins⁷⁴; a da Casa São Paulo⁷⁵ e uma infindável tiragem em branco e preto identificada apenas pelas palavras "Bilhete Postal - Brasil - Pará - Belém"⁷⁶, em muito semelhantes, salvo na qualidade, à série fotográfica da Livraria Alfacinha, então sob a direção da viúva Eduardo A. Fernandes.

Ainda assim, há exemplares dignos de nota por seu valor iconográfico: os que retratam o prédio da própria Agência Martins e o interior da Casa São Paulo, hoje desaparecida; o da Casa Franco; os do edifício da Companhia Port of Pará e do Banco Ultramarino, o da Igreja dos Frades Capuchinhos e o do velho Reservatório Paes de Carvalho, dominando a paisagem do final da Rua Lauro Sodré (atual Ó de Almeida).

Com eles se encerra, no Pará, a fase áurea do cartão-postal, ao mesmo tempo em que, no plano político, a Revolução de outubro começava a sua obra modernizadora. Mas isso é outra história, como outra será a vida da cartofilia de então aos nossos dias.

Bonitos ou feios, entretanto, os cartões-postais cumpriram a sua missão de documentar, no primeiro terço deste século, a história da cidade e a vida do homem paraense. Sim, porque também este, na modéstia dos seus quefazer, não foi esquecido, seja como simples ambulante, colhido pela máquina sorrateira do fotógrafo que lhe registrou a passagem anônima pelas ruas, seja como tipo social em que se personificaram determinadas atividades econômicas.

Ei-los todos - pescadores, canoieiros, carregadores, peixeiros, vendedores de garapa ou de jasmim - curtidos pelo sol e pelos ventos da Baía do Guajará - retratados em sua grandeza indômita nessas frágeis imagens de papel⁷⁷.

Que elas nos restituam, por um instante que seja, a beleza desta cidade, maltratada pela incúria de uns e pela insensibilidade de outros. E que, assim, reencontrados com as suas mais caras tradições, possamos todos servi-la, e ao seu povo, como merecem.

* Victorino C. Chermont de Miranda é membro dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiro, do PA, do RS, de PE e do DF, bem como da Associação de Cartofilia do Rio de Janeiro.





Notas

- ¹ Dentre elas, cumpre citar pela temática ligada a Belém, os fotógrafos Marc Ferrez e Felipe Augusto Fidanza.
- ² SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Traduzido por Joaquim de Paiva. 2. ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1983. 198 p.
- ³ Ver a propósito TOLEDO, Benedito Lima de. Bem cultural e identidade cultural. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 20, p. 29-32, 1984.
- ⁴ MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. *Apresentação à exposição "A Memória Paraense no cartão-postal"*: folder. Belém: Secult, 1988.
- ⁵ SONTAG, op. cit., p. 3.
- ⁶ *Ibid.*, p. 4.
- ⁷ *Ibid.*, p. 10.
- ⁸ TOLEDO, op. cit., p. 30.
- ⁹ FONTES, Lúcia Helena et. al. Preservação e desenvolvimento: as duas faces de uma moeda urbana. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 51-55, 1986.
- ¹⁰ TOLEDO, op. cit., p. 30.
- ¹¹ PAES LOUREIRO, João de Jesus. Preservar é preciso. *Revista Cultural*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, v. 2, n. 2, dez. 1987-fev. 1988.
- ¹² Serviço explorado pela empresa Camaleão, de propriedade da viúva Marianna V. Sampaio, com sede na Avenida da Independência, n. 4. Ver a reprodução do bilhete de passagem referido no texto, no álbum "Belém do Pará", coordenação de Romeu do Nascimento Teixeira, lançado pela Alunorte em outubro de 1995.
- ¹³ BERGER, Paulo. O Rio de ontem no cartão-postal: 1900-1930. In: BELCHIOR, Elysio Oliveira. *Introdução*. 2 ed. Rio de Janeiro: RioArte, p. 6-7, 1986.
- ¹⁴ ZEYONS, Serge. *Les cartes postales*. Paris: Hachette, 1979, 217 p.
- ¹⁵ NEUDIN, Joëlle, NEUDIN, Gerard. *Les cartes postales*. Rennes: Ouest France, 1982. 32 p.
- ¹⁶ WILLOUGHBY, Martin. *História do bilhete-postal*. Lisboa: Caminho, 1993. 159 p.
- ¹⁷ BELCHIOR, op. cit., p. 7.
- ¹⁸ DEMARET, Claude. La première carte postale. *La philatélie française*, Paris, n. 366, p. 529/30, décembre, 1984.
- ¹⁹ DEMARET, op. cit., p. 530.
- ²⁰ BELCHIOR, op. cit., p. 7 e WILLOUGHBY, op. cit., p. 29-30.
- ²¹ WILLOUGHBY, op. cit., p. 31.
- ²² O selo e não apenas o espaço para ele, como ficou dito em nosso livro "A memória paraense no cartão-postal: 1900-1931", numa associação com os *Correspondenz Karten*, da Confederação do Norte da Alemanha, surgidos em 1870.
- ²³ ZEYONS, op. cit., p. 24.
- ²⁴ ZEYONS, op. cit., p. 24.
- ²⁵ DEMARET, op. cit., p. 530.
- ²⁶ Zeyons, na obra citada, chega a apresentar números ainda mais surpreendentes, com base nas estatísticas de produção em 1899: Alemanha, 88 milhões de postais para 50 milhões de habitantes; Inglaterra, 14 milhões para 38 milhões e meio de habitantes; Bélgica, 12 milhões para 6 milhões e duzentos mil habitantes e França, 8 milhões para 88 milhões de habitantes.
- ²⁷ BELCHIOR, op. cit., p. 7 e WILLOUGHBY, op. cit., p. 30-31.
- ²⁸ ZEYONS, op. cit., p. 28-29 e WILLOUGHBY, op. cit., p. 39.
- ²⁹ BELCHIOR, op. cit., p. 8.
- ³⁰ WILLOUGHBY, op. cit., p. 31.
- ³¹ BELCHIOR, op. cit., p. 7-8.
- ³² BARBOSA, Pinto (org.). *Almanaque do Pará Comercial, Industrial e Administrativo*. Belém: 1888. 358 p.
- ³³ BELCHIOR, op. cit., p. 9.
- ³⁴ MIRANDA, Antônio. *O que é a cartofilia*. Brasília: Thesaurus, Sociedade Brasileira de Cartofilia, 1985. 47 p.
- ³⁵ Depoimento do arquiteto Paulo Chaves Fernandes à televisão paraense por ocasião da abertura da exposição "A Memória Paraense no Cartão-Postal", na Galeria Theodoro Braga, em março de 1988, em Belém.
- ³⁶ As coleções Yolanda Roberto e Octavio Victor do Espírito Santo Filho, no Rio de Janeiro, guardam exemplares da série Sud-América, circulados em 1898. São os mais antigos que se conhecem da cartofilia paraense.
- ³⁷ SALLES, Vicente. Editoras de Música no Pará. *Revista Brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, n. 12, p. 17-31, abr./jun. 1972.
- ³⁸ BELCHIOR, op. cit., p. 9.
- ³⁹ CACCAVONI, Arthur. *Álbum descrittivo annuario dello Stalo del Pará*. 1898, Gênova: Fratelli Amanino, 1898. 93 p.
- ⁴⁰ Companhia de Navegação a vapor que fazia a rota Gênova-Belém-Manaus. Seu representante no Pará era Arthur Caccavoni, o editor citado na nota acima que, depois, viria a tornar-se um dos proprietários do grande Estabelecimento Tipo-Litográfico Caccavoni, Lemos e Co., com sede na Rua de Santo Antônio n. 24, através do qual lançou, em 1900, o *Álbum Comercial do Pará*.
- ⁴¹ Funcionava, em 1900, na Rua Conselheiro João Alfredo, n. 59, de onde mudou-se para o n. 78. De propriedade de Joaquim Baptista dos Santos e Henrique E. N. Santos, era associada à Livraria Comercial e à Livraria do Povo. Henrique, por sua vez, era proprietário da Farmácia Dermol.
- ⁴² Era o proprietário da Fotografia Amazônia que, em 1904, se achava estabelecida na Rua Conselheiro João Alfredo, n. 7.
- ⁴³ Casa estabelecida na Praça Visconde do Rio Branco, n. 12. Em suas oficinas foram impressas muitas das publicações do Museu Goeldi, o álbum "O Pará em 1900", comemorativo ao 4º



Centenário do Descobrimento do Brasil e os relatórios da administração Antônio Lemos, intitulados "O município de Belém".

⁴⁴ PARÁ. Governador (1897-1901 : J. P. de Carvalho). *Álbum do Pará em 1899*. [s.l.s.n.], [19—]. 159 p. il.

⁴⁵ PARÁ. Governador (1901-1909 : A. Montenegro). *Álbum do Estado do Pará*. Paris: Chaponet, 1908. 350 p. il.

⁴⁶ BELÉM. Intendente Municipal (1898-1911 : A. J. de Lemos). *Álbum de Belém*: 15 de novembro de 1902. Paris: P. Renouard, 1902. 104 p. il.

⁴⁷ Funcionava, em 1888, na Rua dos Mercadores, atual Conselheiro João Alfredo, n. 22. Passou depois (1890) para a Travessa São Matheus, n. 29/31, de onde retornou para a Conselheiro João Alfredo, estabelecendo-se no n. 46/50.

⁴⁸ Eduardo Tavares Cardoso, seu proprietário, foi também presidente do Banco do Pará e vice-presidente das assembleias da Associação Comercial do Pará.

⁴⁹ SALLES, op. cit., p. 26.

⁵⁰ WILLOUGHBY, op. cit., p. 46.

⁵¹ Funcionava na Rua 15 de Novembro, n. 11, e era também editora de partituras musicais. Em 1931, ainda anunciava na revista "A Semana", um sortimento "chic e novo" de postais, do qual, entretanto, não se conhece qualquer exemplar. Ver nota 76, adiante. Em 1940, funcionava na Rua Conselheiro João Alfredo, n. 45.

⁵² Ao que tudo indica, sucessores da firma Campbell e Ca., de Ambrósio Campbell, que em 1888 achava-se na Rua da Indústria, e funcionava como tipografia do Diário de Notícias. Em 1890, achava-se instalada na Rua da Trindade, com o nome de A. Campbell e Ca.

⁵³ Funcionava na Rua de Santo Antônio, n. 40.

⁵⁴ CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém*: significado histórico de suas denominações. 2. ed. Belém: Cejup, 1992. 142 p.

⁵⁵ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. São Paulo: Martins, 1951. 263 p.

⁵⁶ Funcionava na Rua Conselheiro João Alfredo, n. 16.

⁵⁷ Gabava-se de ter os melhores postais. Alfacinha, dizia o anúncio que afixou em sua porta e fez reproduzir em um dos postais, é quem tem, no Pará, o maior sortimento em postais.

⁵⁸ MOURÃO, Gerardo de Mello. Adeus, Belém do Pará. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 jun. 1985.

⁵⁹ Fundado em 1871, funcionou, primeiramente, na Travessa São Matheus, n. 50, e depois na Rua da Trindade, n. 5. Em 1916, estava novamente na Travessa São Matheus, n. 30/32. Mantinha também os serviços de encadernação e obras em mármore. Em 1908, quando da Exposição Nacional, possuía, na sua seção de litografia, nada menos de 5.000 pedras gravadas (CRAVEIRO FILHO). *O Pará manufactureiro*. Belém: Instituto Lauro Sodré, 1908. 101 p.). Seu proprietário foi introdutor, em Belém, da calcografia e da estereotipia (SALLES, op. cit., p. 22).

⁶⁰ A produção estrangeira não se limita a esse editor. Também o Grande Hotel mandou fazê-los em

Hamburgo, no estabelecimento de G. Vogtman & Co. e Apolonio Santos, em Milão. Há exemplares avulsos, com a marca de Ern-Thill, de Bruxelas; do italiano Dell'Avo Lodi; da Mission Bresilienne de Paris, além do trabalho fotográfico do francês Currier, reproduzido nas séries da Fábrica Augusta, da Cervejaria Paraense e da Fábrica de Cerâmica Aperfeiçoada.

⁶¹ Casa de Juiz de Fora, MG, com sucursal em Belém, na Rua de Santo Antônio, n. 21.

⁶² Parece tratar-se de sucursal da revista carioca do mesmo nome.

⁶³ Livraria e tabacaria especializada no comércio de músicas e artigos para presentes.

⁶⁴ Embora em menor número, houve também em preto e branco, como os da Fábrica Augusta, os da Cerâmica Aperfeiçoada, os de Apolonio Santos e os do Museu Goeldi, e, outros ainda, monocromáticos, como os da Casa Gino & Co.

⁶⁵ TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*: instantes e evocações da cidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. 333 p.

⁶⁶ JORNAIS paraenses: catálogo. Belém: Secdet, 1985. 366 p.

⁶⁷ OURIQUES, Jacques. *O Estado do Pará na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1908. Em tal exposição, o comerciante João Baptista d'Oliveira Pimentel expôs, na categoria de artigos de impressão, "um álbum com cartões-postais com vistas do Pará" (peça n. 12).

⁶⁸ Carlos Gomes, Henrique Gurjão, Meneleu Campos, Corbiniano Villaça, por exemplo, foram retratados pela Papelaria Silva. A artista Lucinda Simões, de Portugal, também teve sua apresentação no Theatro Polytheama registrada num postal da mesma papelaria. E, como ela, os pintores Pedro Américo e Antônio Parreiras, em séries que reproduziram, também, alguns de seus quadros (ed. Papelaria Silva e E. F. Oliveira Júnior) e o jornalista Joaquim José de Assis, ao lado de Lemos, no único postal paraense, que se conhece, reproduzindo uma página de jornal, no caso, "A Província do Pará" (ed. Papelaria Silva).

⁶⁹ Conhecem-se, no gênero, dois exemplares: o da Casa A. Mourão & Cia. (Rua 15 de Novembro, n. 57/59) e o da Garantia da Amazônia, Sociedade de Seguros Mútuos sobre a Vida.

⁷⁰ Funcionava no Largo de Sant'Ana, n. 4.

⁷¹ Fundada por Augusto Ferreira Dias, funcionou, primeiramente, na Travessa Campos Salles, n. 13 e, depois, na Rua 13 de Maio, n. 15/18.

⁷² E, como eles, a Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada, a Farmácia Dermol, a Formosa Paraense, o Bar Estrella de Nazareth, a Camisaria Paraense.

⁷³ Funcionava na Rua 15 de Novembro, n. 18. Exemplares do gênero na coleção Elysto de Oliveira Belchior, Rio de Janeiro.

⁷⁴ Livraria estabelecida na Travessa Campos Salles, n. 85/89.

⁷⁵ Localizada na Rua Conselheiro João Alfredo, esquina com a Travessa 7 de Setembro.

⁷⁶ Talvez seja esse o sortimento anunciado pela Livraria Bittencourt na revista "A Semana", de 1931, a que nos referimos na nota 51, retro.

⁷⁷ Edições da Papelaria Silva e da Livraria Universal.



CARTOGRAFIAS DA MODERNIDADE DE BELÉM

*Fábio Castro**



Entre 1880 e 1912, período áureo da economia seringueira na Amazônia, a cidade de Belém foi o ponto central de um discurso de poder - a modernidade - que lhe reformulou o plano urbano e os costumes. O monopólio mundial do látex, mantido pela Amazônia nesse período, permitiu investimentos, públicos e privados, que tornaram Belém uma cidade única, de cores tradicionais acrescidas dos signos de sofisticação, higienização e agilização da vida citadina do mundo europeu de então. Seguindo esses princípios, essa Belém ergueu-se altiva, uma capital da modernidade, ainda que na periferia extrativista e monocultora do capitalismo oitocentista.

Em 1905, o município de Belém possuía uma área de 40.156.568 m², com 24.103.972 m² de área edificada, o que correspondia a 53 ruas e avenidas, 52 travessas, um número incalculável de "corredores" e pequenos caminhos, 22 largos, 790 construções assobradadas, inclusive os palacetes, 9.152 prédios, 2.600 pequenas casas e onze grandes trapiches nos portos.

Essa era a cidade "lemista", administrada pelo intendente Antônio José de Lemos, principal líder político paraense entre 1897 e 1912. Foram tantas as reformulações na cidade por ele realizadas que, não raro, associa-se à sua figura a própria Era da Borracha,

como se tivesse sido ele o principal responsável pela riqueza amazônica da época. A Belém-látex pré-lemista, tanto a capital do Grão-Pará imperial quanto a cidade dos primeiros tempos republicanos, já apresentava uma série de avanços modernos. No entanto, para dizer o que "foi", modernamente, a Belém-látex, seria melhor ir a 1912, ano da *débâcle* - a falência da economia seringueira -, para que se tenha a somatória das cartografias das suas modernidades, seja a parte de Belém que foi de inspiração "lemista", seja a parte dela que surgiu de outras inspirações, tanto públicas quanto particulares.

Em 1912 a cidade estava dividida em seis distritos, cada um coordenado por uma prefeitura policial. O primeiro distrito englobava o núcleo inicial da cidade, o Bairro da Cidade Velha em primeiro plano. Principalmente residencial, ali também estavam instalados os principais prédios do poder público, os palácios governamentais, as secretarias de Estado, o Presídio de São José, a sede do bispado, o Arsenal de Marinha, os corpos policiais e os bombeiros.

O eixo estrutural era a Avenida 16 de Novembro, que unia o Largo do Palácio, sede administrativa, ao Largo de São José - passando, na metade do caminho, pelo Largo do Redondo. Mas o eixo principal, local de residência das famílias tradicionais, era o circuito

formado pelas ruas Dr. Assis e Dr. Malcher, ambas paralelas, que uniam o Largo da Sé ao Arsenal de Marinha. Nesse eixo, travessas importantes constituíam a velha Belém, familiar e devota. Era ponto importante a Rua Siqueira Mendes, a mais antiga da cidade, que ia da Sé ao Largo do Carmo, local de importantes referências urbanas como o Palácio Velho, antiga sede do governo, o Colégio e a Igreja do Carmo e o Porto do Sal, ancoradouro de embarcações fluviais que, ali mesmo, comercializavam seus produtos. Outro local de convergência do distrito era o Largo de São Joãozinho, por trás do Palácio do Governo, sede da governadoria estadual, construído durante a administração pombalina, na metade do século XVIII. Para lá convergiam as ruas de Santarém e de Cameté, artérias residenciais. A Avenida 16 de Novembro e as ruas Dr. Assis e Dr. Malcher, e também os Largos da Sé e do Palácio, eram atendidos pelos serviços de bonde elétrico. No mesmo distrito, em direção ao Rio Guamá, havia ainda o Bairro do Jurunas, habitado por classes populares, mas não inteiramente aberto aos imigrantes nordestinos que chegavam.

O segundo distrito constituía o Bairro da Campina, ou do Comércio, cujas construções antigas iam, aos poucos, sendo substituídas por novos e imponentes prédios modernos. É interessante observar como o ciclo do látex modificou as estruturas sociais desse antigo bairro de Belém, firmando-o como bairro comercial. A grande área que ficava entre os alagados do Piry - uma imensa área lamacenta cujo aterramento, a partir do século XVIII, determinou os rumos da evolução urbana da cidade - e a faixa litorânea, tradicionalmente Campina, logo se dividiu em dois setores razoavelmente demarcados: o Comércio, ou seja, a parte litorânea e mais antiga do bairro, e a Campina, a zona dos aterramentos que adentraram no velho Piry e o fizeram sumir. Por fim, o segundo distrito compreendia, ainda, o Bairro do Reducto, que abrigou, a partir da década de 20, fábricas e vilas operárias.

Três bairros, portanto, compunham o segundo distrito. Os pontos de convergência urbana desses bairros eram muitos, mas seus eixos eram razoavelmente contínuos. Assim, a Rua Conselheiro João

Alfredo, ainda no Bairro do Comércio, se transformava em Rua de Santo Antônio, e, a seu ponto final, era paralela à principal artéria do Bairro do Reducto, a Rua 28 de Setembro. A Rua Paes de Carvalho atravessava os bairros da Campina e do Reducto, como uma artéria de ligação. Nesse distrito, os pontos de convergência urbana eram, no Comércio, o Boulevard da República, em frente à Baía do Guajará, o complexo de mercados do Ver-o-Peso, o complexo de trapiches do porto e o Largo das Mercês. Na Campina, o Largo do Rosário, e, no Reducto, a sua doca, que, a partir de 1905, com a construção do cais inglês, foi sendo descaracterizada e perdendo suas funções tradicionais, como ponto de desembarque do comércio fluvial.

O terceiro distrito atendia, de início, unicamente, a parte de Belém que estava destinada a ocupar a função de novo centro da cidade: o Largo da Pólvora. A partir de 1905, os limites da jurisdição desse terceiro distrito foram elevados até a Praça Baptista Campos e seus arredores, que antes pertenceram ao distrito da Cidade Velha. O Largo da Pólvora constituía ponto mítico de Belém. Ali concentravam-se as maiores esperanças no futuro da cidade. Estava instalado em condições geográficas favoráveis, num ponto sólido de terra e na confluência entre cinco dos seis distritos urbanos. Além disso, durante a primeira fase do ciclo do látex, entre 1860 e 1885, aquele ponto de Belém foi convertido em lugar de divertimentos: cafés, bares, bilhares, prostíbulos, circos e teatros de *rendez-vous* (como o famoso Chalet), o que dava ao lugar certo ar de mistério e de proibição. Com o tempo, com a urbanização das proximidades e com a sofisticação crescente das "diversões" - instalação de "cinematógrafos", construção do Theatro da Paz e do Grande Hotel, inauguração de cafés elegantes, do Palace Theatre e até de uma montanha russa -, a Pólvora tornou-se o ponto mais elegante da cidade, com suas calçadas largas e com a transformação das avenidas 15 de Agosto e Ferreira Penna em *boulevards* arborizados. As imediações também se modificavam nesse sentido. A Baptista Campos, a Avenida Serzedello Correa e a "Soledade" tornaram-se, entre 1895 e 1910, locais de residências importantes, *place* dos palacetes, o mesmo

acontecendo com as duas grandes avenidas que partiam da Pólvora: São Jerônimo e Nazareth, que se prolongavam entrando na área do quarto distrito.

Essa quarta área urbana possuía um grande eixo estrutural: a Avenida de Nazareth, que partia do Largo da Pólvora em direção ao Largo de Nazareth e que, daí em diante, seguia com o nome de Avenida da Independência, mais larga e retilínea, até o Largo de São Braz. As avenidas São Jerônimo e São Braz, paralelas à Nazareth, davam o corpo principal do imponente Bairro de Nazareth, antiga zona rural da cidade, antes ocupadas por “rocinhas”, quintas e granjas típicas da Belém oitocentista, e que agora davam lugar a palacetes e sobrados das elites seringueiras mais prósperas. Do Largo de Nazareth partia a Avenida Generalíssimo Deodoro, que seguia até o Largo de Santa Luzia, onde estavam instalados os novos prédios da Santa Casa de Misericórdia. Essa avenida, por sua vez, constituía o eixo central do recente Bairro do Umarizal, cujas ruas foram abertas sobre um cerrado bosque de umaris, de onde lhe vem o nome. Além do Umarizal, passando o Largo de Santa Luzia, a Travessa Dom Pedro, a Avenida São João e a Rua da Municipalidade compunham as artérias principais do bairro também recente da Sacramenta, que, por sua vez, comunicava-se com o Reducto.

Mas o quarto distrito ia além de Nazareth: alcançava o Bairro de São Braz, em torno do largo de mesmo nome, onde, em 1909, foi inaugurado um grande mercado municipal. Havia ali a estação principal da Estrada de Ferro de Bragança e um velódromo. A partir de São Braz, em direção ao sul, ou seja, ao Rio Guamá, havia uma tendência de expansão urbana cujo eixo foi a Avenida José Bonifácio, que levava ao Cemitério Santa Izabel. A sucessão de travessas paralelas à Avenida José Bonifácio logo constitui o Bairro do Guamá. As áreas próximas ao Largo de São Braz, mas pouco urbanizadas, foram utilizadas para instalar os largos fluxos de imigrantes nordestinos, expulsos pelas secas e atraídos pelo fascínio da borracha. Para muitos, essas áreas de São Braz constituíam os pontos mais perigosos da cidade, locais onde parecia haver um certo descontrole dos projetos urbanos lemistas. São Braz fora programado

para ser a porta de entrada ao Bairro de Queluz, que Lemos pretendia tornar a zona mais nobre de Belém e futura sede do poder público. Ocupado pelos imigrantes nordestinos, que ali desembarcavam e se estabeleciam, talvez por isso não tenha sido urbanizado de acordo com os projetos da Intendência.

Também a partir de São Braz seguia a magistral Avenida Tito Franco, projeto fundamental da urbanística lemistista, que pretendia definir, como de fato definiu, os rumos da expansão futura da cidade. Essa avenida levava ao “marco da légua”, marco da primeira légua patrimonial urbana, ponto limite de Belém. Nessa grande avenida vazia, de quase nove quilômetros de extensão, cercada por matas, o poder público construiu equipamentos de grande porte: o Instituto Lauro Sodré - escola técnica com aparato europeu -, o Asylo de Mendicidade, o Hospital dos Alienados e o Bosque Municipal, primeiro dos dezesseis grandes bosques que seriam construídos na cidade, não fosse a *déblâcle* da economia seringueira. Construções particulares não menos imponentes foram sendo erguidas, aos poucos, ao longo e nas proximidades da Avenida Tito Franco, e também novas quintas e granjas foram ali instaladas. A estrutura urbana projetada, por sinal, previa casas com quintais imensos, de modo a resgatar o antigo ar rural de Nazareth.

O ciclo do látex fez de Belém uma metrópole mercantil, governada por uma burguesia ousada, associada ao capital estrangeiro. Socialmente, uma das características marcantes dessa “cidade-látex”, foi o emprego de grandes contingentes populacionais em ramos complementares da atividade de produção. A base do sistema comercial montado para a exploração do látex foi o capital estrangeiro, já que não havia, na época, capital local capaz de sustentar o empreendimento. Esse sistema, gerido conjuntamente pelo Governo do Pará e por empresas estrangeiras, sem que deixasse de ter parceiros locais, se baseou numa série contínua de laços de dependência, gerando diversificada cadeia de créditos que incluía companhias de seguro, casas bancárias, casas aviadoras, proprietários de terras, companhias de navegação, casas de crédito comercial da emergente indústria automobilística, seringalistas e seringueiros.

As mudanças econômicas transformaram Belém em centro de negócios e, ao mesmo tempo, em local de residência e convívio da classe alta e da ampla classe média. O Governo do Pará e a Intendência (prefeitura) de Belém reconstruíram a cidade insistentemente durante todo o ciclo, por um lado urbanizando bairros anteriormente rurais, como Nazareth e, por outro, procurando constituir novos bairros com ares rurais, como o Marco e a Pedreira, demonstrando um avançado conceito de periferia urbana.

Descrever a Belém da época - e Belém era o principal entreposto comercial do negócio da borracha -, é falar dos intrincados pilares econômicos que regiam e ligavam parceiros comerciais. Três casas exportadoras detinham, em geral, a metade das grandes exportações amazônicas, sendo o restante dividido entre firmas menores, quase todas estrangeiras. Essas três grandes casas, sediadas em Belém, eram a Ernesto Schramm, que representava a Heilbut, Symons & Co., de Liverpool; a Sears & Co., uma subsidiária da prestigiosa W.R. Grace & Co., do grupo internacional Sears - logo transformado em líder do mercado norte-americano -, sendo ainda no final do século XX a fornecedora de indústrias como a Goodyear e a Pirelli; e a La Rocque da Costa & Co., com capital misto norte-americano e paraense.

O meio bancário de Belém possuía diversos estabelecimentos pequenos, de capital paraense, e nove casas com capital superior a 20 mil contos de réis, que eram o Banco da Lavoura, o Banco Nacional do Brasil, o Banco do Pará, o Banco Commercial do Pará, o Banco de Belém do Pará, a agência do Banco do Brasil, o English Bank, o London and Brazilian Bank e o Banco Emissor do Norte (mais tarde chamado de Banco Norte do Brasil). Além desses, outros dois bancos, sediados em Manaus, mantinham agências em Belém: o Banco do Amazonas (a partir de 1895) e o Banco Amazonense (a partir de 1904). As companhias de seguros mais importantes eram a Companhia Commercial do Pará, a Companhia Aliança, a Companhia Amazônia, a Companhia Lealdade, a Companhia Segurança e a Companhia Garantia da Amazônia, todas sediadas em Belém e com sucursais em Manaus e no Acre.

O ciclo se completava com as casas aviadoras, estabelecimentos comerciais que abasteciam os seringais em troca da sua produção, célula comercial do sistema e, por fim, com os seringueiros, a massa analfabeta que vinha do Nordeste ou de outros interiores paraenses em busca de sonhos e miragens de fortuna fácil.

Essa cidade, capital ousada e ativa, fenômeno de urbanização, constituiu, durante alguns anos, um pequeno universo em que experimentações sociais, morais, éticas e estéticas foram permitidas e mesmo incentivadas. A Era da Borracha é muitas vezes descrita como um período de fausto e fastígio simultâneos. Mas, como em geral o são os ciclos econômicos americanos, foi de curta duração. Em 1908, em Nova York, 407 companhias e 231 firmas internacionais formaram a Rubber Growers Association, que passou a financiar pesquisas e a desenvolver técnicas de cultivo ordenado - na Amazônia, afora algumas poucas experiências, a atividade seringueira sempre foi extrativista - com plantações próprias na Malásia.

A produção de borracha no Oriente subiu de 3 mil quilos em 1900 para 28 milhões de quilos em 1912. Em 1913 alcançou a produção de 48 milhões de quilos e, em 1914, a Malásia produziu mais da metade da borracha mundial, 71 milhões de quilos. Em 1919 a borracha oriental alcançou 90% do mercado mundial, desbancando, definitivamente, a concorrência da produção amazônica.

Não será difícil imaginar o golpe que sofreu a frágil estrutura econômica amazônica com a subta e inesperada queda dos preços, ditada pela concorrência. A renda *per capita* da região, que, em 1910, fora calculada em 323 dólares, decaiu, na década seguinte, a 74 dólares. Em alguns momentos foi superior aos valores estimados para cidades como o Rio de Janeiro, Boston e Nova York. Estima-se que, em 1913, as falências da praça de Belém chegaram a 100 milhões de francos (cerca de 59.524 contos de réis).

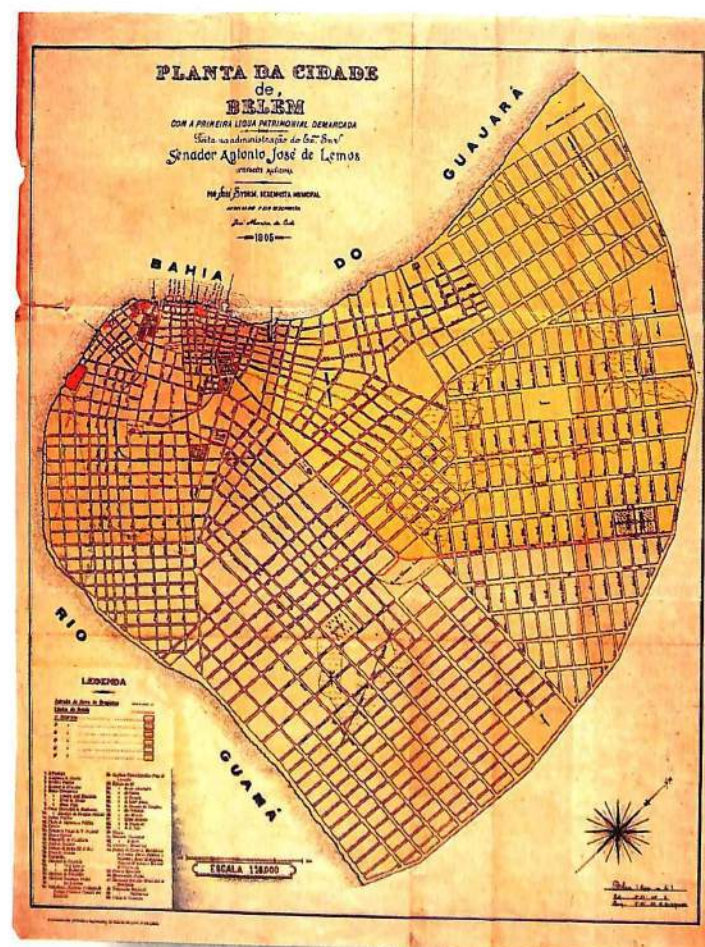
Dessa maneira, num cenário de desintegração e desilusão, começavam a se desconstituir a soma dos sonhos modernos que nos legam estas saudades.

* Fábio Castro é professor do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).



Referências Bibliográficas

- BELÉM. Intendente Municipal. (Antônio José de Lemos). Município de Belém; relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, pelo intendente senador Antônio José de Lemos. (Belém): Typ. de A. A. Silva, 1897-1912.
- ÍNDIA RUBBER WORLD. New York: Rubber Growers Associations, 1891-1920.
- MIELCHE, Hakon. L'Amazonie sans crocodilles. Paris: R. Julliard, 1953.
- PARÁ. Governo do Estado. Dados estatísticos e informações para os imigrantes. Belém, 1886.
- SANTOS, Roberto. História econômica da Amazônia, 1800-1920. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- WEINSTEIN, Bárbara. The Amazon rubber boom, 1850-1920. Califórnia: Stanford University Press, 1983.



A Planta de Belém, utilizada para a localização dos logradouros retratados nos cartões postais desta publicação, baseou-se em desenho de 1905, executado na administração do intendente Antônio Lemos. Algumas denominações de ruas presentes no original, foram alteradas em função daquelas utilizadas nos cartões-postais, ora reproduzidos, os quais correspondem ao período de 1900 a 1930.

PLANTA DA CIDAD de, BELEM

Com base na planta original feita na administração do Ex.^{mo} S

Senador Antonio José de Lemos

INTENDENTE MUNICIPAL

POR JOSÉ SYDRIM, DESENHISTA MUNICIPAL

AUXILIADO PELO DESENHISTA

José Moreira da Costa

—1905—

BAHIA

DO



[illegible]

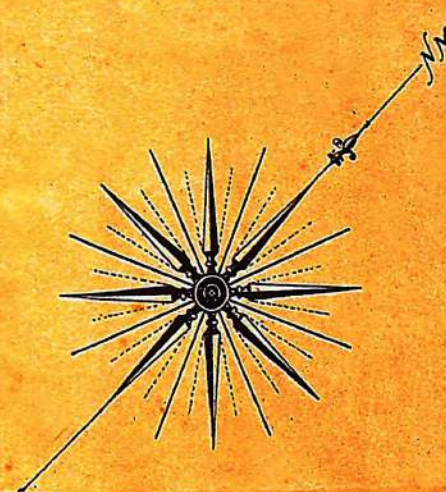
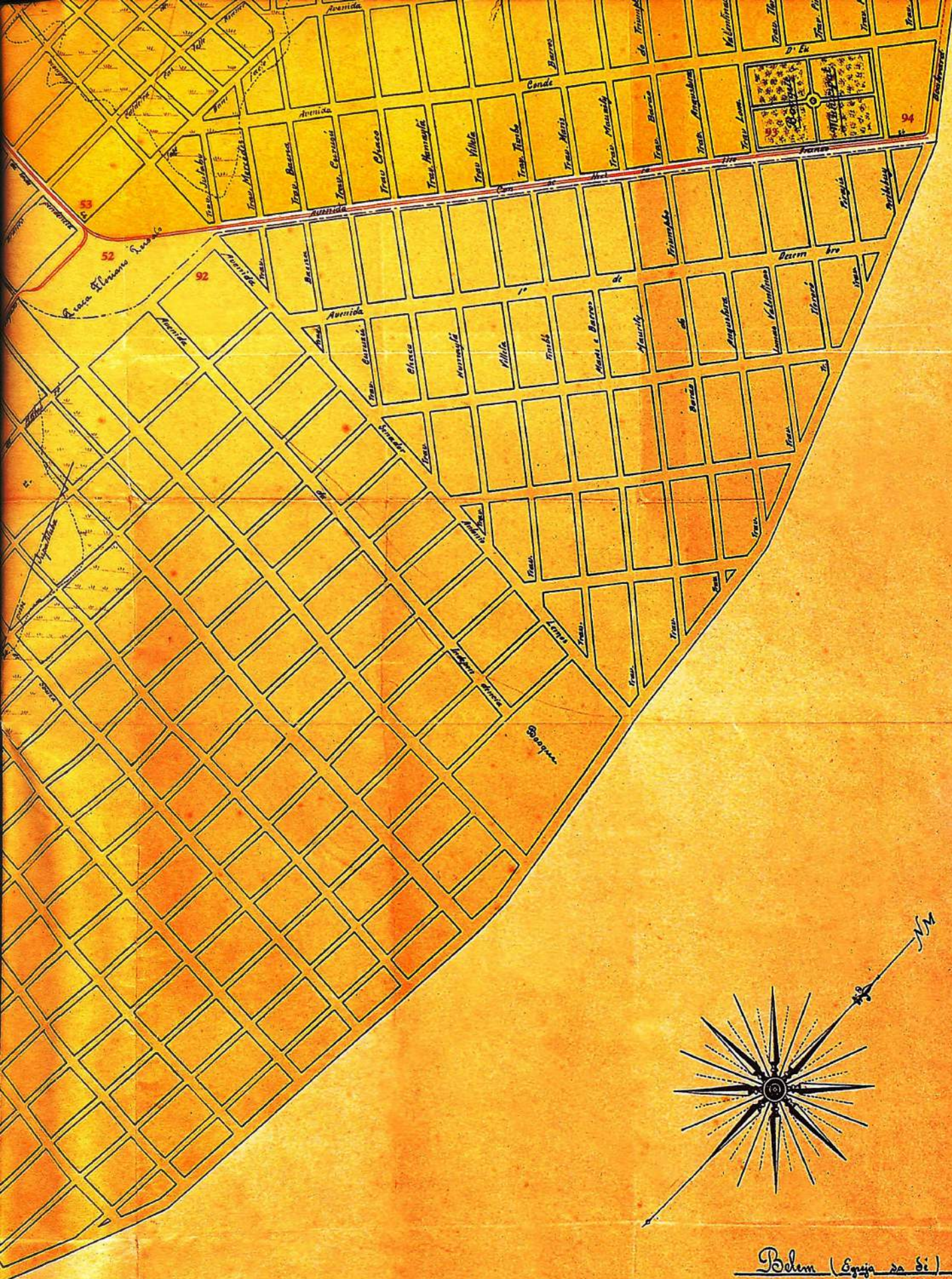
RIO

LEGENDA

1. Doca do Reducto
2. Fábrica de Luz Elétrica (Pará Elétric)
3. Convento de S^o Antônio e Hospital da Ordem Terceira de São Francisco
4. Oficinas da Companhia do Amazonas
5. Rampa da Sacramenta
6. Trapiche da Navegação a Vapor do Amazonas
7. Trapiche da "Booth Line"
8. Trapiche do Gran-Pará
9. Trapiche de Belém
10. Trapiche da Alfândega
11. Armazéns externos da Alfândega
12. Guarda-Maria
13. Trapiche do Comércio
14. Trapiche da Subgerência
15. Trapiche do Pará e Amazonas
16. Trapiche "Pé de Pedra"
17. Trapiche Auxiliar do Comércio
18. Trapiche "Lloyd Brasileiro"
19. Igreja das Mercês e Alfândega
20. Igreja de Sant'Ana
21. Igreja do Resúrio da Campina
22. Antiga Recebedoria de Repdas e anexo
23. Mercado de Ferro
24. Mercado Municipal
25. Doca do Vero-Peso
26. Prédio da Bolsa
27. Necrotério Público
28. Hotel América
29. Praça da Independência
30. Palacete Municipal
31. Palácio do Governo
32. Praça Frei Casiano Brandão
33. Igreja de Santo Alexandre e Palácio Episcopal
34. Catedral da Sé
35. Antigo Hospital Militar
36. Forte do Castelo
37. Igreja do Resúrio dos Homens Brancos
38. Igreja e Gymnásio Nossa Senhora do Carmo
39. Palácio Velho
40. Porto do Sal
41. Palacete Pinho
42. Arsenal de Marinha
43. Praça da República
44. Café da Paz
45. Grande Hotel
46. Theatro da Paz
47. Jornal "A Província do Pará"
48. Casa Outeiro
49. Grupo Escolar Floriano Peixoto
50. Solar do Barão de Guamá
51. Residência do dr. Pedro Gusmão
52. Praça Floriano Peixoto
53. Reservatório d'água
54. Residência do senador Antônio José de Lemos
55. Palacete Bibi Costa
56. Palacete Cássio Reis
57. Palacete dr. Augusto Montenegro
58. Edifício do London Bank e Banco Comercial
59. Casa Franco
60. "Formosa Paraense"
61. Banco do Pará e Livraria Universal
62. Hotel Central / Livraria Alfacinha
63. Praça Visconde do Rio Branco
64. Paris N'América
65. "Bon Marche" e Casa Carvalhães
66. Sede Social da Real Sociedade Portuguesa Beneficente
67. Grémio Literário e Comercial Português
68. Biblioteca e Archivo Público
69. Reservatório Paes de Carvalho
70. Fábrica Palmeira
71. Praça Saldanha Marinho
72. Lyceu Benjamin Constant
73. Quartel General
74. Corpo de Bombeiros
75. Jardim Prudente de Moraes
76. Largo da Trindade
77. Academia de Direito
78. Praça Baptista Campos
79. Grupo Escolar José Veríssimo
80. Praça dr. Justo Chermont
81. Igreja de Nazareth
82. Fábrica de Cerveja Paraense / Theatro-Bar Paraense
83. Museu Paraense Emílio Goeldi
84. Igreja dos Frades Capuchinhos
85. Hospital da Real Sociedade Portuguesa Beneficente
86. Estabelecimento Hidroterápico da Real Sociedade Portuguesa Beneficente
87. Grupo Escolar Barão do Rio Branco
88. Grupo Escolar Santa Luzia
89. Hospital da Santa Casa de Misericórdia
90. Instituto Genial Bittencourt
91. Cemitério Santa Izabel
92. Estação Central da Estrada de Ferro de Bragança
93. Bosque Municipal
94. Hospital dos Alienados

GUAMÁ

ESCALA 115.000



Bohem (Espejo da Si)
Lat 1° 37' 11" S
Long 5° 19' 59" W Rio de Janeiro

PLANTA DA CIDADIA de, BELEM

Com base na planta original feita na administração do Ex.
Senador Antonio José de Lemos
SECRETARIO GERAL

por J. J. SYTHM, DESSENHISTA MUNICIPAL

REPUBLICA DO PARAGUAY

San Antonio do Sul

1905

BAHIA

DO

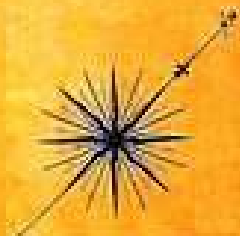
GUAJARA

GUAJARA

ESCALA 1:16000

LEGENDA

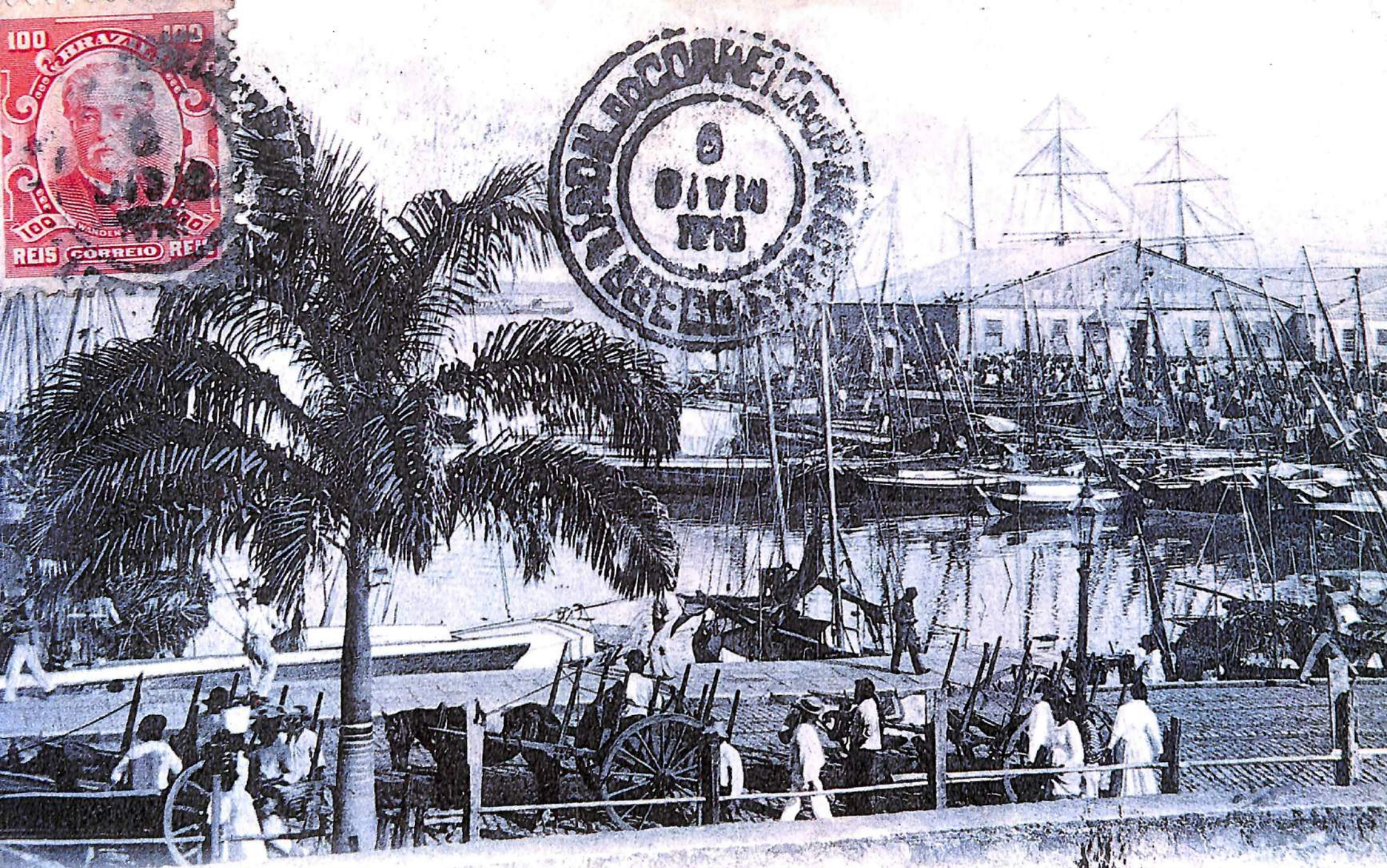
- 1. RUA DE S. JOSE
- 2. RUA DE S. ANTONIO
- 3. RUA DE S. FRANCISCO
- 4. RUA DE S. PEDRO
- 5. RUA DE S. JOAQUIM
- 6. RUA DE S. ALVARO
- 7. RUA DE S. MARTINHO
- 8. RUA DE S. ANTONIO
- 9. RUA DE S. FRANCISCO
- 10. RUA DE S. PEDRO
- 11. RUA DE S. JOAQUIM
- 12. RUA DE S. ALVARO
- 13. RUA DE S. MARTINHO
- 14. RUA DE S. ANTONIO
- 15. RUA DE S. FRANCISCO
- 16. RUA DE S. PEDRO
- 17. RUA DE S. JOAQUIM
- 18. RUA DE S. ALVARO
- 19. RUA DE S. MARTINHO
- 20. RUA DE S. ANTONIO
- 21. RUA DE S. FRANCISCO
- 22. RUA DE S. PEDRO
- 23. RUA DE S. JOAQUIM
- 24. RUA DE S. ALVARO
- 25. RUA DE S. MARTINHO
- 26. RUA DE S. ANTONIO
- 27. RUA DE S. FRANCISCO
- 28. RUA DE S. PEDRO
- 29. RUA DE S. JOAQUIM
- 30. RUA DE S. ALVARO
- 31. RUA DE S. MARTINHO
- 32. RUA DE S. ANTONIO
- 33. RUA DE S. FRANCISCO
- 34. RUA DE S. PEDRO
- 35. RUA DE S. JOAQUIM
- 36. RUA DE S. ALVARO
- 37. RUA DE S. MARTINHO
- 38. RUA DE S. ANTONIO
- 39. RUA DE S. FRANCISCO
- 40. RUA DE S. PEDRO
- 41. RUA DE S. JOAQUIM
- 42. RUA DE S. ALVARO
- 43. RUA DE S. MARTINHO
- 44. RUA DE S. ANTONIO
- 45. RUA DE S. FRANCISCO
- 46. RUA DE S. PEDRO
- 47. RUA DE S. JOAQUIM
- 48. RUA DE S. ALVARO
- 49. RUA DE S. MARTINHO
- 50. RUA DE S. ANTONIO
- 51. RUA DE S. FRANCISCO
- 52. RUA DE S. PEDRO
- 53. RUA DE S. JOAQUIM
- 54. RUA DE S. ALVARO
- 55. RUA DE S. MARTINHO
- 56. RUA DE S. ANTONIO
- 57. RUA DE S. FRANCISCO
- 58. RUA DE S. PEDRO
- 59. RUA DE S. JOAQUIM
- 60. RUA DE S. ALVARO
- 61. RUA DE S. MARTINHO
- 62. RUA DE S. ANTONIO
- 63. RUA DE S. FRANCISCO
- 64. RUA DE S. PEDRO
- 65. RUA DE S. JOAQUIM
- 66. RUA DE S. ALVARO
- 67. RUA DE S. MARTINHO
- 68. RUA DE S. ANTONIO
- 69. RUA DE S. FRANCISCO
- 70. RUA DE S. PEDRO
- 71. RUA DE S. JOAQUIM
- 72. RUA DE S. ALVARO
- 73. RUA DE S. MARTINHO
- 74. RUA DE S. ANTONIO
- 75. RUA DE S. FRANCISCO
- 76. RUA DE S. PEDRO
- 77. RUA DE S. JOAQUIM
- 78. RUA DE S. ALVARO
- 79. RUA DE S. MARTINHO
- 80. RUA DE S. ANTONIO
- 81. RUA DE S. FRANCISCO
- 82. RUA DE S. PEDRO
- 83. RUA DE S. JOAQUIM
- 84. RUA DE S. ALVARO
- 85. RUA DE S. MARTINHO
- 86. RUA DE S. ANTONIO
- 87. RUA DE S. FRANCISCO
- 88. RUA DE S. PEDRO
- 89. RUA DE S. JOAQUIM
- 90. RUA DE S. ALVARO
- 91. RUA DE S. MARTINHO
- 92. RUA DE S. ANTONIO
- 93. RUA DE S. FRANCISCO
- 94. RUA DE S. PEDRO
- 95. RUA DE S. JOAQUIM
- 96. RUA DE S. ALVARO
- 97. RUA DE S. MARTINHO
- 98. RUA DE S. ANTONIO
- 99. RUA DE S. FRANCISCO
- 100. RUA DE S. PEDRO



Desenhado por J. J. Sythm
Em 1905
Por J. J. Sythm



VISTAS LITORÂNEAS
DOCAS & PORTOS
VISTAS PANORÂMICAS



Pará — Doca do ver-o-pezo

129

CARTE POSTALE

La Correspondance au recto n'est pas acceptée par tous les pays étrangers
(Se renseigner à la Poste)

Adresse du Destinataire.

Partie réservée à la Correspondance.

Recebi os postos que v.
v. me enviou.

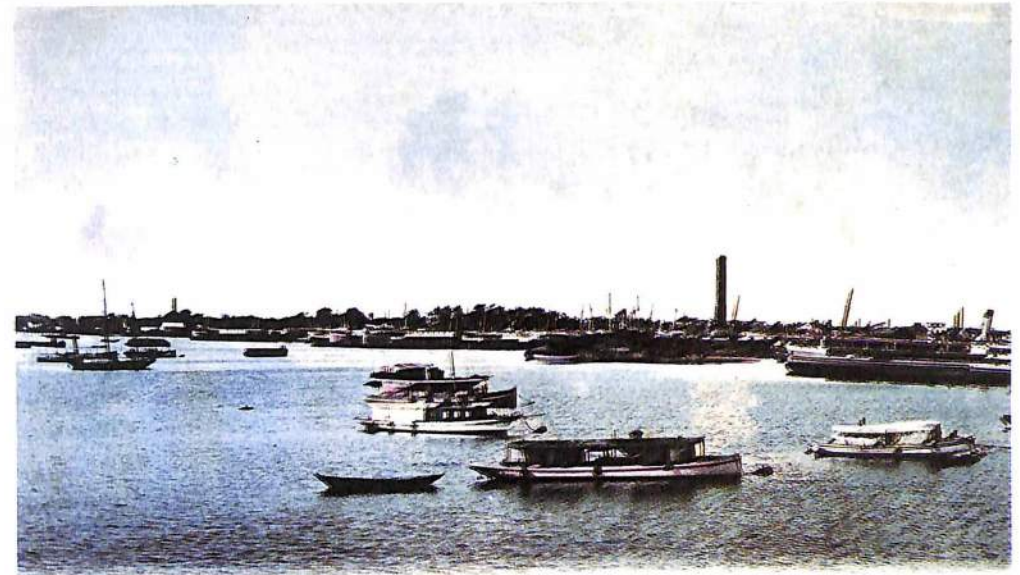
Lola
29 Rua dos Pariqueis 29
Brasil Pará
Belém

Manda Olga 5.º
6.º de 4263

M. George Bureau
33 Rue Hurst
Chartres (E. et L.)
France



■ Vista de Belém, onde se observa, em destaque, a chaminé da antiga fábrica de luz elétrica ("Pará Elétric"), situada na Rua da Municipalidade, bairro do Reducto. (EOB)



Fábrica de Luz Elétrica — Pará.

E. F. Oliveira Junior-Pará

Pará. — Um Trecho do Litoral. (Brasil.)



■ Em primeiro plano, os barcos que serviam para conduzir passageiros dos navios para a terra firme e vice-versa. Ao fundo, da esquerda para a direita, as oficinas da Companhia do Amazonas, o Convento de Santo Antônio e o Hospital da Ordem 3ª de São Francisco. (EOB)



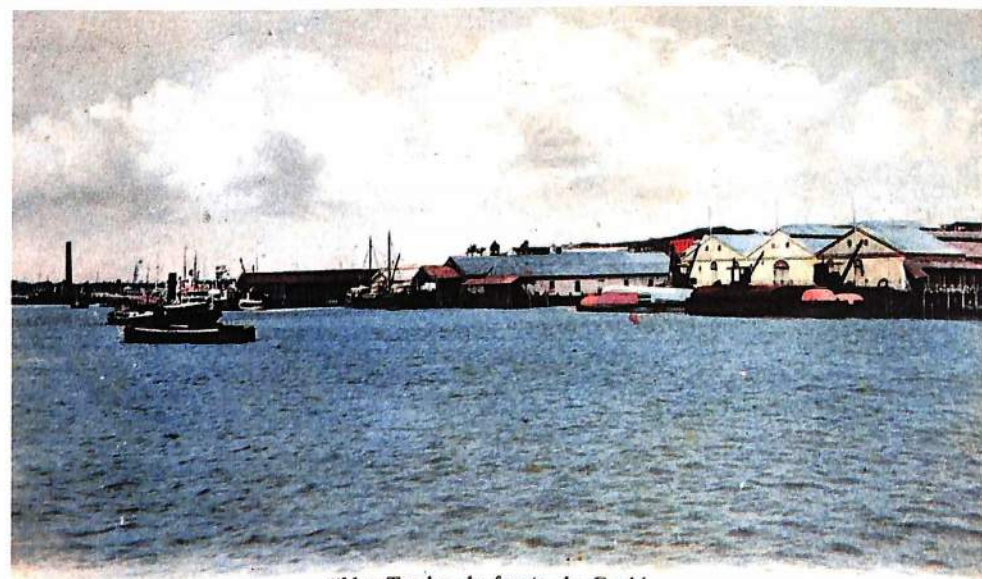
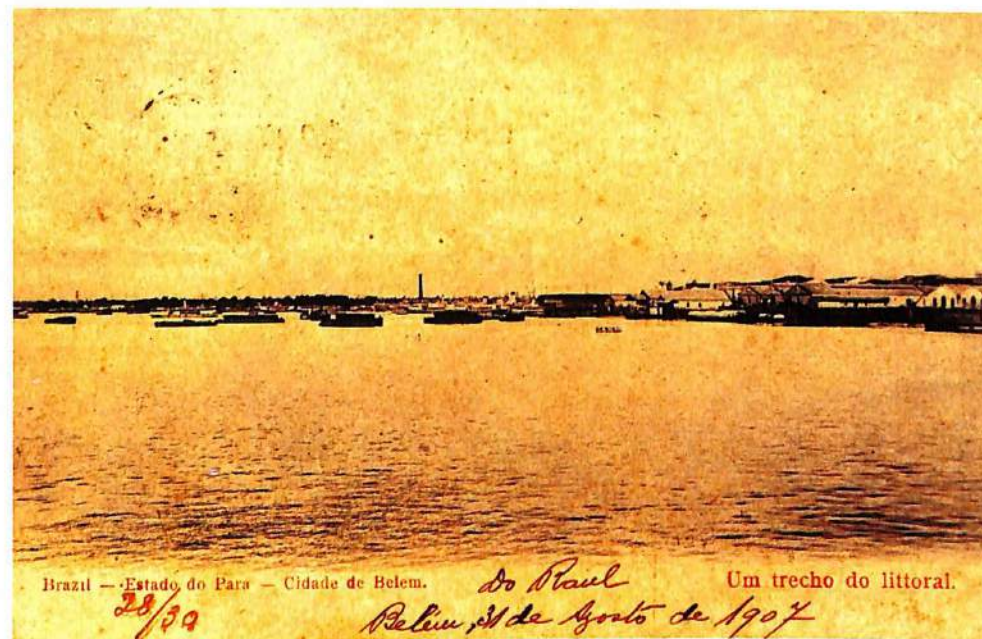
Pará — Rampa da Sacramento

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ Em primeiro plano, a antiga Rampa da Sacramento, situada na direção da Travessa 15 de Agosto (atual Avenida Presidente Vargas). Após as obras de aterro que a área sofreu, surgiram a Praça Pedro Teixeira e a “escadinha” do Cais do Porto. Ao fundo, da esquerda para a direita, o Convento de Santo Antônio e o Hospital da Ordem 3ª de São Francisco. (VCM)

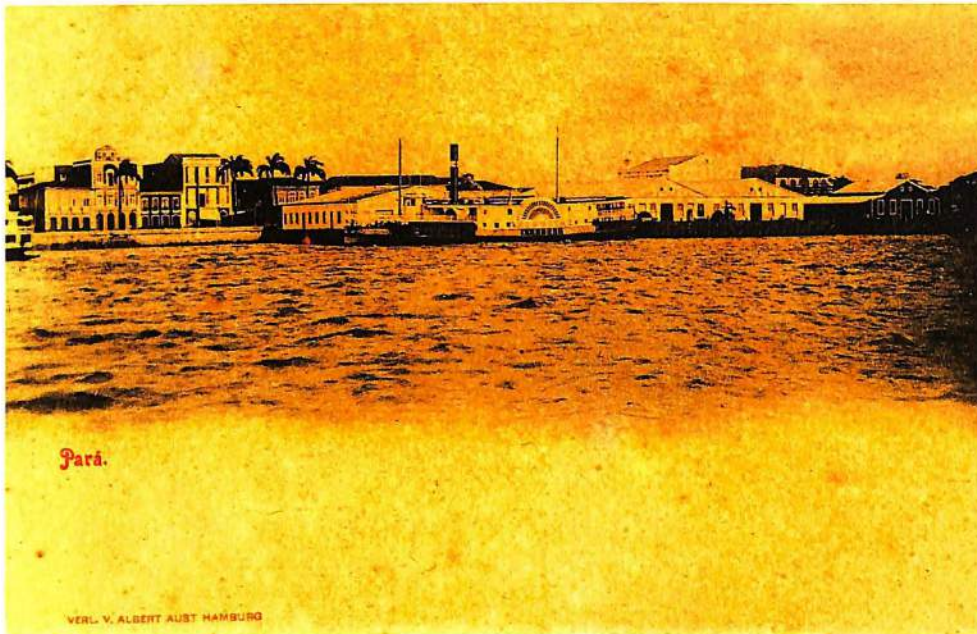


■ Duas vistas onde se identifica a chaminé da antiga fábrica de luz elétrica. O litoral de Belém, antes da construção do Cais do Porto, era moldurado por trapiches e armazéns de carga. Da esquerda para a direita, observam-se os trapiches da Navegação a Vapor do Amazonas, da "Booth Line", do Gran-Pará, de Belém e da Alfândega. (MM - EOB)



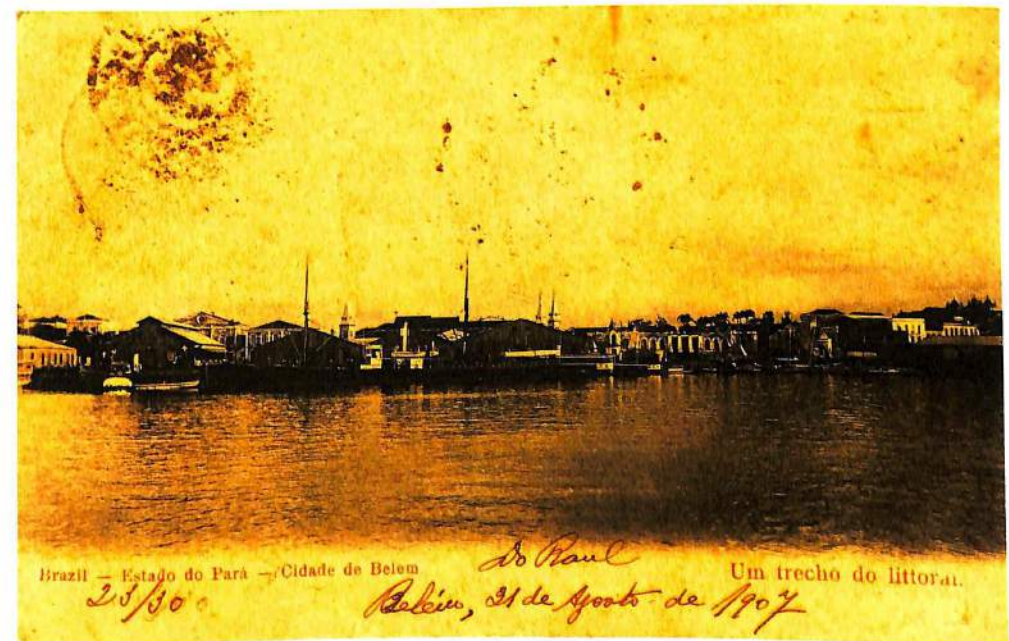
E. F. Oliveira Junior-Pará

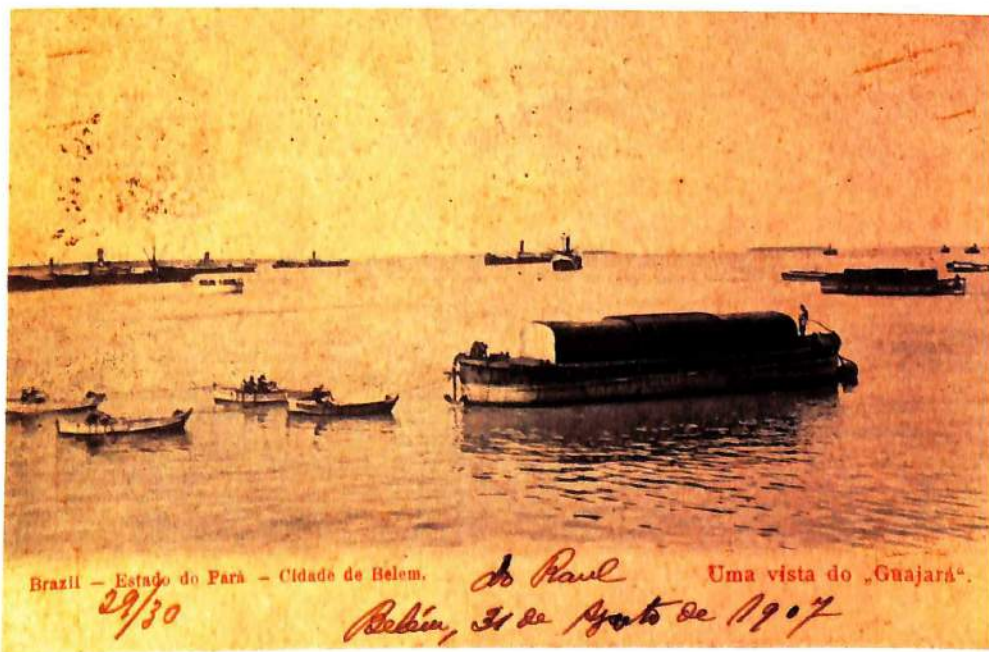
"Um Trecho da frente do Pará."



■ Em primeiro plano, da esquerda para a direita, os trapiches da Sub-Gerência, Pará e Amazonas, “Ponte de Pedra” e Auxiliar do Comércio. Ao fundo, o casario azulejado do Boulevard da República e o prédio da antiga Recebedoria de Rendas (atual Solar da Beira). Note-se que o Mercado de Ferro ainda não havia sido construído. (VCM)

■ Em primeiro plano, da esquerda para a direita, o trapiche do Pará e Amazonas, o trapiche “Ponte de Pedra” e o trapiche Auxiliar do Comércio. Ao fundo, na mesma ordem, o prédio da antiga Recebedoria de Rendas e anexo, as torres do Mercado de Ferro, a Doca do Ver-o-Peso, o inacabado prédio da Bolsa, o casario da Travessa do Seminário (atual Rua Marquês de Pombal), o Necrotério Público e as torres da Igreja de Santo Alexandre. (MM)





■ Vistas panorâmicas da Baía do Guajará. (MM)

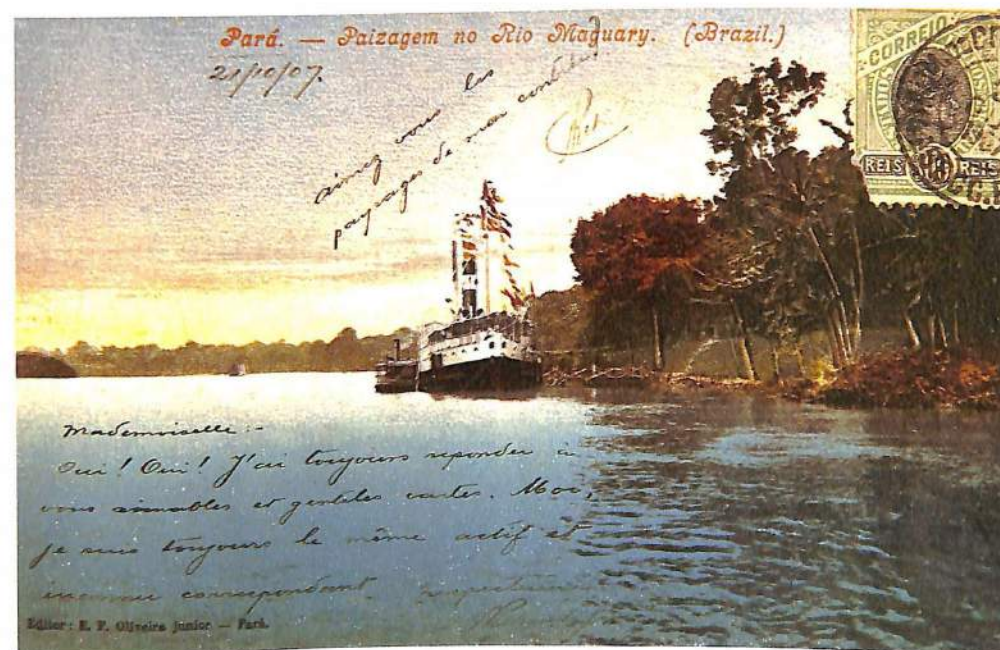


■ Paisagem ribeirinha do Guamá, onde se observa a arquitetura vernacular característica da região. (PCF)



Pará. Sítio no Rio Guamó

■ Paisagem ribeirinha do Maguary, ainda coberta, na sua totalidade, de verde. (PCF)



186-125 No. 4 609

Carte postale — Postkarte — Correspondenzkarte
Levelező-Lap — Dopisnice — Briefkaart — Cartolina postale
Union postale universelle — Weltpostverein — Unione postale universale
Bihete postal.



St. Louis, Mo.
to
Mr. C. H. Watson
15 State Street
Boston, Mass.
U.S.A.

Mr. C. H. Watson
15 State Street
Boston, Mass.
U.S.A.



■ Doca do Reducto, assim denominada, tanto quanto o bairro, em função da localização do antigo reduto militar de proteção da cidade, onde hoje se encontra a instalação da Polícia Militar do Estado. Vêem-se, em primeiro plano, as águas da baía, que chegavam à face da Rua 28 de Setembro. (VCM)



Reducto



■ Vistas tomadas da Rua 28 de Setembro em direção à Baía do Guajará. Hoje, após ter sido aterrada, a doca transformou-se em um simples canal. No entanto, o prédio de dois andares que se destaca à esquerda, em ambas as fotos, permaneceu inalterado. (VCM - HFN)



■ Vista da baía em direção à Rua 28 de Setembro. Em primeiro plano, o quiosque-pavilhão. Ao fundo, nota-se que algumas edificações já apresentavam platibandas, substituindo os beirais. (VCM)



Pará — Doca do Reducto

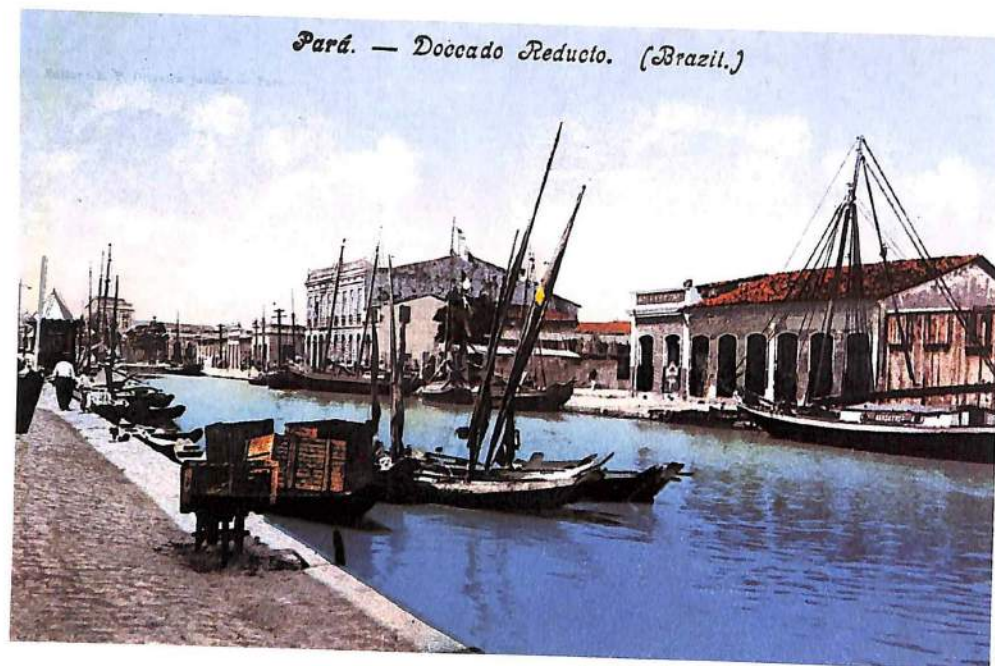
Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia — Pará

■ Detalhe do quiosque-pavilhão sobre a Baía do Guajará. (VCM)



UM TRECHO DO REDUCTO — PARÁ

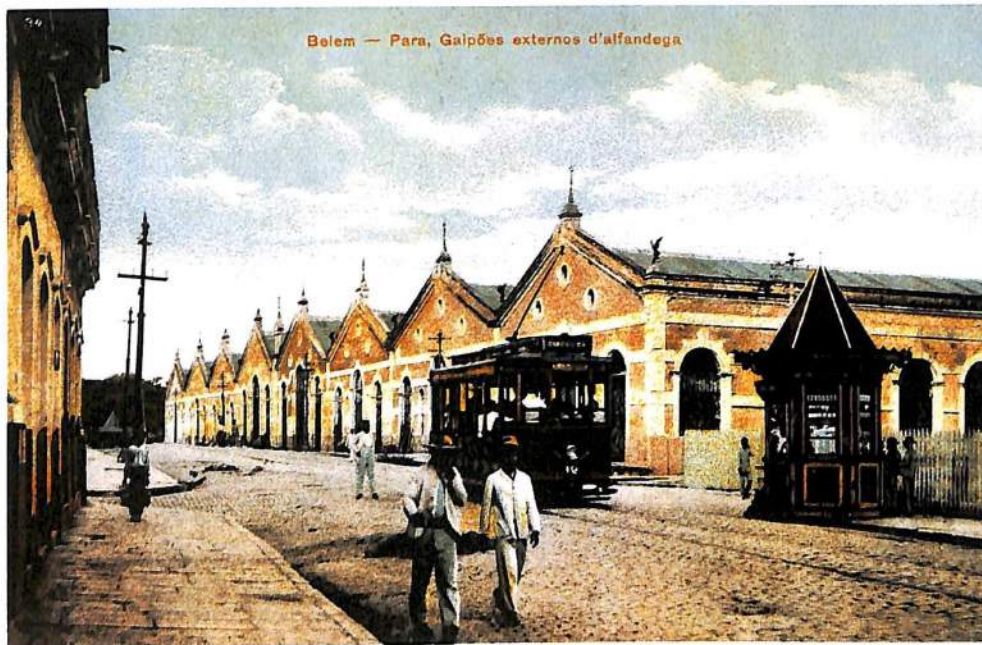
F.F. 1899-1900 LIVRARIA UNIVERSAL PARA



■ Visão da margem direita do canal, no sentido baía/Rua 28 de Setembro. (EOB)

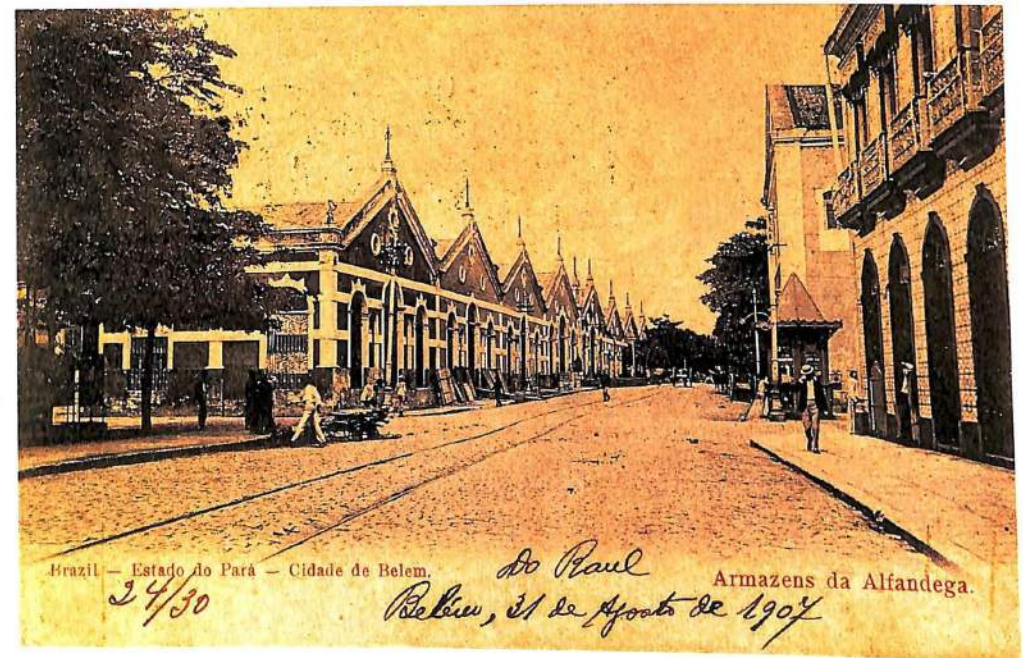
■ Visão da margem esquerda do canal, no sentido baía/Rua 28 de Setembro. (HFN)

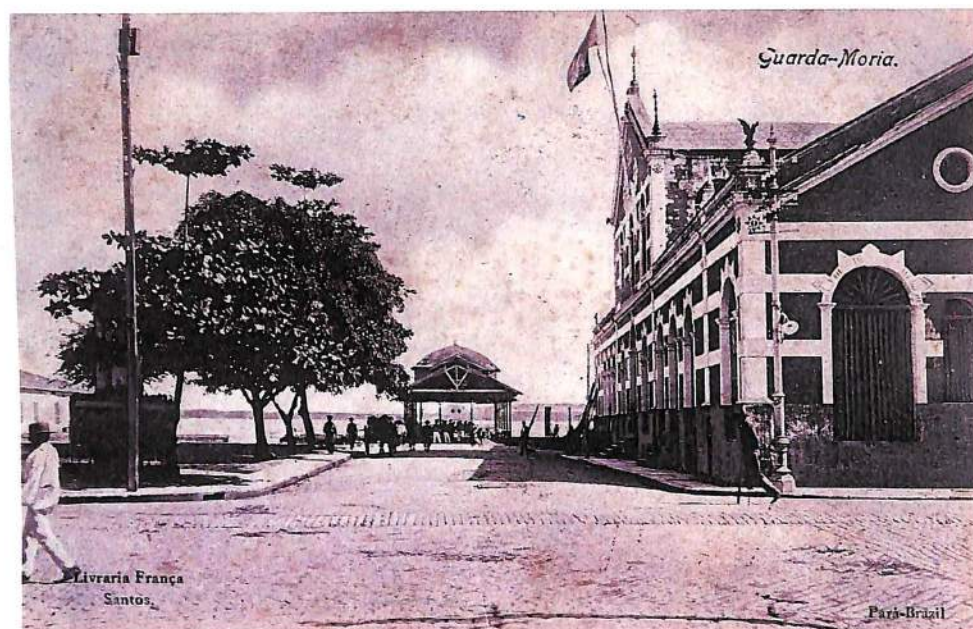




■ Perspectiva do Boulevard da República (atual Boulevard Castilhos França), com vista dos armazéns externos da Alfândega, localizados em frente ao antigo Convento dos Mercedários. (EOB)

■ O mesmo trecho do postal anterior, mas em sentido contrário. Os armazéns externos da Alfândega, foram demolidos com a construção do Cais do Porto, em 1909. O local é hoje ocupado pelo galpão Mosqueiro-Soure, e o jardim, à esquerda, foi transformado em uma extensão da feira do Ver-o-Peso. Em frente aos armazéns, à direita da foto, o antigo Convento dos Mercedários. (MM)





■ Em primeiro plano, à direita, parte dos armazéns externos da Alfândega. No centro da foto e ao fundo, a Guarda-Moria (polícia fiscal marítima), na direção da Travessa Frutuoso Guimarães. (VCM)

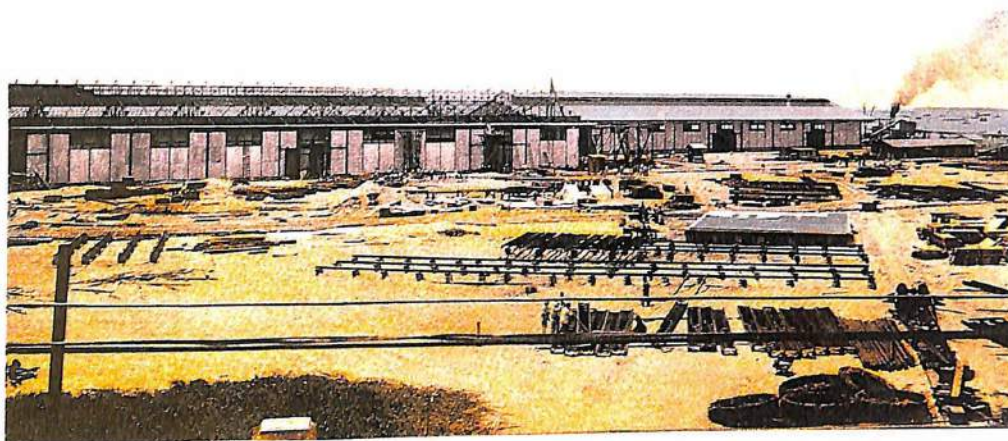
■ Tomada de um trecho do cais, tendo, à esquerda, as fachadas posteriores dos prédios da antiga Recebedoria de Rendas e anexo, além do Mercado de Ferro. À direita, debruçando-se sobre a baía, parte dos trapiches do Pará e Amazonas e do trapiche "Ponte de Pedra". (VCM)



Pará — Um trecho do Caes

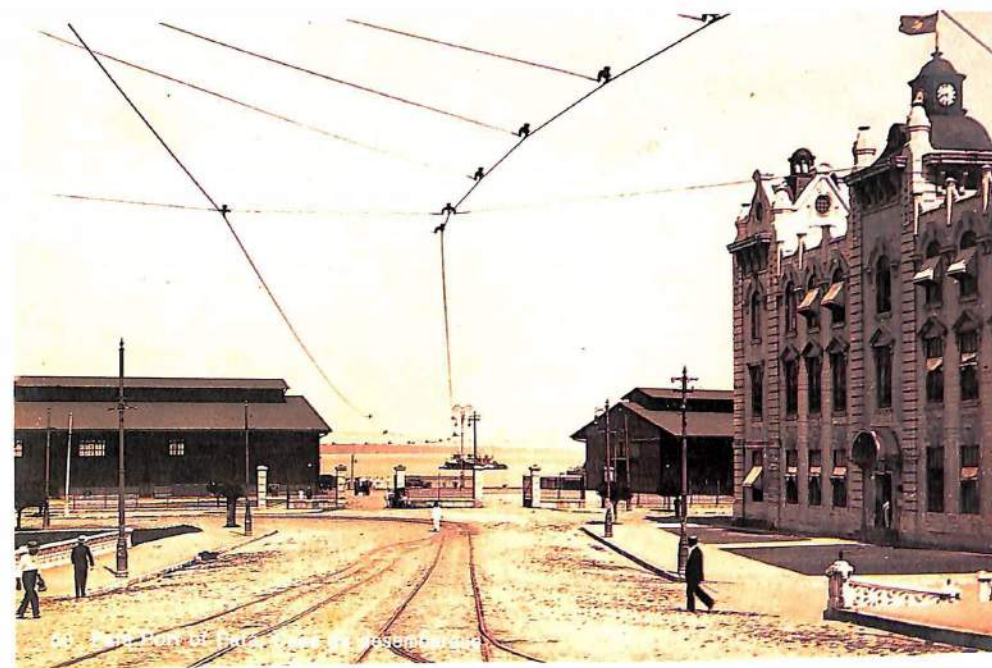
No. 2

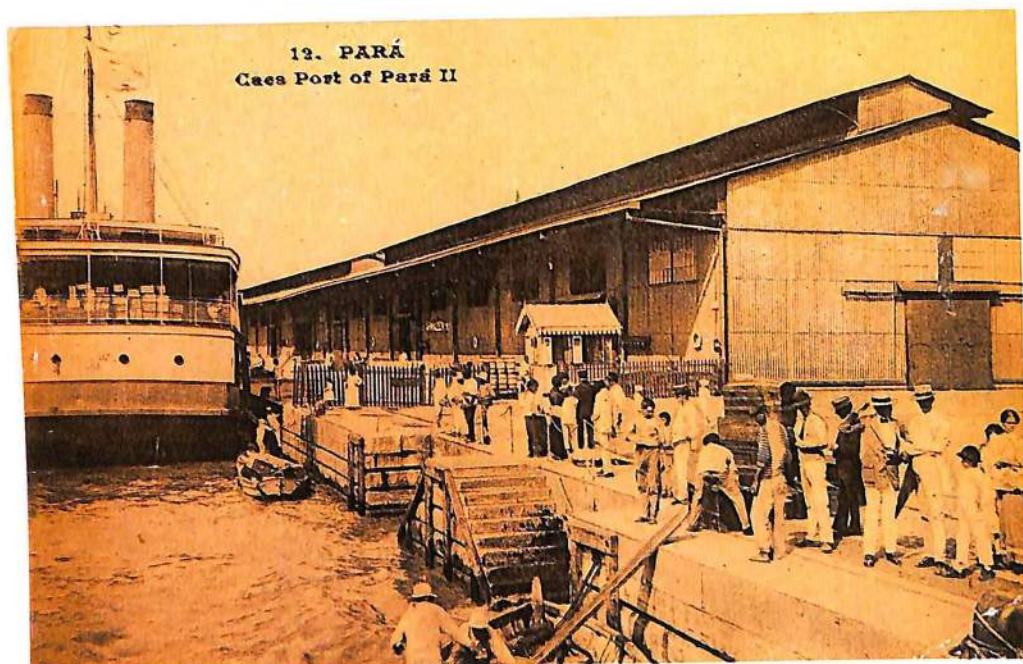
Pará, Construção das obras do porto de Belém



■ A montagem dos galpões de ferro, pré-fabricados na Inglaterra, que substituíram os antigos armazéns e trapiches que existiam no litoral de Belém. (VCM)

■ Vista de trecho do cais após as obras de 1909. Em primeiro plano, à direita, o prédio dos escritórios da "Port of Pará", companhia inglesa construtora e concessionária do novo porto de Belém. Ao fundo, os galpões de ferro. (VCM)





■ Vista da “escadinha” do Cais do Porto, localizada na direção da Travessa 15 de Agosto - atual Avenida Presidente Vargas. (VCM)

■ Embora a legenda do cartão identifique a cena como ocorrida no Rio de Janeiro, trata-se da chegada do paquete “Justo Chermont” ao novo Cais do Porto de Belém. (Y)

35. BRÉSIL. Rio de Janeiro



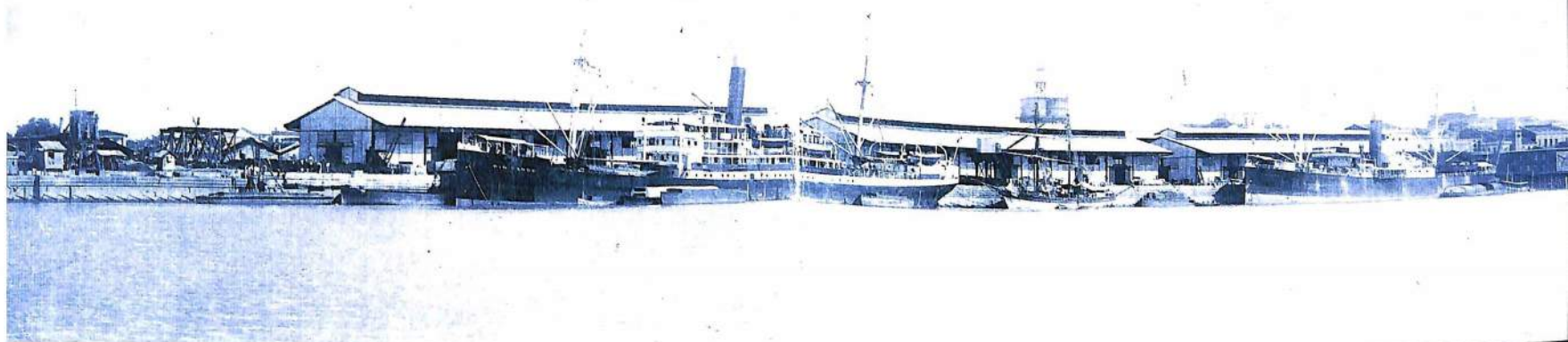
Les Nouveaux Quais

The new wharfs

Die neuen Quais

Pará

Vapores atracados ao novo cais do „Port of Pará“



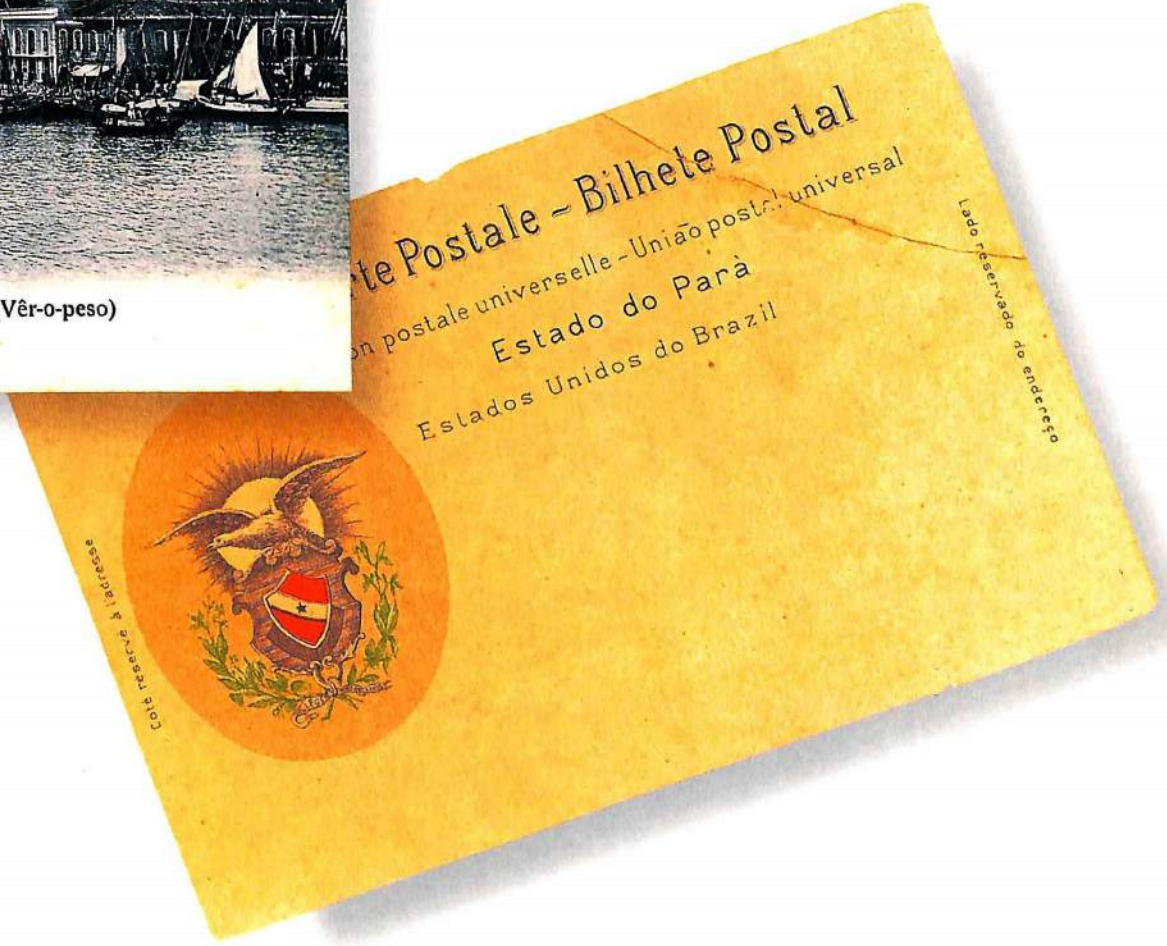
■ Vista panorâmica do Cais do Porto depois de 1909. Apesar de ter sido projetado para ser construído até às cercanias da murada do Forte do Castelo, as obras foram paralisadas antes de chegar à Doca do Ver-o-Peso, preservando-se, assim, esse importante sítio histórico. (VCM)



Pará (Brasil) — I. Mercado de ferro (Vêr-o-peso)

Livraria Universal de Tavares Cardoso & Ca. — Pará

■ O nome Ver-o-Peso teve origem na época colonial, quando na área funcionava a Casa do Haver-do-Peso, onde era pesada a mercadoria vinda do interior, para a cobrança de impostos devidos à Coroa. Na foto, uma visão panorâmica tomada da baía. Da esquerda para a direita, parte do trapiche Auxiliar do Comércio, a antiga Recebedoria de Rendas (atual Solar da Beira), o Mercado de Ferro e o casario do Boulevard da República - atual Boulevard Castilhos França. (HFN)





9. - Ponto Fiscal e Mercado de ferro no Ver-o-peso

Editores Favares Cardoas & Co. Pará-Brasil. - Livraria Universal

■ Vista panorâmica tomada da Doca do Ver-o-Peso, onde se observa, da esquerda para a direita, o trapiche auxiliar do Comércio, o quiosque pavilhão e o Mercado de Ferro. (EOB)



■ À esquerda, visão parcial do Mercado de Ferro, inaugurado a 1º de dezembro de 1901. À direita, a Doca do Ver-o-Peso. (Y)



■ Vista da fachada do Mercado de Ferro pelo Boulevard da República. (EOB)





■ Vista da fachada do Mercado de Ferro tomada da esquina do Boulevard da República com a Doca do Ver-o-Peso. (PCF)



Pará — Doca do ver-o-pezo

Livreria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ A Doca do Ver-o-Peso, antes da construção do Mercado de Ferro. Ao fundo, à direita, o trapiche Auxiliar do Comércio. (VCM)



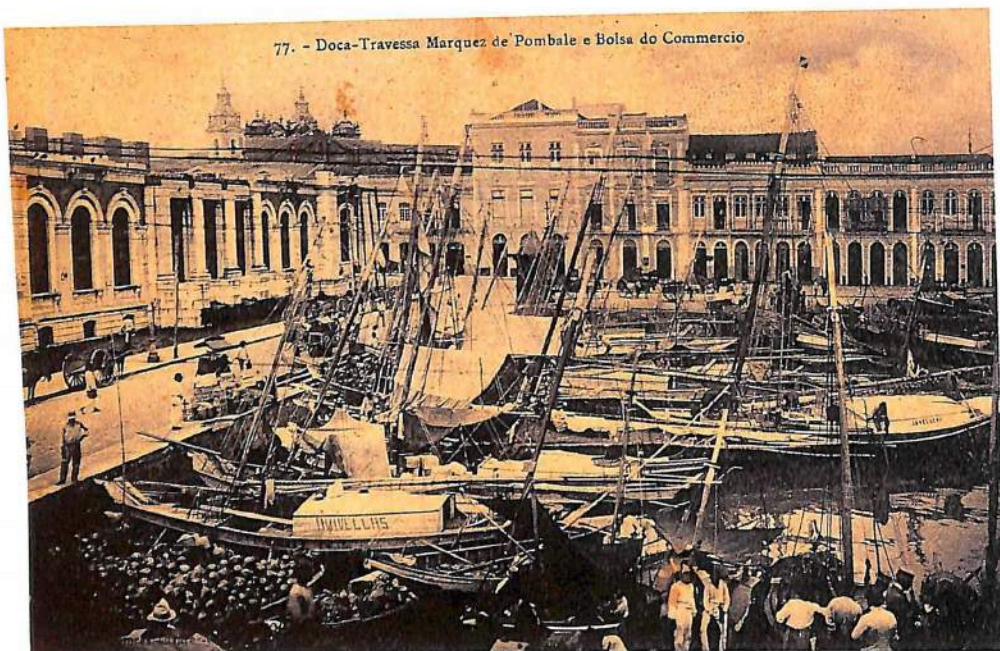
Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Doca do Ver-o-Peso e Mercado de Ferro

■ Fotos tomadas em frente ao edifício da Bolsa em direção ao então recém construído Mercado de Ferro. (VCM - HFN)





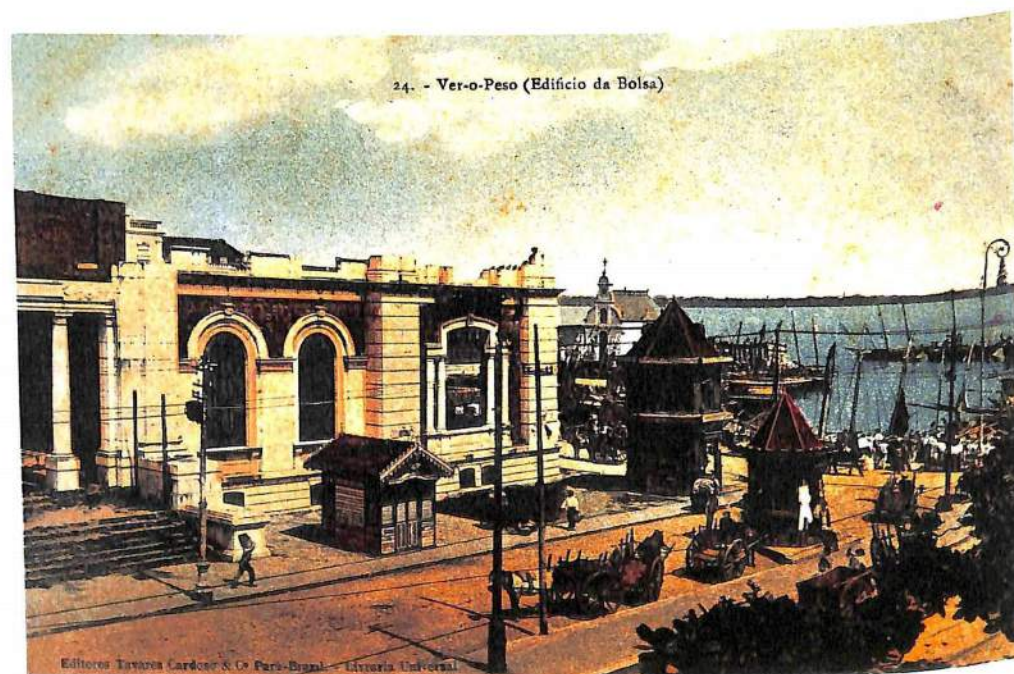
77. - Doca-Travessa Marquez de Pombal e Bolsa do Commercio.



■ Em primeiro plano, as embarcações à vela ancoradas na doca. Ao fundo, da esquerda para a direita, o prédio da Bolsa, as torres das igrejas de Santo Alexandre e Sé e o casario da Travessa do Seminário - atual Travessa Marquês de Pombal. (HFN)

■ Vista de parte do edifício da Bolsa de Valores, em cantaria portuguesa, cuja construção foi paralisada e jamais concluída. Hoje, o local é ocupado pela Praça do Relógio. No centro e ao fundo, o prédio do antigo Necrotério Público. (EOB)

24. - Ver-o-Peso (Edifício da Bolsa)



■ Em destaque, o casario da Travessa do Seminário, avistando-se, ao fundo, à esquerda, as torres das igrejas de Santo Alexandre e Sé. (AM)

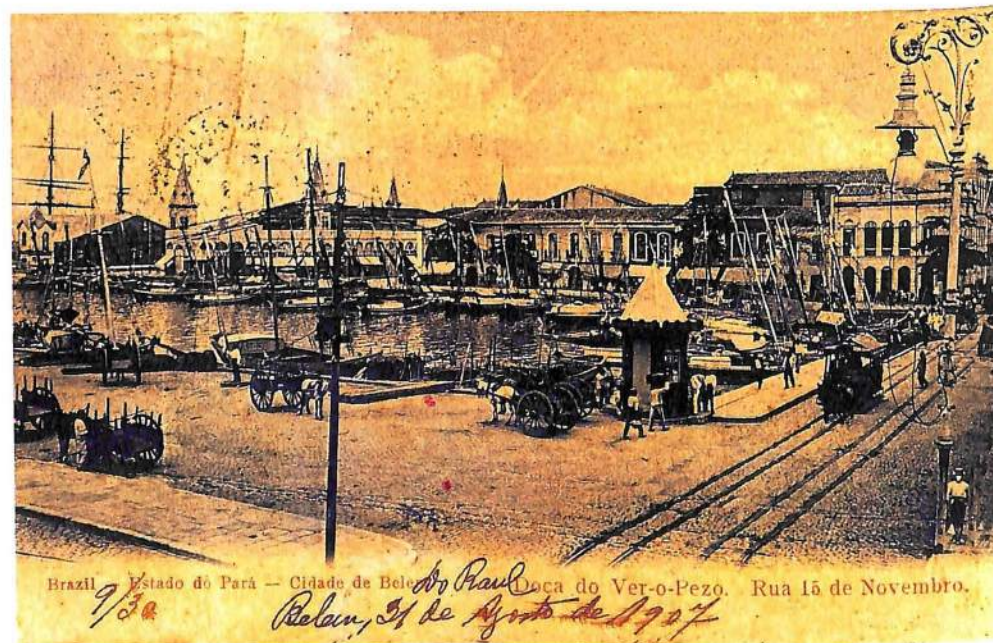


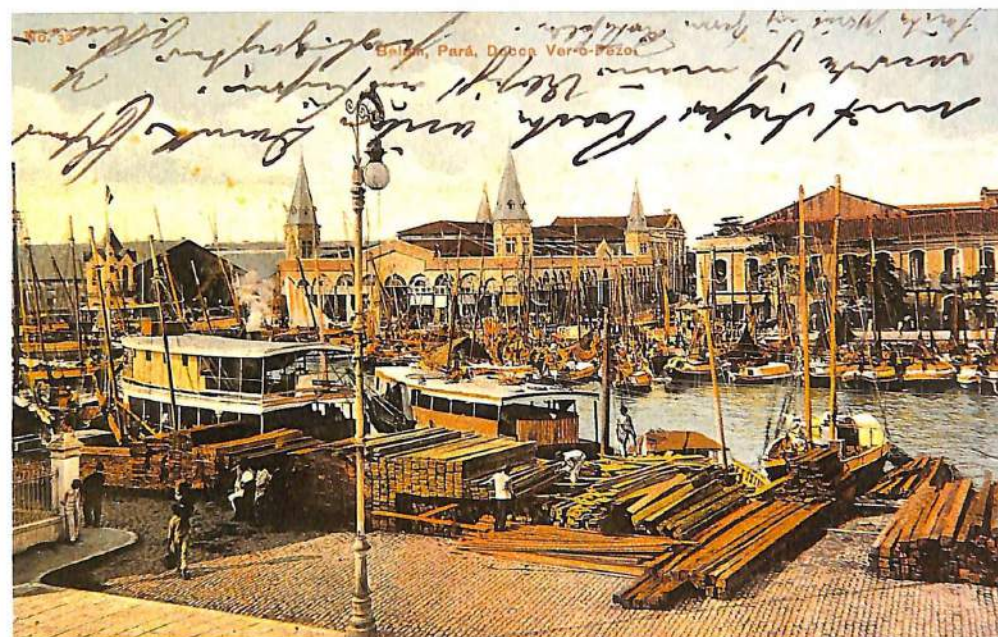
■ Ao fundo, à esquerda, parte do casario da Travessa do Seminário. Ao centro, o antigo Necrotério Público. (VCM)



- A doca, fotografada da Travessa do Seminário. Observam-se os bondes à tração animal que percorriam a Rua 15 de Novembro e um dos quiosques da concessão Bolonha, distribuídos em toda Belém. (MM)

- Foto tomada do alto do casario da Travessa do Seminário. Na lateral direita, a Rua 15 de Novembro. (VCM)

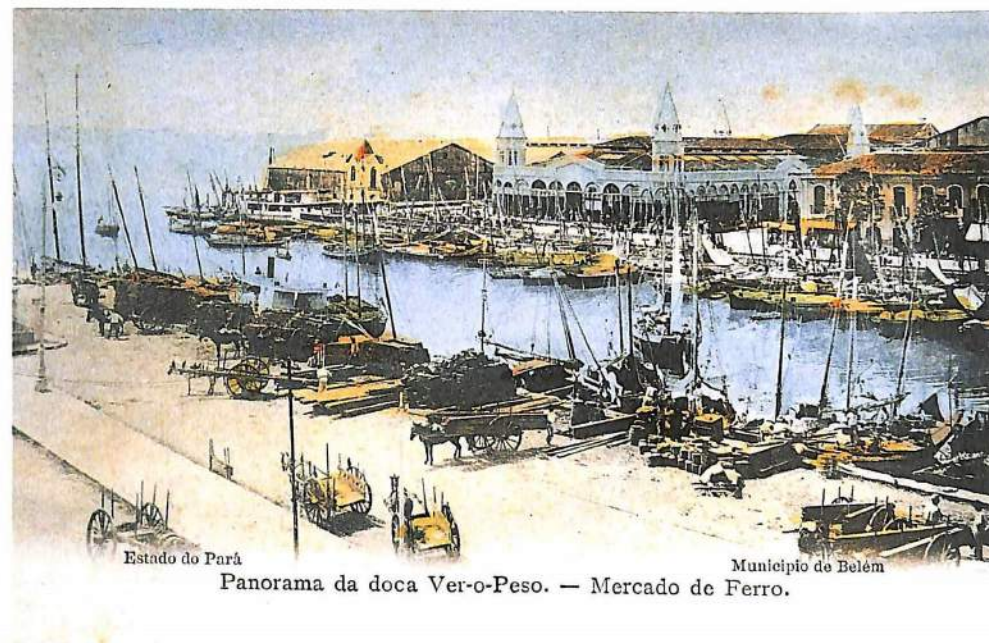




■ Uma visão obtida da Travessa do Seminário em direção à Doca do Ver-o-Peso.
(PCF)



■ Vista da Travessa do Seminário, tendo ao fundo a Doca do Ver-o-Peso, o trapiche Auxiliar do Comércio e o Mercado de Ferro. (VCM)



Estado do Pará

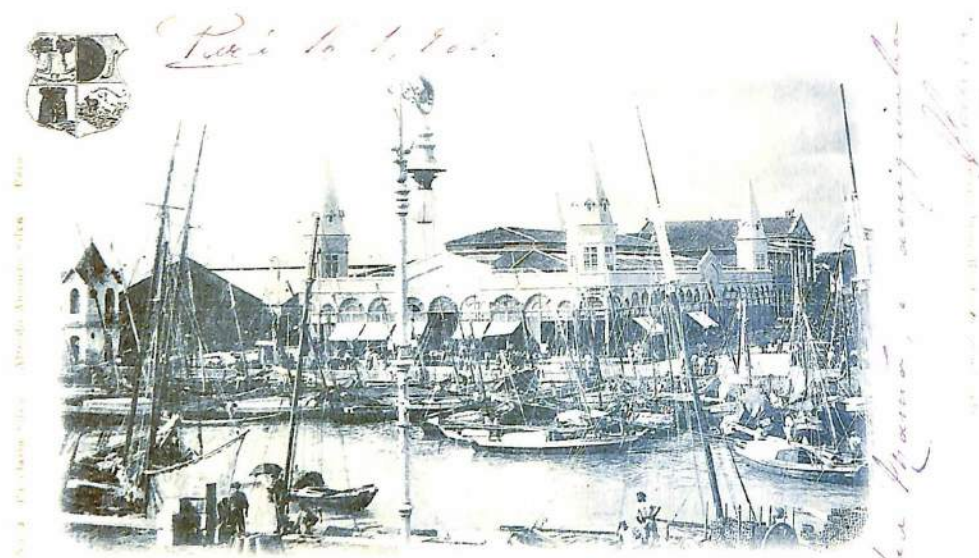
Município de Belém

Panorama da doca Ver-o-Peso. — Mercado de Ferro.



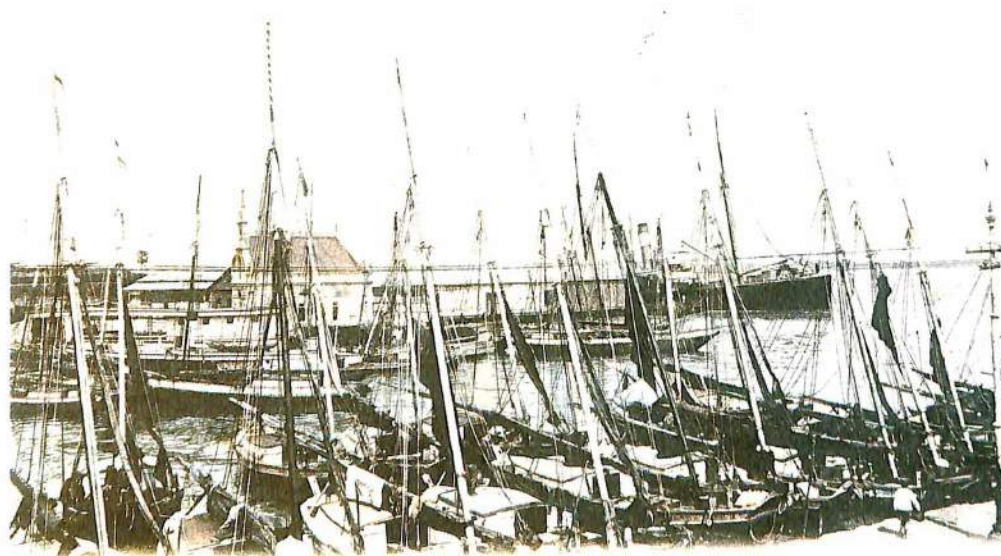
Pará — Ver-o-Peso e Mercado de Ferro

■ Em primeiro plano, a Doca do Ver-o-Peso na vazante; ao fundo, à esquerda, o Mercado de Ferro e, ao centro, uma perspectiva do Boulevard da República. (EOB)



Pará (Brazil) — Mercado de Ferro

■ Vista da Doca onde se vê, da esquerda para a direita, o quiosque-pavilhão, o trapiche Auxiliar do Comércio, o Mercado de Ferro e a antiga Recebedoria de Rendas. (VCM)



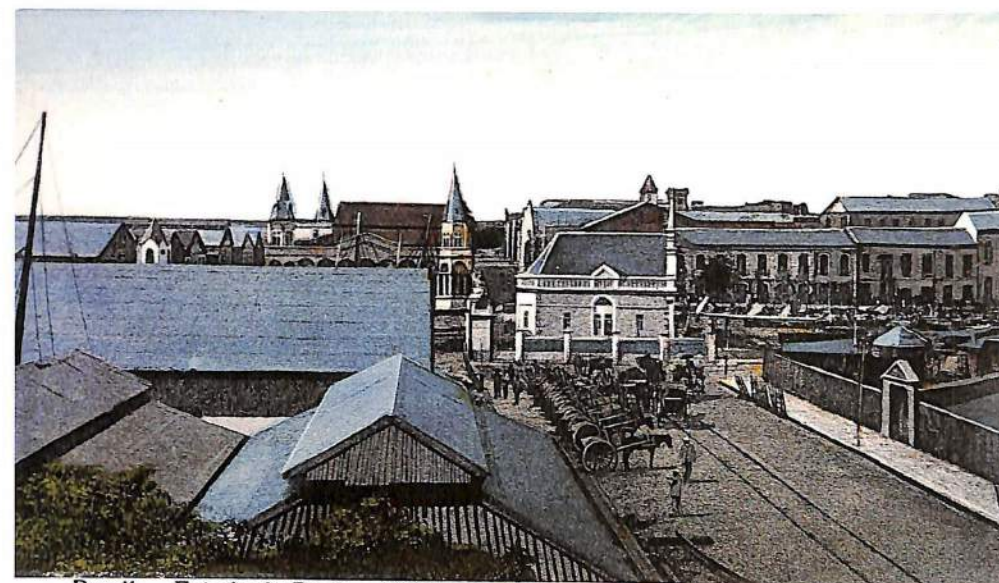
R. F. Oliveira Junior-Pará

Vero-o-pezo e Lloyd Brasileiro — Pará.

■ Visão dos barcos atracados na doca. Ao fundo, o edifício do antigo Necrotério Público, encobrindo parte do trapiche do Lloyd Brasileiro. (Y)



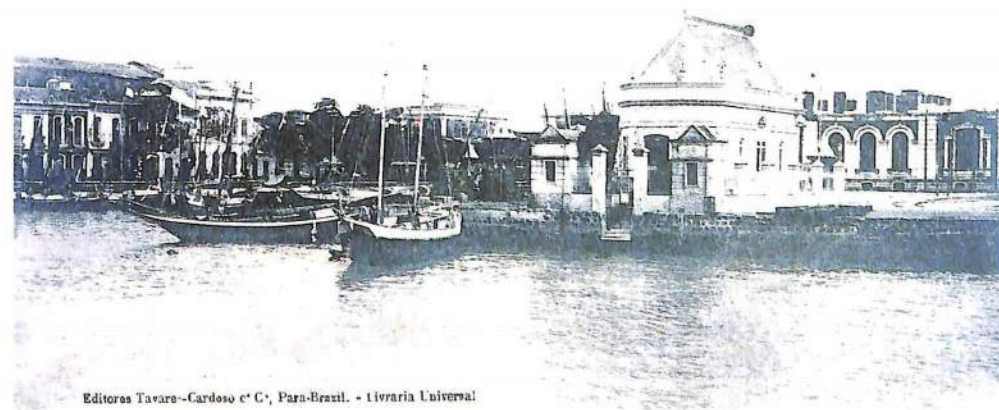
■ Tomada do Ver-o-Peso a partir do Forte do Castelo. Em primeiro plano, à esquerda, parte dos telhados do trapiche do Lloyd e, ao fundo, no centro, a fachada lateral do Necrotério Público. À direita, a área onde hoje se encontra instalada a Feira do Açaí. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Trapiche do Lloyd e Nicroterio

41. - Doca de Ver-o-Peso

■ Foto tomada da Baía do Guajará. Em primeiro plano, os fundos do antigo Necrotério Público, com acesso ao rio para o recebimento de cadáveres que, àquela época, procediam dos navios e das cidades vizinhas. Ao fundo, à direita, o prédio inacabado da Bolsa. (VCM)



Editora Tavares-Cardoso e C., Para-Brasil. - Livraria Universal



■ Foto em que se destaca, em primeiro plano, o Necrotério Público, inaugurado em 1899, pelo senador Antônio Lemos, intendente de Belém. (VCM)

■ Detalhe do antigo necrotério público, hoje bastante alterado em sua fachada original. (PCF)





■ O Porto do Sal, uma área ainda não urbanizada, em fotografia de 1916. Até hoje, apresenta intensa movimentação de embarcações, partindo e chegando dos mais diferentes pontos da região. (VCM)



E. F. Oliveira Junior-Pará

Pará — "Um Trecho da cidade velha."

■ Panorâmica tomada de uma das torres da Catedral da S , em direção à Rua Dr. Assis. Em primeiro plano,   esquerda, parte dos telhados da igreja. Observe-se, ainda, na seqüência da rua, esquina com a Travessa do Carmo (atual Dom Bosco), o Palácio Velho e, mais adiante, o Palacete Pinho, com o seu característico s t o. Mais ao fundo,   esquerda, o prédio do Arsenal de Marinha. (EOB)



E. F. Oliveira Junior-Pará

Pará — Um Trecho da Cidade velha.

■ Vista tomada de uma das torres da Catedral da S , em direção à Rua Dr. Malcher. Em primeiro plano,   direita, parte dos telhados da igreja. Observa-se a convivência da arquitetura colonial, com seus beirais, e, em algumas edificações, as platibandas introduzidas pela gestão Antônio Lemos. (EOB)



■ Vista tomada de uma das torres da Igreja de Sant'Ana, em direção ao Bairro da Cidade Velha. Em primeiro plano, o casario do Bairro do Comércio. Ao fundo, da esquerda para a direita, as torres das igrejas do Carmo, Catedral da S  e Santo Alexandre. Mais distante ainda, vê-se o Rio Guamá, serpenteando a cidade e a Região das Ilhas. (EOB)

■ Vista tomada de uma das torres da Igreja de Sant'Ana, em direção ao Bairro do Comércio. Ao fundo, da esquerda para a direita, destacam-se as torres da Igreja das Merc es e as tradicionais casas comerciais "Bon March " e Casa Carvalhaes. Observe-se que o prédio do "Paris N'América" ainda não havia sido construído. (EOB)





■ Vista aérea em que sobressaem as torres da Igreja das Mercês, Bairro do Comércio. Ao fundo, a Baía do Guajará e a Ilha das Onças. Foto tomada, provavelmente, do alto do "Paris N'América". (EOB)

■ Vista tomada de uma das torres da Igreja de Sant'Ana, em direção ao Bairro do Comércio. Ao fundo, a Baía do Guajará. (EOB)



E. F. Oliveira Junior-Pará

Um trecho de Belem — Pará.



E. F. Oliveira Junior-Pará

Parte da cidade de Belem — Pará.

■ Vista tomada do Reservatório Paes de Carvalho, em direção ao Bairro do Reducto. Ao fundo, à esquerda, um trecho da baía e, à direita, a chaminé da “Pará Elétric”. (EOB)

■ Vista tomada do Reservatório Paes de Carvalho, onde se percebe, à direita, o início da então Travessa 15 de Agosto (hoje Avenida Presidente Vargas). Note-se que ainda não haviam sido construídos o porto e o prédio da “Port of Pará” (hoje Companhia das Docas do Pará - CDP). Ao fundo, um amplo cenário da Baía do Guajará. (HFN)



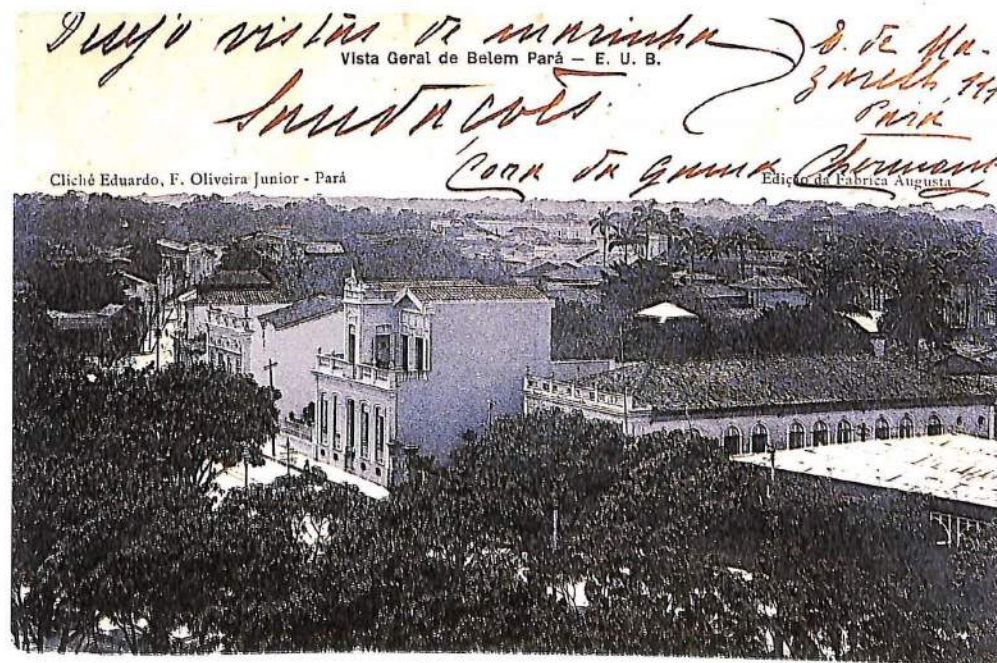
15. - BRAZIL-PARÁ-BELEM. Bahia do Guajará.



Panorama da Cidade - PARÁ - Brazil
BÉLEM

■ Foto tomada da parte posterior e do alto do Theatro da Paz. Em primeiro plano, as mangueiras da Praça da República; na diagonal, a Avenida da República (atual Presidente Vargas), e, na sua continuidade, a Rua da Cruz das Almas (atual Arcipreste Manoel Teodoro). No lugar do casario, no quarteirão em destaque, estão construídos os prédios do Bradesco, Lojas Americanas e Cinema Olímpia. (VCM)

■ Panorâmica tomada do Reservatório Paes de Carvalho, onde se destacam, no canto inferior esquerdo da foto, uma das torres e o Largo da Igreja do Rosário da Campina. (EOB)





2 Para

Panorama (Lado Occidental)

Martins & Araujo, Editores - Para (Brasil)

■ Vista aérea em que se destacam, em primeiro plano, a densa vegetação da Praça da República e, na esquina da Avenida da República (Avenida Presidente Vargas) com a Rua Carlos Gomes, o tradicional Café da Paz. Ao fundo, o bairro do Comércio e a Baía de Guajará. (PCF)



Arilva
Mille Samlaks!
Pará 5-VIII-16



■ Foto tomada de uma das torres da Igreja de Sant'Ana, em direção à Praça da República. Em primeiro plano, à esquerda, o Reservatório Paes de Carvalho, durante a sua montagem. Ao centro e ao fundo, o Theatro da Paz. (VCM)

■ O Igarapé das Almas foi canalizado, a área aterrada, e no local encontra-se construída a Avenida Visconde de Souza Franco. (VCM)



Vista do Igarapé-das-almas — Pará (Brazil)

Edição Campbell Penna — Pará (Brazil)



AVENIDAS
RUAS & TRAVESSAS

RUA CONS^o. JOAO ALFREDO. — PARÁ-BRAZIL.

*Messrs.
E. Darnaud
Pará, 11/11/907
ccc 4168*



AVENIDAS
AV. MARECHAL HERMES



AVENIDAS
AV. MARECHAL HERMES



■ Visão panorâmica da Avenida Marechal Hermes, surgida a partir das obras de aterro para construção do Cais do Porto. Anteriormente, as águas da Baía do Guajará chegavam às proximidades do Convento de Santo Antônio. (Y)



Pará – Comp^a do Amazonas – Boulevard Republica.

E. F. Oliveira Junior-Pará

■ Rua Nova do Imperador, depois Boulevard da República e, a partir de 1930, Boulevard Castilhos França. Na foto, vista das Oficinas da Companhia do Amazonas, antes da construção do novo porto de Belém. Ao fundo, os sobradões na esquina com a Travessa 15 de Agosto - atual Avenida Presidente Vargas. (EOB)



17-3-06

PARÁ PITTORESCO

*Il est si beau laby
Croyez-vous
qu'il y a ici 7 jours
que nous sommes
à Pará sans pouvoir
en démarrer. Et de
ce que nous sommes
frappés sous le ciel.
Enfin nous partons
demain pour arriver
mardi à Maranhão.
Nous avons eu la
chance de descendre
chez d charmantes
Françaises où nous
sommes comme chez
nous. Notre voyage
a été un véritable enchantement nous sommes en bonne santé.
J'espère que vous allez bien aussi que Vincent. A nous vous envoie
tous baisers Maria*

E. U. do Brazil - Boulevard Republica

■ Mesmo trecho do cartão anterior, mas no sentido inverso. A foto foi tomada das imediações do prédio da Alfândega. Note-se, ao fundo, o bonde à tração animal. (MM)

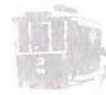


Brazil - Estado do Pará - Cidade de Belem.

*As Paul
Belem, 31 de Agosto de 1907*

Boulevard da Republica.

■ Vista tomada da esquina do Boulervad com a Travessa 15 de Agosto, em direção à Doca do Ver-o-Peso. Em primeiro plano, à esquerda, os casarões azulejados; à direita, área ajardinada onde se localizava a Praça Mauá, hoje Felinto Müller; ao fundo, os armazéns externos da Alfândega. (VCM)



4 — BRAZIL. — PARÁ-BELEM. — *Boulevard da República.* — ND Phot.

■ Após as obras de aterro para a construção do novo porto de Belém, em 1909, surgiram novas áreas urbanizadas. À esquerda, ao fundo, o prédio dos escritórios da “Port of Pará” e, em primeiro plano, ao centro, a Praça Mauá. Parte do casario, à direita, foi demolido para dar lugar ao edifício do Banco Central. (VCM)



Lembrança do Pará.

Boulevard da República.

■ Vista tomada às proximidades da Travessa Frutuoso Guimarães em direção à Doca do Ver-o-Peso, tendo, à esquerda, parte da fachada da Alfândega - antigo Convento dos Mercedários. (VCM)



Pará. Rua da Imperatriz

*Luis yaf'o vanitas
Garcia. seluvonberg*

Serie Sud America 174

■ Ainda que a legenda do cartão identifique a cena como Rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro), na verdade é uma vista do Boulevard da República em direção ao Ver-o-Peso, antes da construção do Mercado de Ferro. Ao fundo, à direita, vêm-se os trapiches e galpões do antigo Cais do Porto. (Y)



■ Duas tomadas semelhantes do Boulevard da República, na altura da Travessa Frutuoso Guimarães e em direção à Doca do Ver-o-Peso. (VCM)

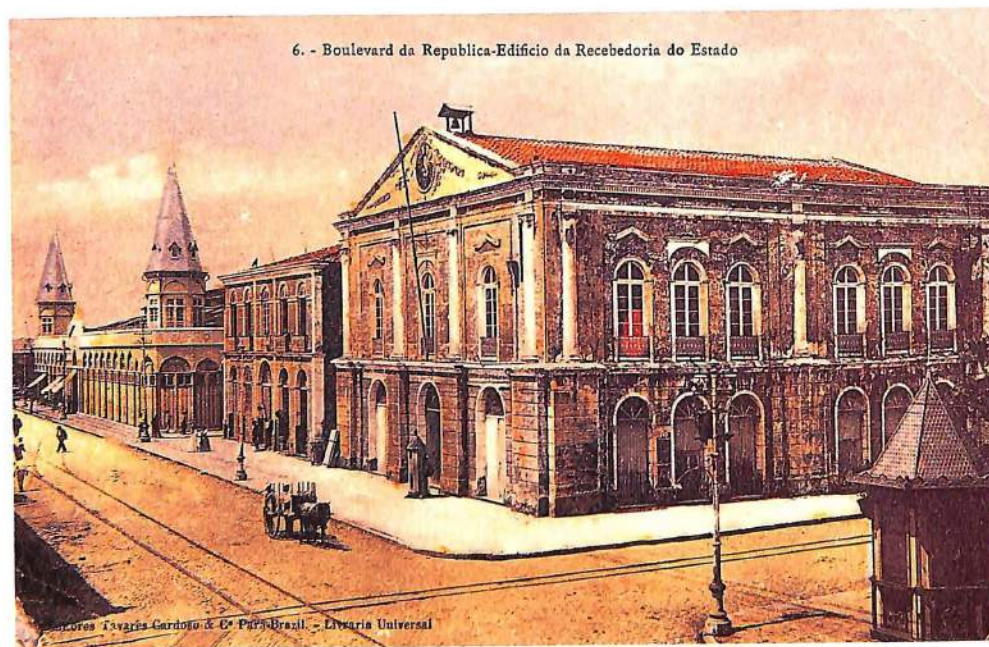




■ Sobre a rua de paralelepípedos do Boulevard, detalhe dos trilhos de bonde que passavam em frente ao prédio da Recebedoria de Rendas, à esquerda. À direita, o Mercado Municipal antes das reformas em que recebeu o segundo pavimento. (Y)

■ Mesmo trecho do cartão anterior, mas no sentido inverso. À direita, em primeiro plano, o prédio da antiga Recebedoria de Rendas, hoje denominado Solar da Beira, assim como um anexo que o complementava, posteriormente demolido. A seguir, o Mercado de Ferro. À esquerda, uma visão da fachada do Mercado Municipal depois da reforma, já apresentando o segundo pavimento. (EOB)





■ Outra visão do trecho do Boulevard da República, onde se localizam o prédio da antiga Recebedoria de Rendas, seu anexo e o Mercado de Ferro. (EOB)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Mercado Municipal.



■ Fachada principal do Mercado Municipal, que ocupa o quarteirão limitado pelo Boulevard, Rua 15 de Novembro e travessas Ocidental e Oriental do Mercado. Construído em 1867, foi reformado em 1908, no governo de Antônio Lemos. Na ocasião, lhe foi acrescentado o 2º pavimento e, no seu interior, montados a escadaria e os pavilhões de ferro pré-fabricados na Inglaterra. (HFN)

■ Vista do Boulevard em que se observa, em primeiro plano, o anexo da Recebedoria de Rendas e, ao fundo, o Mercado de Ferro. (EOB)





Pará (Brasil) — Boulevard da Republica

Livraria Universal de Tavares Cardozo & Ca — Pará

- Tomada da esquina da Doca do Ver-o-Peso. Vê-se, à esquerda, parte da fachada principal do Mercado de Ferro. (VCM)



■ Anteriormente denominada Estrada de São José, a Avenida 16 de Novembro assim passou a se chamar em comemoração à Adesão do Pará à República. Antes desta denominação – 16 de Novembro –, o trecho fotografado da esquina da Rua 15 de Novembro, lateral à Doca do Ver-o-Peso, denominava-se Travessa João Augusto Corrêa, hoje Avenida Portugal. Ao fundo, à direita, parte do prédio da Bolsa. (VCM)

■ Apesar da indicação do postal, a Praça da Independência não é vista na foto. Trata-se de um trecho da Avenida 16 de Novembro (atual Avenida Portugal), fotografado às proximidades da lateral do prédio da Bolsa. À esquerda, parte do Hotel América. (EOB)



AVENIDA 16 DE NOVENBRO. — PARÁ-BRAZIL.

Edição Campbell Penna.

■ Vista da avenida a partir da esquina com a Rua Conselheiro João Alfredo, onde se localizava a parada principal dos bondes elétricos. (VCM)



15.- Avenida 16 de Novembro (parada principal dos bondes eléctricos)

Editores Tavares Cardoso & Cª Pará-Brazil. - Livraria Univer...

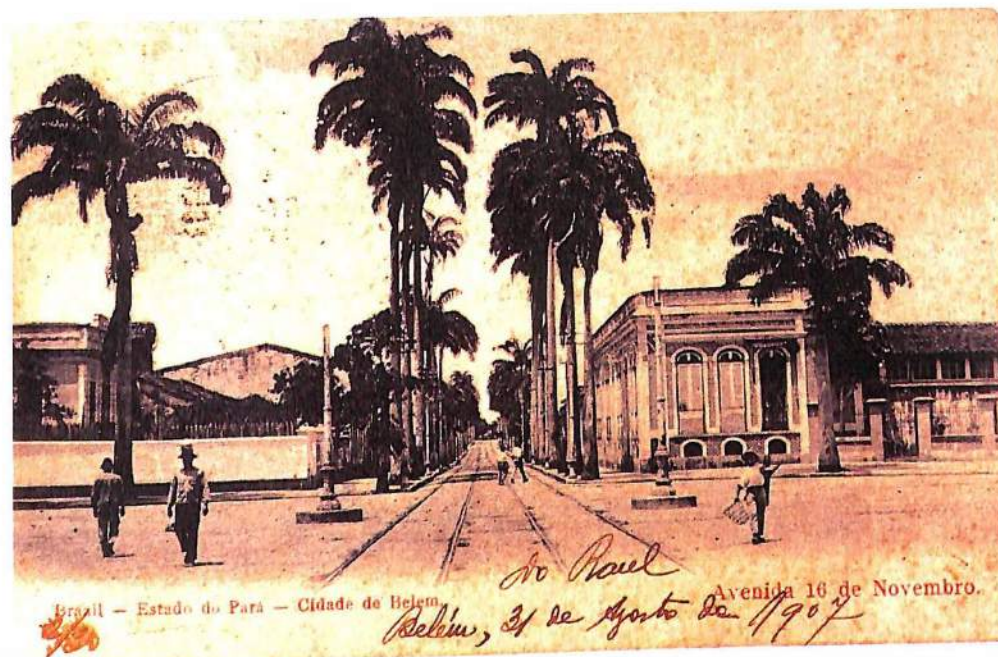


■ Foto tomada no cruzamento com a Rua Conselheiro João Alfredo, mostrando em primeiro plano, à esquerda, a parada dos bondes elétricos e os tradicionais quiosques que se espalhavam pela cidade. Ao fundo, a Praça da Independência - atual Praça D. Pedro II. (VCM)

■ Foto tomada às proximidades da Rua 13 de Maio, em direção ao Largo de São José. Em primeiro plano, à direita, a fachada lateral do Palacete Municipal. (PCF)

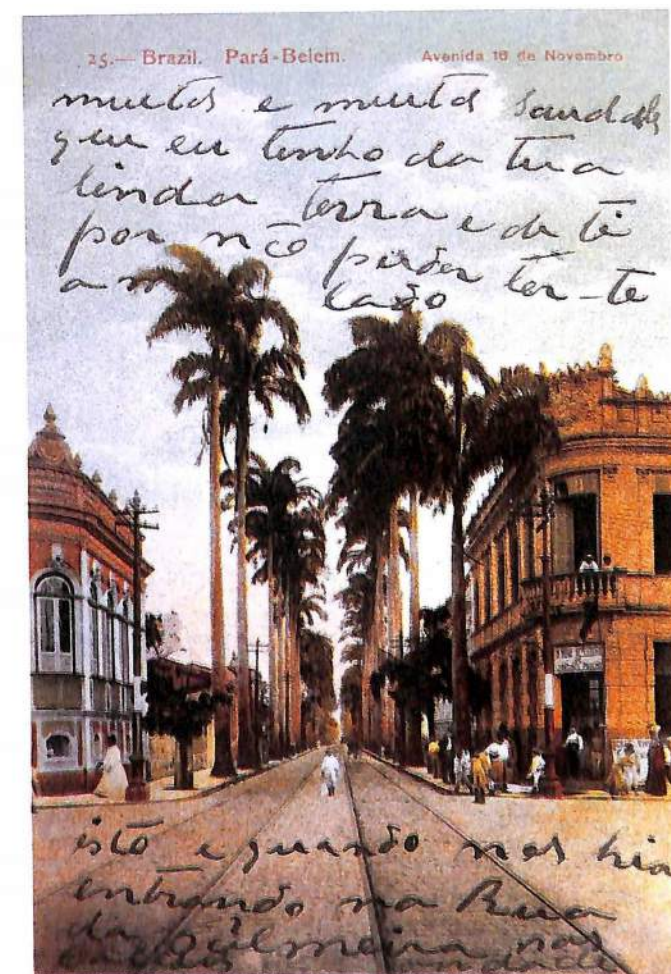


Pará. Avenida 16 de Novembro



■ Na foto de 1907, tomada no eixo do Largo do Redondo em direção à Doca do Ver-o-Peso, observa-se que esse tradicional logradouro também era circundado de palmeiras imperiais. (MM)

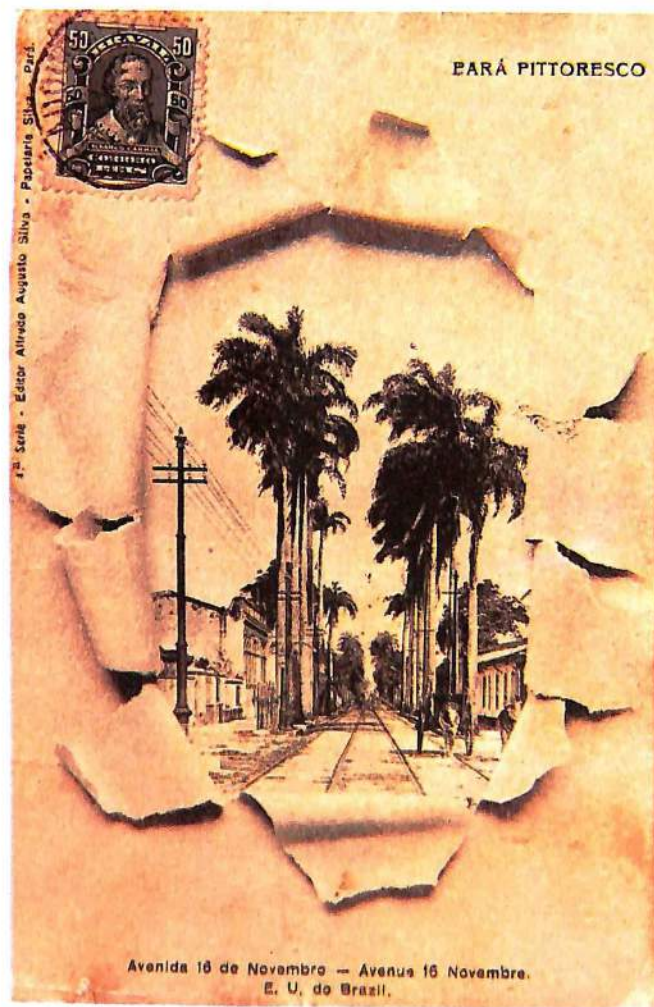
■ Perspectiva da avenida a partir do Largo de São José (atual Praça Amazonas), em direção à Doca do Ver-o-Peso. Note-se que, na época, existia uma densa arborização em palmeiras imperiais em grande parte da artéria. (VCM)



AVENIDAS
AV. 14 DE NOVENBRO



AVENIDAS
AV. 14 DE NOVENBRO



■ Mesma perspectiva do postal anterior, em ângulo mais fechado. (PCF)



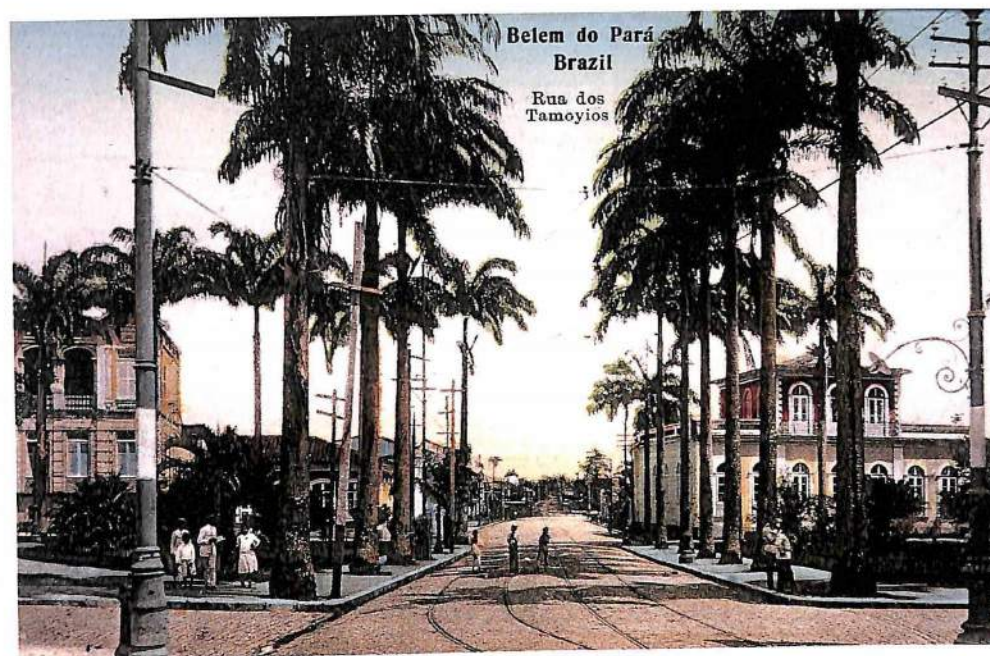
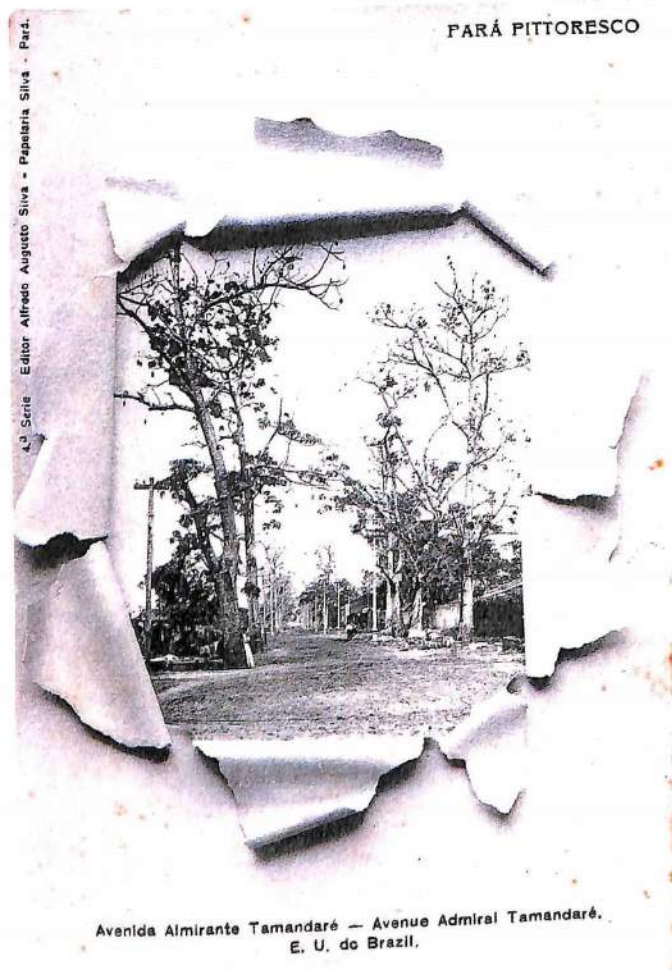
■ Outro trecho da avenida, guarnecido de palmeiras imperiais. (PCF)

AVENIDAS
DE ALMIRANTE TAMANDARÉ



AVENIDAS
AV. ALMIRANTE TAMANDARÉ

■ Inicialmente Estrada do Arsenal, depois Estrada das Mongubeiras e, finalmente, Avenida Almirante Tamandaré, patrono da Marinha de Guerra do Brasil. Na foto de 1912, um trecho da avenida ainda sem urbanização. (VCM)

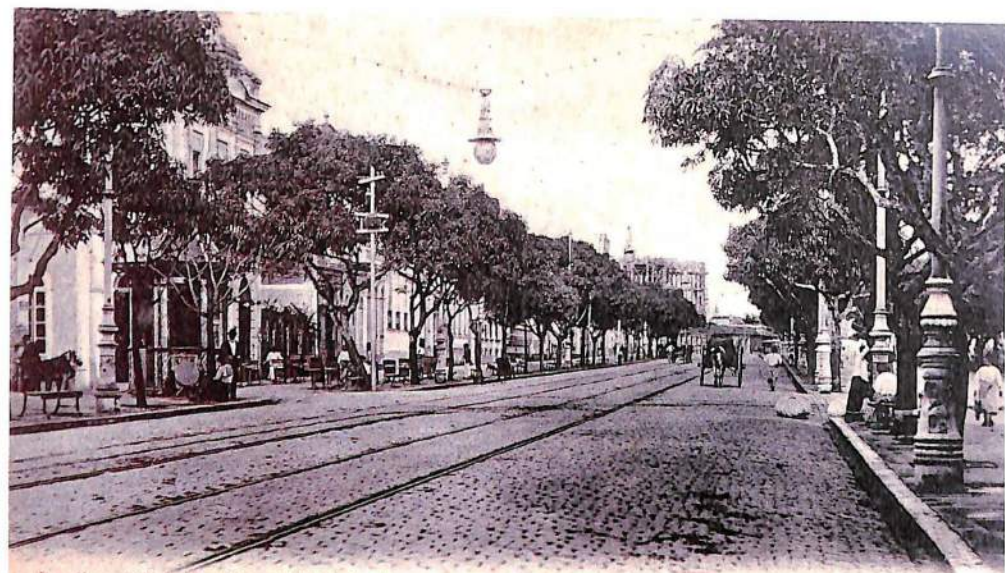


■ A legenda do cartão-postal identifica o logradouro como sendo a Rua dos Tamoyos. Na verdade, trata-se da Avenida Almirante Tamandaré, no trecho (hoje Rua Gama Abreu) que atravessa o Largo da Trindade, na época ornado de palmeiras imperiais. Ao fundo, à direita, a tradicional edificação da Academia de Direito, hoje ocupada pela Ordem dos Advogados do Brasil-Seção Pará. (VCM)

AVENIDAS
AV. DA REPÚBLICA (AV. PRESIDENTE VARGAS)



AVENIDAS
AV. DA REPÚBLICA (AV. PRESIDENTE VARGAS)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.

Um trecho da Avenida da Republica.

Estrada Generalissimo Deodoro nº 145 A

■ Em primeiro plano, a ampla calçada da Praça da República, e, à esquerda, um trecho da avenida. (VCM)



11. 5. 06

Pará (Brasil) — Avenida da Republica

Livraria Universal de Tavares Cardoso & Ca. — Pará

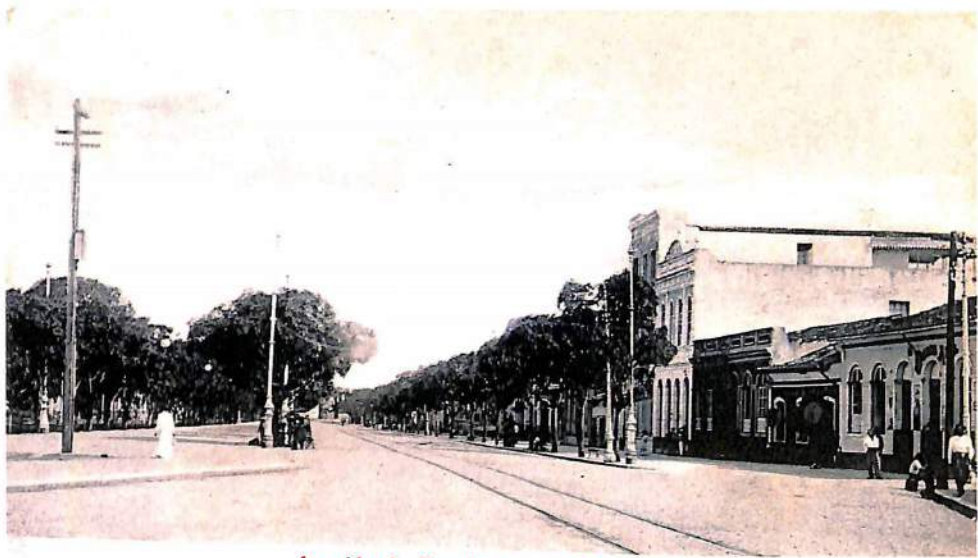
Saudades do amigo
Luiz Carlos de Azevedo



Pará — Avenida da Republica

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará

■ Perspectiva da avenida em direção ao Bairro de Baptista Campos. (Y)



Avenida da Republica — Pará (Brazil)

Edição Campbell Penna — Pará (Brazil)

■ Cruzamento da avenida com a Rua do Riachuelo. O prédio mais alto, à direita, serviu de residência ao maestro Meneleu Campos. À esquerda, a Praça da República. (VCM)

■ Mesmo trecho da foto do cartão anterior, em ângulo mais fechado. (Y)



Avenida Republica.
Pará (Brazil).
Chapman (son) Dormier
Proprietário de V. B. Maria Cruz.



■ O primitivo Caminho do Utinga teve seu nome mudado para Estrada de Nazareth no século XVIII, com as primeiras romarias em louvor a Nossa Senhora de Nazareth. Na foto, perspectiva tomada na esquina da Avenida Serzedelo Correa (primitivamente Rua do Cemitério). Observa-se parte da Praça da República, à esquerda, tendo ao fundo o Grupo Escolar Floriano Peixoto. À direita, em primeiro plano, os prédios, ainda com beiral, foram demolidos posteriormente para dar lugar à tradicional "Casa Outeiro". (PCF)



■ Perspectiva idêntica à do cartão anterior, onde observa-se a arquitetura da Casa Outeiro. (VCM)

■ Vista geral da avenida, tomada na altura da Praça da República. No fundo, à esquerda, o Grupo Escolar Floriano Peixoto, prédio hoje ocupado pela Casa da Linguagem e pelo Conselho Estadual de Cultura. À direita, os dois prédios - o mais alto pertenceu ao dr. Pedro Chermont de Miranda - foram demolidos, juntamente com a "Casa Outeiro" (ver postal acima), para a construção do Edifício Manoel Pinto da Silva. (VCM)



AVENIDAS
DE BELÉMAVENIDAS
DE BELÉM

Belém do Pará — Brazil

Redação d' "A Província do Pará"



■ Início da Avenida de Nazareth, na Praça da República, tendo ao fundo o prédio da redação do jornal "A Província do Pará". (VCM)

■ Antigo prédio de "A Província do Pará". Incendiado em 1912, o edifício teve suas linhas externas fielmente reconstituídas. Localizado à esquina da Praça da República com a Avenida Serzedelo Correa, abrigou mais tarde o Grupo Escolar Arthur Bernardes, a Escola Normal e, atualmente, o Instituto de Educação do Pará - IEP. (VCM)

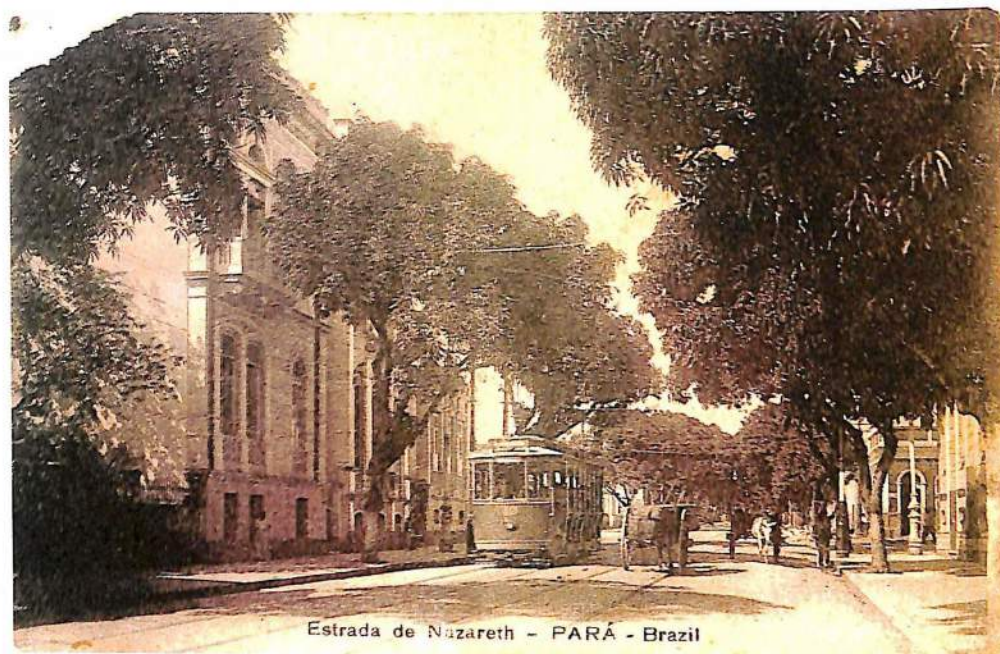




■ Trecho da avenida às proximidades da Travessa Dr. Moraes. Na esquina, à direita, em primeiro plano, parte do Palacete Faciola, até hoje existente. (VCM)



Pará (Brasil) — Avenida de Nazareth



Estrada de Nazareth - PARÁ - Brazil

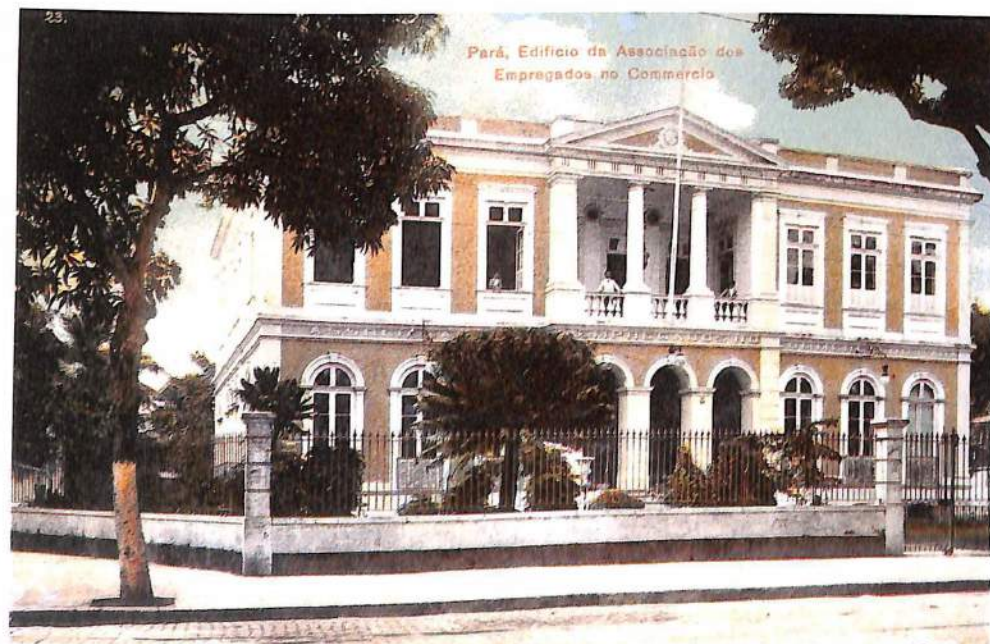
■ Tomada do cruzamento da avenida com a Travessa Benjamin Constant, em direção à Praça da República. Note-se que, na esquina, à esquerda, existia um chalet avarandado de dois pavimentos (rocinha), onde hoje se encontra construído o conjunto residencial Reis Magos. À direita, as demolições deram lugar ao Edifício Celestino Rocha. (HFN)



BRAZIL. PARÁ-BELEM. Avenida de Nazareth.



■ Cruzamento da Avenida de Nazareth com a Travessa Quintino Bocayúva. À esquerda, observa-se o prédio do antigo Solar do Barão de Guamá. (VCM)



■ Vista do prédio do antigo Solar do Barão de Guamá. Construído no final do século passado, em estilo "Império Brasileiro", lançado no país pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny, o edifício abrigou o escritório da Companhia de Eletricidade Paraense. Hoje, é ocupado pela Companhia de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Belém - Codem. (Y)



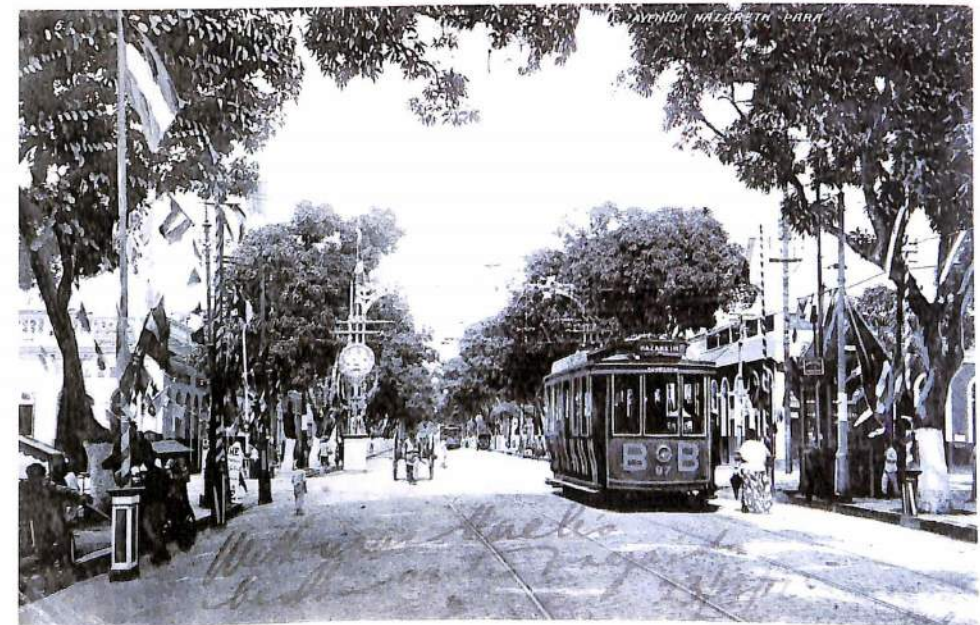
■ Trecho da avenida em foto tomada, provavelmente, às proximidades do Largo da Memória (atual Infante D. Henrique), em direção à Praça Dr. Justo Chermont. (VCM)

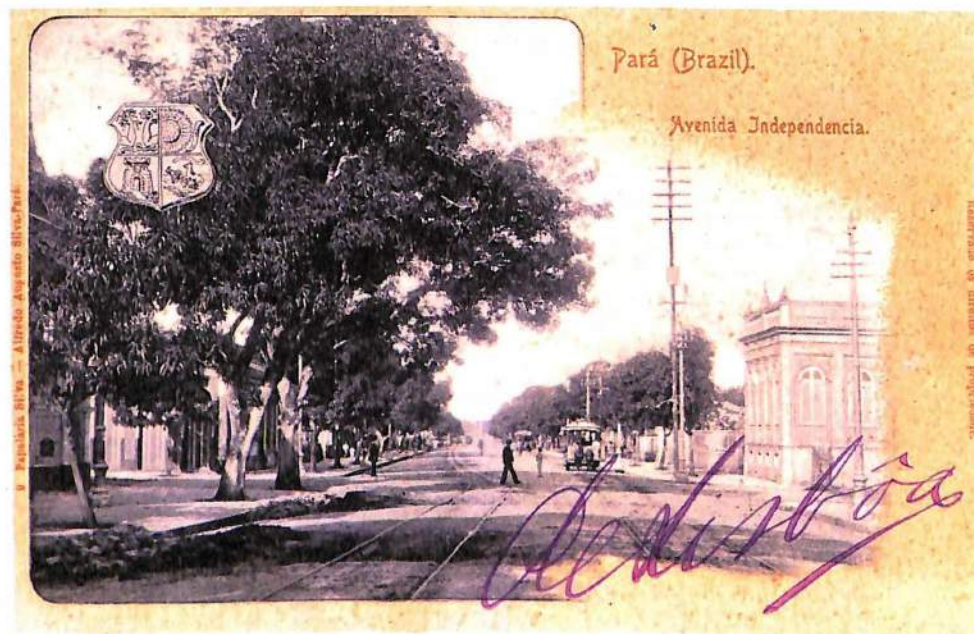


ESTRADA DE NAZARETH. — PARA-BRAZIL.

Edição Camille Penna.

■ Na foto, o cruzamento com a Avenida Generalíssimo Deodoro. À esquerda, em primeiro plano, pequeno trecho da Praça Dr. Justo Chermont. Ao fundo e ao centro, vê-se o tradicional arco armado para os festejos do Círio. (VCM)



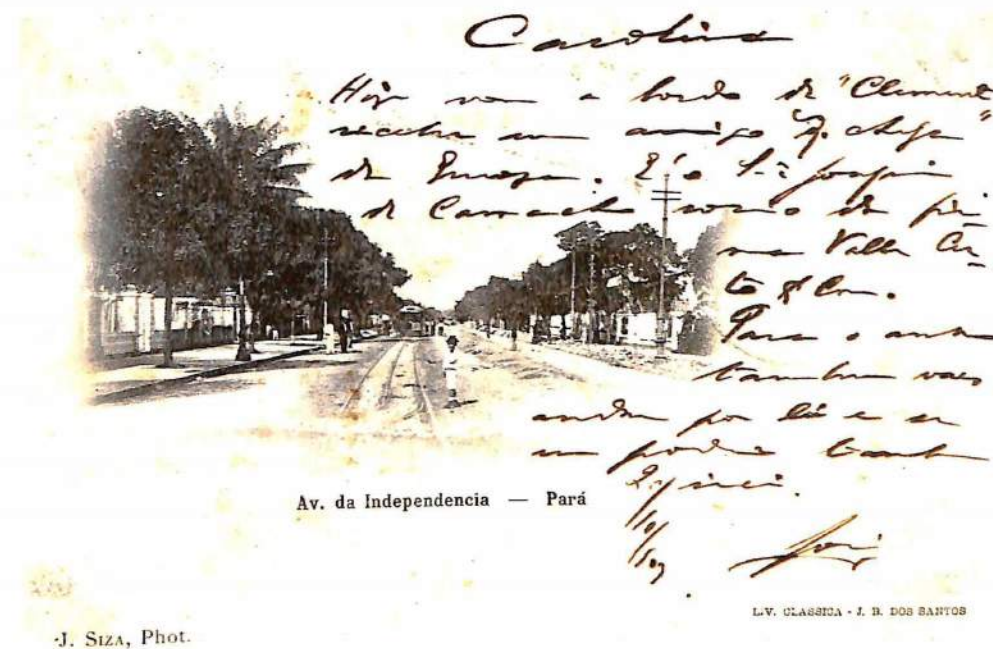


■ Anteriormente denominada Estrada do Utinga, a avenida teve seu nome mudado em homenagem à Independência do Brasil. Depois, passou a Avenida Cipriano Santos e, atualmente, Magalhães Barata. Foto tomada na altura da Travessa 14 de Março, em direção à Praça Floriano Peixoto. À direita, em destaque, residência da família Alvarez de Castro, hoje demolida. (HFN)

AVENIDAS
AV. DA INDEPENDÊNCIA (AV. MARANHÃO) - PARÁ



AVENIDAS
AV. DA INDEPENDÊNCIA (AV. MARANHÃO) - PARÁ



■ Vista de outro trecho da avenida em que se observa, tanto quanto na foto do postal anterior, que ainda não havia sido construído o passeio central. Vêem-se, também, os primitivos bondes à tração animal. (VCM)



E. U. do Brazil — Avenida Independência

PARÁ PITTORESCO

Para.
 Saudades recordações
 e esperança d'um abraço
 refresco. Pará, 17/10/06
 L. B.

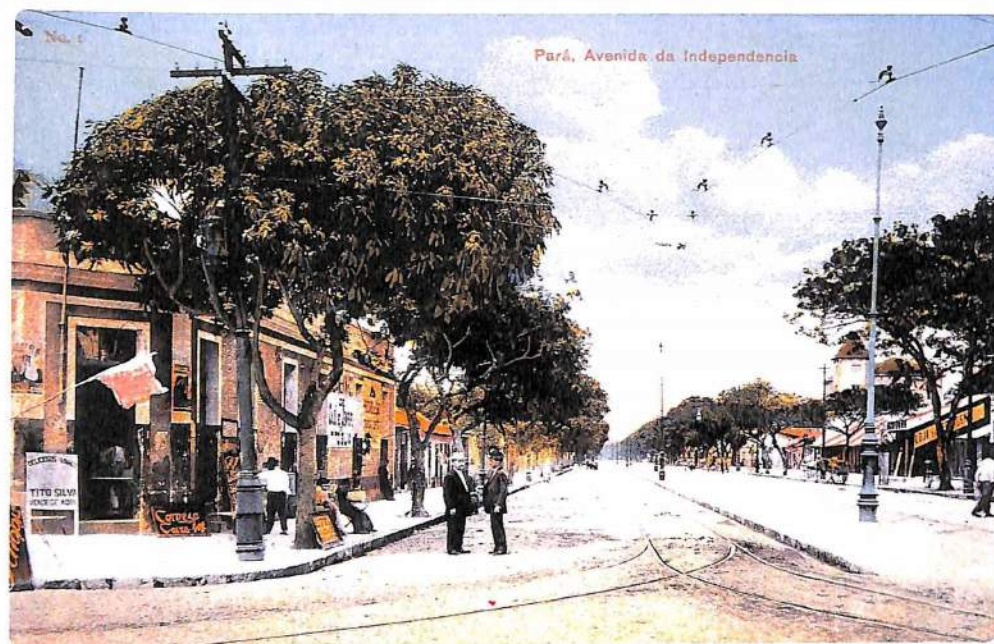
■ Foto tomada em frente ao mercado da Vila Teta, em direção à Praça Floriano Peixoto. Em primeiro plano, à direita, o Museu Paraense Emílio Goeldi. Observe-se que, nessa ocasião, já existia o passeio central dividindo a avenida. (VCM)



Pará — Avenida da Independência

■ Trecho localizado entre as travessas 3 de Maio e 9 de Janeiro. (EOB)



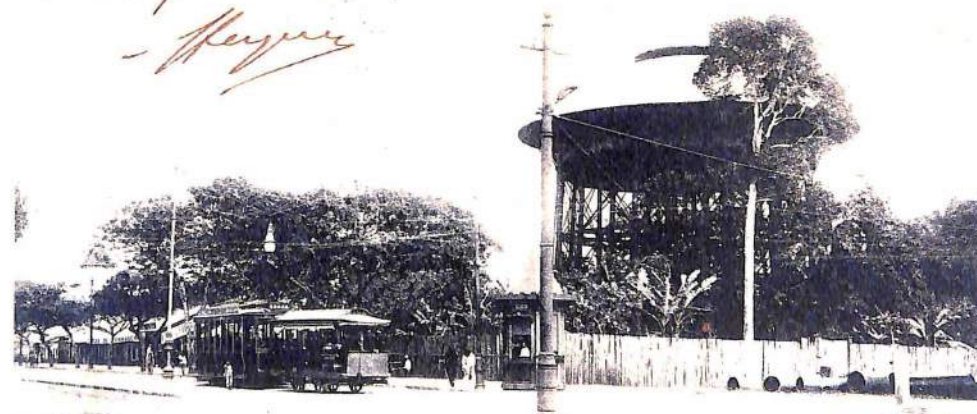


■ Foto tomada na confluência com a Travessa de José Bonifácio, em direção à Praça Dr. Justo Chermont. (EOB)

■ Vista de outro ângulo da avenida, tomada da Praça Floriano Peixoto, onde se observa, à direita, o reservatório d'água em ferro, até hoje em funcionamento. Foi montado no final do século passado, com material importado da Inglaterra. (VCM)

57. - Avenida da Independência - Reservatório d'água

Para 17 maio 1916!
- Feyjue





Pará — Avenida S. Jerônimo

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ Primitivamente chamada Estrada do “Paul d’Agua”, depois Estrada e Avenida São Jerônimo, é hoje denominada Avenida Governador José Malcher. Vista do cruzamento com a Avenida Generalíssimo Deodoro. À esquerda, antigo palacete do Dr. Augusto Montenegro, onde hoje se encontra instalado o Museu da Universidade Federal do Pará - UFPA. (HFN)



Pará — Estrada S. Jerônimo

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará

■ Mesmo trecho do postal anterior em ângulo mais aproximado. (EOB)

AVENIDAS
AV. JOSEJOSEPHO (AV. GOVERNADOR JOSE MALCHER)



AVENIDAS
AV. JOSEJOSEPHO (AV. GOVERNADOR JOSE MALCHER)



le 24/6/1900
Estrada S. Jeronymo.
Lembrança do Para. Chère souvenir
d'après que tu aurais regu mon petit
cadeau et que'il t'aura plu, c'est
moi vite, Bous gros baisers de ton

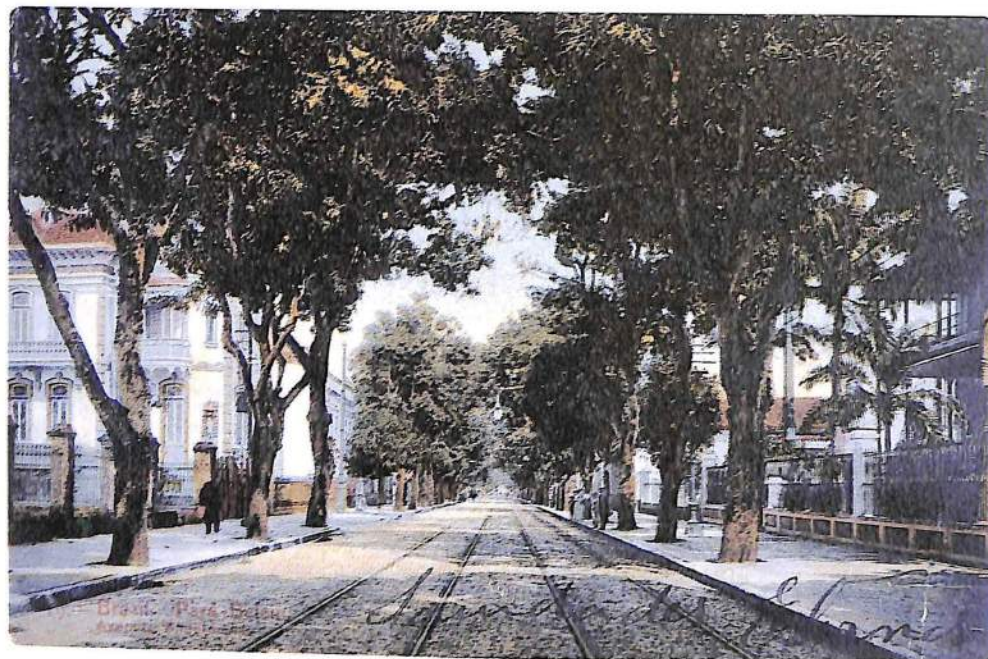
■ Vista da avenida na altura da Travessa D. Romualdo de Seixas. À direita, o Palacete Cássio Reis, já demolido. (VCM)

■ Foto de um trecho da avenida (na legenda do postal ainda chamada de estrada), tomada em frente à Travessa da Estaçãozinha (atual Joaquim Nabuco), em direção à Praça da República. Na época, ainda não havia sido construído o Palacete Bibi Costa. (JMS)



Parã — Avenida S. Jeronymo

Livraria Universal — Tacares Cardoso & Cia. — Parã



■ À direita, parte das varandas do Palacete Cássio Reis e, à esquerda, o Palacete Bibi Costa. (VCM)



■ Outro ângulo do Palacete Bibi Costa. (HFN)

Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Estrada de S. Jeronimo
(casa onde esteve hospedado S. Ex: o Presidente da Republica — Dr. Affonso Penna)



Estado do Pará

Um trecho da avenida São Jeronymo.

Município de Belém

■ Cruzamento da avenida com a Travessa Ruy Barbosa. À direita, sobrado de três pavimentos que pertenceu ao Dr. Deodoro de Mendonça e que hoje abriga a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. (VCM)



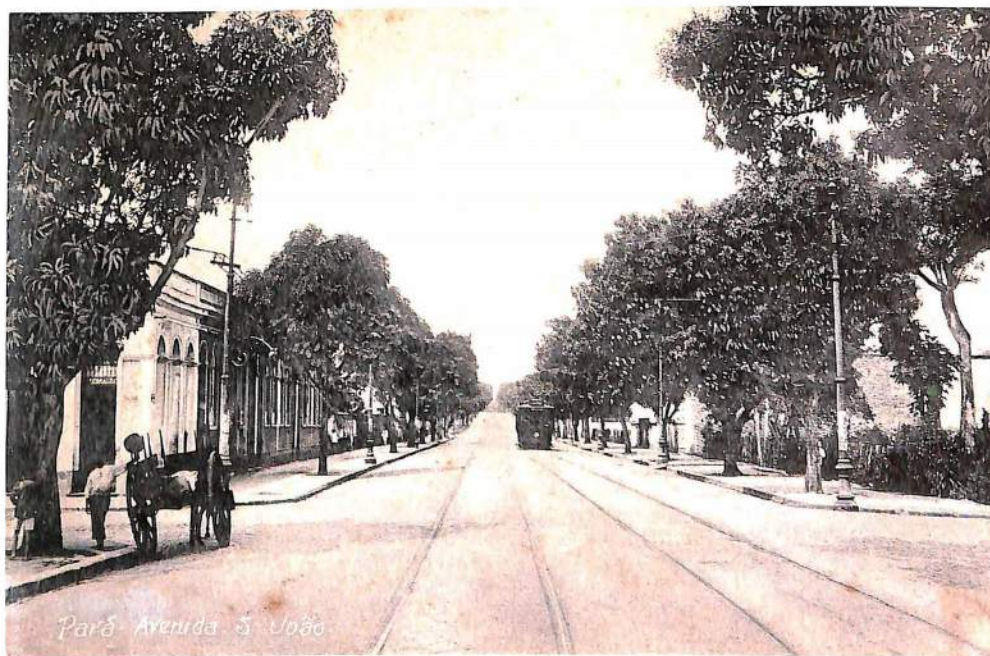
■ Anteriormente chamada de Estrada Dois de Dezembro, data natalícia do Imperador D. Pedro II, passou a ser denominada Avenida Generalíssimo Deodoro em homenagem ao proclamador da República. Trecho situado entre as avenidas de Nazareth e São Jerônimo, em direção ao Bairro do Umarizal. (AM)

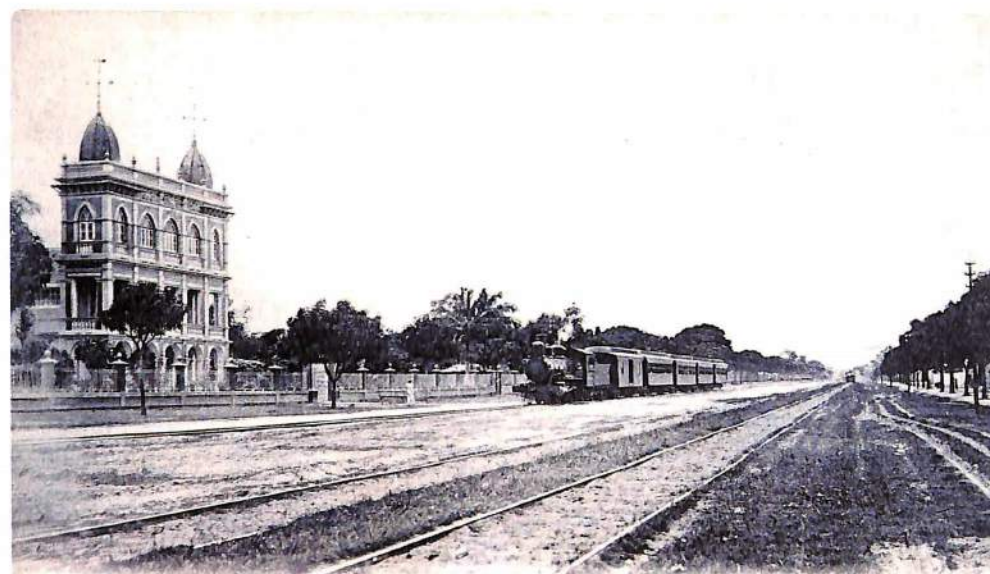


■ Primitivamente chamada de Avenida 22 de Junho, data comemorativa da promulgação da Constituição Política do Pará (1891), é hoje denominada Alcindo Cacela, em homenagem ao advogado e antigo prefeito de Belém. Perspectiva tomada no cruzamento com a Avenida Gentil Bittencourt, em direção ao Bairro da Cremação. (VCM)



■ Anteriormente denominada Avenida São João, depois 1º de Maio, passou a se chamar Senador Lemos em homenagem ao intendente Antônio José de Lemos, que governou Belém de 1898 a 1911. Na foto, trecho localizado, provavelmente, entre as travessas de D. Januária (atual Avenida Almirante Wandenkolk) e D. Romualdo de Seixas. (VCM)

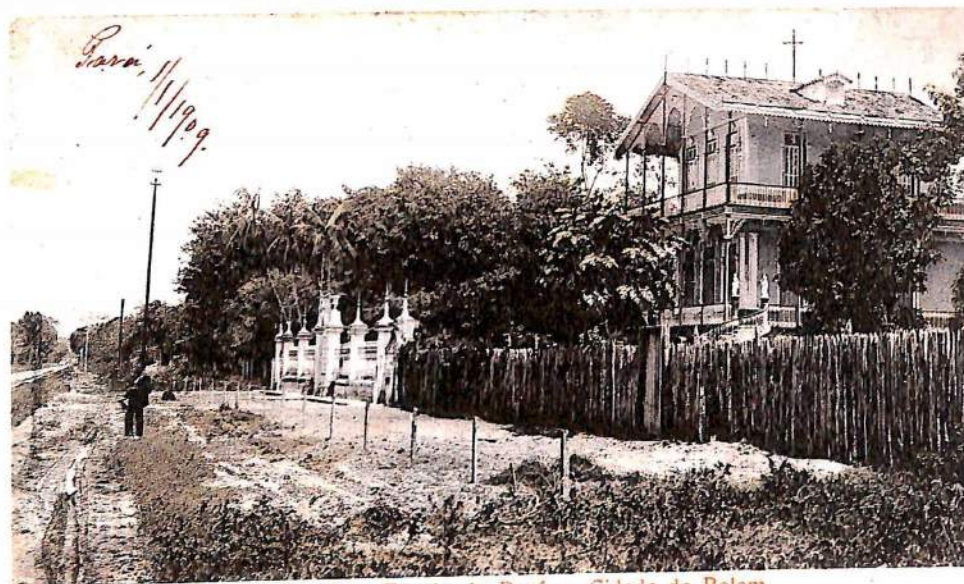




Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.

Avenida Tito Franco.

■ Anteriormente chamada Estrada de Bragança, teve seu nome modificado para Avenida Tito Franco, em homenagem ao jornalista e deputado paraense. Hoje é denominada Almirante Barroso. Na foto de 1907, vê-se o trecho onde se erguia a edificação da primeira Escola de Agronomia do Pará. Ao centro, o trem da Estrada de Ferro de Bragança a caminho da estação no Entroncamento. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém
 Estrada de Ferro de Bragança (um chalet)

■ Construção típica nessa avenida, normalmente utilizada, pelas tradicionais famílias de Belém, como casa de veraneio. (VCM)



■ Denominada Rua da Calçada do Colégio, em referência à localização do Colégio dos Jesuítas (originário do século XVII), a rua, posteriormente, passou a chamar-se Padre Champagnat. Foto tomada da altura da Travessa do Seminário (atual Marquês de Pombal), em direção à Praça Frei Caetano Brandão. À esquerda, a Praça da Independência (atual D. Pedro II), e, ao fundo, uma das torres da Igreja de Santo Alexandre. (JMS)



Mr. J. L. Lamas
Luzania H. Lamas
Caixa 618
Rio de Janeiro

30 30 Edição da Associação Alameda Pará



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Rua 15 de Novembro

■ Foi chamada, inicialmente, de Rua da Praia, da Boa Vista e da Imperatriz. Depois, teve seu nome mudado para 15 de Novembro, em comemoração à data da proclamação da República. Foto tomada em direção ao início da rua, a partir da Doca do Ver-o-Peso. À direita, o prédio da Bolsa - hoje inexistente. (EOB)

■ Fachada posterior do Mercado Municipal, voltada para a Rua 15 de Novembro. Ao fundo, a Igreja das Mercês. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem
Mercado Municipal



■ Ainda que a legenda do cartão indique a Rua Conselheiro João Alfredo, trata-se do cruzamento da Avenida 15 de Novembro com a Travessa São Matheus (atual Padre Eutíquio), em direção à Doca do Ver-o-Peso. Em primeiro plano, à direita, prédio onde funcionou o Telégrafo Nacional. (EOB)

■ Vista tomada da altura da Travessa Campos Salles em direção à Doca do Ver-o-Peso. (VCM)



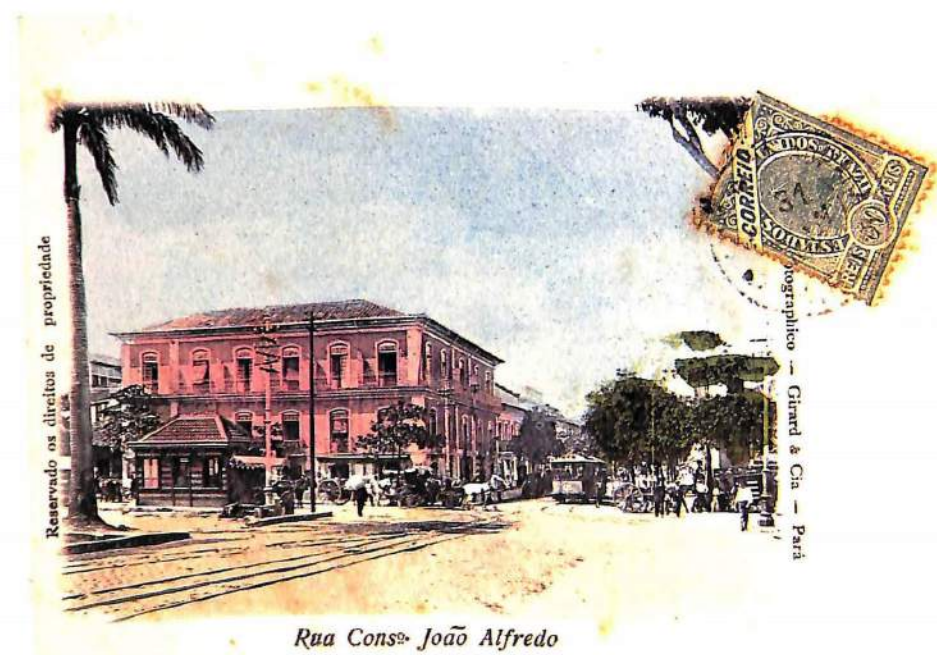


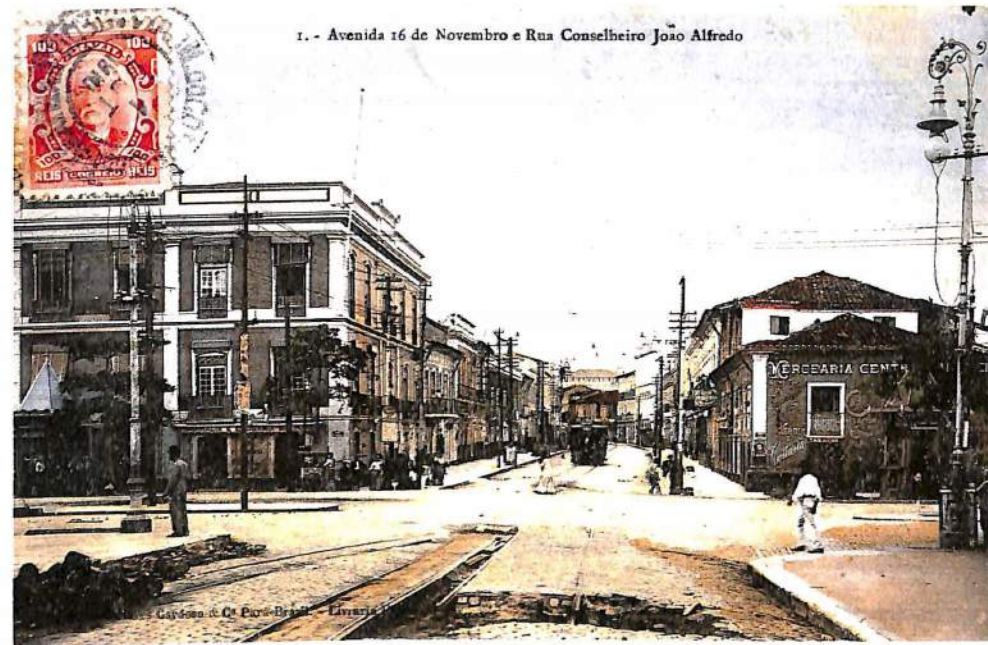
■ Esquina da Travessa Frutuoso Guimarães em direção à Doca do Ver-o-Peso. Ao fundo, à direita, o edifício do London Bank, com seu característico mirante. (VCM)



■ A rua foi chamada, inicialmente, de Rua dos Mercadores, posteriormente da Cadeia e, finalmente, João Alfredo, em homenagem ao presidente da Província do Pará de 1869 a 1870. Na foto, o início da artéria no seu cruzamento com a Avenida 16 de Novembro (trecho que corresponde hoje à Avenida Portugal). À esquerda, na esquina da rua, o prédio do Hotel América, que hoje abriga as "Casas Pernambucanas". (VCM)

■ Outra visão do cruzamento com a Avenida 16 de Novembro, tomada da Praça da Independência (atual Praça D. Pedro II). À esquerda, em destaque, o Hotel América. (PCF)





■ O mesmo trecho da rua em plano mais aberto. Note-se que o prédio do Hotel América não apresentava mais o beiral que possuía quando da foto do postal anterior, por exigência do Código de Polícia Municipal, estabelecido pelo intendente Antônio Lemos. O objetivo era evitar que as águas da chuva caíssem diretamente sobre as calçadas, daí o surgimento das platibandas nas fachadas de Belém. À direita a Merceria Centro Comercial, local em que se ergueu, posteriormente o prédio da Livraria Conte. (Y)



■ Ainda o mesmo trecho dos postais anteriores, agora com a presença, à direita, de parte do prédio hoje ocupado pela Livraria Conte. (Y)



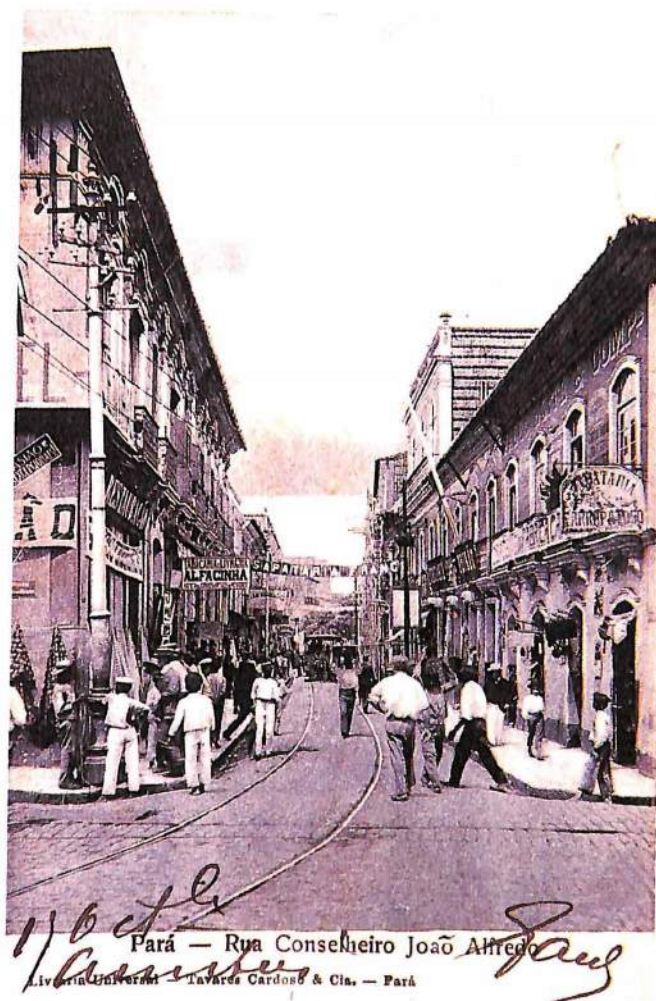
■ Trecho compreendido entre as travessas 7 de Setembro e São Matheus (atual Travessa Padre Eutíquio). Fotografia tomada em direção à Praça Visconde do Rio Branco. No centro, e da esquerda para a direita, os prédios mais altos que abrigaram o Banco do Pará e a Livraria Universal. Ambos ainda se encontram no local, mas transformados em lojas de venda de tecidos e confecções. (VCM)

■ Vista do mesmo trecho da foto anterior, mas em sentido contrário. Ao fundo, da esquerda para a direita, avistam-se as torres da Catedral da Sé e Igreja de Santo Alexandre. (EOB)





■ Esquina da Rua Conselheiro João Alfredo com a Travessa Frutuoso Guimarães. Em primeiro plano, à esquerda, trecho de um prédio atribuído ao arquiteto Antonio José Landi. Observe-se a placa da Livraria Alfacinha, uma das mais afamadas casas de impressão e comercialização de cartões postais. (MM)



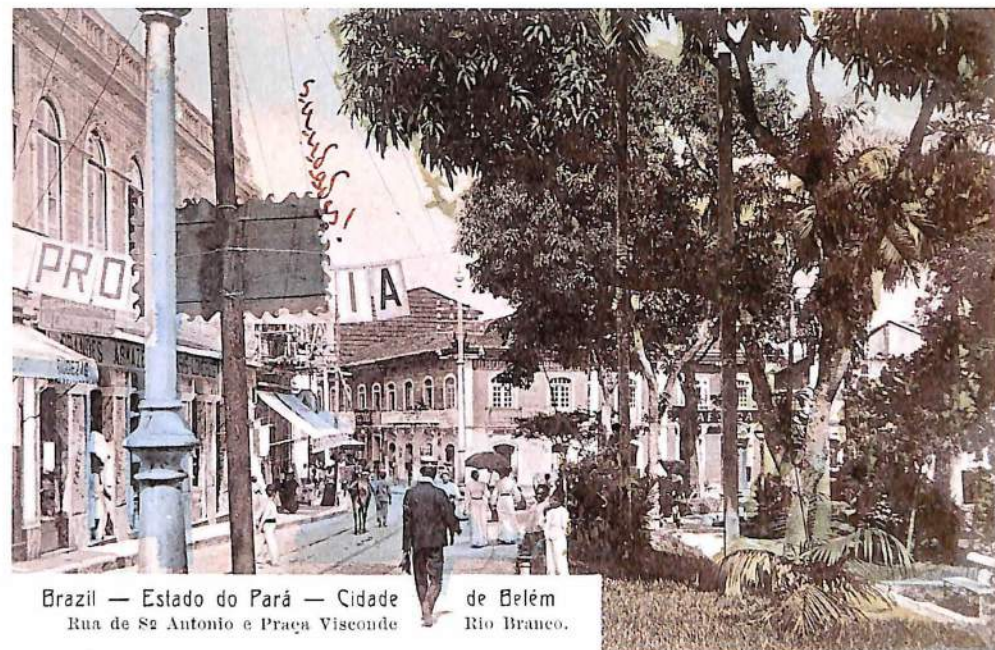
■ Mesmo trecho do cartão anterior, em plano mais aberto e ângulo mais central em relação à rua. (PCF)



■ Tradicional caminho que levava ao Convento de Santo Antônio (edificado no século XVIII, pelos capuchos da Ordem de Santo Antônio de Lisboa), a rua teve, posteriormente, os nomes de Santa Maria da Penha de França e Presidente Wilson, para depois retornar à sua primitiva denominação. A foto foi tomada da esquina com o antigo Largo da Misericórdia (atual Praça Barão do Guajará), em direção ao convento, que aparece ao fundo. Em primeiro plano, à direita, construção anterior ao prédio do “Paris N’América” e, à esquerda, na esquina da Rua Leão XIII, a que antecedeu a Casa Carvalhaes. Observe-se que a totalidade das edificações ainda apresenta beirais. (JMS)

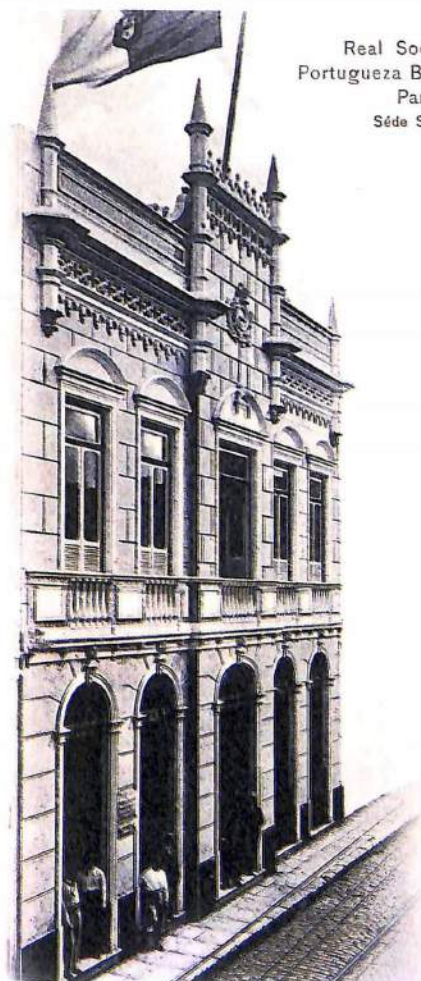


■ Rua de Santo Antônio, tendo à direita a Praça Visconde de Rio Branco e, ao fundo, na esquina com a Travessa Frutuoso Guimarães, o prédio da Sapataria Carrapatoso. (Y)



■ Trecho da rua no cruzamento com a Travessa Frutuoso Guimarães, em que se avista, em primeiro plano, à esquerda, parte da Praça Visconde do Rio Branco, e, ao fundo, a tradicional loja "Paris N'América", com seu característico mirante. (AM)

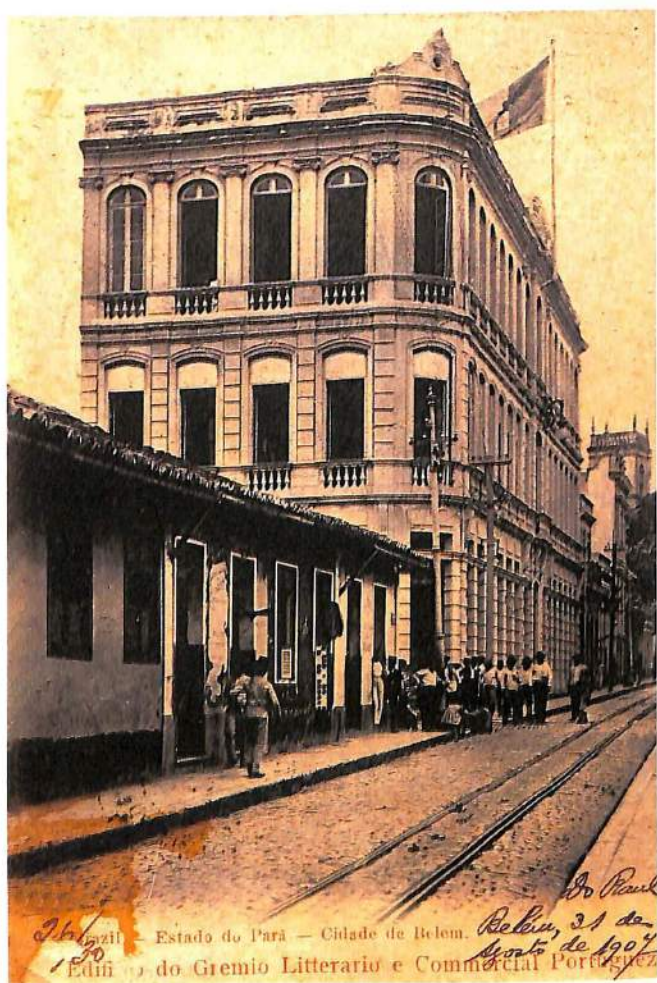




Real Sociedade
Portuguesa Beneficente.
Pará.
Séde Social.

■ Anteriormente denominada de Rua do Paixão, depois Rua Formosa, passou a se chamar 13 de Maio em referência à data da libertação dos escravos. Na foto, destaque para a sede social da Real Sociedade Portuguesa Beneficente, situada entre a Avenida 16 de Novembro (trecho da atual Avenida Portugal) e Travessa 7 de Setembro. (VCM)

■ A antiga artéria (atual Rua Senador Manoel Barata), na altura da Travessa Fructuoso Guimarães. Na esquina, o prédio do Grêmio Literário e Comercial Português. Ao fundo, uma das torres da Igreja de Sant'Ana. (MM)



■ Mesmo trecho da foto do postal anterior, em sentido contrário. Em primeiro plano, à direita, o sobrado em que residiu o historiador e geógrafo Antônio Ladislau Monteiro Baena. Ao centro, o Edifício do Grêmio Literário Português. (OC)



■ Anteriormente denominada Travessa do Passinho, devido à capela dos Passos ali localizada - durante a Semana Santa a mesma servia aos atos religiosos -, posteriormente a travessa mudou de nome em homenagem a Manuel Ferraz de Campos Salles, presidente da República de 1898 a 1902. Na foto, tomada da esquina da Rua Conselheiro João Alfredo, vê-se, em primeiro plano à esquerda, a Casa Franco e, ao centro, a primeira instalação da Agência Martins, tradicional livraria da cidade. (MM)

■ Vista do prédio da Bibliotheca e Archivo Público, situado na Travessa Campos Salles, esquina com a Rua 13 de Maio. Hoje, no local, ainda funciona o Arquivo Público do Estado do Pará. (EOB)

Da esquerda para a direita: Silva - Alfredo Augusto Silva - Pará



© E. J. B. B. B.

Belém - Bibliotheca e Archivo Público

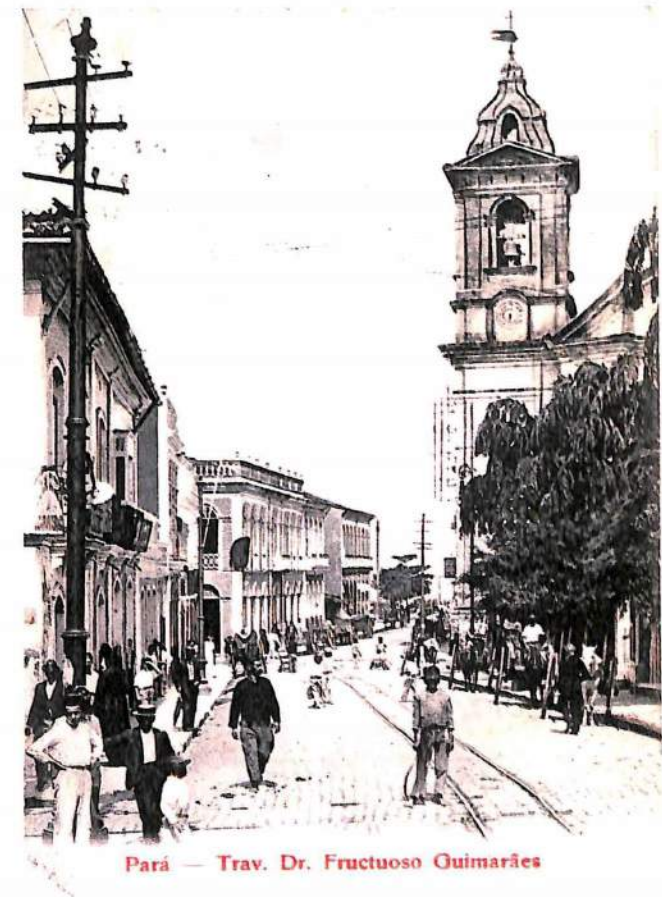
Bibliotheca e Archivo Público - Belém - Pará - Brasil

Pará Pittoresco



■ Antiga Travessa das Mercês - assim denominada por passar ao lado da igreja construída em 1640, pelos frades mercedários -, mudou, posteriormente de nome, em homenagem a Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães, médico e vereador da capital. Na foto, trecho do cruzamento com a Rua 15 de Novembro. Em primeiro plano, à esquerda, visão parcial da Igreja das Mercês. (VCM)

■ Tomada do cruzamento com a Rua Conselheiro João Alfredo, em direção ao Boulevard da República (atual Boulevard Castilhos França). O sobrado da esquina, em primeiro plano, é o da Sapataria Carrapatoso, hoje totalmente descaracterizado. À direita, parte da Praça Visconde de Rio Branco, tendo, ao fundo, uma das torres da Igreja das Mercês. (VCM)





■ Anteriormente chamada de Travessa da Misericórdia, depois de Landi (por ali ter residido o arquiteto italiano) e da Trindade, mudou de nome em homenagem ao padre Prudêncio José das Mercês Tavares, deputado provincial e comandante das tropas que combateram os cabanos em Cameté. Foto tomada às proximidades da Rua 13 de Maio, em direção ao Bairro da Campina. Ao centro, as torres da Igreja de Sant'Ana, obra de Antonio José Landi. (VCM)

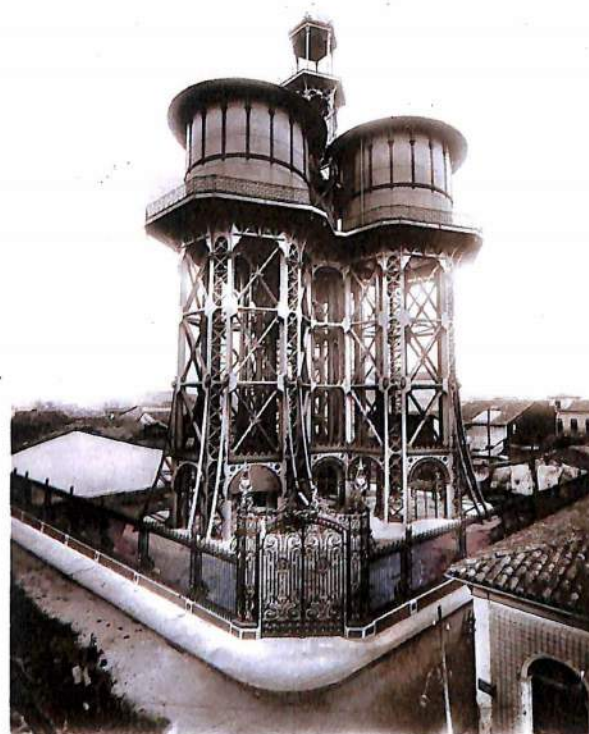


PARÁ - Reservatório Paes de Carvalho.



■ Primitivamente denominada Rua das Flores, passou a se chamar Lauro Sodré em homenagem ao primeiro governador republicano do Pará eleito pelo Congresso Legislativo. Atualmente, chama-se Rua Ó de Almeida. Foto tomada da esquina com a Praça Saldanha Marinho (atual Praça da Bandeira). Ao fundo, em destaque, o Reservatório Paes de Carvalho. (VCM)

29... BRAZIL - PARÁ - BELEM ... RESERVATÓRIO PAES DE CARVALHO



■ Vista do Reservatório Paes de Carvalho, situado na esquina da Rua Lauro Sodré com a Travessa 1º de Março. Inaugurado em 1912 e demolido em 1965, o reservatório foi, por muitos anos, um marco referencial da cidade. Em ferro pré-fabricado encomendado em Paris, teve sua montagem sob a direção de Francisco Bolonha. (VCM)



Belém do Pará — Brazil
Travessa S. Matheus

■ Anteriormente denominada Travessa São Matheus, mudou de nome para homenagear o padre Eutíquio Pereira da Rocha, que exerceu atividades políticas no Pará, durante o Império. Nos tempos coloniais, essa artéria serviu de divisa entre os bairros da Cidade Velha e da Campina. Em primeiro plano, à esquerda, observe-se o início da Rua Aristides Lobo e, à direita, trecho da antiga Rua de São João - atual Rua João Diogo. (VCM)

■ Originalmente denominada Rua da Paciência, teve seu nome modificado em homenagem a Antônio Carlos Gomes, consagrado maestro brasileiro, falecido em Belém em 1896. Na foto, vista do cruzamento com a Avenida da República (atual Avenida Presidente Vargas). À direita, o tradicional Café da Paz e, à esquerda, note-se que ainda não havia sido construído o Grande Hotel. (AM)



Pará. Rua Carlos Gomes.

RUA 6 TRAVESSAS
RUA OLIVEIRA BELLO



RUA 6 TRAVESSAS
RUA DOS CEARENSES (AV. CEARÁ)

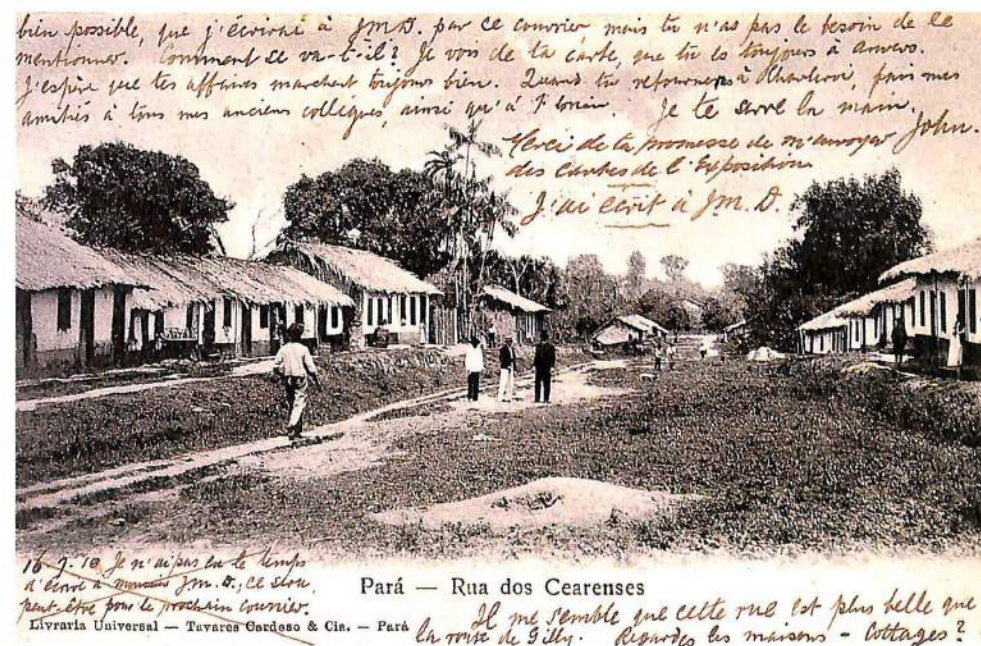


Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém — Rua Oliveira Bello

■ A rua homenageia José Mariano de Oliveira Bello, um dos vultos mais importantes do Movimento Nacionalista no Pará, em 1823. À esquerda, o muro da Santa Casa de Misericórdia do Pará. (VCM)

Poste
son
TV A 3 de Maio A
MUTUA
RUA DOS
CEARENSES

■ Trata-se, provavelmente, de um trecho da atual Avenida Ceará, localizada no antigo Bairro de Queluz (atual Canudos), antes do arruamento determinado por Lei Municipal de 1912. (VCM)



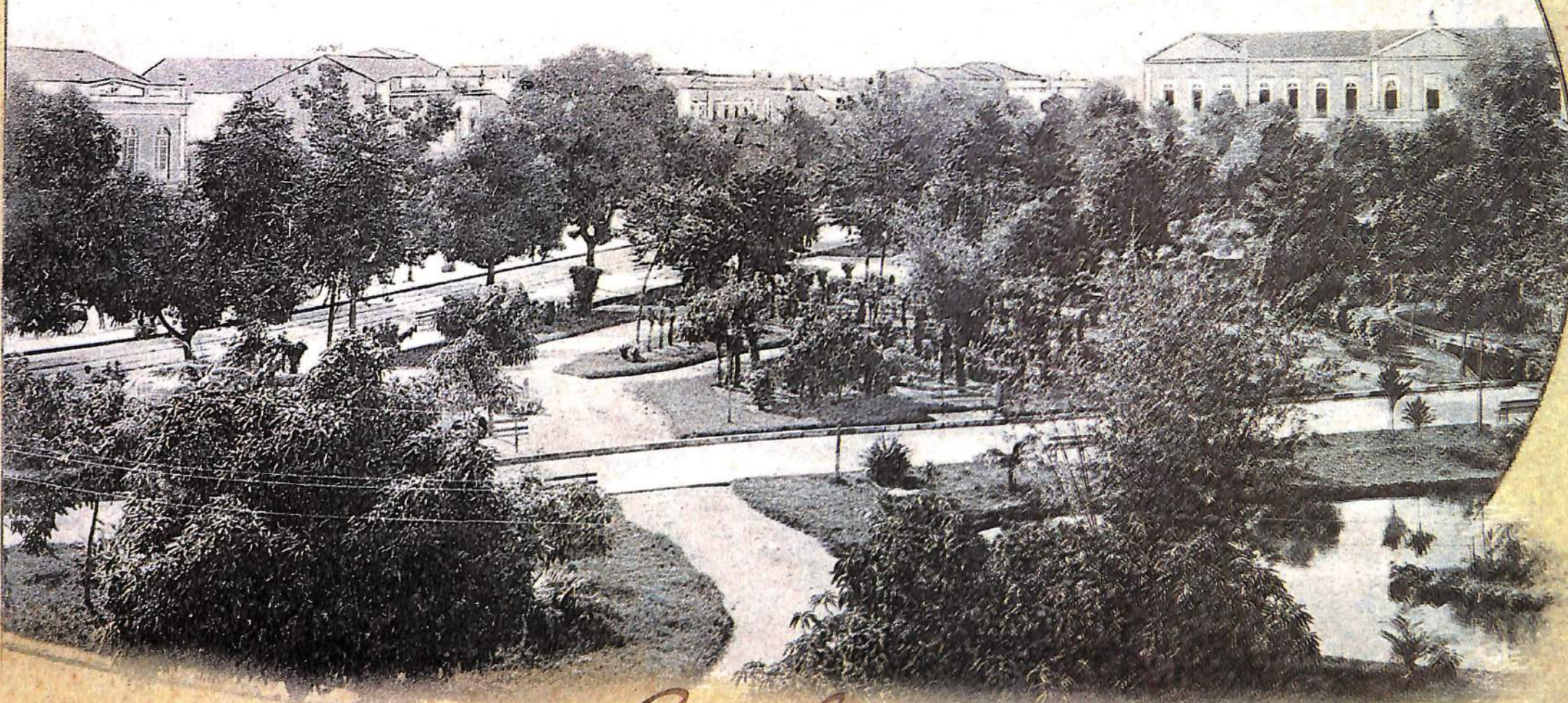


PRAÇAS
IGREJAS

Pará (Brazil).



Praça Independencia.

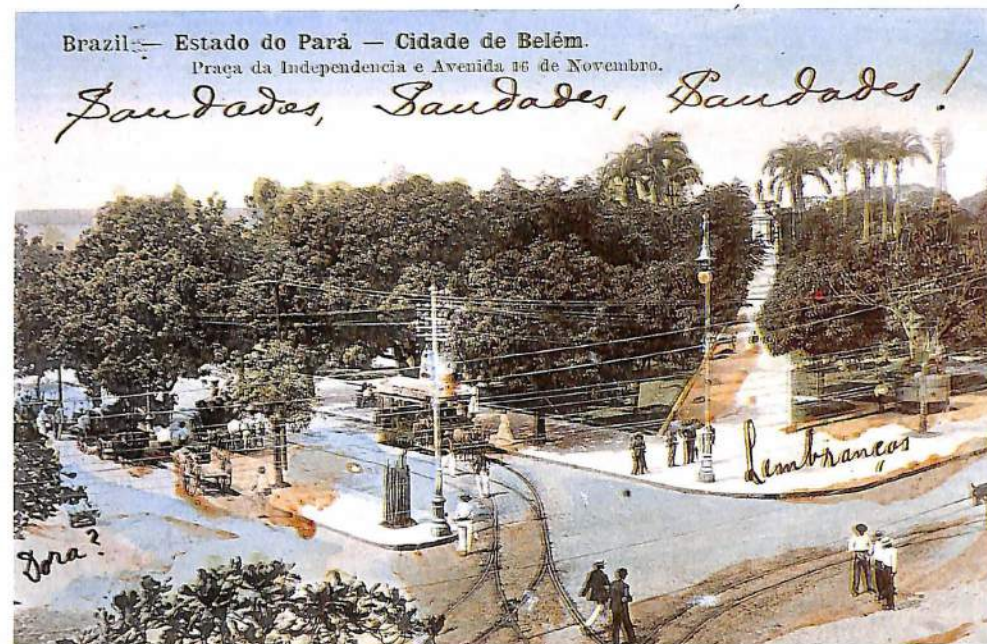


Lembranças



■ Primitivo Largo do Palácio, depois da Constituição, Praça da Independência, Parque Affonso Penna e, atualmente, Praça D. Pedro II. Trata-se de um dos mais antigos logradouros públicos da capital paraense. Na foto, ao fundo, à esquerda, o Palacete Municipal e o Palácio do Governo, e, à direita, parte do Solar do Barão de Guajará, hoje ocupado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Pará. (PCF)

■ Vista panorâmica da praça, tomada do alto do Hotel América, na esquina da Rua Conselheiro João Alfredo com a Avenida 16 de Novembro - trecho que hoje corresponde à Avenida Portugal. (Y)



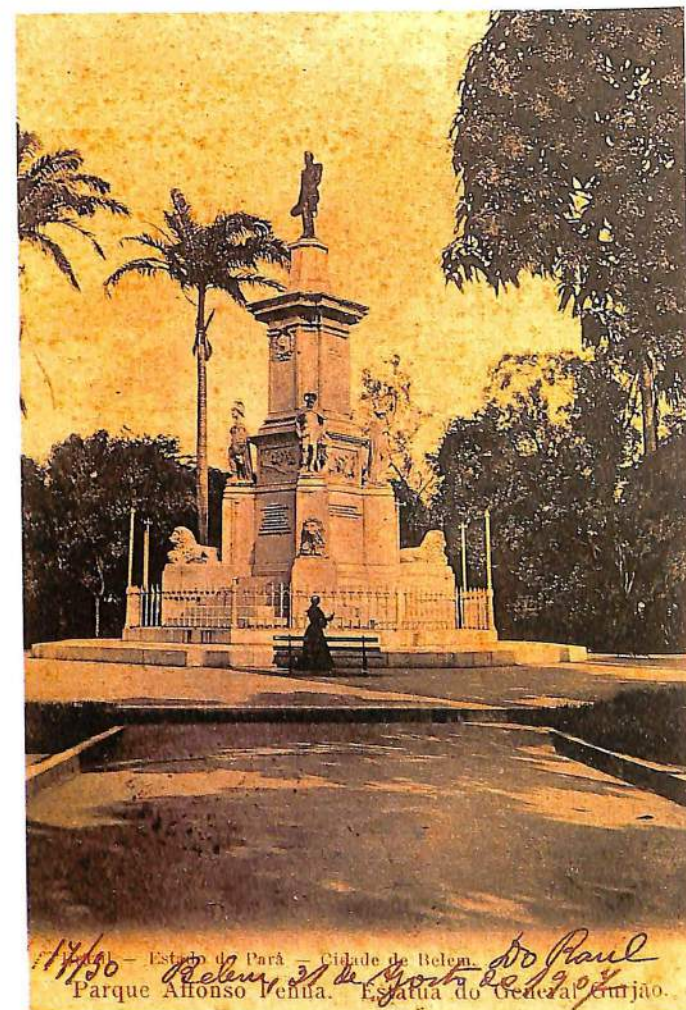
■ Foto tomada da esquina da praça, no cruzamento da Rua Conselheiro João Alfredo com a Avenida 16 de Novembro. Ao fundo, o prédio do Hotel América, hoje ocupado pelas "Casas Pernambucanas". (VCM)





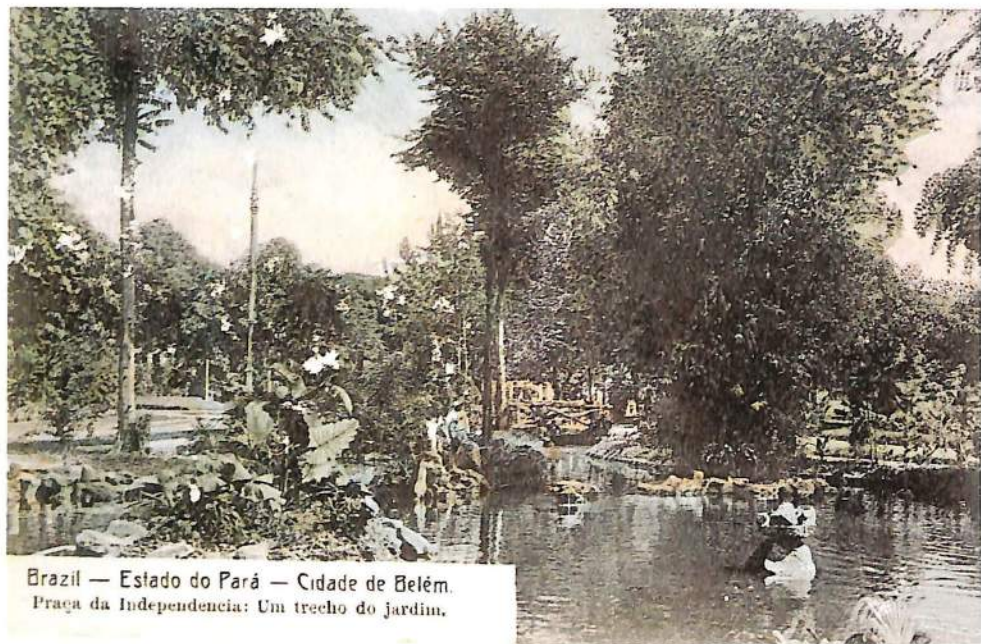
■ Vista da praça, destacando-se, ao fundo, o Monumento ao General Gurjão, um dos combatentes que mais se destacaram na Guerra do Paraguai. (VCM)

■ Tomada mais próxima que a do postal anterior, do Monumento ao General Gurjão, localizado ao centro da praça. Estátua em bronze, executada em Portugal por Germano José de Salles e inaugurada em 1882. (PCF)

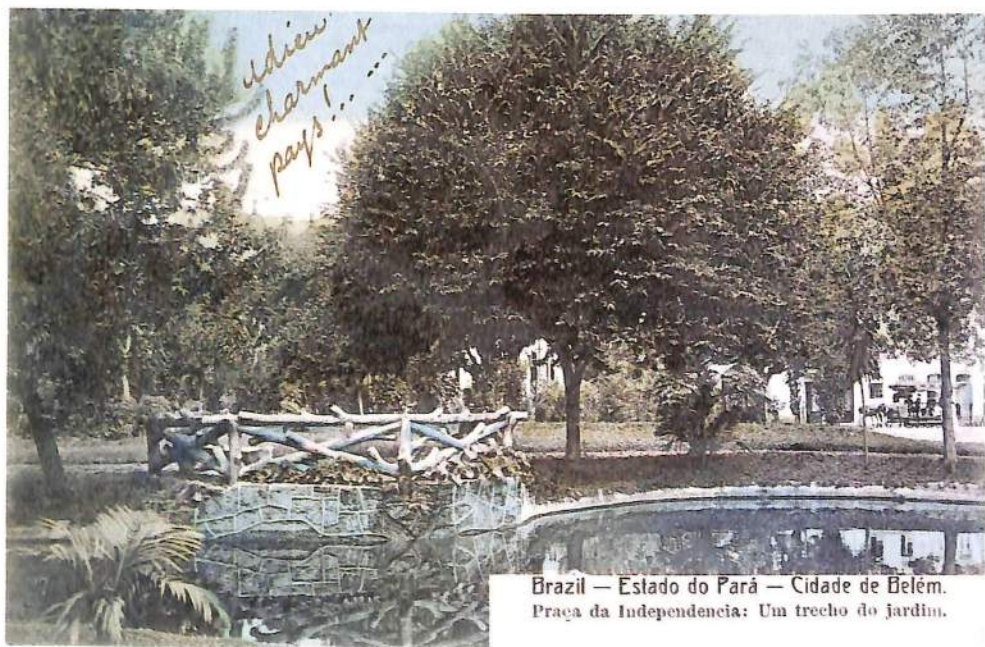




■ Vista geral da praça, onde se observa, ao fundo, à direita, o Palacete Municipal. (OC)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Praça da Independência: Um trecho do jardim.



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Praça da Independência: Um trecho do jardim.

■ Trechos dos jardins da praça, com farta vegetação tropical e lagos artificiais. (VCM - Y)



■ Vista da Praça Frei Caetano Brandão - em homenagem ao quarto Bispo do Pará -, anteriormente conhecida como Largo da Sé. Da esquerda para a direita, o Palácio Episcopal e a Igreja de Santo Alexandre. (HFN)



Pará (Brasil) — Palacio Episcopal (largo da Sé)

Livraria Universal de Tavares Cardoso & Ca. — Pará

■ Ângulo em que se avista, ao fundo, à esquerda, parte da Igreja de Santo Alexandre e, à direita, a Catedral da Sé. (VCM)



Estado do Pará

(Igreja Sto-Alexandre.)

Praça Frei Caetano Brandão.

Município de Belém

(Cathedral.)



■ Trecho da praça em que se observa, ao fundo, o casario que se debruçava sobre o rio Guamá. (PCF)



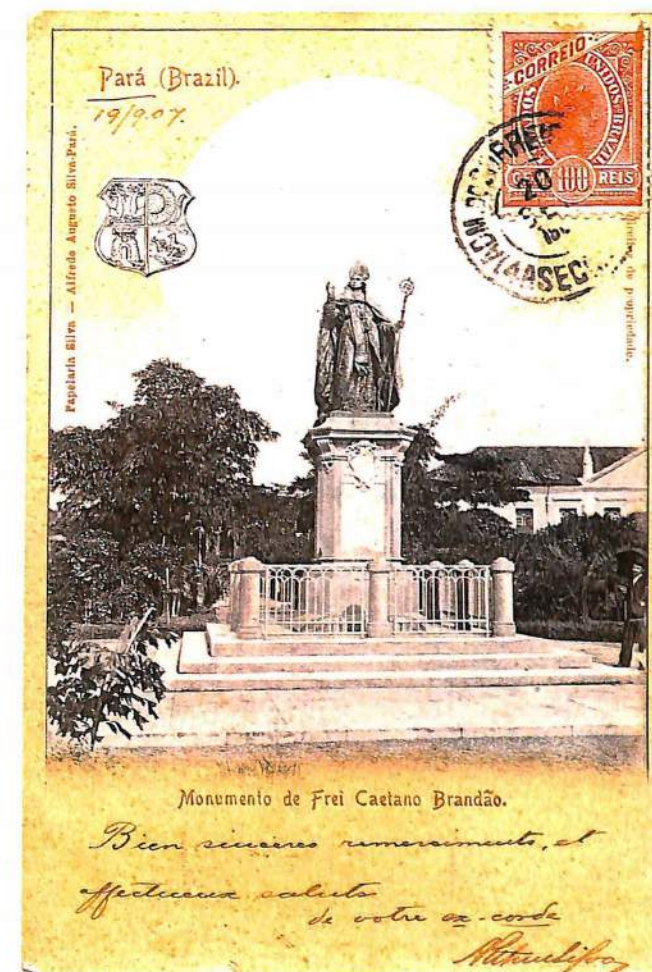
Estado do Pará

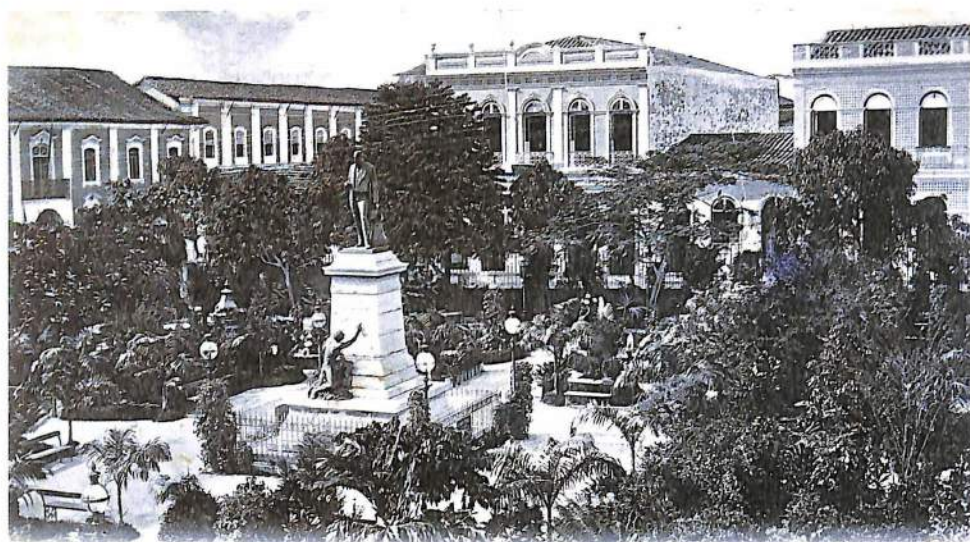
Estatua de frei Caetano Brandão.

Município de Belém

■ Ao centro da praça, estátua de Frei Caetano Brandão, inaugurada a 15 de agosto de 1900. Observe-se a densa vegetação que, na época, emoldurava o monumento. (VCM)

■ A estátua, em alumínio e bronze sobre pedestal em mármore de carrara, foi projetada pelo pintor Capranesi, a partir de esboços de De Angelis, e concluída pelo escultor italiano Enrico Quattrini. Ao fundo, à direita, parte do antigo Hospital Militar. (PCF)





Pará — Praça Rio Branco (vulgo das Mercês)
Alicia - *De mais este para a coleção.* Ditto - Pará 7-11-05.
Livraria Universal - Tavares Cardoso & Cia. - Pará

■ Perspectiva da praça tomada no cruzamento da Travessa Frutuoso Guimarães com a Rua 15 de Novembro. Observe-se que foram retiradas as grades que estão presentes no postal anterior. (PCF)

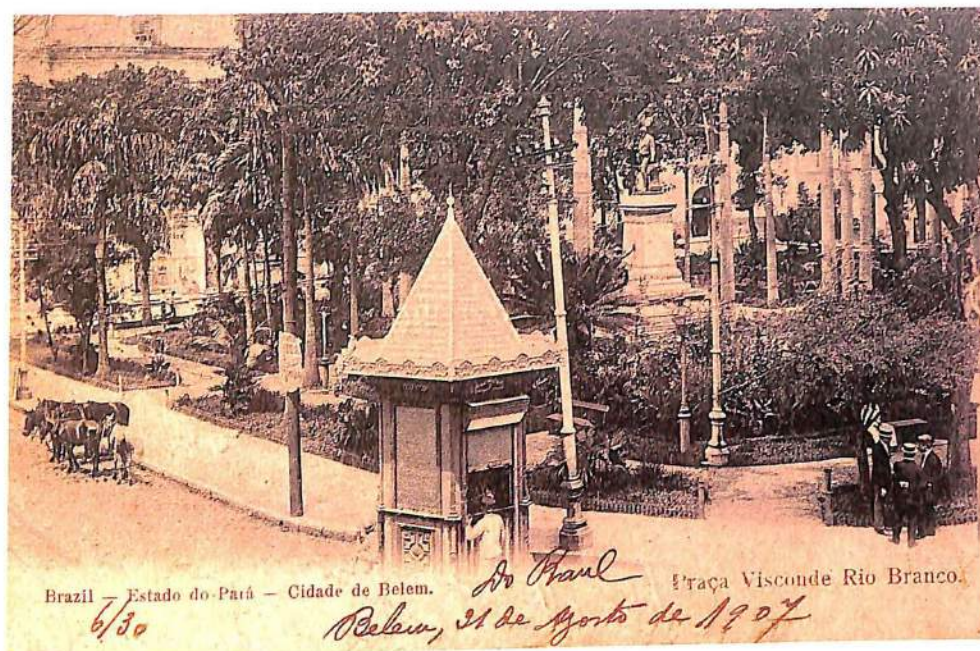
■ Antigo Largo das Mercês, depois Praça Visconde do Rio Branco. Observe-se, na foto, o gradeamento colocado no final do século XIX, tanto no seu entorno, quanto em volta do monumento central. No governo de Antônio Lemos, as grades foram retiradas para que, como as demais praças da cidade, fosse aberta e livre ao trânsito público. Ao fundo, à esquerda, parte do antigo Convento dos Mercedários. (VCM)



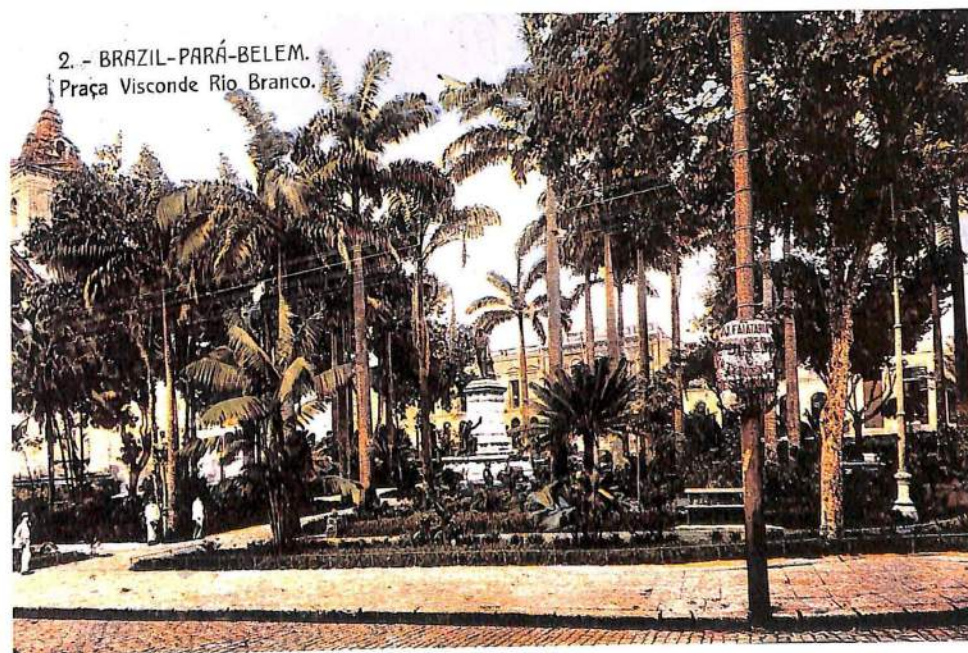
FRANÇAS
PRAÇA VISCONDE DO RIO BRANCO



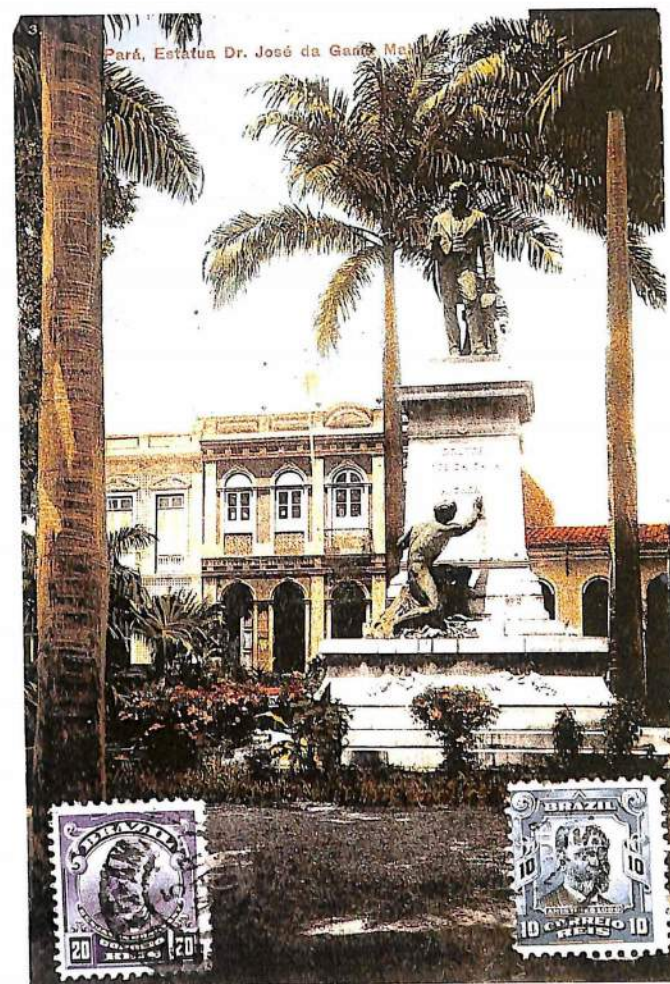
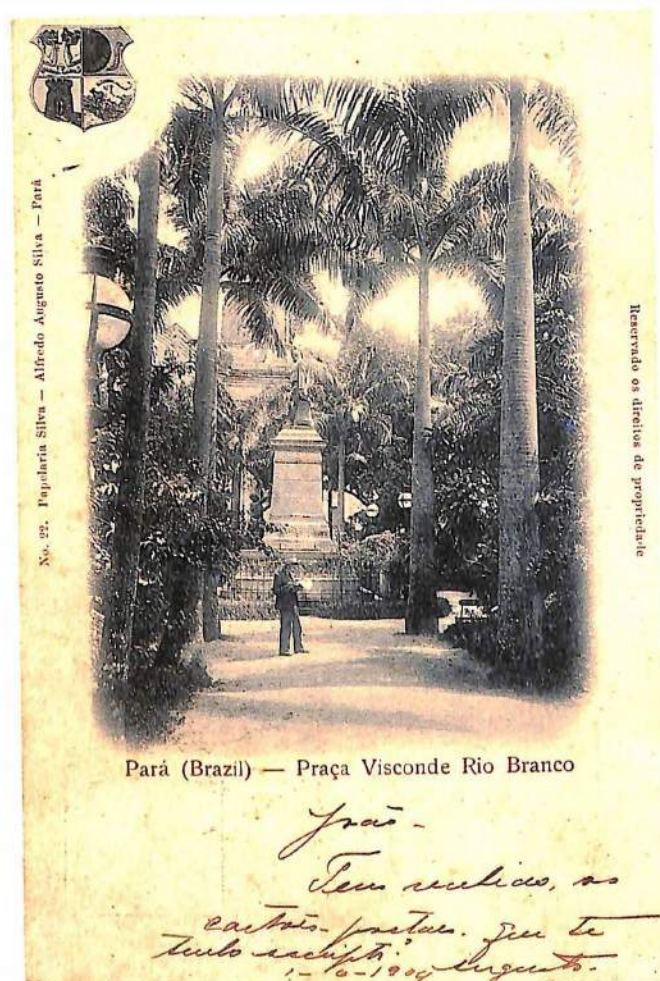
FRANÇAS
PRAÇA VISCONDE DO RIO BRANCO



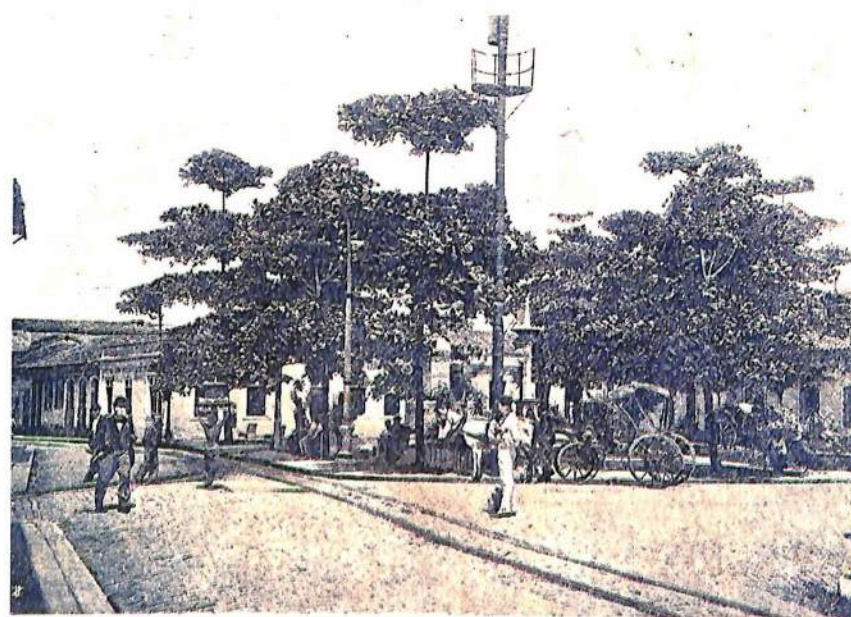
■ Ângulo da praça, tomado do alto do prédio do Hotel Central, situado na esquina da Rua Conselheiro João Alfredo com a Travessa Frutuoso Guimarães. Em primeiro plano, um dos quiosques da concessão Bolonha, importados de Paris, que foram distribuídos pela cidade para a venda de café, cigarros, sorvetes, bombons e outros. (MM)



■ Vista da praça tomada da Travessa Frutuoso Guimarães. Ao fundo, à esquerda, uma das torres da Igreja das Mercês. (PCF)



■ Vistas, em ângulos diferentes, do monumento central dedicado ao dr. José da Gama Malcher, presidente da câmara de Belém. Obra do escultor belga Armand-Pierre Cattier, foi executada em bronze com pedestal de pedra e inaugurada em 1889. (HFN - VCM)



Caro lin
de ma va
em m
carta m
plan a
de o
de o

■ Vista do Largo de Sant'Ana, tomada da Rua Paes de Carvalho (atual Senador Manoel Barata), na lateral da Igreja de Sant'Ana. (VCM)



■ Antigo Jardim Prudente de Moraes, inaugurado em 1908, na administração do intendente Antônio Lemos. Localizado atrás do Palacete Municipal, denomina-se, atualmente, Praça Filipe Patroni, em homenagem a quem organizou e dirigiu "O Paraense", primeiro jornal impresso em oficinas montadas em Belém. À esquerda, um trecho da Avenida 16 de Novembro. (VCM)



*Alinhado
com a rua
da Trindade
e a rua da
Academia de
Direito*

Pará (Brazil) - Largo da Trindade

*Naquela
época*

■ O Largo da Trindade tem sua origem na construção de uma igreja, levantada sob a invocação de Nossa Senhora da Trindade, em 1802. Ao fundo, à esquina com a Avenida Almirante Tamandaré (trecho que atualmente corresponde à Rua Gama Abreu), o prédio da antiga Academia de Direito, hoje sede da Ordem dos Advogados do Brasil-Seção Pará. (Y)

■ O largo, como outros logradouros no início do século em Belém, era guarnecido de palmeiras imperiais. Ao fundo, à esquerda, outra vista do prédio da antiga Academia de Direito. (PCF)



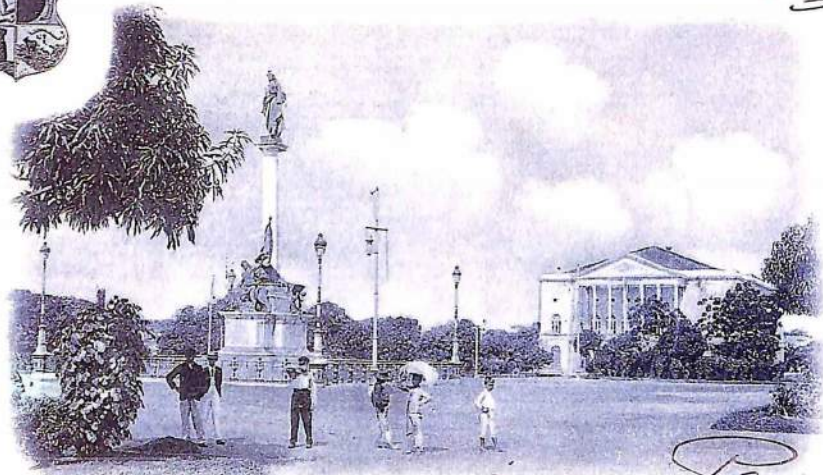
56. - Largo da Trindade



14, 11, 904.

Pará

No. 25. Papeleria Silva — Alfredo Augusto Silva — Pará



Reverendo os direitos de propriedade

Pará (Brazil) — Praça Republica
*Souvenirs de la Mère, qui t'envoie
 trop de baisers*

■ Antigo Largo da Pólvora, por ter sido ali instalado, no século XVIII, um depósito de pólvora. Em primeiro plano, à esquerda, o Monumento à República e, ao fundo, à direita, o Theatro da Paz. Na foto, a praça ainda não havia passado pelo tratamento urbanístico que seria realizado por Antônio Lemos. (VCM)

Panorama e Largo da Polvora.



■ Vista aérea da praça, emoldurada pelo antigo casario. Ao fundo, à esquerda, a Igreja de Sant'Ana e, mais adiante, a Baía do Guajará. (EOB)

Livraria França
Santos,

Pará-Brazil



■ Perspectiva tomada do Theatro da Paz em direção ao Monumento à República.
(PCF)

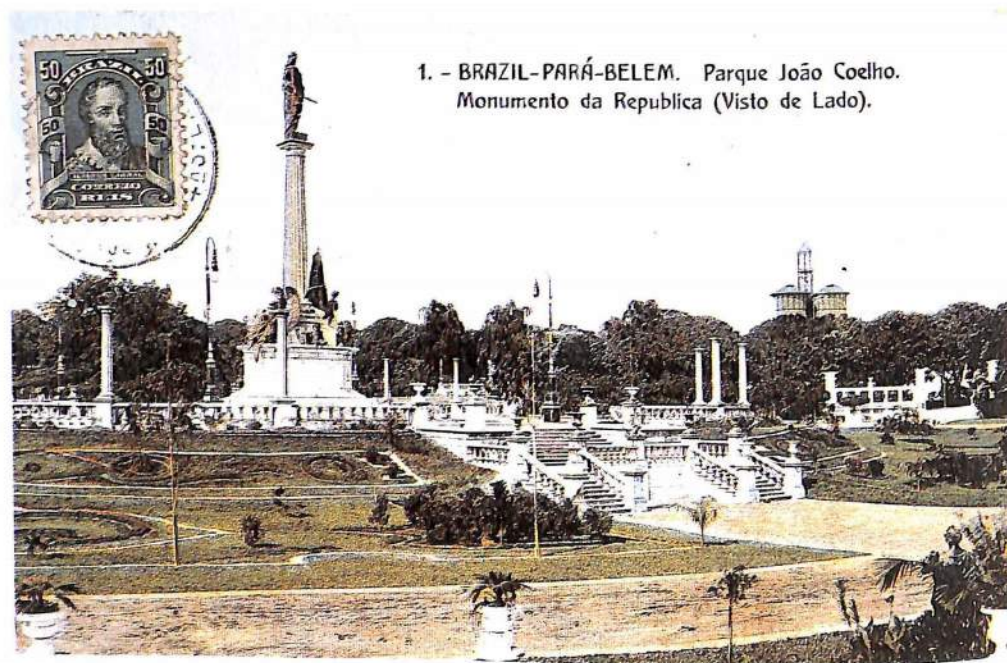


■ Monumento à República, confeccionado pelo escultor genovês Michele Sansebastiano, que marcou a comemoração do oitavo aniversário de implantação do regime republicano no Brasil. No primeiro cartão, ao fundo, à direita, o Theatro da Paz. No segundo, ao fundo, à direita, o Reservatório Paes de Carvalho. (PCF - VCM)

21. - BRAZIL-PARÁ-BELEM. Parque João Coelho. Monumento da Republica (Visto de Frente).



1. - BRAZIL-PARÁ-BELEM. Parque João Coelho. Monumento da Republica (Visto de Lado).

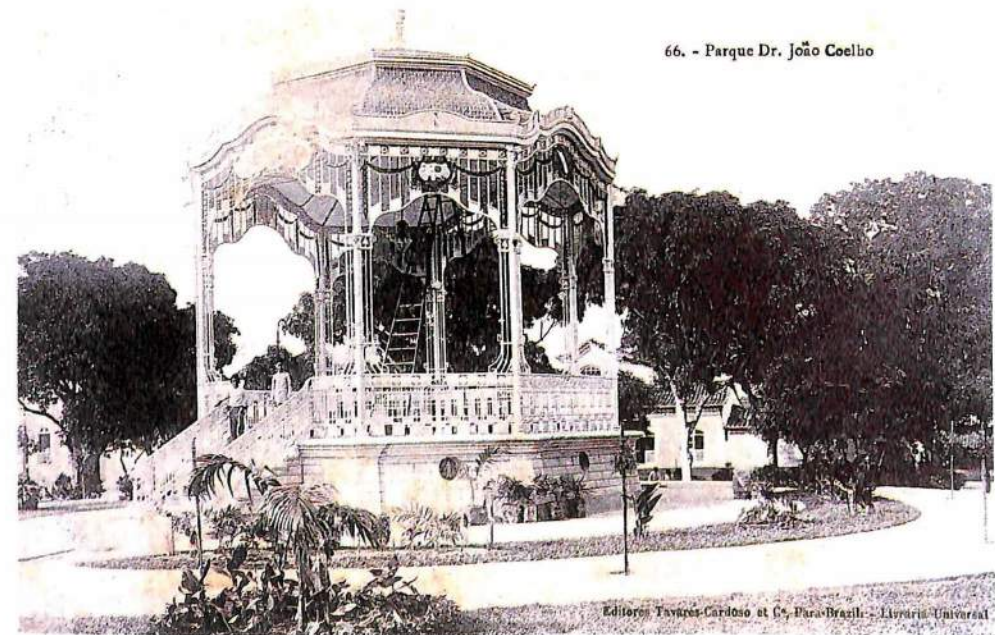




BRAZIL. PARÁ-BELEM.
Parque João Coelho. Pavilhão de Música Santa Helena Magno.

■ Praça da República depois da urbanização realizada pelo intendente Antônio Lemos, em 1904, incluindo lagos, repuxos e pavilhões, no quadrilátero em que se localiza o Monumento à República. Posteriormente, esse trecho da praça passou a se chamar Parque João Coelho, em homenagem ao governador paraense. Em destaque, ao fundo, o Pavilhão de Música Santa Helena Magno. (PCF)

■ Vista do Pavilhão de Música Santa Helena Magno, em ferro pré-fabricado na Europa. (EOB)



66. - Parque Dr. João Coelho



■ Trecho do parque em que se vê, ao fundo, à esquerda, um dos pavilhões construídos em alvenaria. (VCM)



Panorama da Praça da República - Largo da Polvora - Lado Posterior do Theatro da Paz.

■ Vista panorâmica da praça pelo lado posterior ao Theatro da Paz. Em primeiro plano, a Avenida de Nazareth; à esquerda, a Avenida da República (atual Presidente Vargas); ao centro, o Pavilhão de Música Euterpe e, à direita, a Avenida Ferreira Penna - atual Assis de Vasconcelos. (Y)

■ O Pavilhão Euterpe, em ferro pré-fabricado pela Guillot Pelletier, de Orleans, França, foi montado na praça em 1896. (VCM)



Estado do Pará

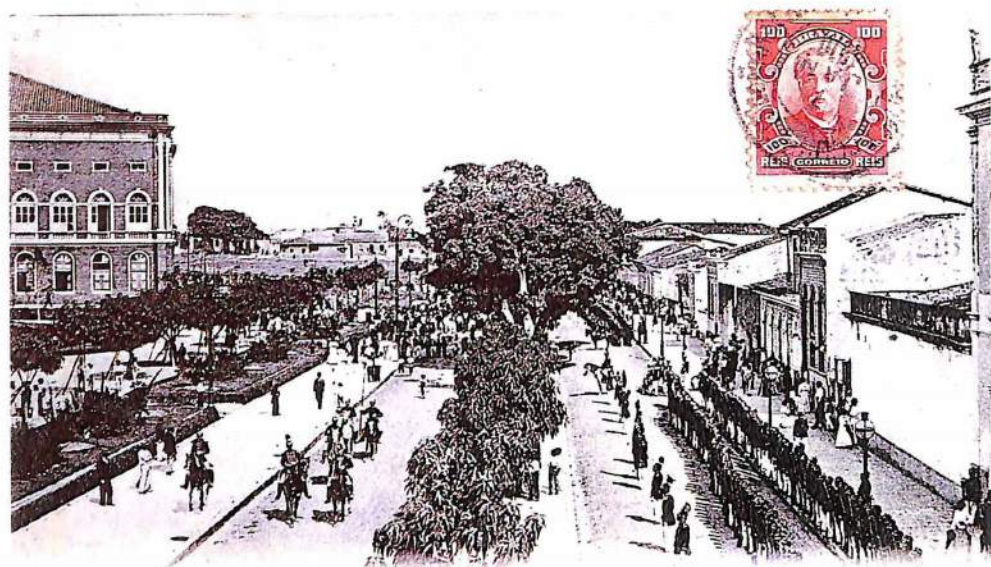
Praça Republica. — Pavilhão Euterpe.

Município de Belém

FRANÇAS
PRAÇA DA REPÚBLICA



FRANÇAS
PRAÇA DA REPÚBLICA



Pará — Praça da Republica

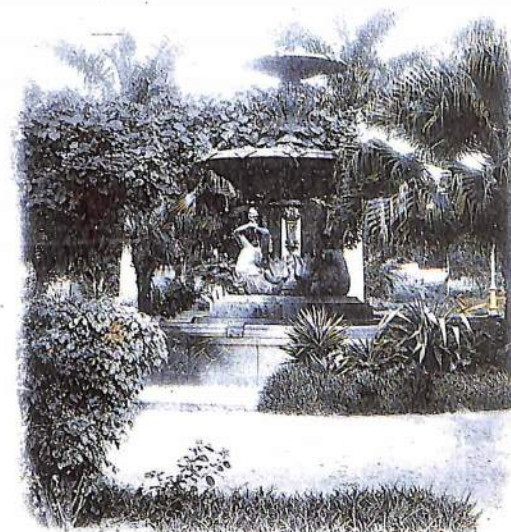
Livraria Universal — Tavares Cordoso & Cia. — Pará

■ À esquerda, um trecho da Praça da República e parte da fachada posterior do Theatro da Paz. Ao centro, a Avenida Ferreira Penna, em dia de desfile militar. (VCM)

■ Vista do "Chafariz das Sereias", um conjunto alegórico em ferro fundido, importado da Europa. Ele foi montado em 1904, no trecho da praça em frente ao antigo prédio de "A Província do Pará". (VCM)



No. 5 Popelaria Silva - Alfredo Augusto Silva - Pará



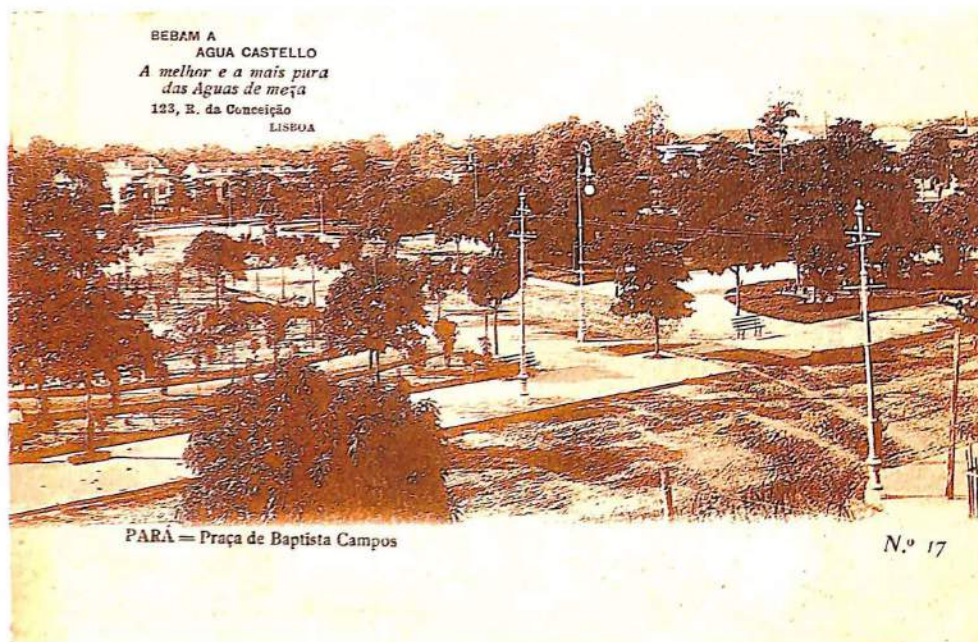
Pará (Brasil) — Lago da Praça Republica

Muito 9 de Abril
Muitos e felizes
festas e jogos
saudades do
nosso tempo
Amor sempre
fore

Reservado os direitos de propriedade



■ Vista superior do "Chafariz das Sereias". (PCF)



■ Anteriormente denominada Praça Salvaterra, passou depois a chamar-se Praça Baptista Campos, em homenagem ao cônego que foi um dos principais inspiradores da Cabanagem. Trata-se de uma das fotos mais antigas do logradouro, antes das obras realizadas pelo intendente Antônio Lemos. (VCM)

■ O centro da praça, com seu antigo chafariz, que na reurbanização de Antônio Lemos, foi substituído pelo Pavilhão Harmônico 1º de Dezembro. (VCM)



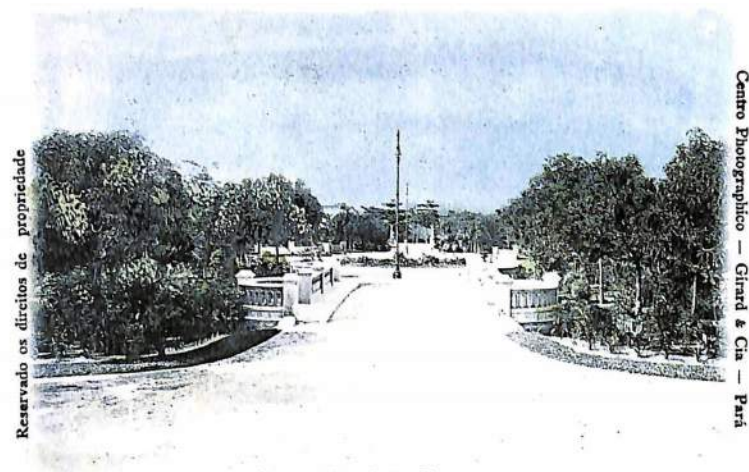
LIV. CLÁSSICA - L. B. DOS SANTOS

FRASAS
FRASAS BAPTISTA CAMPOS



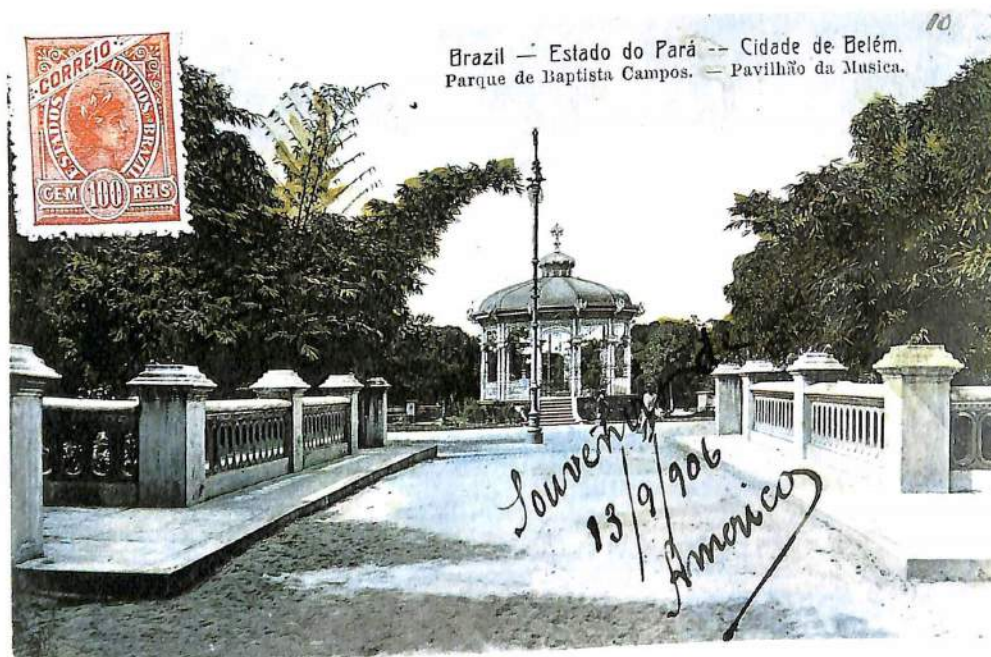
FRASAS
FRASAS BAPTISTA CAMPOS

■ Após a reurbanização do início do século, uma das pontes de entrada, pela Travessa São Matheus (atual Padre Eutíquio). Observe-se que ainda não havia sido colocado, no centro da praça, o Pavilhão Harmônico 1º de Dezembro. (EOB)

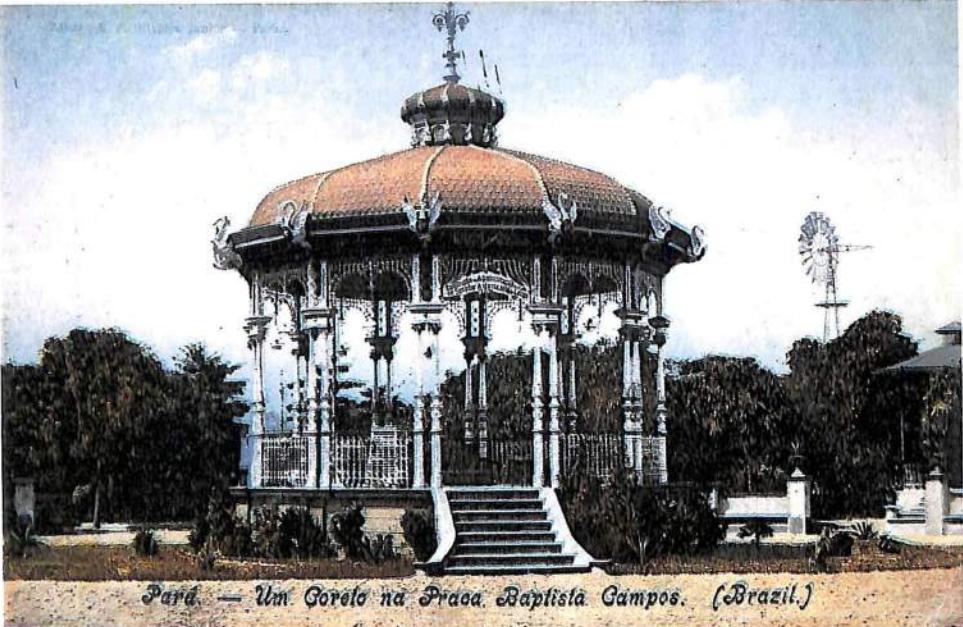


Centro Photographic — Girard & Cia — Pará

Praça Baptista Campos

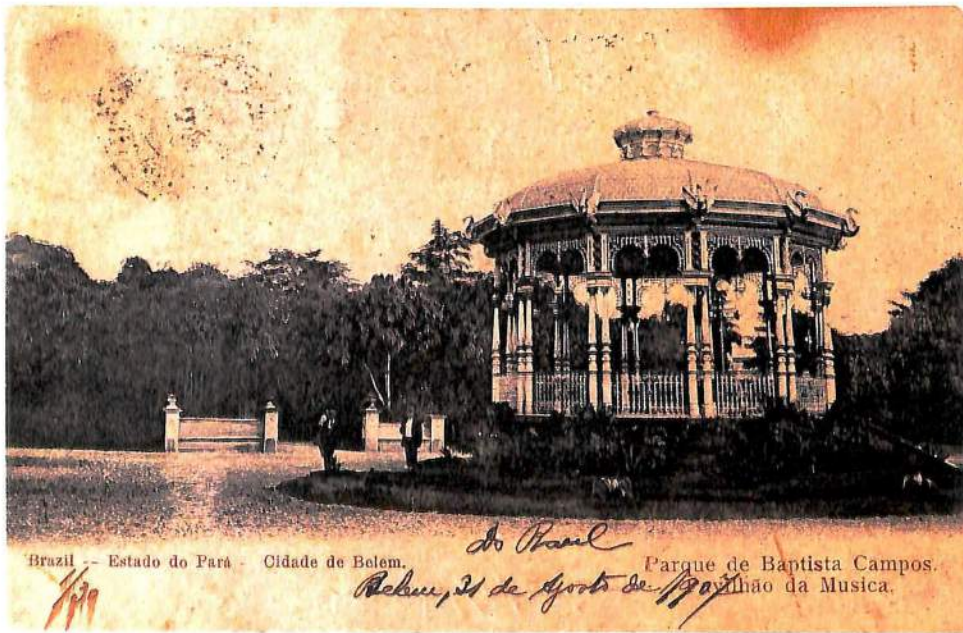


■ Vista do mesmo trecho da praça, em ângulo mais aproximado. Observa-se, ao contrário do postal anterior, a presença do pavilhão no centro do logradouro. (EOB)



Pará — Um Coreto na Praça Baptista Campos. (Brazil.)

■ O Pavilhão 1º de Dezembro, em ferro pré-fabricado, importado da Alemanha, foi inaugurado pela Banda do Corpo Municipal de Bombeiros, no dia 15 de novembro de 1904. (EOB - MM)



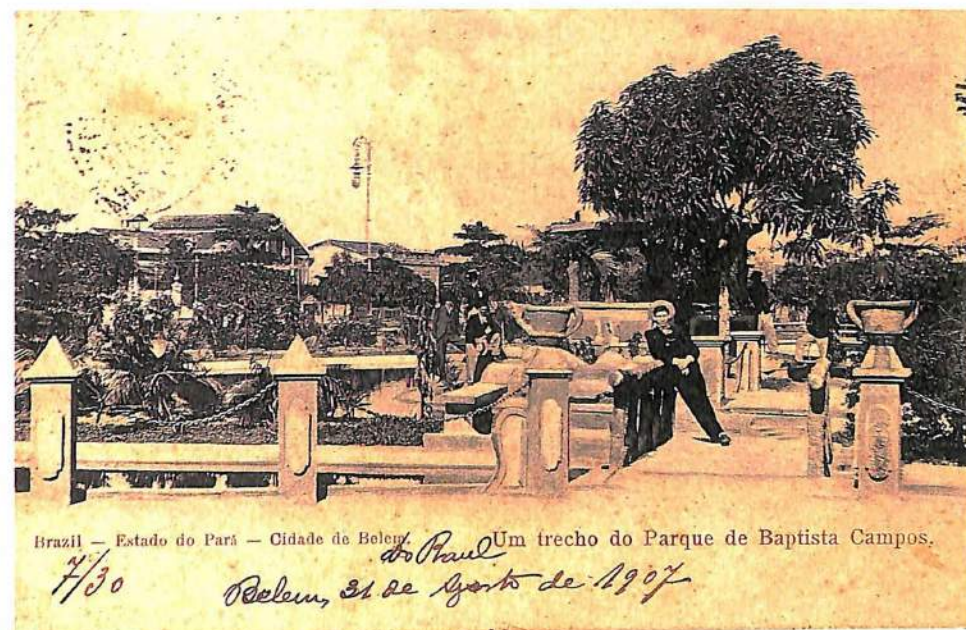
Do Brasil
Brazil -- Estado do Pará - Cidade de Belém. Parque de Baptista Campos.
Belém, 21 de Agosto de 1909 Pavilhão da Musica.

FRASAS
PRAÇA BAPTISTA CAMPOS



FRASAS
PRAÇA BAPTISTA CAMPOS

■ Ponte de acesso à praça pela Rua dos Tamoyos. (PCF)



■ Ponte que dá acesso à chamada "Ilha dos Amores". (Y)

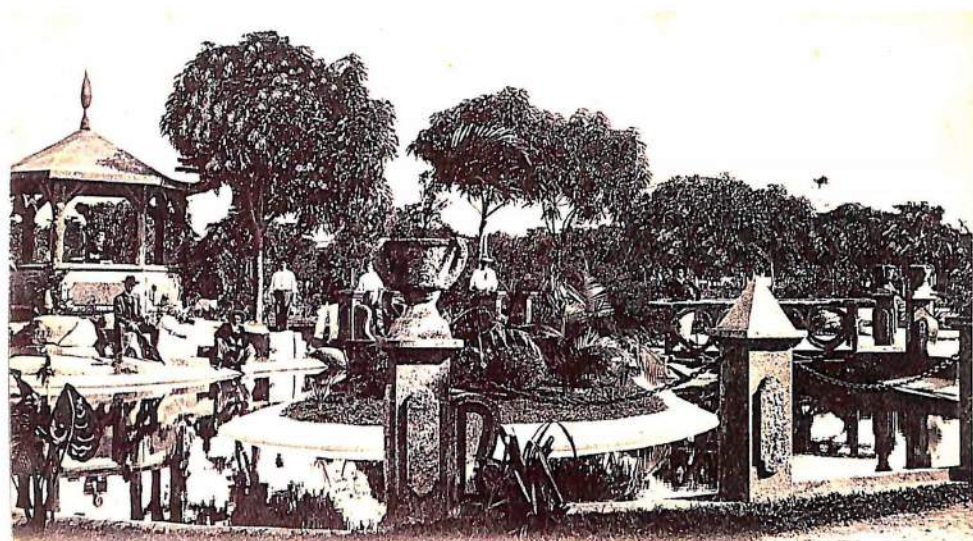


Martins & Araújo, Editores - Para (Brasil)

FRAÇAS
FRAÇA BAPTISTA CAMPOS



FRAÇAS
FRAÇA BAPTISTA CAMPOS



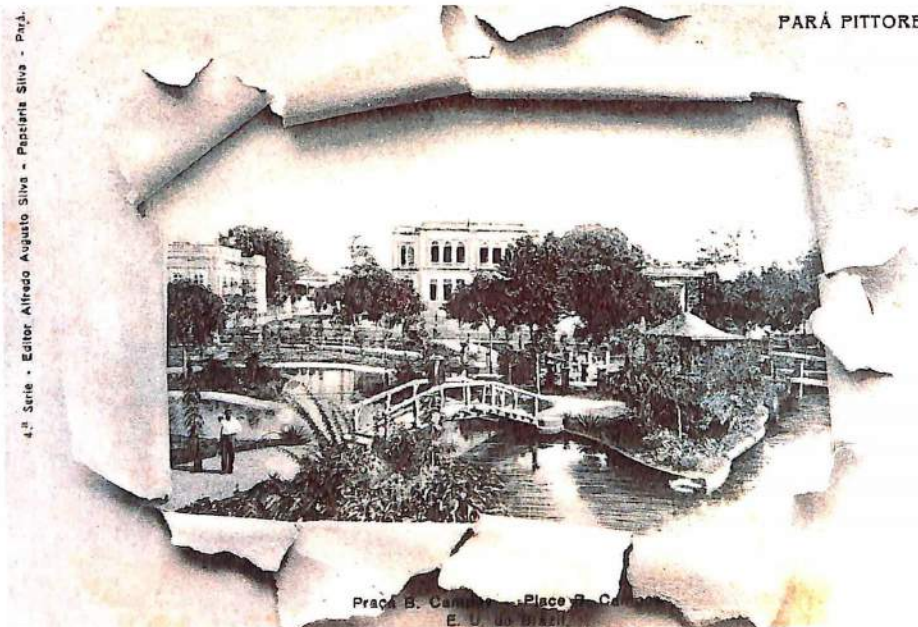
Pará (Brasil) — III. Parque de Baptista Campos

Livraria Universal de Tavares Cardoso & Ca. — Pará

■ Ao fundo, à esquerda, a “Ilha dos Amores”. (PCF)

■ Trecho em que se avista uma ponte arqueada que dá acesso à “Ilha dos Amores”. Ao fundo, na Rua dos Tamoyos, identifica-se o edifício do Grupo Escolar José Veríssimo. (VCM)

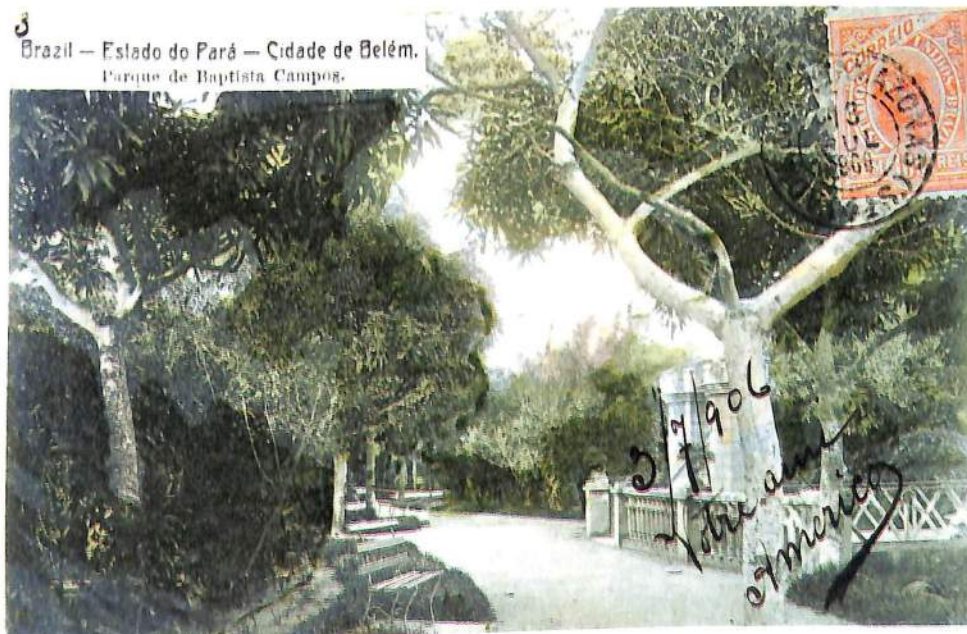
PARÁ PITTORESCO



Praca B. Campos - Place B. Campos
E. U. do Brasil



■ Ponte atirantada a quatro torresões, sobre o “Lago da Vitória Régia”. (VCM)



■ Tomada de outro ângulo da mesma ponte e o acesso a uma das alamedas que fazem o percurso central da praça. (EOB)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Parque de Baptista Campos.

■ Perspectiva do parque em que se avista o antigo "Chalet do Guarda", construído em madeira e coberto com telhas francesas. (VCM)

■ Imitação das ruínas de uma torre de castelo medieval, em alvenaria de pedra, que disfarçava dois reservatórios d'água. (EOB)



Praça Baptista Campos

Centro Photographic — Girard & Cia — Pará

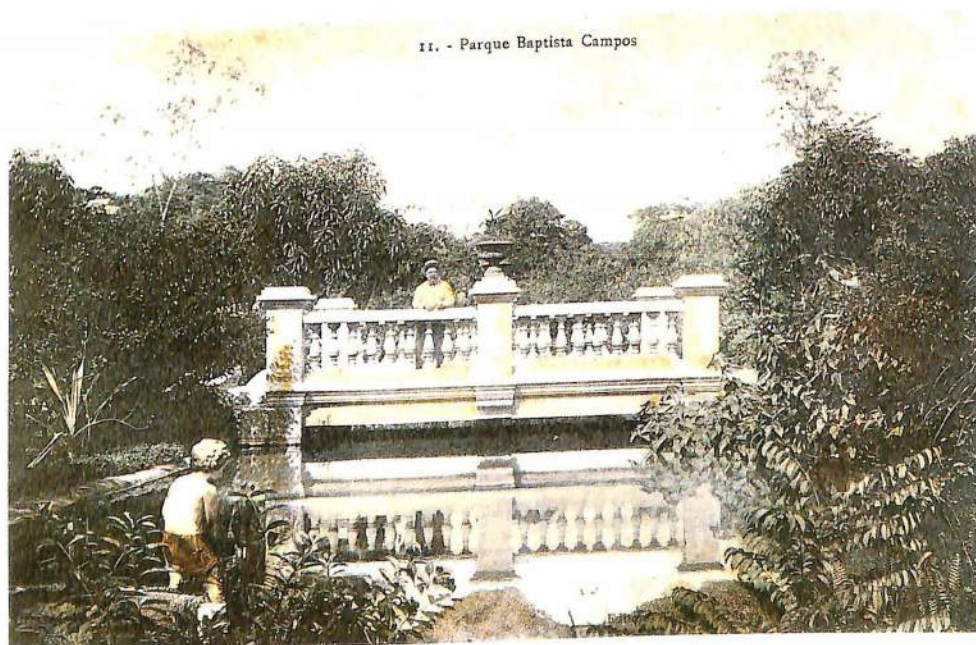
Reservado os direitos de propriedade



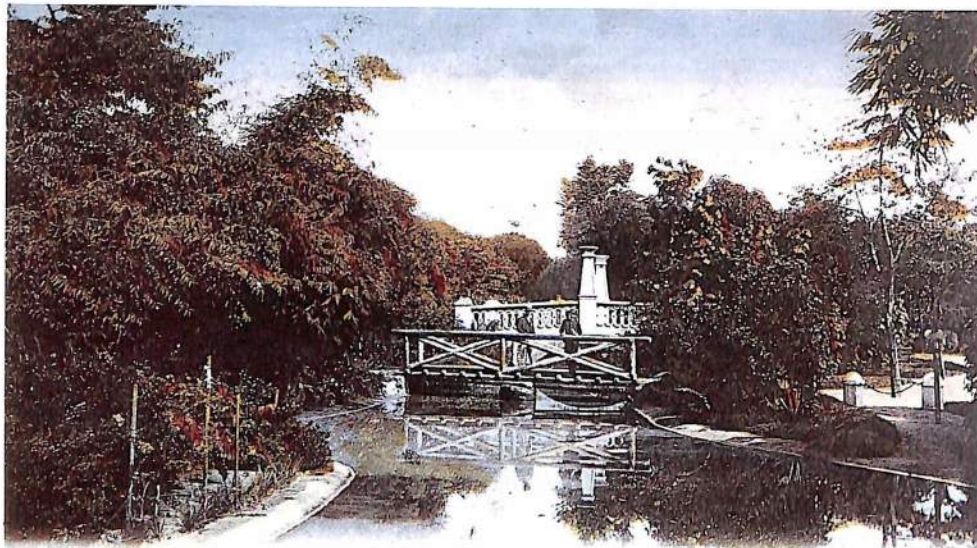
■ Pontes rústicas que, na época, eram de argamassa imitando madeira. (VCM)



11. - Parque Baptista Campos



■ Uma das pontes principais em alvenaria, que dá acesso à praça pela Rua dos Mundurucos. (VCM)



Pará — Ponte na Praça Baptista Campos

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará

■ Ao centro e ao fundo, avista-se uma das pontes principais que dá acesso à praça pela Avenida Serzedelo Correa. (EOB)

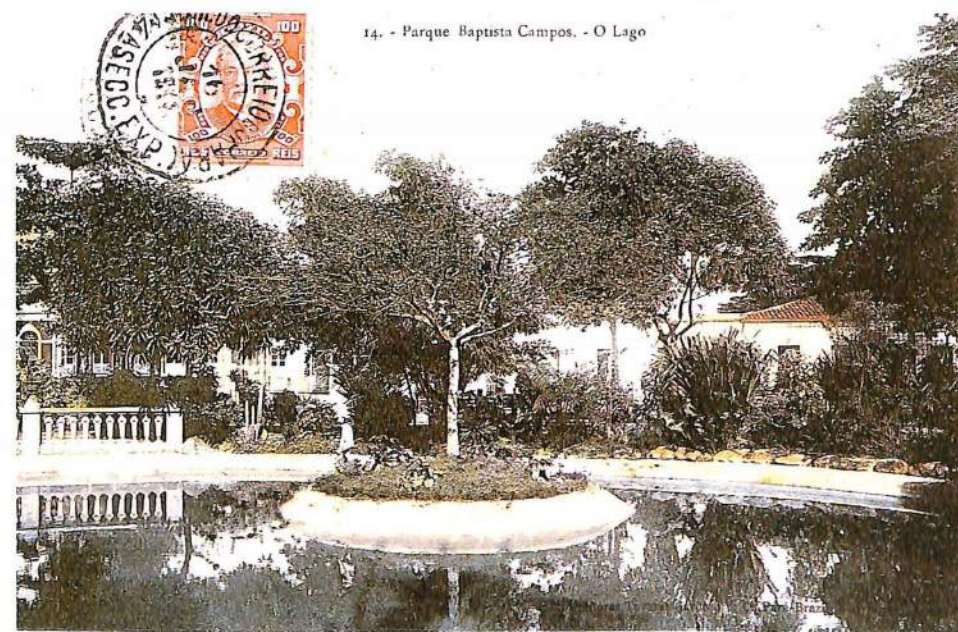
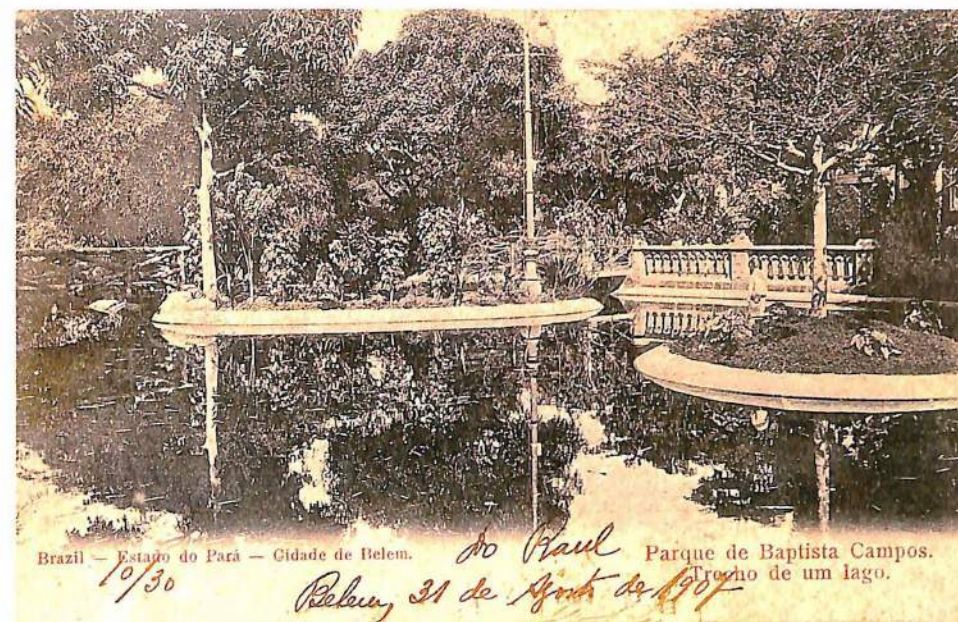
Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Parque de Baptista Campos.



■ Parte do riacho, traçado entre a farta vegetação que dava aspecto de bosque à praça. Ao centro, um dos coretos de ferro fundido, distribuídos pelo parque. (VCM)

FRASAS
FRASAS BAPTISTA CAMPOSFRASAS
FRASAS BAPTISTA CAMPOS

■ O mesmo trecho de uma área central do logradouro, em ângulos diferentes. (MM - VCM)





Pará — Lago na Praça Baptista Campos

Magnífico, não achar? já se vê e nem se pergunta #
 Editor — E. F. Oliveira Jaulor — Pará

■ Com os trabalhos de reurbanização do início do século, surgiram riachos com cascatas, pontes rústicas, pequenos caramanchões, coretos, o pavilhão central e densa vegetação. (VCM)

Pará 65. - Largo de Nazareth *Belém*

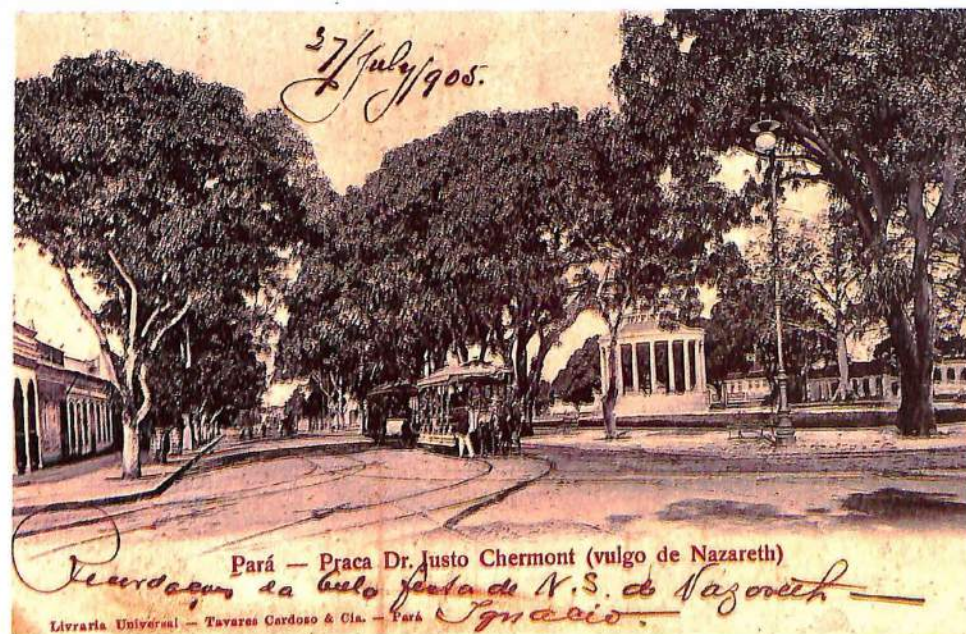


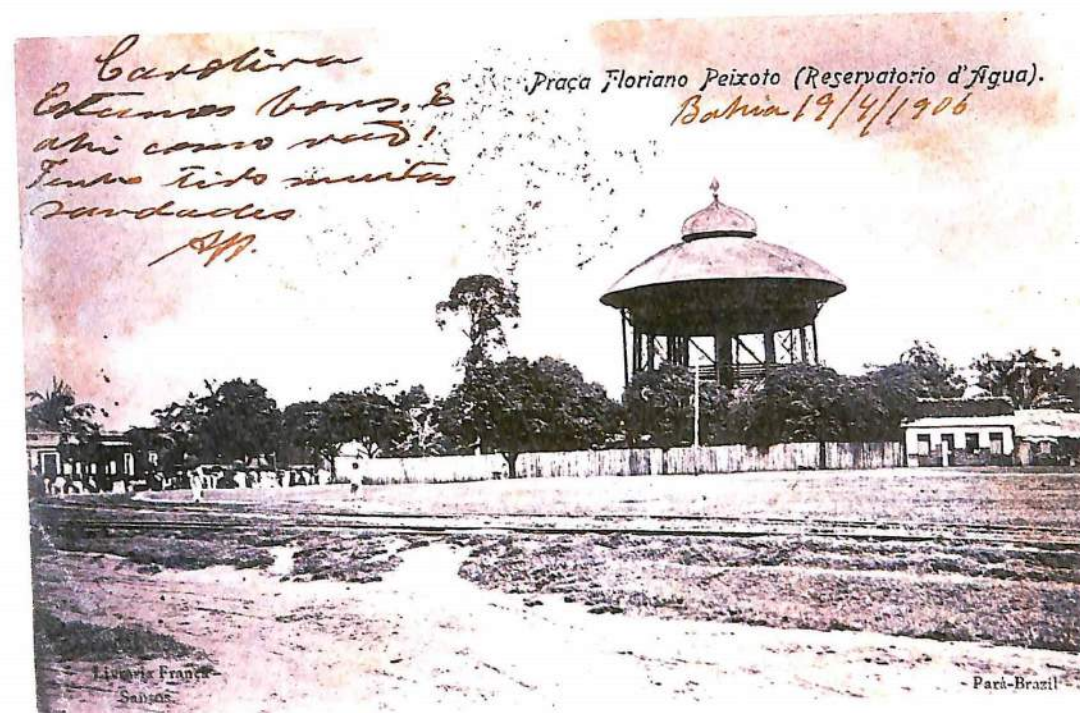
Editores Tavares-Cardoso et Cª, Para-Brasil. - Livraria Universal

■ Foto tomada do cruzamento das avenidas de Nazareth e Generalíssimo Deodoro, em direção à Praça Floriano Peixoto. (HFN)

PARÁ 65. - Largo de Nazareth

■ Anteriormente chamada de Largo de Nazareth, recebeu a denominação de Justo Chermont em homenagem a um dos líderes do Partido Republicano no Pará e seu governador. Observa-se, em primeiro plano, o pavilhão central; ao fundo, a Igreja de Nazareth na versão construída em 1852; à direita, um dos coretos em ferro desaparecidos. (VCM)





■ Antigo Largo de São Braz, posteriormente Praça Floriano Peixoto, em homenagem ao presidente da República. Na foto, o logradouro ainda sem urbanização. Ao fundo, em destaque, o reservatório d'água em ferro pré-fabricado na França, erguido no fim do século passado e até hoje em funcionamento. (VCM)

1982.JAS
CATEDRAL DA SE1982.JAS
CATEDRAL DA SE

Cathedral

Centro Photográfico — Girard & Cia — Pará

15-2-06
Handwritten signatures and initials:
 J. Landi
 L. P. P.
 C.

■ Originária da pequena ermida erguida no Forte do Presépio, em 1616, a catedral dedicada a Nossa Senhora das Graças, na sua versão do século XVIII (1771), quando teve suas torres, frontão e parte de sua decoração interna desenhados por Antonio José Landi. Em primeiro plano, à direita, vista parcial da Praça Frei Caetano Brandão. (VCM)



Pará (Brasil) — Cathedral de Belem

■ Vistas da catedral a partir da praça, e um trecho da sua fachada lateral voltada para a Rua Dr. Assis. Observe-se, na fachada principal, o nicho com a imagem de Nossa Senhora de Belém. (HFN)

No. 35

Belem — Para, Igreja da Sé



IGREJAS
CATEDRAL DA SÉ



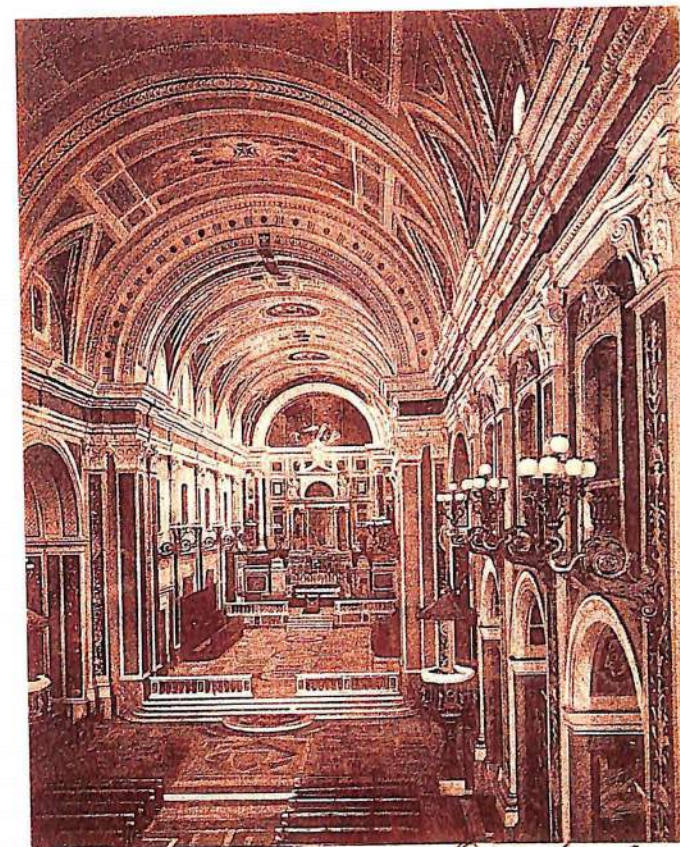
IGREJAS
CATEDRAL DA SÉ

■ Perspectiva interna da nave principal da Catedral da Sé. (VCM)



CATHEDRAL e PAÇO EPISCOPAL (Belém)

■ Postal com duas vistas. Acima, a Catedral da Sé, em sua fachada principal. Abaixo, a Igreja de Santo Alexandre, anexa ao Palácio Episcopal. (AM)



BEBAM A AGUA CASTELLO PARA -- Interior da Catedral
A melhor e a mais pura das Aguas de meza para beber
123. R. da Conceição
Ole. H. F. Fick. LINDO

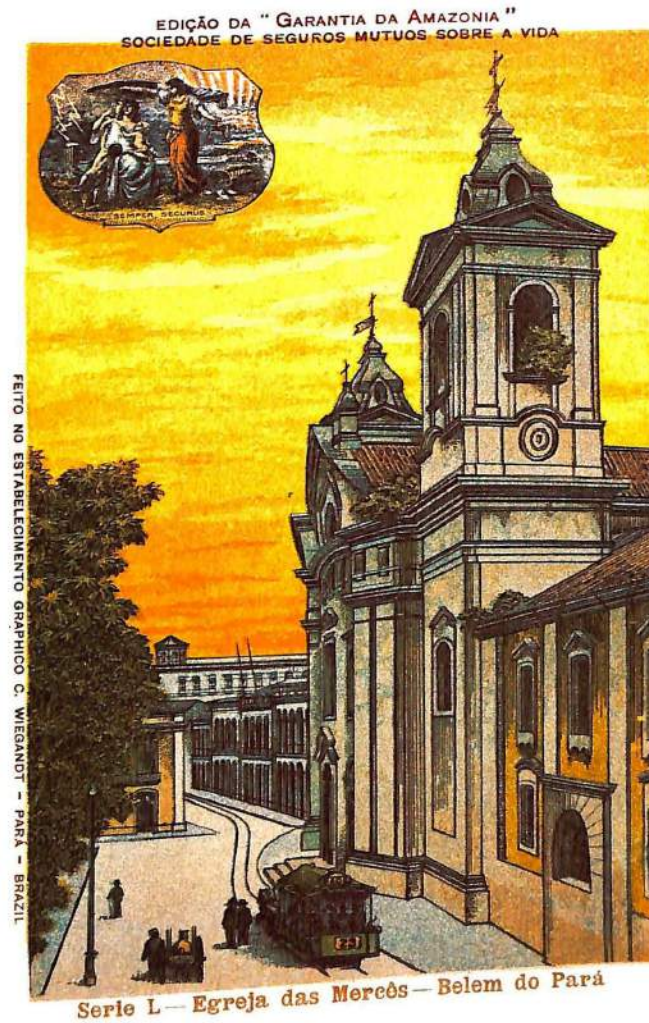


■ A primeira versão da obra jesuítica é de 1653 e foi dedicada a S. Francisco Xavier. Na foto, a igreja tal como foi reconstruída no início do século XVIII. Com a expulsão dos jesuítas no Período Pombalino, passou a se chamar Santo Alexandre. (EOB)

■ Vista aérea da Cidade Velha, tomada da torre da Catedral da Sé. Ao centro, parte da Igreja do Rosário dos Homens Brancos; ao fundo e na mesma direção, a Igreja do Carmo. Erguida em louvor a Nossa Senhora do Monte do Carmo, trata-se da terceira igreja (a primeira é de 1626) edificada sobre o terreno doado pelo capitão-mor Bento Maciel. Essa versão, da segunda metade do século XVIII (1766), é de autoria do arquiteto Antonio José Landi. (Y)



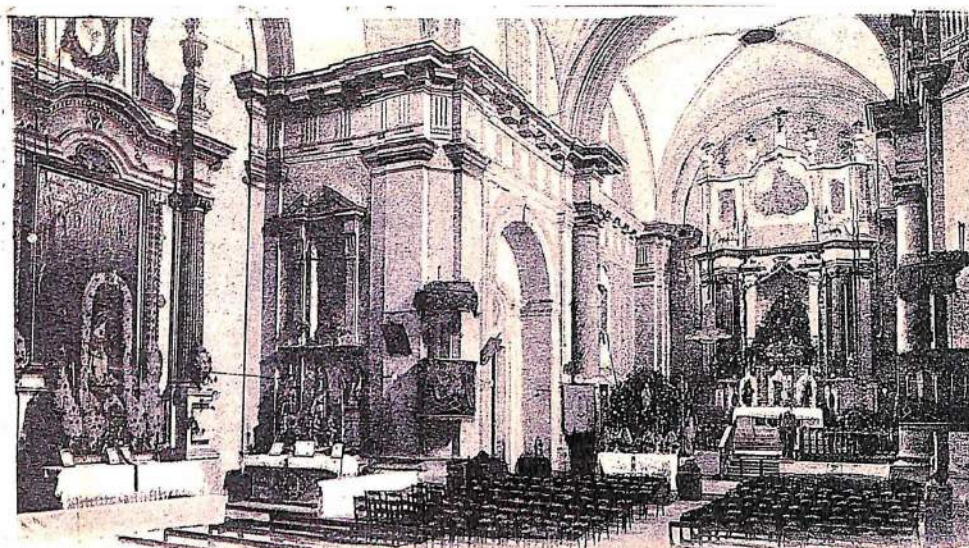
Egreja do Carmo – Pará.



■ A primitiva Igreja das Mercês foi erguida em 1640, em taipa e cobertura de palha. A edificação atual, construída sob projeto de Antonio José Landi, na segunda metade do século XVIII, é a única, em Belém, com frontaria em perfil convexo. (VCM)



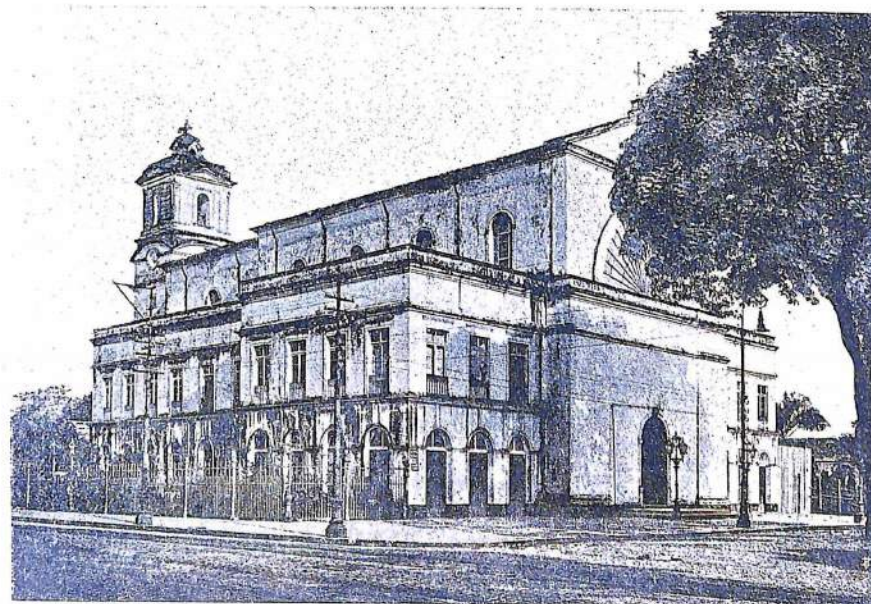
■ Fachada lateral da Igreja das Mercês, em foto tomada do cruzamento do Boulevard da República com a Travessa Frutuoso Guimarães. (EOB)



Pará — Interior da Igreja de S.ta Anna

■ Perspectiva interna da Igreja de Sant'Ana, obra do arquiteto italiano Antonio José Landi, no século XVIII, localizada na esquina das ruas Padre Prudêncio e Paes de Carvalho - atual Senador Manoel Barata. (AM)

■ Construída no local onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, no século XVIII, a igreja da foto - versão de 1884 - é anterior à basílica atual, que foi iniciada em 1909. Observe-se que a torre fazia frente para a Travessa 14 de Março. (EOB)



Igreja de Nazareth



Kyrka och församling i Para.

■ Prédio da antiga Assembléia de Deus, localizado à esquina da Rua 14 de Março com a Avenida São Jerônimo (Av. Governador José Malcher), demolido para dar lugar a um novo templo. (VCM)

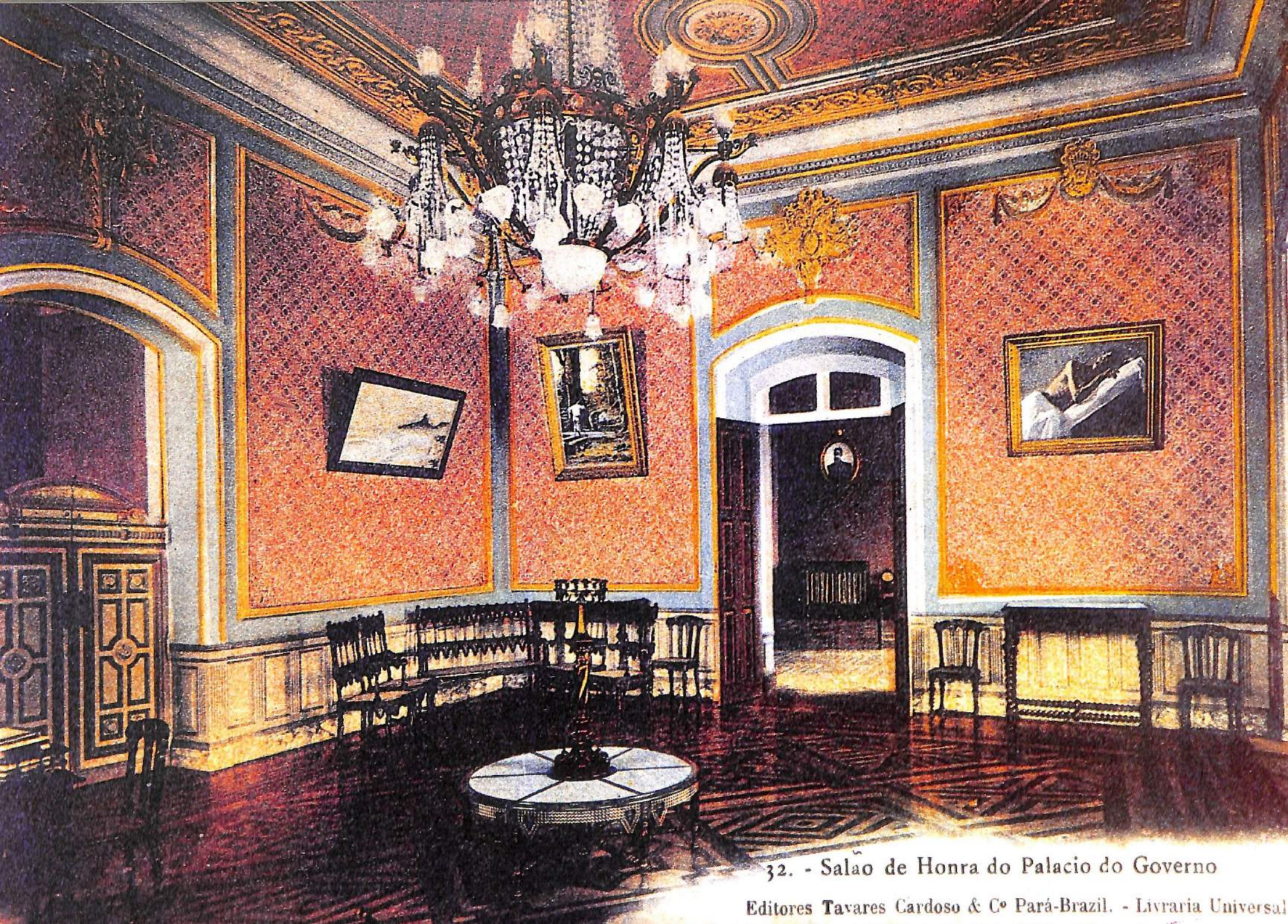
■ Construída em 1919, na Travessa Castelo Branco, entre as avenidas Conselheiro Furtado e dos Mundurucus, essa igreja é um projeto de José Sidrin e do engenheiro Palma Muniz. O primeiro, foi o principal responsável pelos planos urbanísticos do intendente Antônio Lemos. (VCM)



PARÁ - Igreja dos Frades Capuchinhos.



PALÁCIOS GOVERNAMENTAIS
THEATRO DA PAZ
HOSPITAIS & ASYLOS
ESTABELECIMENTOS DE ENSINO
QUARTÉIS



32. - Salão de Honra do Palacio do Governo



■ Perspectiva do Palacete Municipal, também chamado “Palacete Azul”, com suas linhas inspiradas em Auguste Grandjean de Montigny - estilo “Império Brasileiro”. Em primeiro plano, um trecho da Avenida 16 de Novembro e, ao fundo, vista parcial do Palácio do Governo. (VCM)

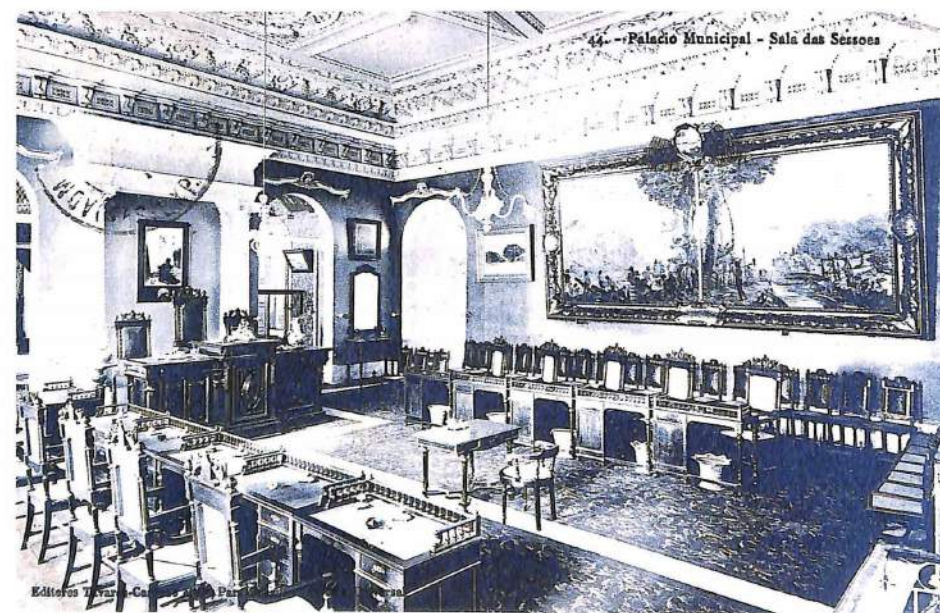
■ O Palacete Municipal (depois denominado Palácio Antônio Lemos em homenagem ao intendente de Belém) fica em frente à Praça da Independência (Praça D. Pedro II). Inaugurado a 15 de agosto de 1883, atualmente abriga, além da sede da Prefeitura Municipal, o Museu de Arte de Belém (MABE). Na foto, a fachada principal do palácio, possivelmente em fase final de construção, ainda sem janelas. (JMS)

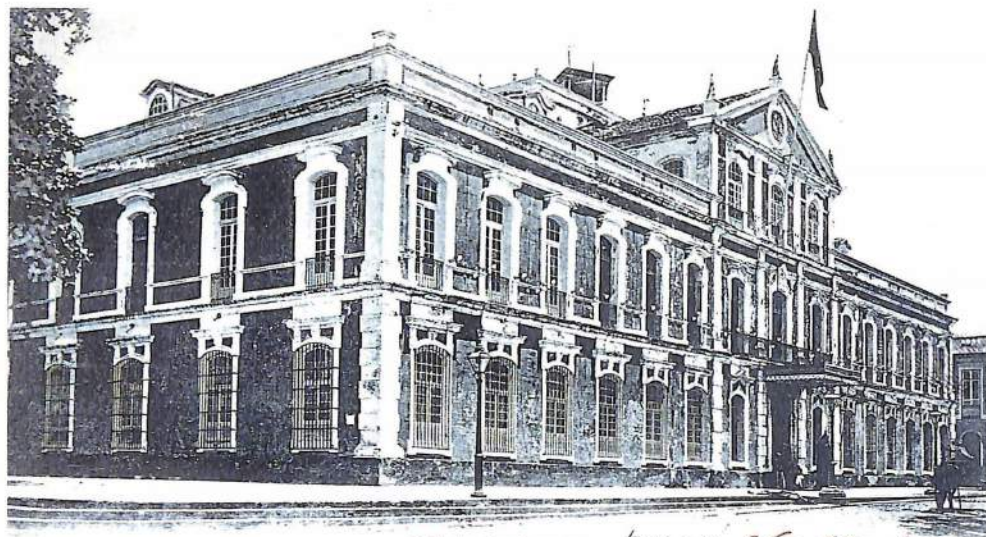




■ Interior do gabinete do intendente da cidade de Belém. Ao fundo, tela dos pintores De Angelis e Capranesi, que retrata, numa livre interpretação, os últimos momentos do maestro Carlos Gomes, falecido na capital paraense em 1896. (VCM)

■ Visão do interior da sala das sessões do Conselho Municipal. (VCM)





Palacio do Governo

PARA 26-11-903

Editor: R. L. Bittencourt, Pará

C. J. G. Chermont
C. J. G. Chermont

■ O antigo Palácio do Governo (depois Lauro Sodré, em homenagem ao governador do Pará), localizado ao lado do Palácio Municipal e em frente à Praça da Independência, foi erguido no século XVIII (1771), segundo projeto do arquiteto Antonio José Landi. Na foto, apesar da edificação não ter recebido ainda a reforma realizada no governo de Augusto Montenegro, de 1904, já apresenta algumas alterações no traçado original do arquiteto. Atualmente, o palácio abriga o Museu do Estado do Pará - MEP. (VCM)

■ Fachada do Palácio do Governo, após as obras de 1904. Foram retiradas as trapeiras, os pináculos e introduzida nova decoração na frontaria. Os seus principais salões também foram redecorados. (HFN)



13 - Palacio do Governo Estadual e Repartições Publicas

Fotografia: Arquivo do Estado do Pará - Livraria Universal



■ Um dos salões do palácio, depois da reforma de 1904.
O mobiliário e a decoração seguem o estilo “Renascença”.
(EOB)

■ No Salão dos Presidentes, em estilo “Império Brasileiro”,
as paredes eram utilizadas para abrigar a galeria de retratos
dos governadores do Estado. (Y)



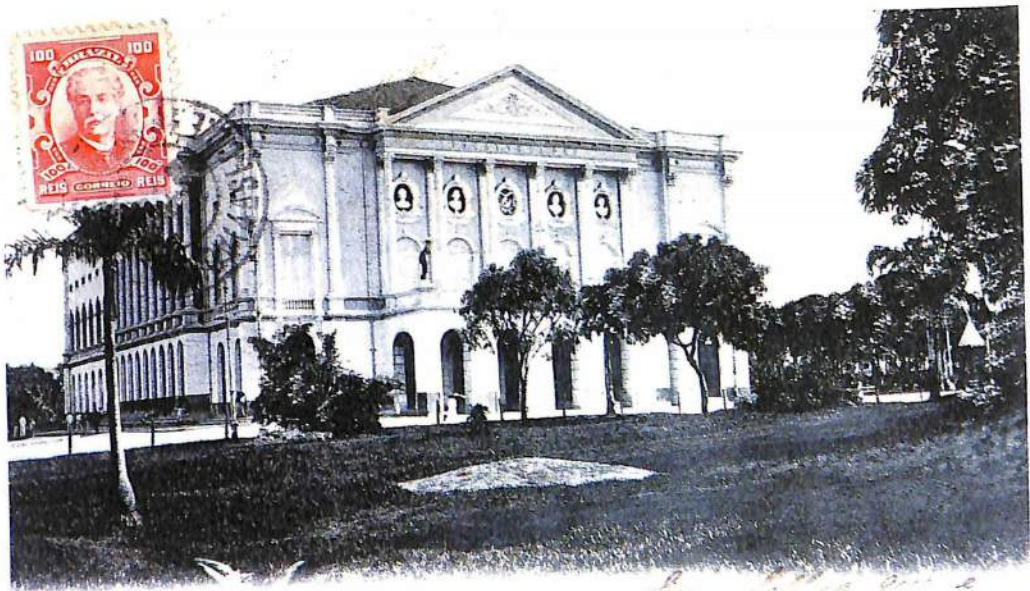


Pará — Theatro da Paz

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ Projeto de autoria do engenheiro militar José Tibúrcio de Magalhães, o teatro foi inaugurado em 1878. Na foto, a fachada original com a frontaria avançada, apoiada em sete colunas, que cobria a *terrasse*. Localizado na Rua da Paz, que separa a Praça da República do atual Parque João Coelho, ainda sem a urbanização que iria ocorrer no início do século. (VCM)

■ Após a remodelação feita em 1905, no governo de Augusto Montenegro, além de outras modificações, o teatro teve a frontaria recuada, deixando a *terrasse* descoberta. Também reduziu-se para seis o número de colunas, que ficaram sobrepostas à fachada. Nos vazados superiores da frontaria, foram colocados bustos de mármore representando as artes. (VCM)



Pará — Theatro da Paz (reformado)

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará



Brasil - Estado de Pará - Cidade de Belém.

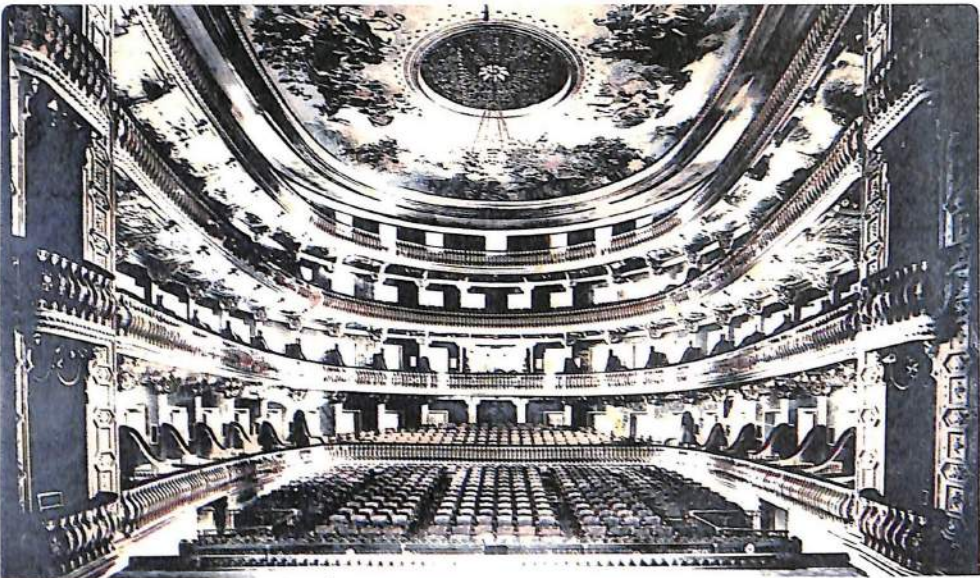
Dr. Paul

Theatro da Paz.

18/30

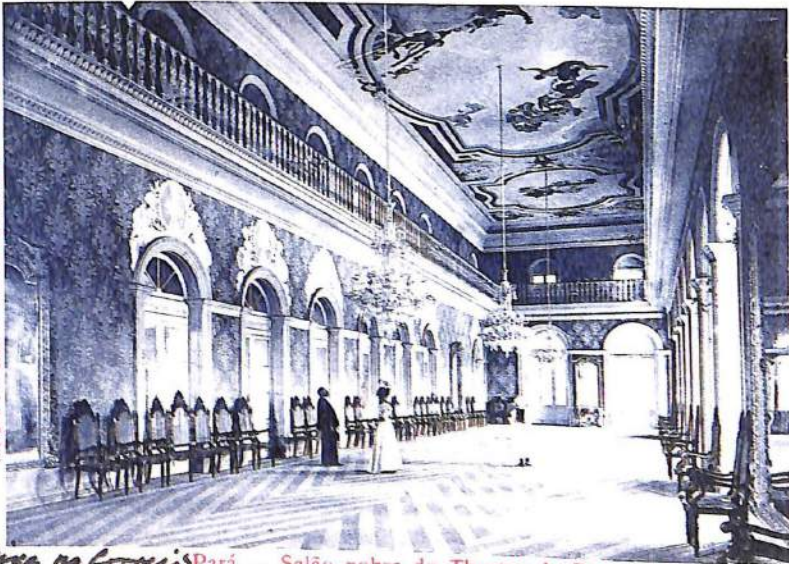
Belém, 31 de Agosto de 1904

■ Lateral do Theatro da Paz, após a reforma de Augusto Montenegro. Note-se que a área da entrada do teatro, sob o pórtico descoberto, não possuía os atuais portões de ferro. (MM)



12 — BRAZIL — PARÁ-BELEM.
Interior do Theatro da Paz. — ND Phot.

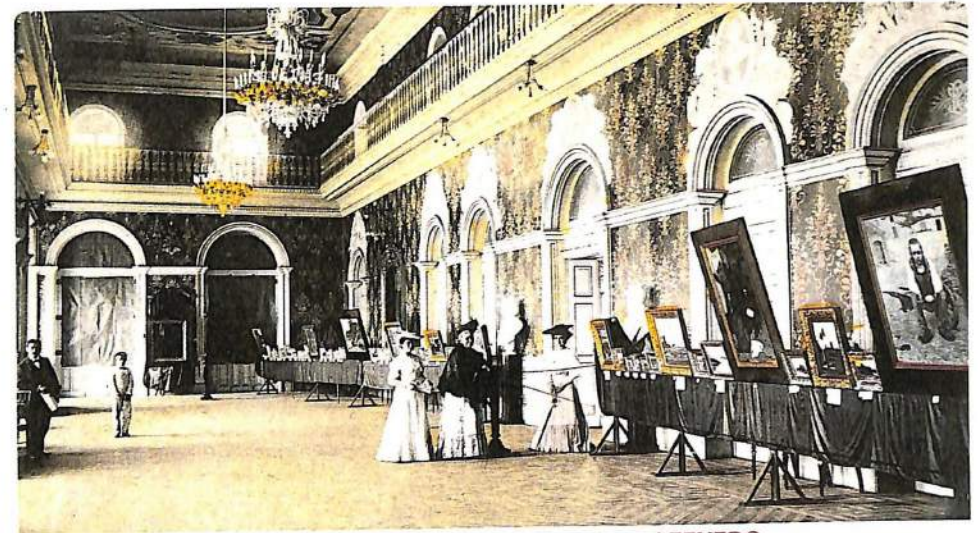
■ Na foto, o interior do teatro, após a reforma de 1905, quando foi acrescentada a chamada “varanda”, ao fundo da platéia. Observe-se, em destaque, no forro, as alegorias pintadas por Domênico De Angelis, auxiliado por mais cinco pintores italianos. (EOB)



■ Perspectiva do foyer, ainda com a pintura original de De Angelis e Capranesi. Esta foi substituída, posteriormente, por outra do pintor Armando Balloni, devido ao estado precário em que se encontrava. (Y)

Pará — Salão nobre do Theatro da Paz 3/8/05

*I trust all are well.
With kindest regards
H.B.W.*



Pará — Theatro da Paz — Exposição, AZEVEDO

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará

■ O foyer do teatro foi muitas vezes utilizado para exposições dos mais significativos pintores do país. (EOB - HFN)



Pará — Theatro da Paz — Exposição Parreiras

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará

Y&G 1111 m 13 AM

Union Postale Universelle
Brazil.
Bilhete Postal.



Miss Winifred Barrows
Maple Ave.

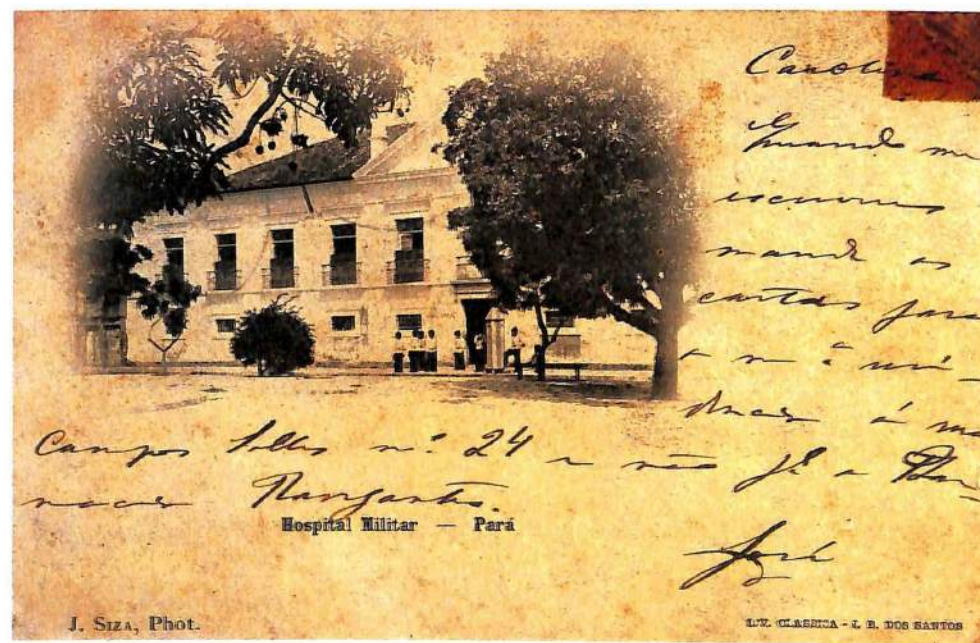
Greenwich Conn.
U. S. A.





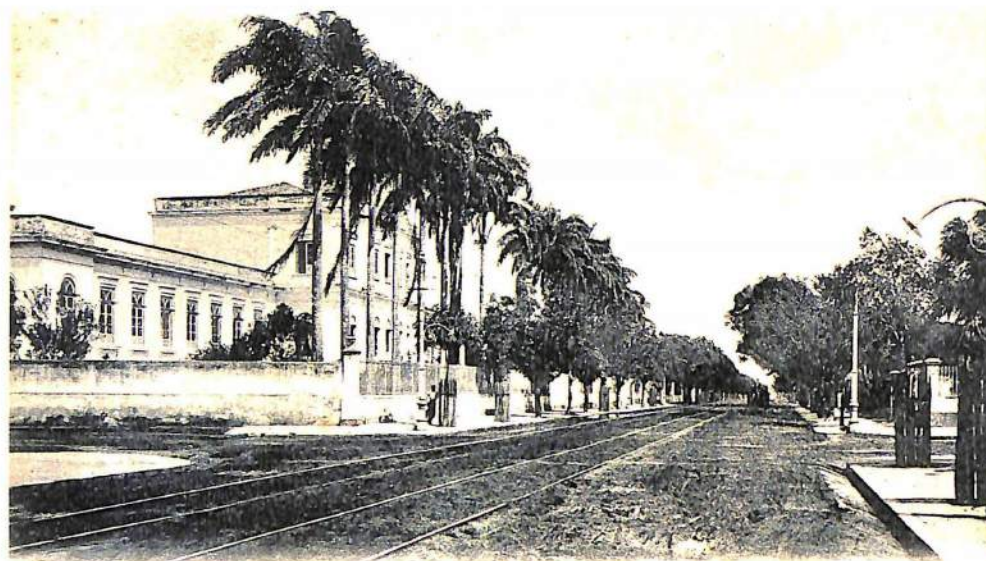
■ Vista do Hospital da Ordem 3ª de São Francisco, localizado, juntamente com a capela, ao lado do Convento de Santo Antônio, na esquina da Travessa de Santo Antônio (Frei Gil de Vila Nova). Na foto, o hospital antes da descaracterização total em que se encontra hoje, onde apenas a volumetria original foi mantida. (VCM)

■ Projetado pelo arquiteto Antonio José Landi para servir como residência oficial do governador Atahyde Teive, o prédio foi, posteriormente, transformado em Hospital Militar; depois, foi sede da Companhia de Guarda e, hoje, abriga a Subsistência do Exército. (VCM)



J. SIZA, Phot.

L.V. CLARICA - J. R. DOS SANTOS



Pará — Hospital da Real Sociedade Portuguesa Beneficente

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ Construído em 1877, na Avenida Generalíssimo Deodoro, entre as ruas João Balby e Boaventura da Silva, o Hospital D. Luís I tinha como fim exclusivo acolher portugueses domiciliados na capital paraense. Posteriormente, estendeu seus serviços a toda a população. (HFN)



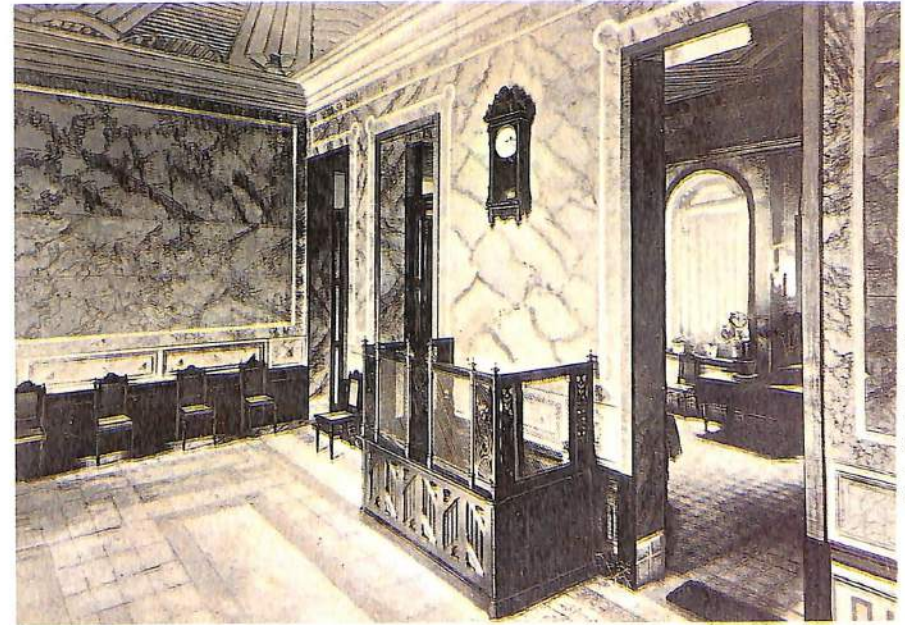
Real Sociedade Portuguesa Beneficente,
Pará.

Estabelecimento Hydrotherapico.

■ Localizado na esquina da Avenida Generalíssimo Deodoro com a Rua Boaventura da Silva, ao lado do Hospital D. Luís I, o centro de hidroterapia permaneceu até o final dos anos 70, quando foi destruído por um incêndio. (VCM)

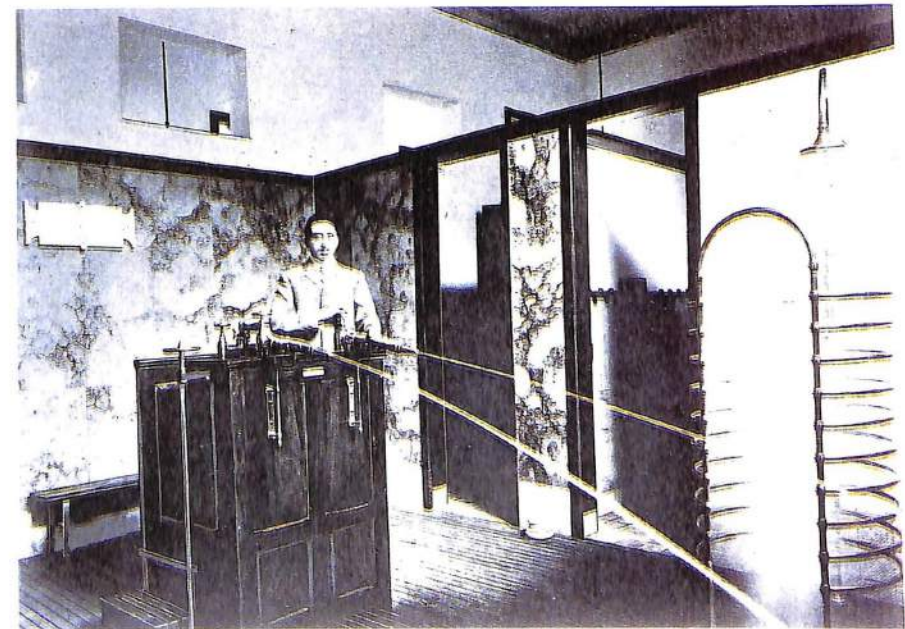


■ O tradicional estabelecimento, na verdade uma extensão dos serviços prestados pelo Hospital D. Luís I, encontrava-se equipado com o que havia de mais moderno no tratamento com a hidroterapia. (VCM)



Real Sociedade Portuguesa Beneficente.
Pará.

Atrio do Estabelecimento Hydrotherapico.



Real Sociedade Portuguesa Beneficente.
Pará.

Estabelecimento Hydrotherapico, Sala geral das Duchas.



No. 1. Popelaria Silva — Alfredo Augusto Silva — Pará

Obrigado pelo seu
cartão. muitas lembranças
aos amigos seu Paulo

Recebeu os diretores do hospital

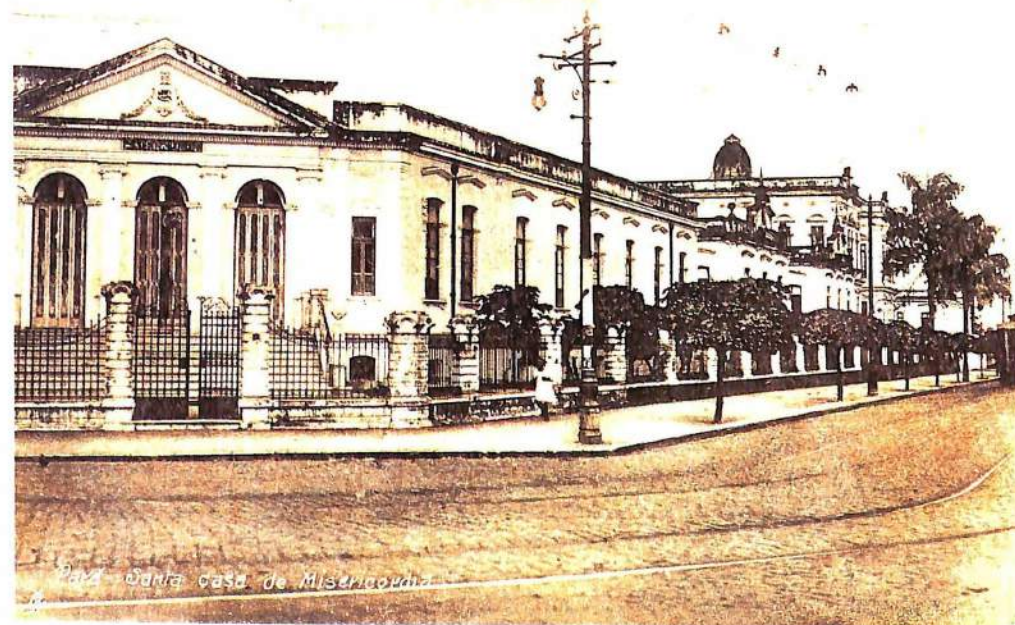


Pará (Brazil) — Santa Casa da Misericórdia

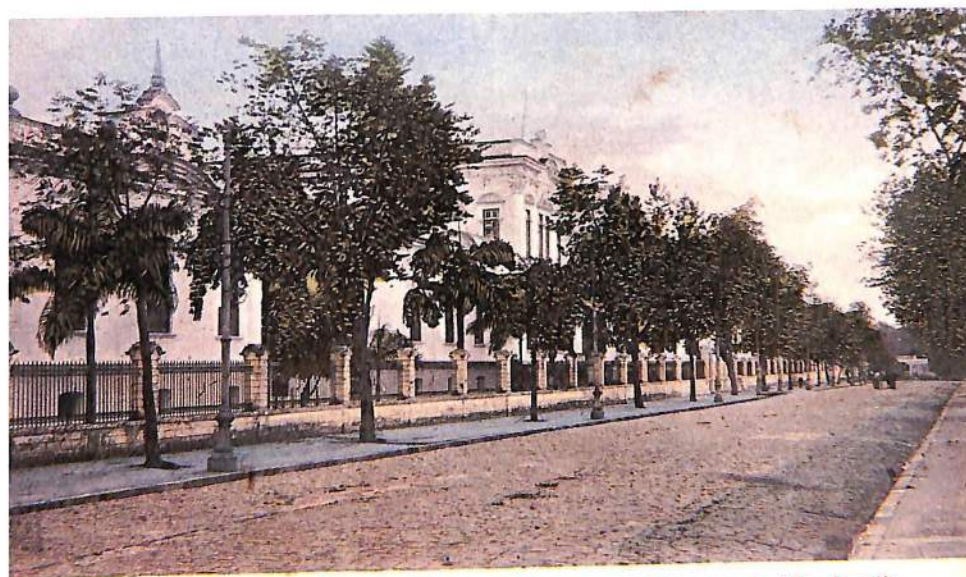
Março 28/905

■ Outra foto do cruzamento da Avenida Generalíssimo Deodoro com a Rua Oliveira Bello, após a construção do pavilhão de entrada principal, bem como dos trilhos de bonde. (PCF)

■ Fundado em 1805, o hospital fica localizado no quadrilátero limitado pela Avenida Generalíssimo Deodoro, ruas Bernal do Couto e Oliveira Bello e Travessa 14 de Março. Foto tomada do cruzamento da Avenida Generalíssimo Deodoro com a Rua Oliveira Bello. (VCM)



Pará Santa Casa da Misericórdia



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Santa casa da Misericordia

■ Perspectiva da Rua Oliveira Bello, tendo à esquerda alguns pavilhões da Santa Casa de Misericórdia. (PCF)



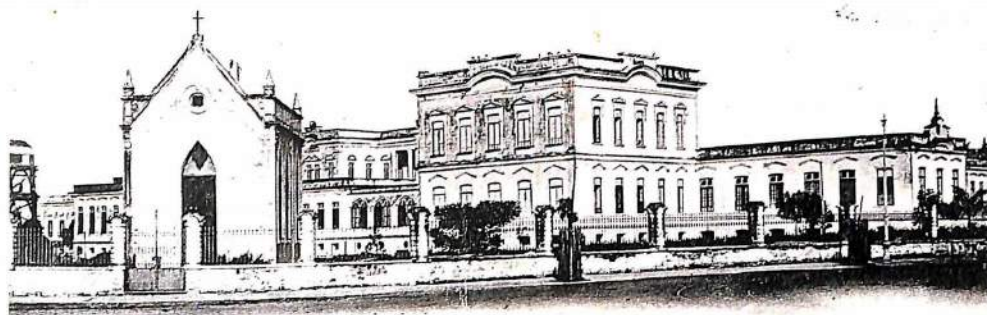
■ Pavilhões voltados para a Rua Oliveira Bello, entre a Avenida Generalíssimo Deodoro e a Travessa 14 de Março. (PCF)

HOSPITAIS & ASYLOS
HOSPITAL DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA



HOSPITAIS & ASYLOS
HOSPITAL DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.



Commemoração do centenário
D. Frei Caetano Brandão 1805-1905.

Hospital da Santa Casa da Misericórdia.
Edifício actual.

■ Tomada do cruzamento da Avenida Generalíssimo Deodoro com a Rua Bernal do Couto. Em primeiro plano, à esquerda, o necrotério em forma de ermida. (VCM)

■ No interior do Salão Nobre, destaque para o piso trabalhado em madeiras nobres da região. (MM)





Para
Hospital dos Alienados (Marco da Legua) 23/12/63
Kindest regards expect to arrive in
manãos in another week. Aft

■ Localizado à Avenida Tito Franco (atual Avenida Almirante Barroso), ao lado do Bosque Municipal, o hospital destinava-se ao isolamento e tratamento dos alienados mentais. Posteriormente denominado Hospital Juliano Moreira foi, mais tarde, desativado e demolido. Na foto, visão da fachada principal. (Y)

HOSPITAIS E ASYLOS
ASYLO DE MENDICIDADE



HOSPITAIS E ASYLOS
ASYLO DE MENDICIDADE



Estado do Pará

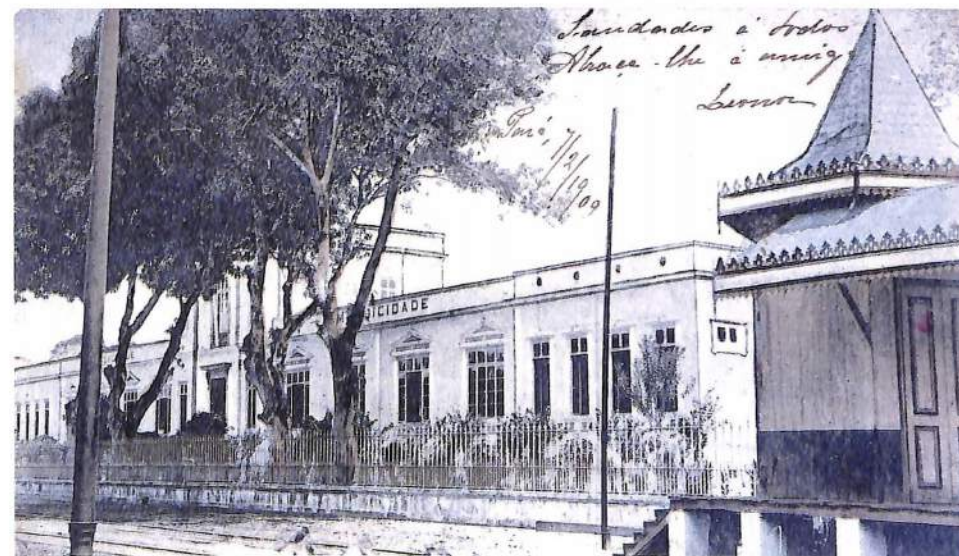
Asylo de Mendicidade.

Município de Belém

(A fachada, vista da Estrada de Ferro de Bragança.)

■ Inaugurado em 1902, na administração do intendente Antônio Lemos, o Asylo de Mendicidade localiza-se num recanto afastado, às margens da Estrada de Ferro de Bragança. No estabelecimento, eram recolhidos todos os mendigos da cidade. (PCF)

■ Na foto, a fachada principal do asilo, hoje denominado D. Macedo Costa e destinado ao abrigo de idosos. A parte superior do prédio, hoje inexistente, foi demolida devido ao comprometimento da estrutura pela forte trepidação causada pela passagem dos trens. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém — Asilo de Mendicidade



Estado do Pará

Município de Belém

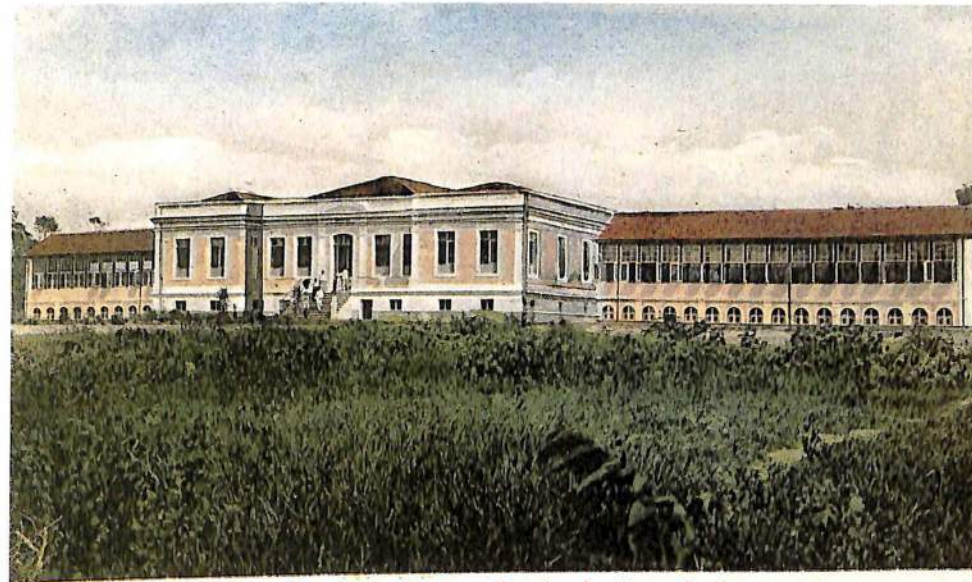
Asylo de Mendicidade.
(Jardim interno e pavilhão-refeitório, lado masculino.)

■ Jardins interiores, galerias e um dos dois pavilhões em estrutura metálica, importados da França, que serviam de refeitório aos asilados. (VCM)

33. - Posto Medico do Asylo de Mendicidade



■ Fachada principal do posto médico permanente, localizado em terreno contíguo ao asilo, inaugurado em 1907. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Outeiro Instituto Orphanologico

■ Antiga hospedaria de imigrantes, a edificação foi reinaugurada como Instituto Orfanológico, na gestão de Augusto Montenegro, em 1906. Localizado na Ilha do Outeiro, hoje abriga o Cefap, unidade da Polícia Militar do Estado. (VCM)



Gymnasio N. S.ª do Carmo - Belém do Pará (Brazil)

■ Localizado ao lado da Igreja do Carmo, o antigo convento da ordem teve o início de sua construção em 1626, pelos carmelitas calçados de São Luís do Maranhão. Ali eles ministravam aulas de filosofia, teologia e música. Hoje, com a sua arquitetura visivelmente descaracterizada, o local é administrado pelos padres salesianos, que lá mantêm um educandário. Observe-se que, na época, era possível desfrutar a vista do Rio Guamá, ao fundo. (VCM)





Pará. Casernen.

*Forêt von
Hauschewonberg*

Sete 200-21merita 145

■ Foto mais aproximada do liceu, tomada do cruzamento da Rua de São João (atual João Diogo) com a Travessa São Francisco. Por muito tempo foi o único estabelecimento de ensino secundário em Belém. Em primeiro plano, note-se a pavimentação das ruas, calçamentos, meio-fio, mangueiras recém plantadas e, à direita, vista parcial de um poste de iluminação, indicando os serviços de urbanização realizados na gestão de Antônio Lemos. (HFN)

■ Ao fundo, à direita, o prédio do primeiro liceu paraense, do final do século passado, localizado no antigo Largo dos Quartéis (atualmente Praça Saldanha Marinho e da Bandeira). Não existia ainda, no logradouro, a urbanização que só se faria na administração do intendente Antônio Lemos. À esquerda, antigas edificações dos quartéis, atribuídas ao traço do arquiteto Antonio José Landi, no século XVIII. (VCM)



Lyceu B. Constant — Pará

14.9.03

J. SIZA, Phot.

*Combien de
prix as tu eu.
Pourquoi
n'en parles
tu pas?*

*Quoi pas
même le
prix du Singe*

*Je n'ai pas de
compliments a te faire
Ca m'embete*

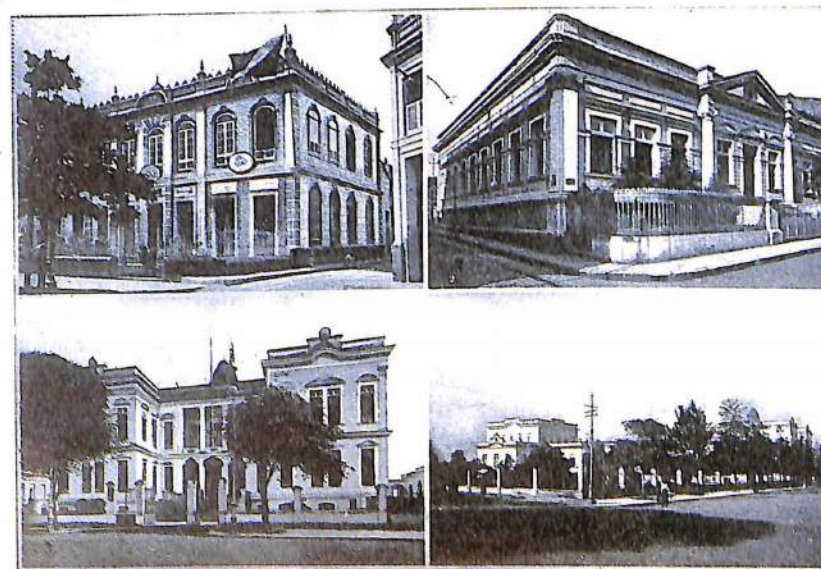
LIV. CLASSICA - J. B. DOS SANTOS



16 Pará — Academia de Direito — Praça da Trindade

■ Tradicional prédio da Academia de Direito, localizado à esquina da Rua Padre Prudêncio com a Avenida Almirante Tamandaré (trecho que atualmente corresponde à Rua Gama Abreu), em frente ao Largo da Trindade. Hoje, no edifício, funciona a Ordem dos Advogados do Brasil-Seção Pará. (VCM)

■ Ao alto, à esquerda, o Instituto Cívico-Jurídico Paes de Carvalho, localizado à Travessa São Matheus (atual Padre Eutíquio) e destinado ao preparo para a vida republicana nacional e à formação do funcionário público. Os outros prédios estão comentados em outros capítulos deste livro. (VCM)

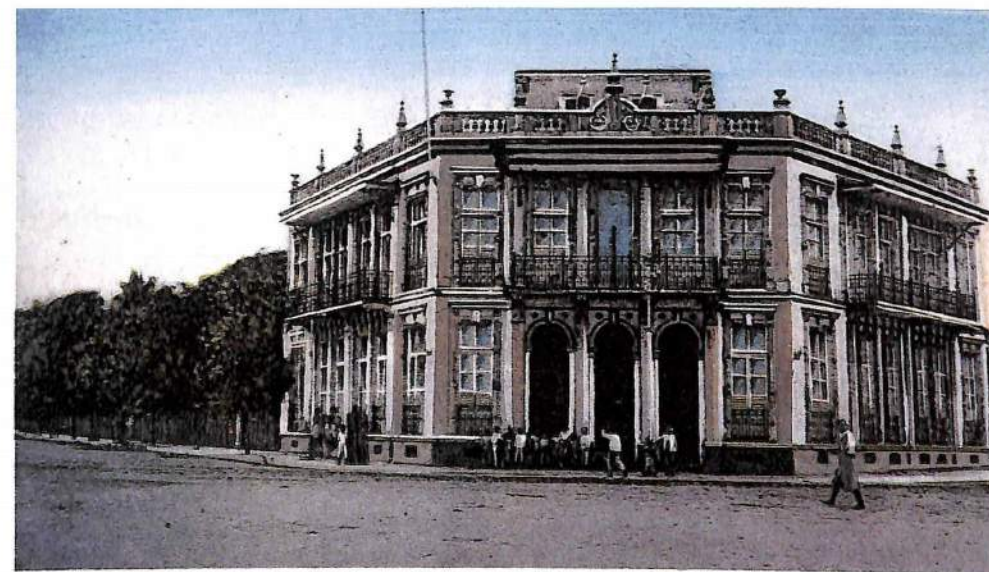


1. Directoria de serviço sanitario Municipal e Instituto Cívico-Jurídico Paes de Carvalho.
2. Bibliotheca Pública. - 3. Entrada do Edifício da S. Casa da Misericórdia. - 4. Edifício da S. Casa da Misericórdia.



■ Quinto Grupo Escolar da Capital, localizado na Avenida Generalíssimo Deodoro, esquina com a Avenida de São Braz (atual Braz de Aguiar). Ainda hoje continua sendo um estabelecimento de ensino, sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Educação - Seduc. (VCM)

■ Localizado no antigo Largo de Santa Luzia, frente à Santa Casa de Misericórdia, o prédio do 6º Grupo Escolar da Capital é, hoje, ocupado pela Escola de Medicina da Universidade Federal do Pará, tendo passado por modificações em sua fachada original. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Grupo Escolar Santa Luzia

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO
INSTITUTO GENTIL BITTENCOURT

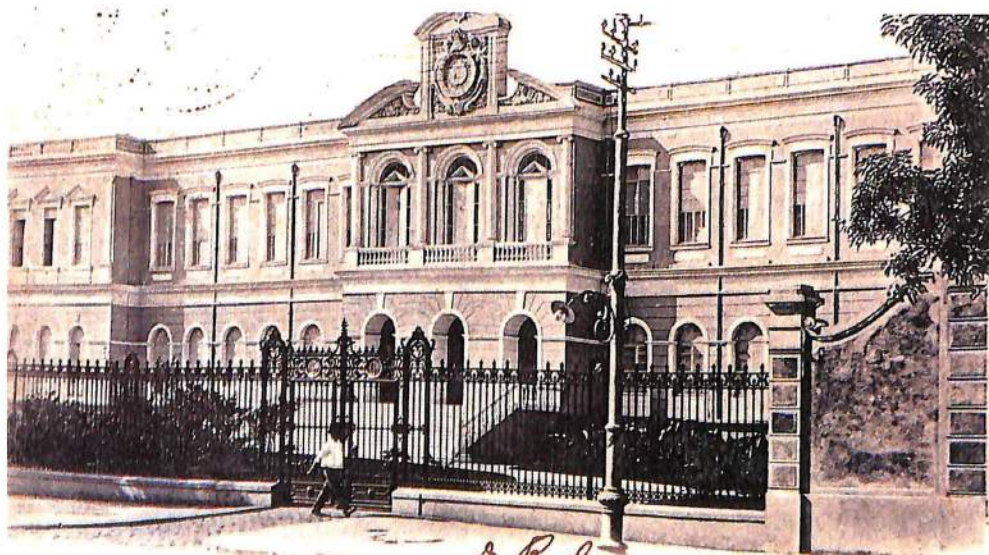


ESTABELECIMENTOS DE ENSINO
INSTITUTO GENTIL BITTENCOURT



10 — BRAZIL. — PARÁ-BELEM. — Instituto Gentil Bittencourt. — ND Phot.

■ Instituto Gentil Bittencourt, antiga escola profissional para meninas, localizado na Avenida da Independência. Concluído na administração de Augusto Montenegro, seu gradil foi fabricado na oficina de ferreiro do Instituto Lauro Sodré, em Belém, assim como todo o mobiliário do tradicional estabelecimento. Hoje, é um colégio para ambos os sexos, dirigido por uma irmandade religiosa. (VCM - MM)



Brazil - Estado do Pará - Cidade de Belém.

do Paul

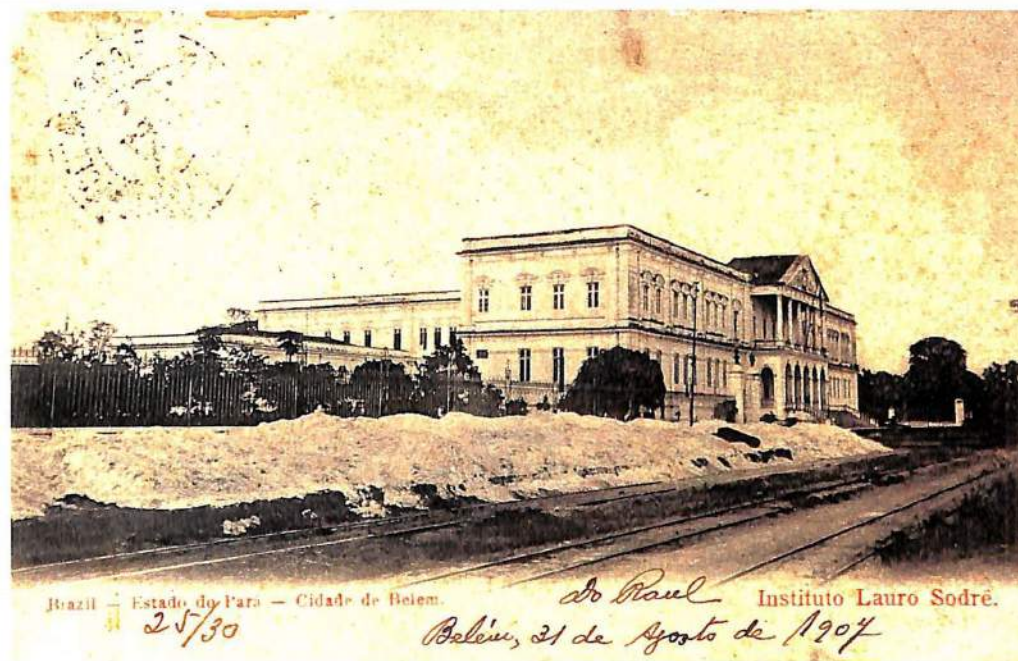
Instituto Gentil Bittencourt.

Belém, 21 de Agosto de 1907

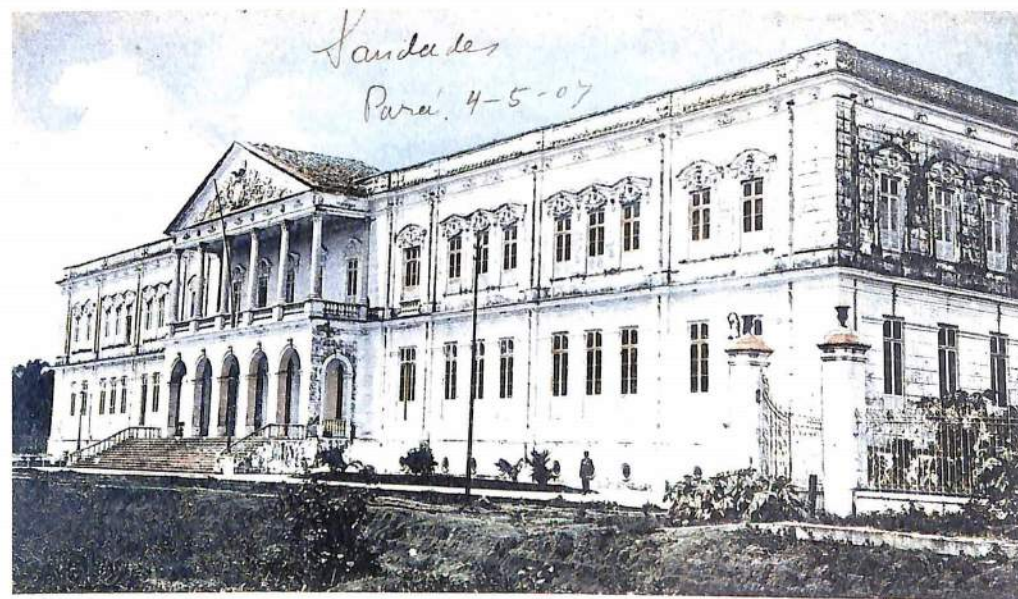
2/80



■ Inaugurado em 1899, no governo de Paes de Carvalho, sua principal atividade era a instrução profissional, nos diversos ofícios, para rapazes. Na foto, em primeiro plano, uma vista da Avenida Tito Franco (hoje Almirante Barroso), com as linhas do bonde e da Estrada de Ferro de Bragança. (MM)



■ Foto do instituto, tomada de outro ângulo. Atualmente, abriga um estabelecimento de ensino, sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Educação - Seduc. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Instituto Lauro Sodré



■ Substituindo as edificações da antiga caserna, o edifício do Quartel General foi construído em frente à Praça Saldanha Marinho (atual da Bandeira), entre as travessas de Mucajá (atual São Pedro) e São Francisco. Na foto, uma perspectiva do quartel tomada da Rua de São João (atual João Diogo), em direção ao Bairro da Cidade Velha. (Y)

■ Outro ângulo do quartel, tomado da Rua de São João, em direção ao Bairro da Campina. (VCM)





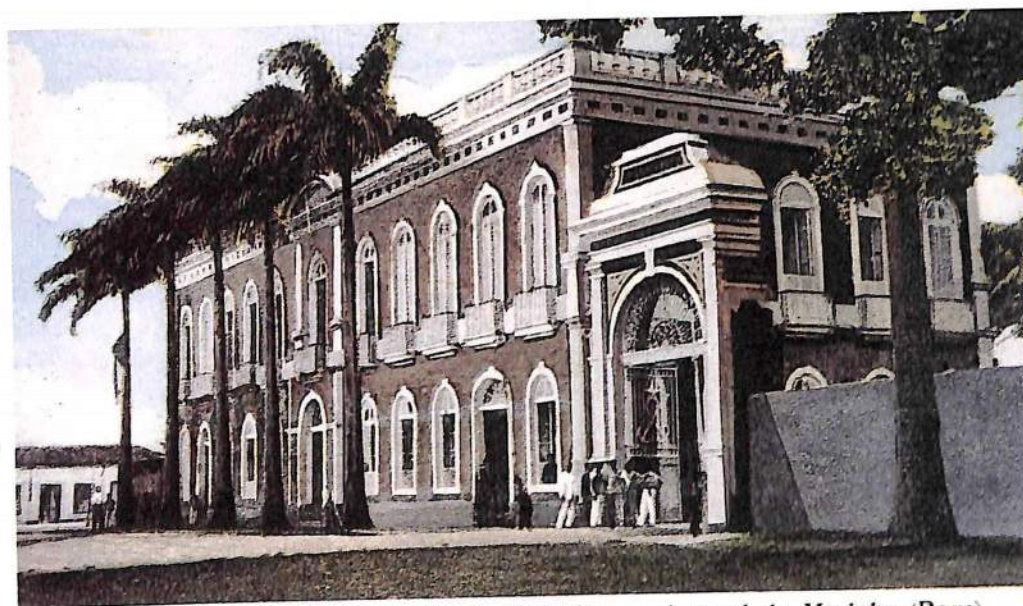
■ A instituição criada em 1882, teve sua sede inaugurada em 1904, na administração do intendente Antônio Lemos. Localizada na Rua de São João, esquina com a Avenida 16 de Novembro. (Y - VCM)



Pará — Quartel de Bombeiros



■ Fachada principal do Corpo de Bombeiros, voltada para a Rua de São João. (PCF)

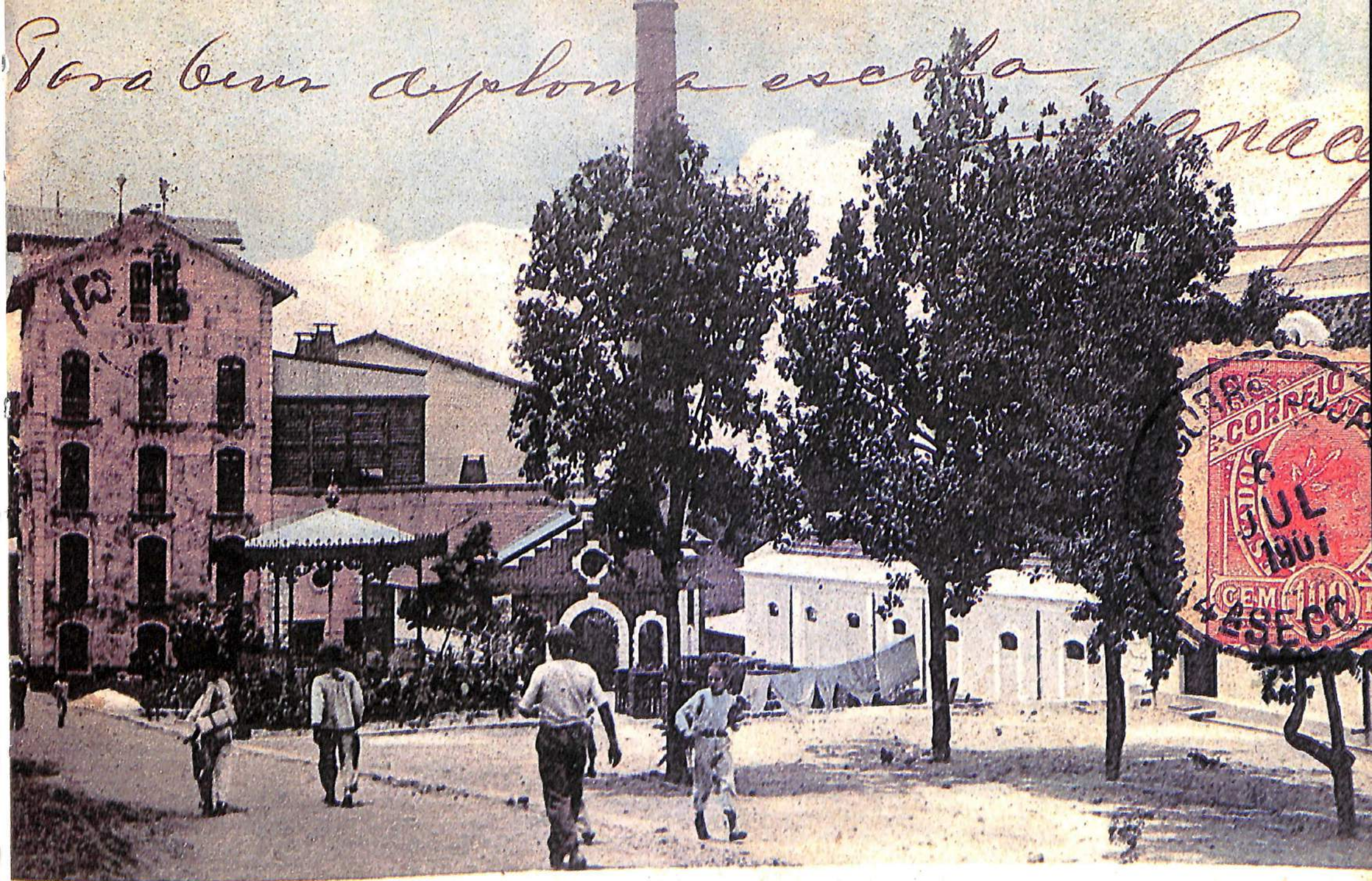


Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Arsenal de Marinha (Bage)

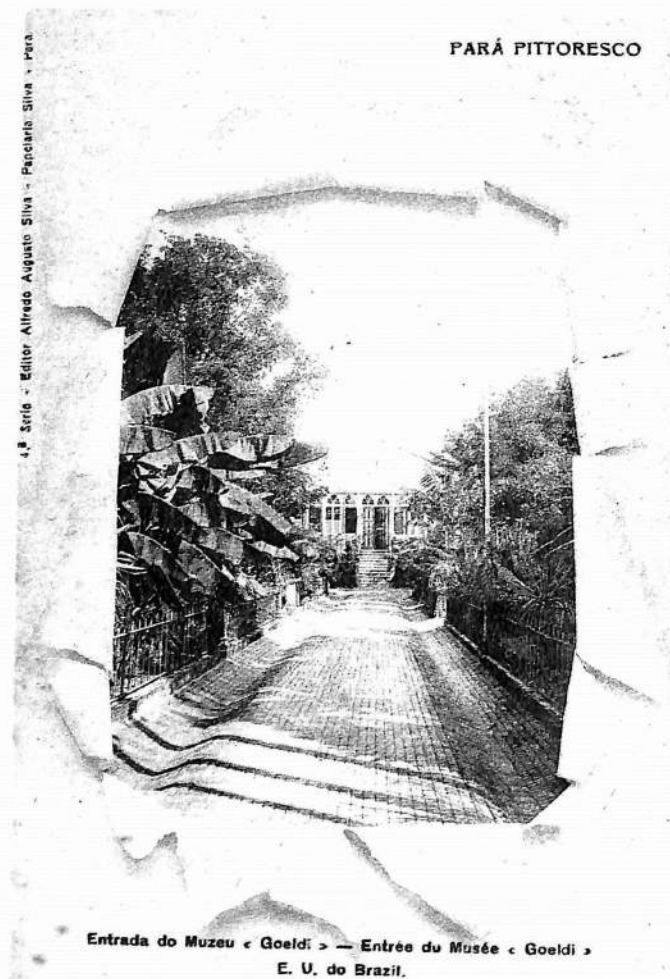
■ Localizado na Praça Carneiro da Rocha (antigo Largo do Bagé), o arsenal, edificado em 1876, hoje serve à sede do Comando Naval. (VCM)



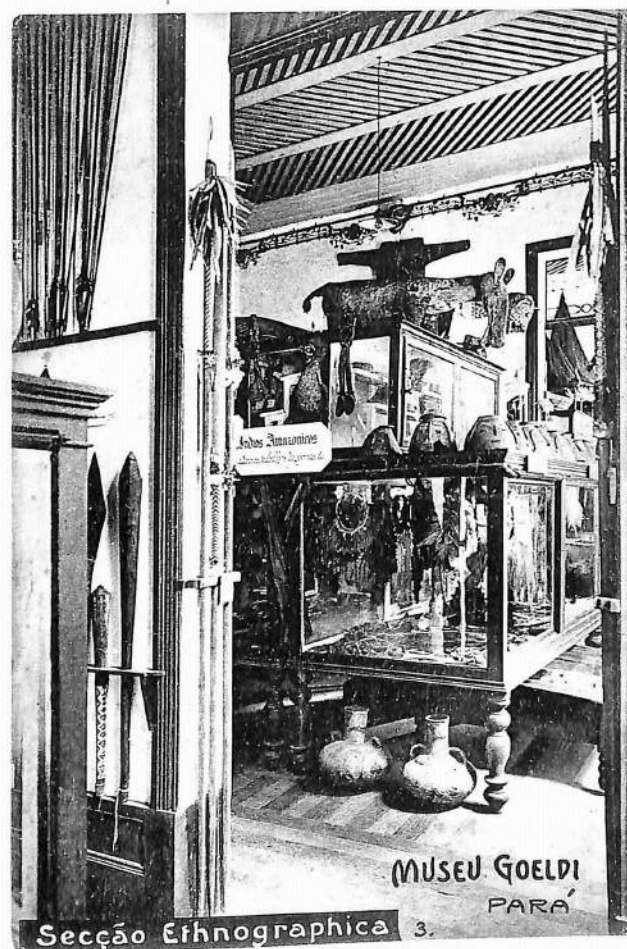
PARQUES ZOOBOTÂNICOS
BARES & HOTÉIS
CASAS COMERCIAIS & BANCOS
FÁBRICAS



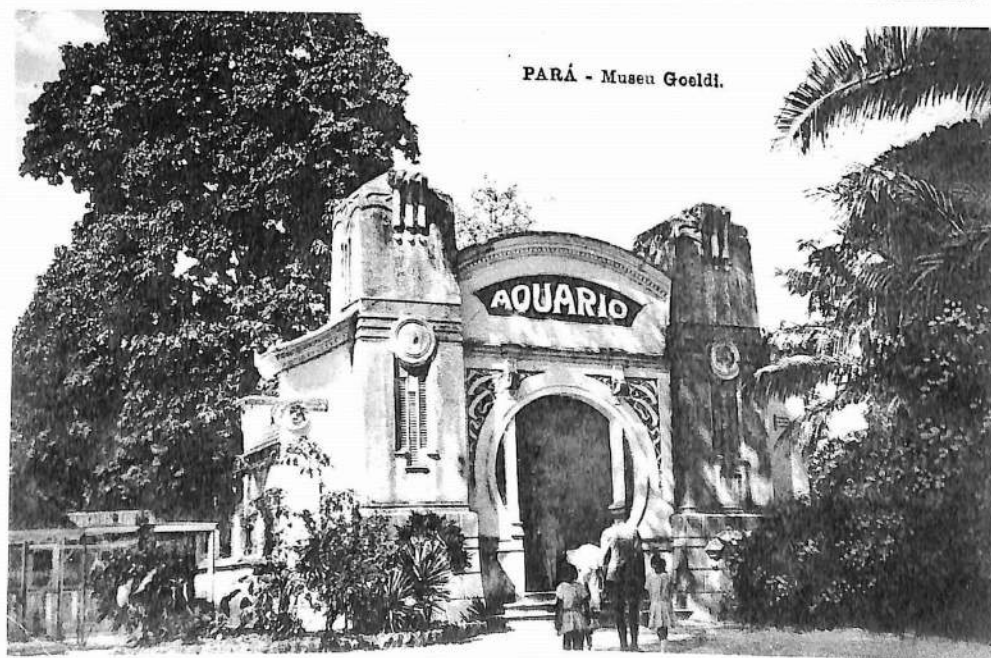
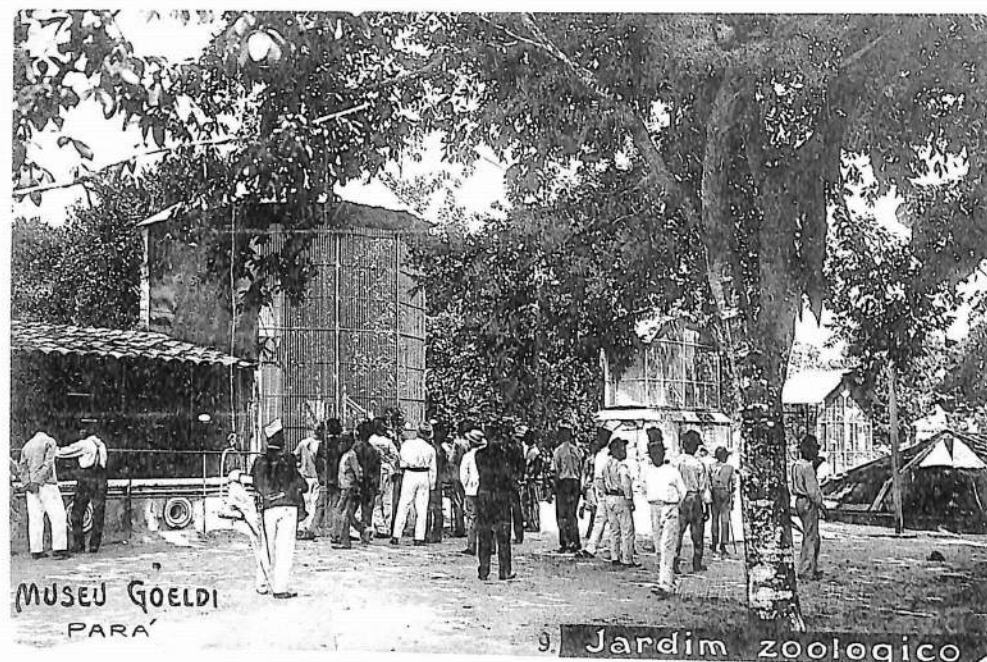
Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Fabrica de Cerveja Paraense



■ O museu, que tem sua origem em 1866, com a inauguração das coleções da Sociedade Philomática, só em 1895 passou a funcionar na Avenida da Independência. Compunha-se de quatro seções: zoologia, botânica, geologia e etnografia. Na foto, a entrada principal do parque, tendo, ao fundo, o prédio da Rocinha, local destinado às exposições permanentes. (VCM)



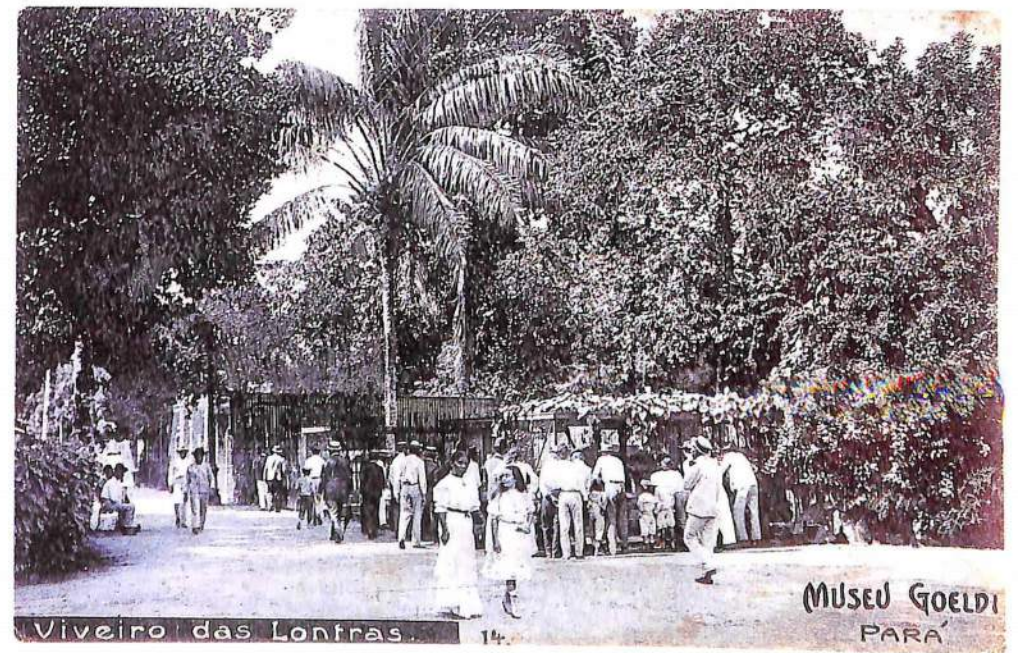
■ Exposições permanentes no interior da Rocinha. (PCF)

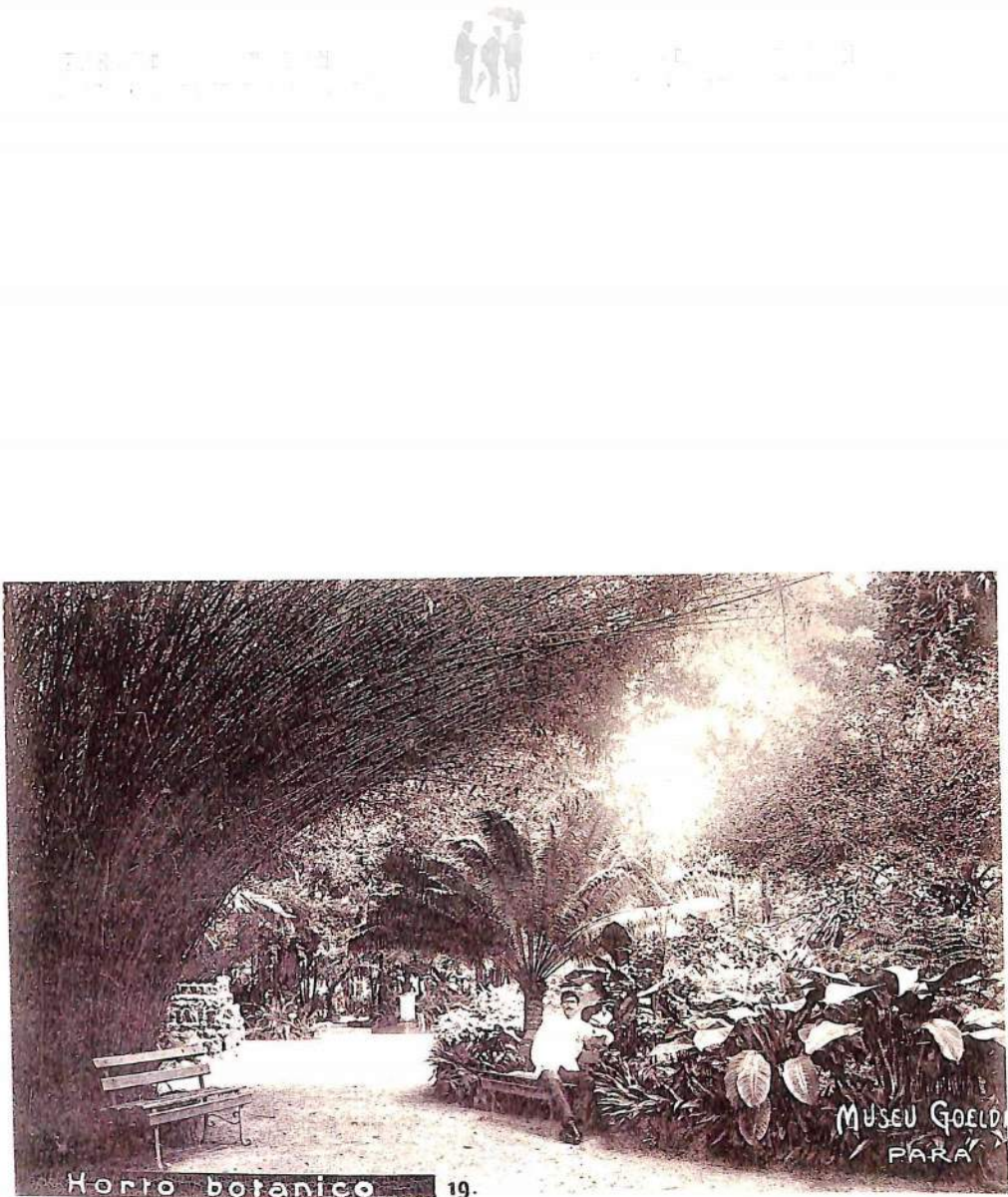


■ Orientado pelo dr. Emílio Goeldi, o museu desenvolveu um jardim zoológico, destinado a abrigar espécimes da fauna amazônica. No postal abaixo, a eclética edificação do Aquário. (PCF - VCM)

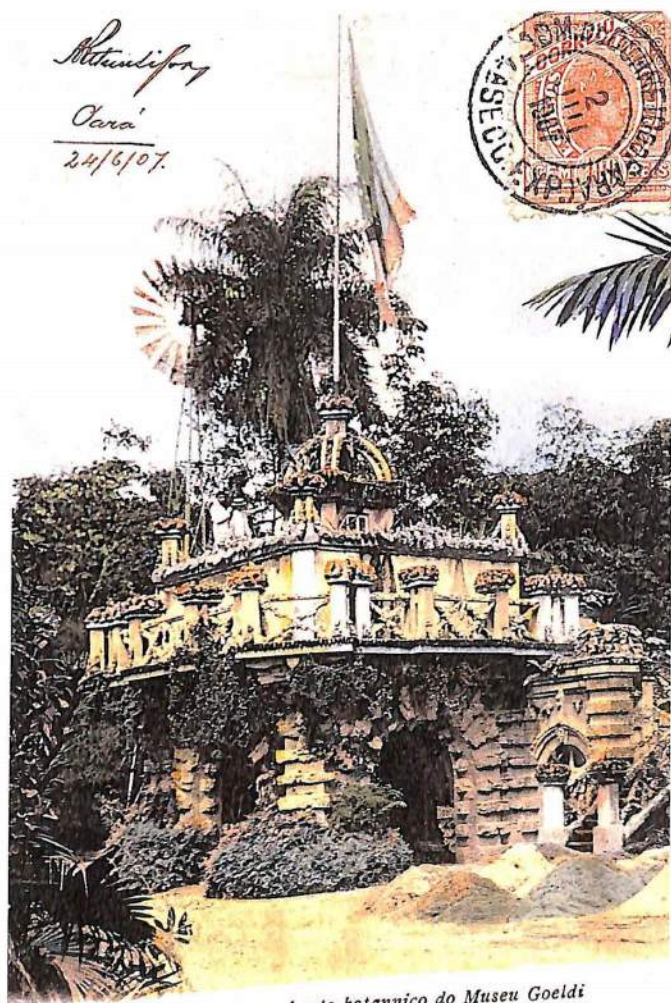


■ Vistas do jardim zoológico do museu. (PCF)





■ Com a sua riqueza de variedades, o horto botânico foi criado com o objetivo de ser um mostruário da flora regional. (VCM)

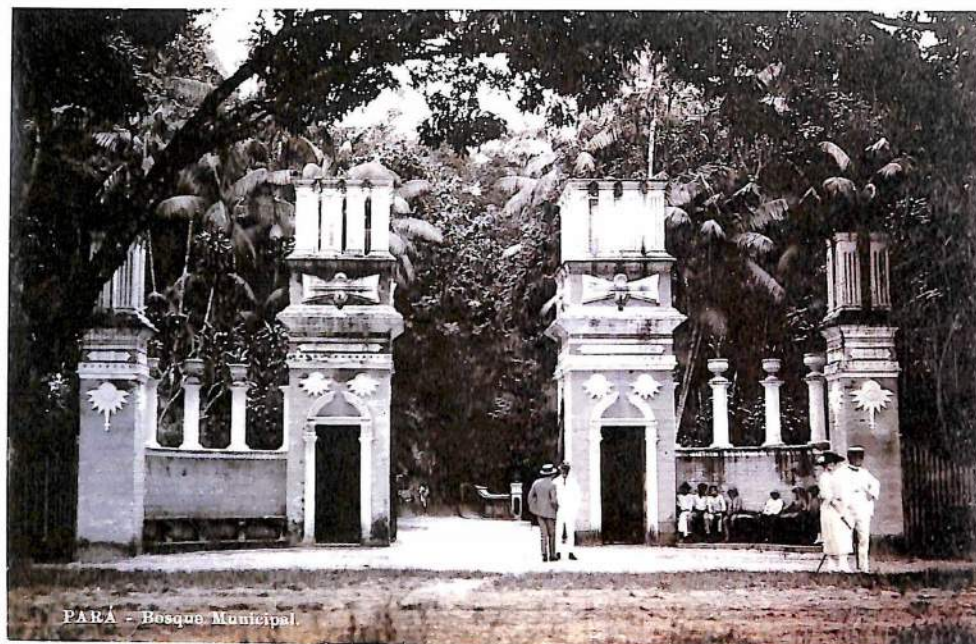


I Pará Gruta no horto botânico do Museu Goeldi
Martins & Araujo, Editores - Para (Brasil)

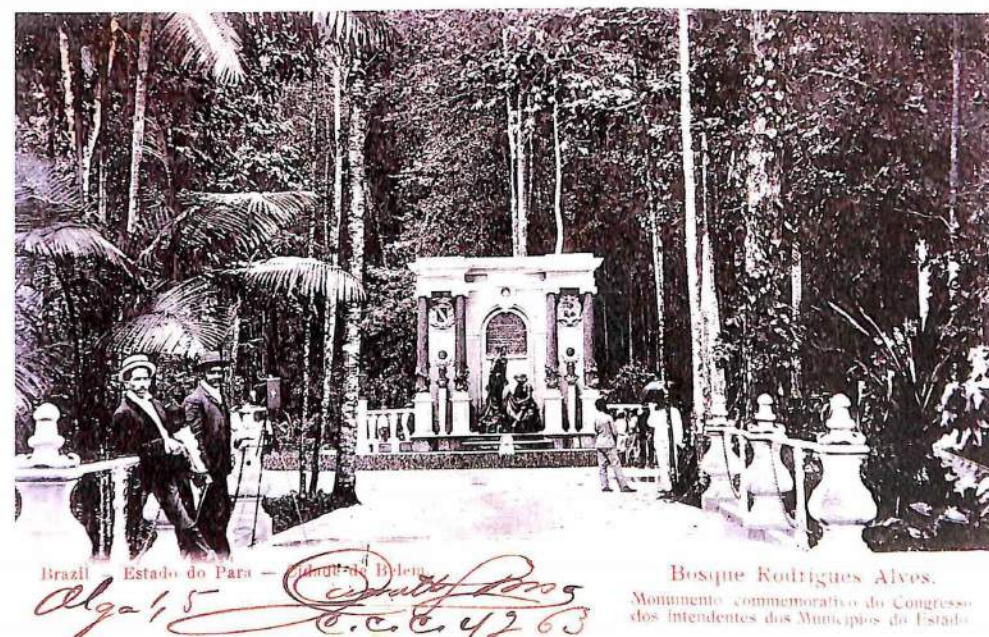
■ Vista do reservatório d'água e mirante. (PCF)



■ Monumento em homenagem ao idealizador do Museu Paraense, Domingos S. Ferreira Penna. Obra do escultor brasileiro Bernardelli, constitui-se de um busto em bronze sobre pedestal de granito, inaugurado durante a administração de Augusto Montenegro. (VCM)



■ Monumento em mármore e bronze, comemorativo ao Congresso dos Intendentes Municipais do Estado, realizado no bosque, a 15 de agosto de 1903. As estátuas de bronze que haviam sido transferidas para um monumento na Praça da República, em homenagem ao maestro Carlos Gomes, foram devolvidas ao seu recanto original, no início dos anos 80, durante a administração do então prefeito Almir Gabriel. (EOB)



■ Antigo Bosque do Marco da Légua, criado em 1870. A partir de 1906, passou a se denominar Bosque Rodrigues Alves. Ocupa uma extensa área retangular, limitada pelas antigas avenidas Tito Franco (atual Almirante Barroso) e Conde D'Eu (atual 25 de Setembro), e pelas travessas Perebebuí e Lomas Valentinas. Na foto, o pórtico da entrada principal, pela Avenida Tito Franco. (EOB)



Estado do Pará

Bosque Municipal. — Uma ponte.

Município de Belém

■ Uma das muitas pontes sobre o regato que percorre todo o bosque. (VCM)

■ Um dos inúmeros cruzamentos das alamedas internas do bosque, entre a flora característica da região. (VCM)



Estado do Pará

Uma encruzilhada no Bosque Municipal.

Município de Belém



Bosque Municipal — Belem

■ Vista do lago no centro do bosque, em que se destaca o Pavilhão Chinês, hoje desaparecido. (VCM)

Austobio. Aqui cheguei no dia 29 de

E. U. do Brazil



Pará (Brasil) — IV. Parque de Baptista Campos

■ Apesar da legenda do postal identificar a foto como Parque de Baptista Campos, trata-se, na verdade, de outra vista do Pavilhão Chinês, sobre o lago artificial do Bosque Municipal. (VCM)



■ Situada em uma das alamedas do bosque, rústica cabana feita com materiais construtivos da região. (VCM)



■ Maloca central construída à semelhança da arquitetura indígena da região, localizada às proximidades do lago principal. (VCM)



Uma Cabana no Bosque Municipal
M. - Cardoso
Gale e seu filho
mão em sacarina
for

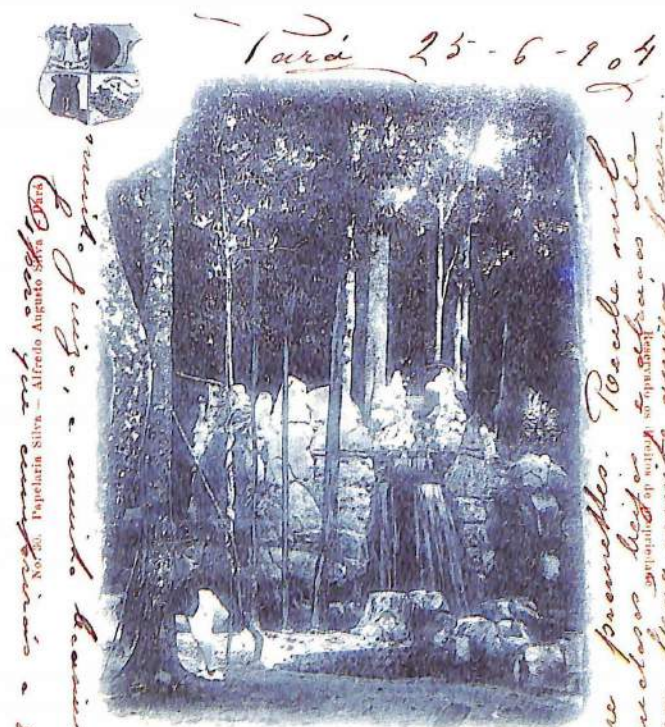


Pará — Bosque Municipal

*Arranque a mandar a este meu
postal. Mandar me dizer se é assim
que tu queres. Aguardo a tua resposta.*

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ Vista de uma clareira com lago circular e chafariz, onde eram plantadas várias espécies aquáticas da flora regional. (VCM)



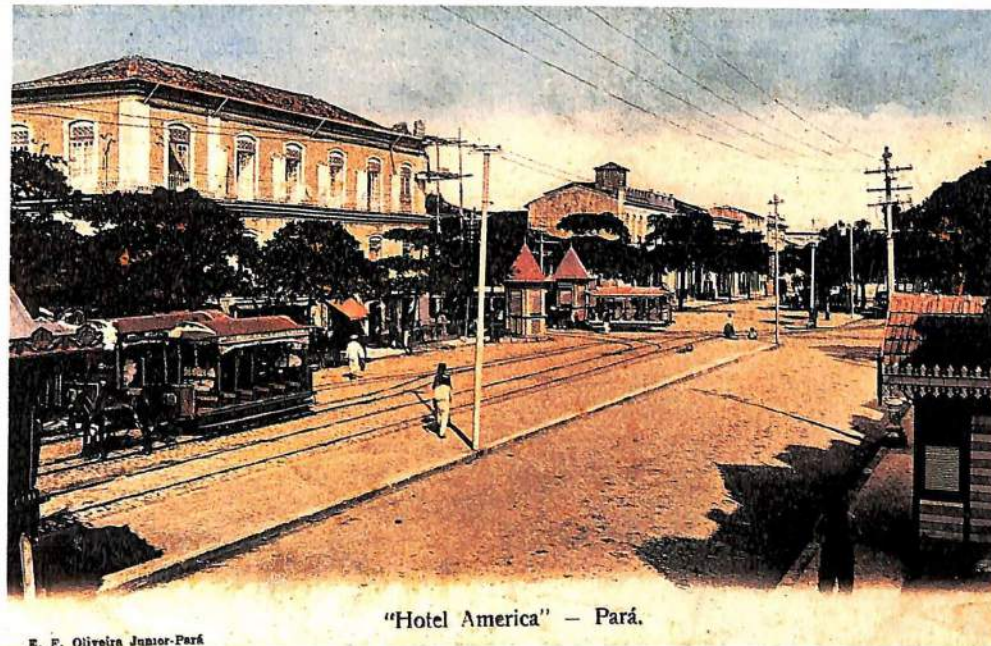
Pará (Brazil) — Bosque Municipal

Pará 25-6-904

Meu querido Tereza

*Recebi a tua cartinha
datada de 6 de corrente, e
a alegria me deu, saber que
tenho uma filhinha, com*

■ Cascata artificial, nascendo entre pedras, que dá origem ao regato que serpenteia o bosque e forma o lago central. (VCM)



E. F. Oliveira Junior-Pará

"Hotel America" — Pará.

■ O Hotel América funcionou no prédio que hoje abriga as “Casas Pernambucanas”, na esquina da Avenida 16 de Novembro (trecho da atual Avenida Portugal) com a Rua Conselheiro João Alfredo. Na foto, uma perspectiva da Avenida 16 de Novembro na direção do Largo de São José - atual Praça Amazonas. (EOB)

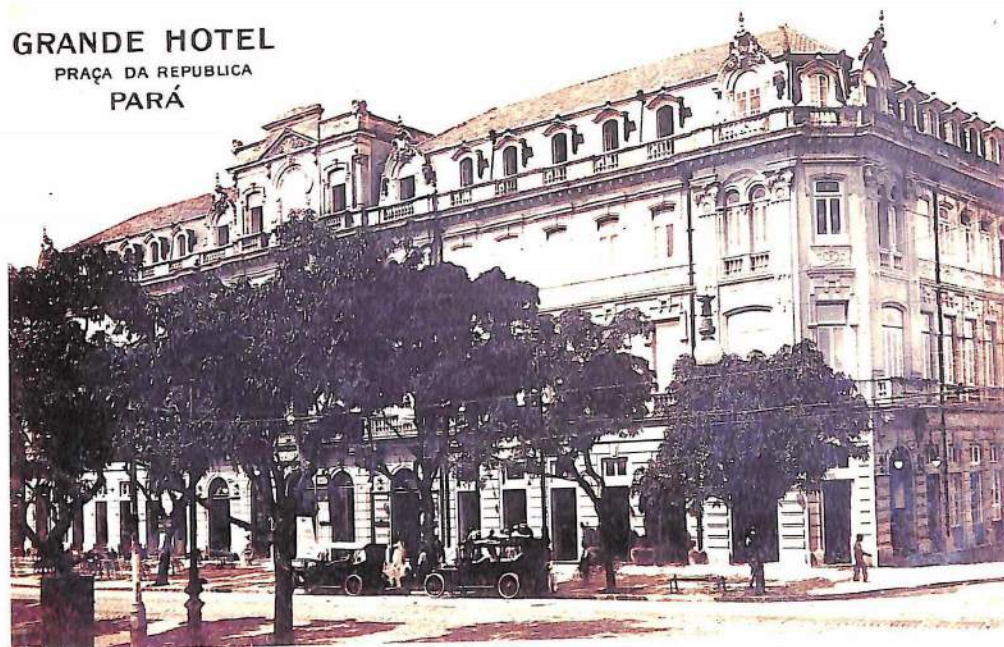


■ Situado à Rua Conselheiro João Alfredo, esquina com a Travessa Frutuoso Guimarães, o Hotel Central ficava no pavimento superior de um prédio que se atribui como obra do arquiteto Antonio José Landi (século XVIII). No térreo, encontrava-se instalada, a Loja Restauração. Na foto, uma vista da Rua Conselheiro João Alfredo, em direção à Doca do Ver-o-Peso. Em primeiro plano, à direita, o antigo prédio da Sapataria Carrapato. (VCM)



GRANDE HOTEL

PRAÇA DA REPÚBLICA
PARÁ



■ Primeira instalação hoteleira de grande porte em Belém, construída no início da segunda década deste século. A sua *terrasse* foi, por muito tempo, um dos mais importantes pontos de referência sócio-cultural da cidade. Foi demolido em 1974, para dar lugar ao Hilton Hotel. (VCM)

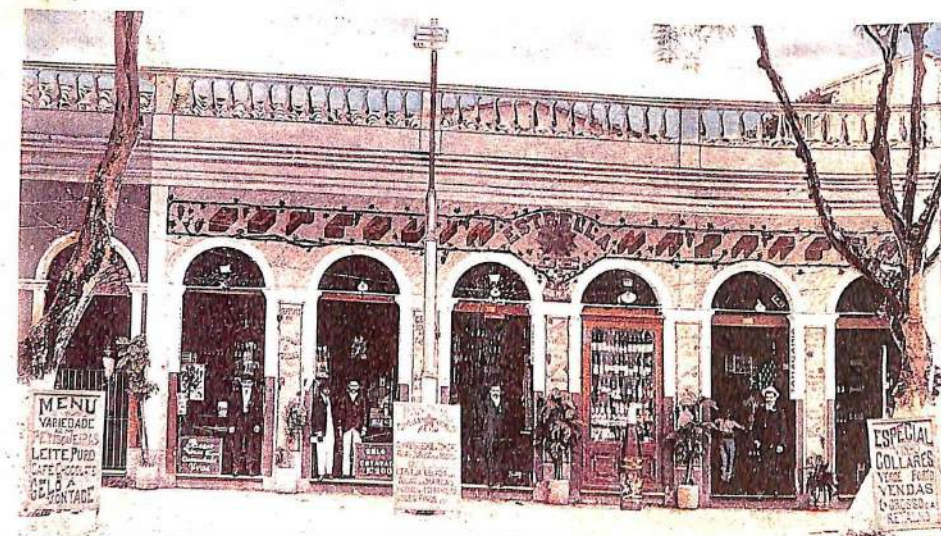
■ Outra vista do Grande Hotel, tomada em sentido contrário ao do postal anterior, a partir do canteiro da Praça da República, onde fica o "Chafariz das Sereias". (VCM)





■ O Café da Paz localizava-se na esquina da Avenida da República (Avenida Presidente Vargas) com a Rua Carlos Gomes, local onde hoje se encontra o prédio do Banco da Amazônia S.A. (BASA). Note-se, na esquina ao lado, que o Grande Hotel ainda não havia sido construído. (EOB)

■ O Bar Estrella de Nazareth era um tradicional estabelecimento situado na esquina das avenidas de Nazareth e Generalíssimo Deodoro. Na foto, a fachada voltada para a Praça Dr. Justo Chermont - antigo Largo de Nazareth. (VCM)



"Estrella de Nazareth" Santos & Lopes
Cidade de Belém — Pará-Brazil



■ O teatro-bar fazia parte do complexo da Fábrica de Cerveja Paraense, localizado à Avenida da Independência (atual Magalhães Barata), onde hoje existe um conjunto habitacional, com a denominação de Jardim Independência. (VCM)



**GRANDES ARMAZENS
PARIS N'AMERICA**

F. DE CASTRO,

PARÁ

Caixa Postal N° 6

Telefone, 450

Endereço Teleg. "Castro"

■ Casa comercial construída no início do século, toda revestida em cantaria de pedra pré-fabricada, importada da Europa, assim como os demais componentes construtivos. Localizada na Rua de Santo Antônio esquina do Largo da Misericórdia (atual Praça Barão de Guajará), a loja foi, durante muitos anos, ponto de referência da sociedade paraense, sempre com os últimos lançamentos de Paris e das principais capitais européias. (VCM)



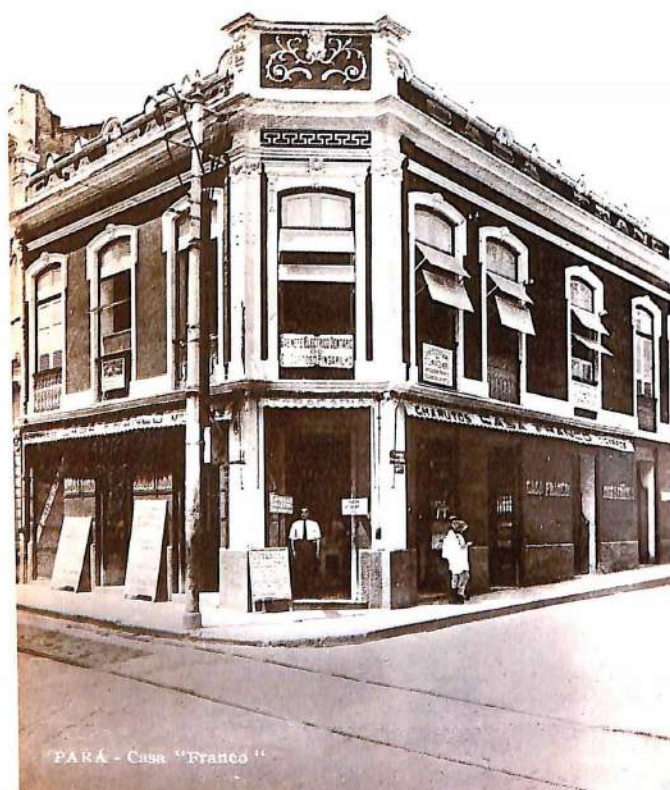
F. F. Oliveira Junior-Pará

"Bon Marché" e "Casa Carvalhaes" - Pará.

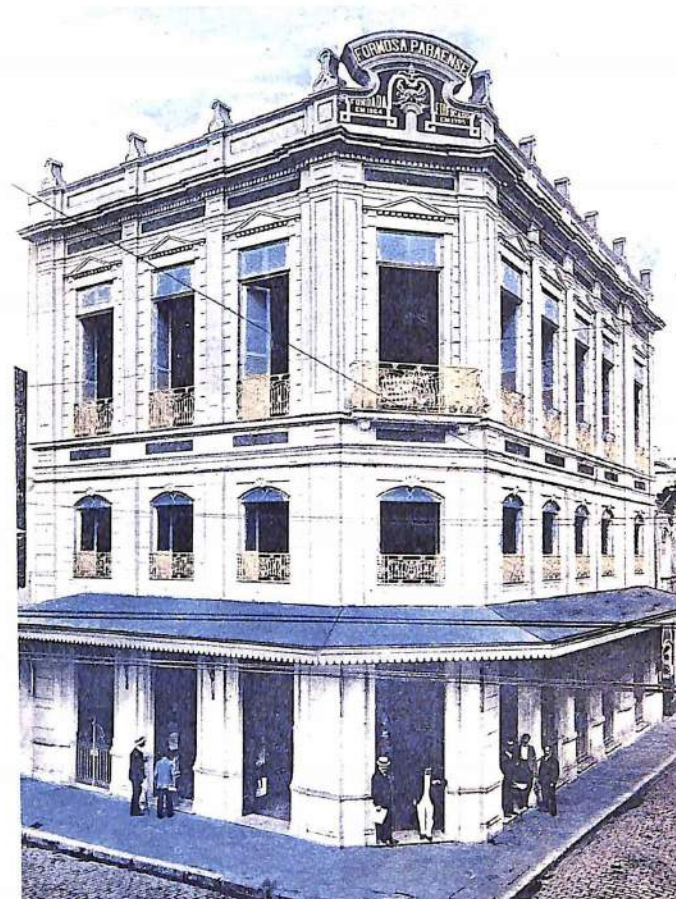
■ Vista aérea do bairro do Comércio, tirada de uma das torres da Igreja de Sant'Ana, em direção à Baía do Guajará. Ao fundo e ao centro, da esquerda para a direita, o "Bon Marché" e a Casa Carvalhaes, ambos situados na Rua de Santo Antônio, esquina da Travessa Leão XIII. O primeiro, estabelecimento especializado em tecidos, sombrinhas e guarda-chuvas; o segundo, em bebidas e gêneros alimentícios importados da Europa e dos Estados Unidos. (VCM)

■ A Livraria Alfacinha localizava-se no térreo do prédio que abrigava, no pavimento superior, o Hotel Central, à esquina da Rua Conselheiro João Alfredo com a Travessa Fructuoso Guimarães. Na foto, o sr. Eduardo Fernandes, proprietário da livraria, que, entre outras coisas, editava e comercializava várias séries de cartões-postais. (VCM)

31... BRAZIL- PARÁ- BELEM
LIVRARIA ALFACINHA DE EDUARDO A. FERNANDES



■ A Casa Franco era um tradicional armazém, localizado à Rua Conselheiro João Alfredo, esquina da Travessa Campos Salles. Comercializava, entre outras coisas, artigos de tabacaria, perfumaria e miudezas em geral. No segundo pavimento funcionavam escritórios e gabinetes médicos. (VCM)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem
Formosa Paraense ·
Corrêa de Miranda & Ca.

■ Tradicional casa comercial, localizada à Rua Conselheiro João Alfredo, esquina com a Travessa São Matheus (Travessa Padre Eutíquio), a Formosa Paraense foi fundada em 1864 e comercializava tecidos, artigos de armazém, chapéus e miudezas. Hoje, os pavimentos superiores ainda se encontram com as características originais, mas o pavimento térreo foi bastante desfigurado pela ampliação dos vãos livres. (OC)

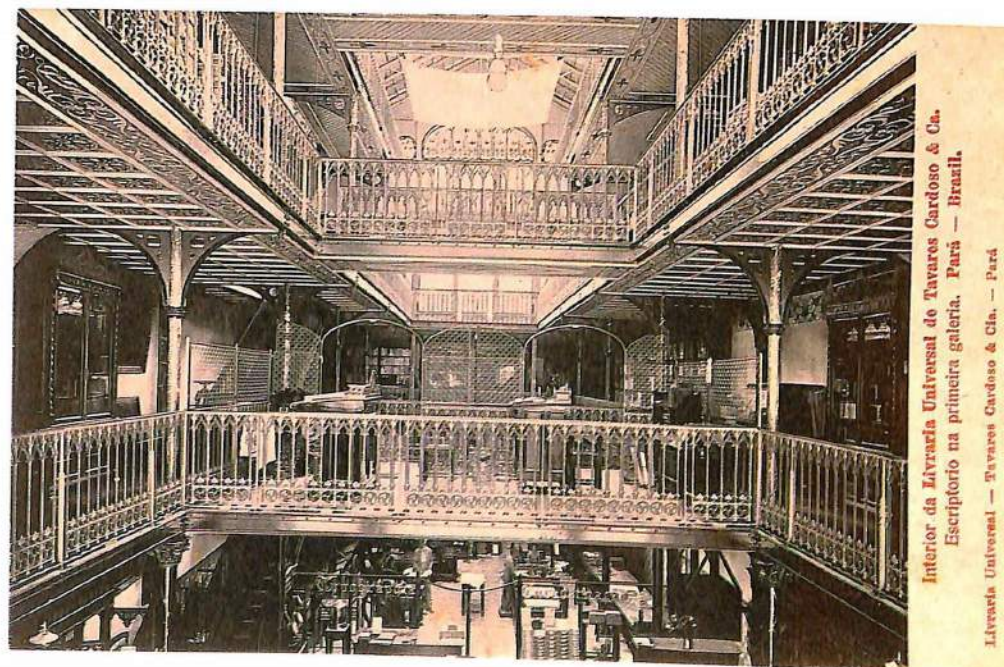


Fachada do novo edifício da
Livraria Universal de Tavares Cardoso & Ca. Pará — Brazil.

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

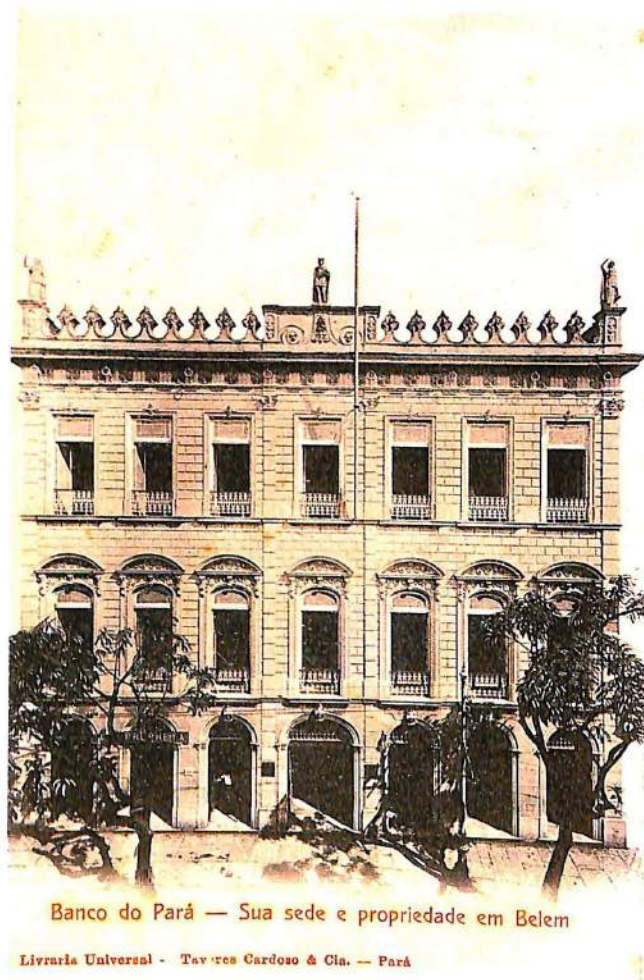
■ Fundada em 1868 e localizada na Rua Conselheiro João Alfredo, entre a Travessa São Matheus e a Rua 7 de Setembro, a tradicional livraria era um dos pontos obrigatórios da intelectualidade paraense. Além da venda de livros, periódicos e jornais, foi uma das primeiras a explorar a indústria do cartão-postal em Belém. (VCM)

■ O interior da livraria era subdividido em mezaninos e passarelas, em estrutura e ornamentos metálicos pré-fabricados e importados da Europa. (HFN)



Interior da Livraria Universal de Tavares Cardoso & Ca.
Escriptorio na primeira galeria. Pará — Brazil.

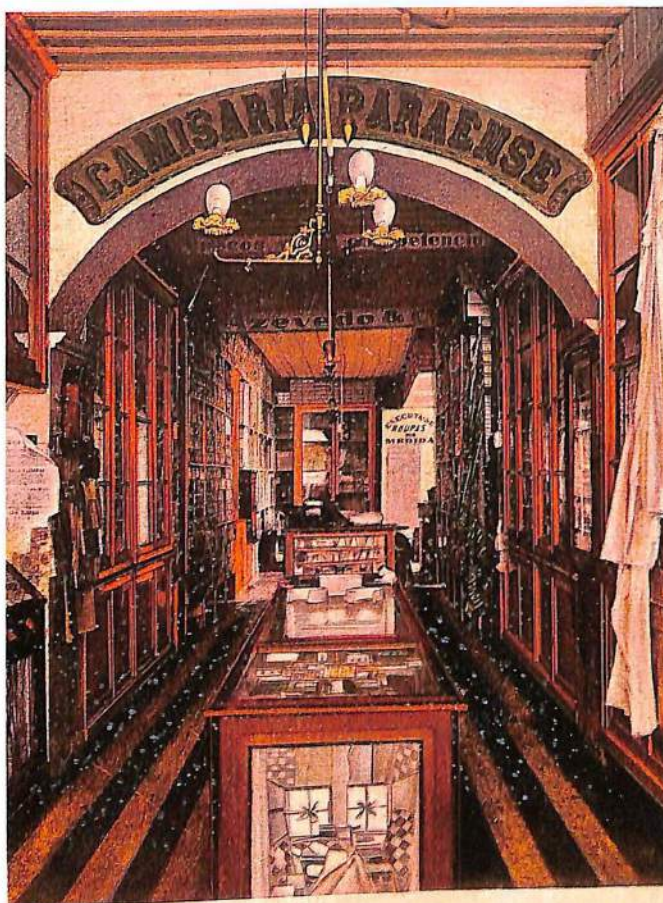
Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará



■ O Banco do Pará ficava localizado à Rua Conselheiro João Alfredo, entre a Travessa São Matheus (Padre Eutíquio) e a Rua 7 de Setembro. O prédio abriga, atualmente, uma loja de tecidos e mantém sua fachada preservada, inclusive os vãos do pavimento térreo. (VCM)

■ Interior da Casa São Paulo, fundada em 1908. Tradicional loja de presentes que vendia, entre outras coisas, cristais, porcelanas, cosméticos, bengalas e miudezas em geral, além da edição e comercialização de cartões-postais no final dos anos 20. O estabelecimento localizava-se à Rua Conselheiro João Alfredo, esquina com a Travessa 7 de Setembro. Atualmente, abriga uma loja de confecções. (VCM)





Azevedo & Ca., Pará,
Rua Conselheiro João Alfredo, 97.

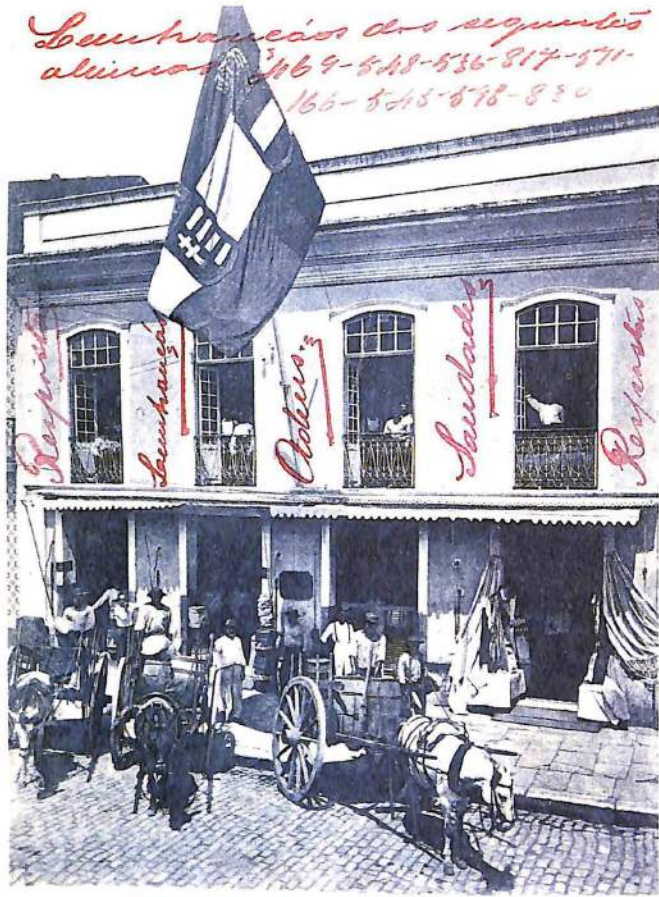
■ Tradicional estabelecimento comercial, a Camisaria Paraense localizava-se à Rua Conselheiro João Alfredo, entre a Travessa 7 de Setembro e a Avenida Padre Eutíquio. (AM)



Pará -- Rua 15 Novembro edifício do „London Bank“
e „Banco Commercial“

Livraria Universal -- Tavares Cardoso & Cia. -- Pará

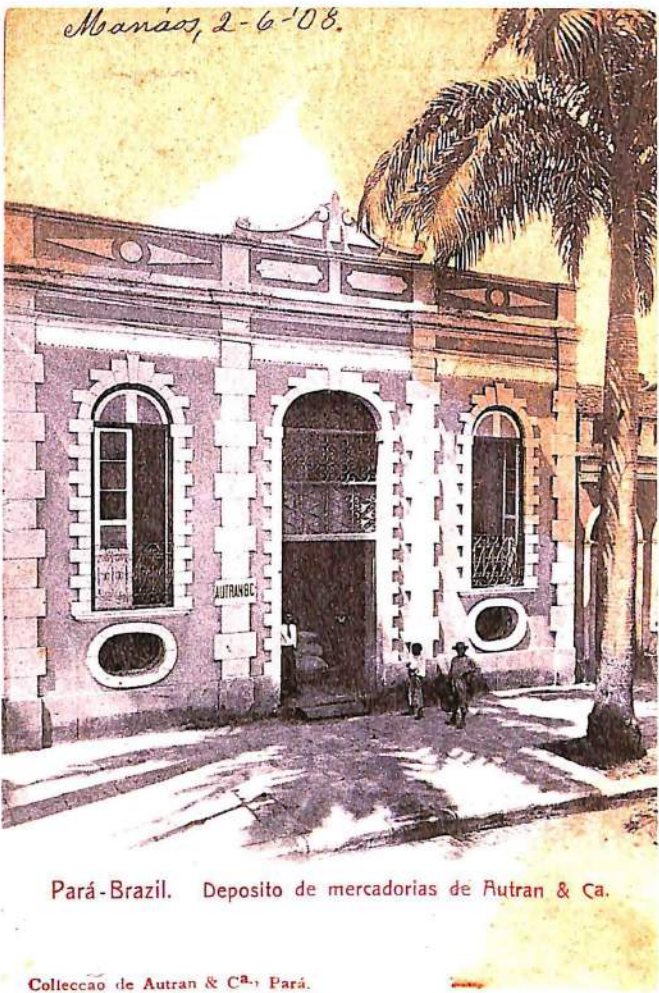
■ À esquina da Rua 15 de Novembro com a Travessa Campos Salles, o Edifício do London Bank e, logo a seguir, o do Banco Commercial. O banco inglês, hoje sede do Unibanco, só manteve a volumetria original. (VCM)



Pará-Brazil. Armazem de Autran & Ca.

Colleção de Autran & C^{ia}, Pará.

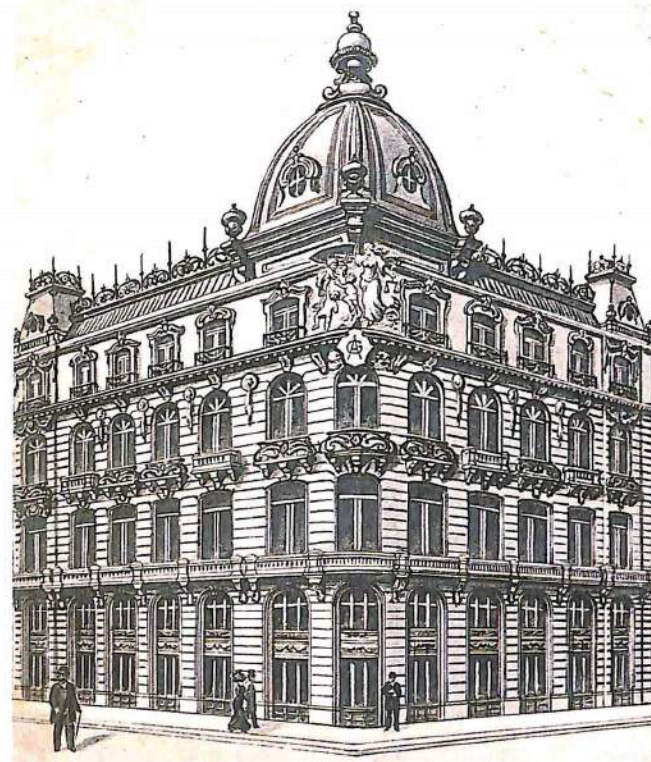
■ Um trecho da Rua 15 de Novembro, onde se localizava o Armazém de Autran & Cia., um dos grandes estabelecimentos comerciais à época, hoje desaparecido. (VCM)



Pará-Brazil. Deposito de mercadorias de Autran & Ca.

Colleção de Autran & C^{ia}, Pará.

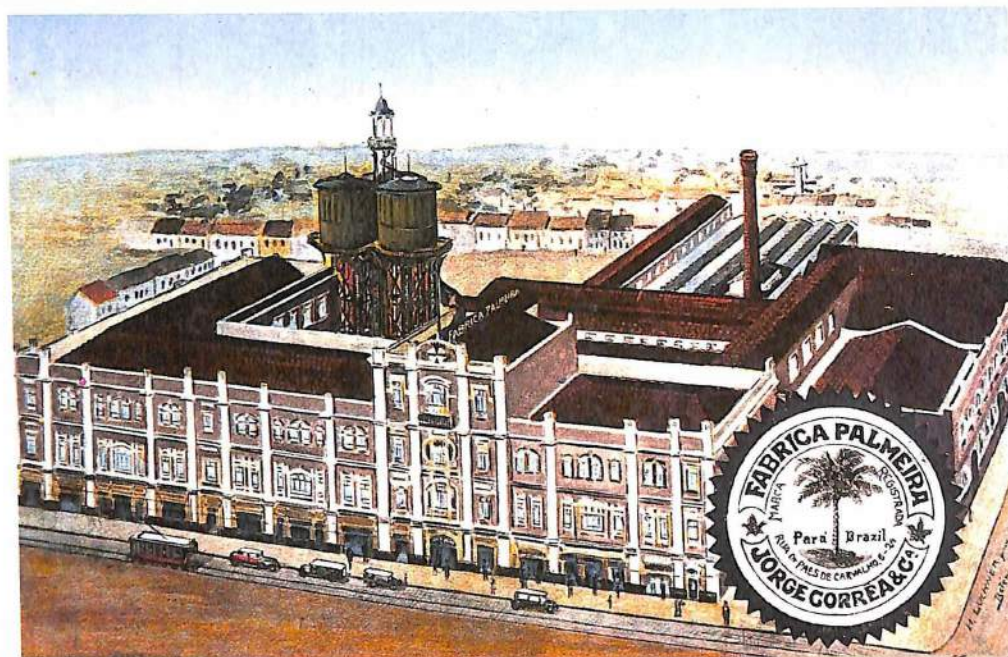
■ O depósito de mercadorias do Armazén de Autran & Cia, provavelmente localizado à Rua 16 de Novembro. (VCM)



Novo edifício da Garantia da Amazonia (em via de construção)
Projecto do architecto José Teixeira Lopes

Serie: Papolaria Silva — Alfredo Augusto Silva — Pará

■ Incorporada em 1897 e liquidada em 1920, a Sociedade de Seguros sobre a Vida tinha, inicialmente, sede no prédio do London Bank, à Rua 15 Novembro, esquina com a Travessa Campos Salles. A nova sede da companhia, desenhada em perspectiva no postal, seria construída no bairro do comércio, onde funcionou a West Telegraph Company, na Av. Castilhos França, esquina com a Travessa Fructuoso Guimarães, o que nunca se tornou realidade. (VCM)



■ Fundada em 1892, a Fábrika Palmeira ocupava uma área em torno de 15.000 m², entre as ruas Paes de Carvalho (atual Senador Manoel Barata), Lauro Sodré (atual Ó de Almeida), Padre Prudêncio e Travessa Primeiro de Março. O estabelecimento produzia pães, chocolates, biscoitos, massas alimentícias, caramelos e doces finos de excelente qualidade. Nos anos 70, o seu prédio foi demolido e, em seu lugar, até hoje, permanece um grande espaço vazio. A perspectiva desenhada do edifício mostra, ao fundo, o Reservatório Paes de Carvalho. (PCF)





■ Fundada em 1905 e localizada à Avenida da Independência, em frente à estação central da “Pará Elétric” (hoje, prédio das Centrais Elétricas do Pará-Celpe), a Fábrica de Cerveja Paraense foi a primeira do ramo no Norte do país. (HFN)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belem — Fabrica de Cerveja Paraense

■ Vista mostrando os acréscimos que o parque da fábrica recebeu, posteriormente à foto do postal acima. (VCM)



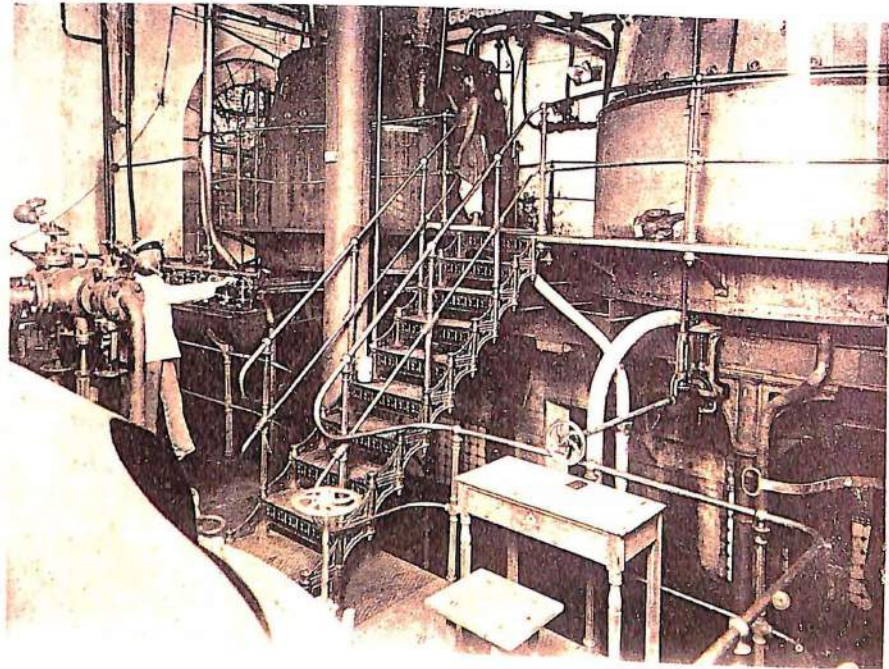


Fabrica de Cerveja Paraense Vista do „Bar Paraense“

Grande Premio na Exposição Nacional de 1908

■ Vista em que se observa o Theatro-Bar Paraense, anexo à fábrica, que comercializava o seu produto e um dos tradicionais pontos de encontro da sociedade paraense. Em primeiro plano, um trecho da Avenida da Independência. (Y)

Fabrica de Cerveja Paraense - PARA-BRAZIL



■ O interior da fábrica, com sua maquinaria de origem alemã. (VCM)

Premiada com o Grande Premio na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908. - Sala de Fabricação
Edição: Courcier, phot., Paris



■ Vista de um dos pavilhões da Fábrica Cerâmica Aperfeiçoada, localizada no antigo Bairro de São João, à Rua da Municipalidade, entre as travessas de D. Pedro I e D. Romualdo de Seixas. À época, ficava à beira da Baía do Guajará. (VCM)

■ Localizado em Ananindeua, às proximidades do Furo do Maguary, do curtume fazia parte, além da fábrica, uma vila operária. (AM)





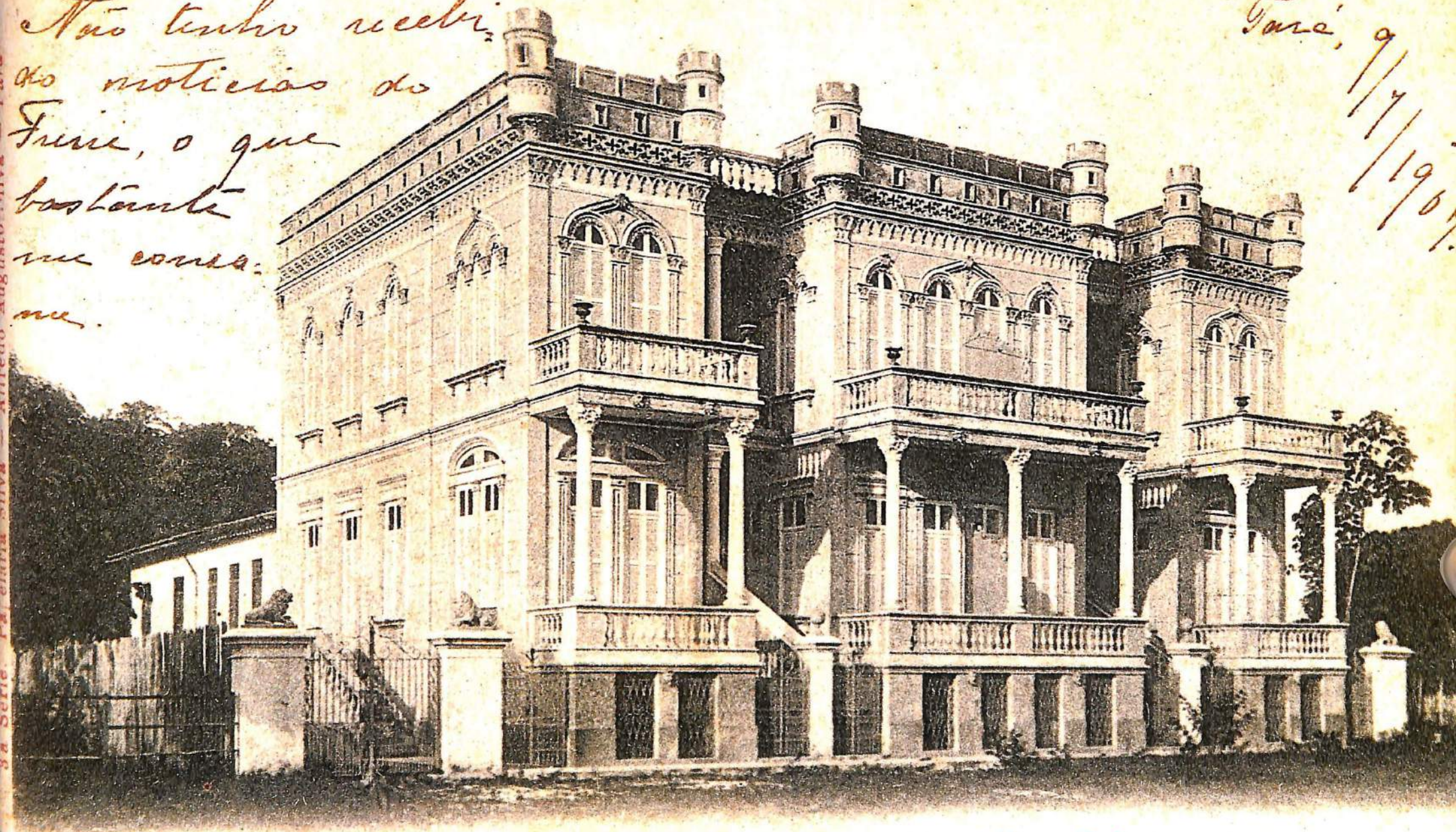
ESTRADA DE FERRO DE BRAGANÇA
PALACETES
CEMITÉRIO SANTA IZABEL

Pará Pittoresco

Pará, 9

11/7/1901

Não tenho recebido
as notícias de
Fruie, o que
bastante
me causa
me.



Suburbios de Belem — Palacete de »Miras-Selvas«

Carolina.
Como este? Há muito que não recebo
vossas cartas. Inquirei ao esposo. Ah! não se lembra p
Brasil



E. C. da E. F. Bragança — Pará

2/1/1903

L.V. CLASSICA - J. B. DOS SANTOS

J. Siza, Phot.

■ Os trabalhos de construção da Estrada de Ferro iniciaram em 1883, sendo inaugurado o primeiro trecho (São Braz/Benevides) em 1884. Vista geral da estação de Belém, situada na Avenida 16 de Novembro, entre a Av. Almirante Tamandaré e Rua de Bragança - atual Avertano Rocha. (VCM)

■ Perspectiva da parte posterior da estação de Belém da EFB. (EOB)

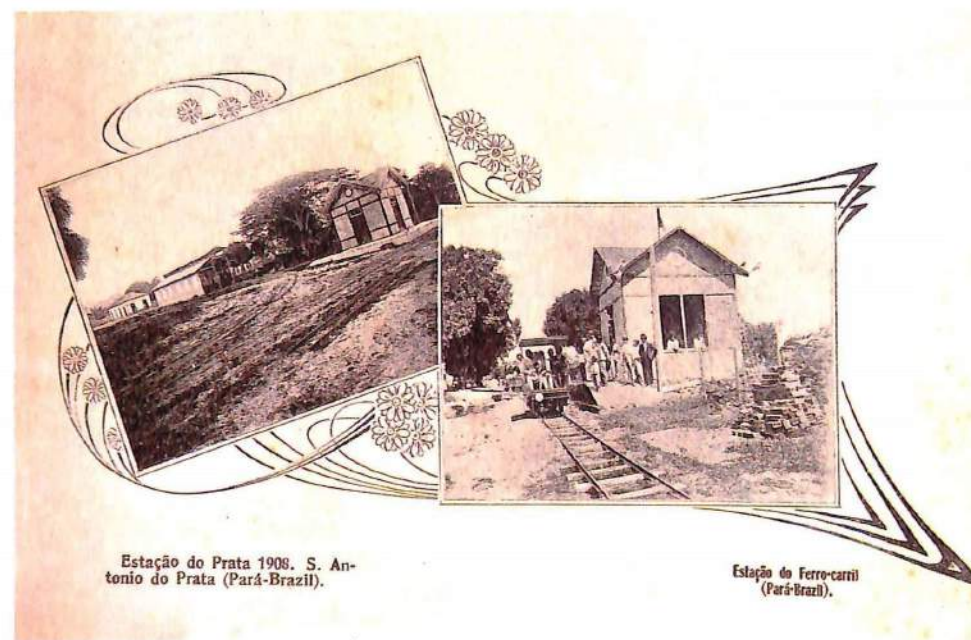


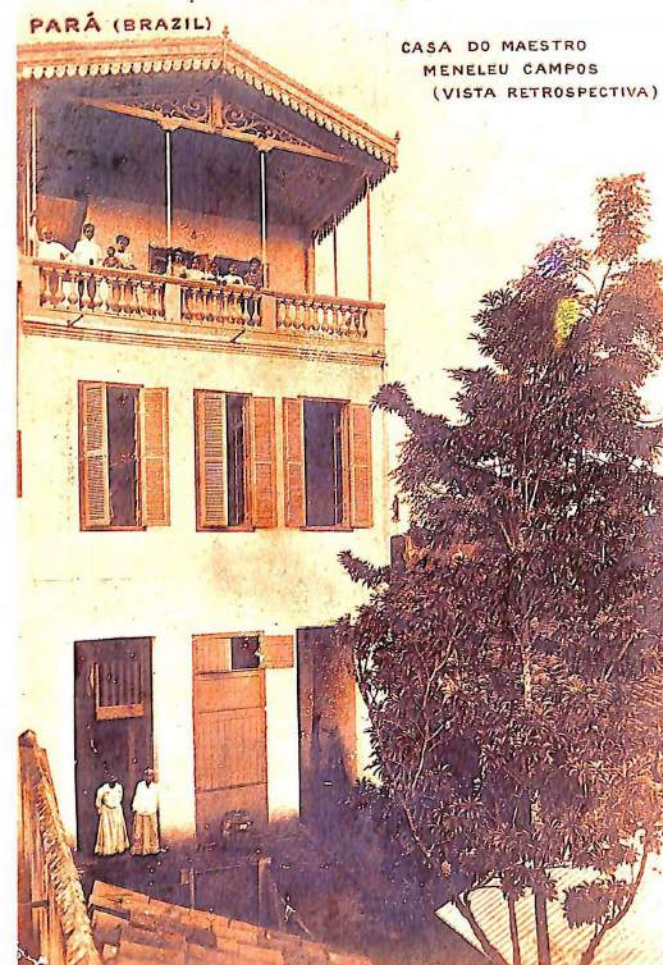
Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém — Estrada de Ferro de Bragança



■ Um dos trechos da Estrada de Ferro, atravessando um igarapé nos arrabaldes de Belém. (VCM)

■ Outras estações da Estrada de Ferro de Bragança, construídas nos arredores de Belém. (EOB)





■ Localizado à Avenida da República (atual Presidente Vargas), frente à Praça da República, o sobrado que serviu de residência ao maestro Meneleu Campos, hoje abriga, no seu térreo, uma lanchonete. (EOB / VCM)

PALACETES
RESIDÊNCIA DO SENADOR ANTÔNIO JOSÉ DE LEMOS



PALACETES
RESIDÊNCIA DO DR. PEDRO GUSMÃO

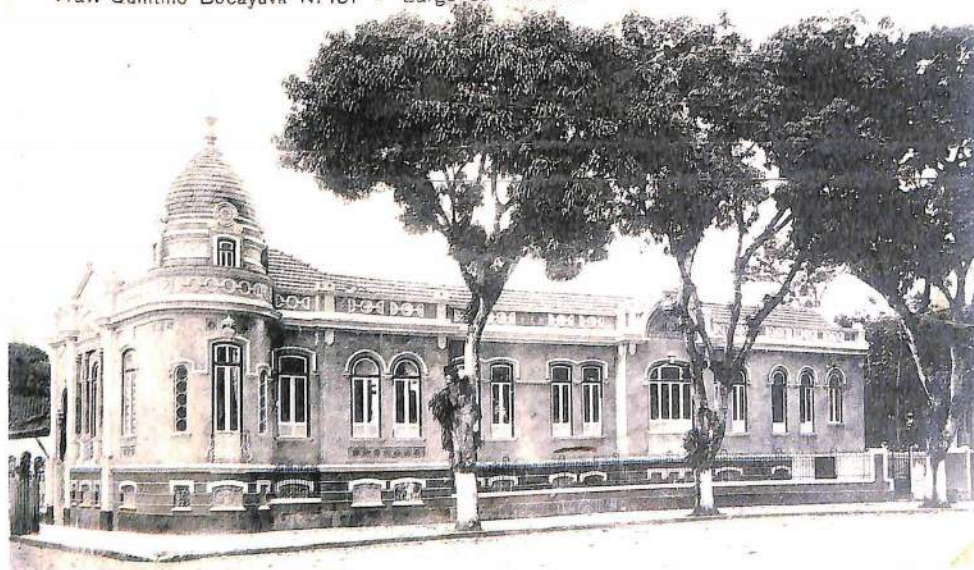
■ Palacete com fachadas e alguns elementos construtivos em ferro, construído à Avenida Gentil Bittencourt, entre as travessas Dr. Moraes e Benjamin Constant, para servir de residência ao senador Antônio José de Lemos. Esse prédio, bem como o do jornal "A Província do Pará", foram incendiados, em 1912, por populares incitados pelos adversários políticos de Lemos. (VCM)



6 - BRAZIL - PARÁ - BELEM - TIPO DE HABITAÇÃO URBANA
RESIDENCIA DO SENADOR ANTONIO JOSÉ DE LEMOS

Residência e Propriedade do Dr. Pedro Gusmão
Trav. Quintino Bocayuva N. 131 - Largo da Memória

PARÁ



■ Localizado no antigo Largo da Memória (atual Infante D. Henrique), um dos mais expressivos palacetes residenciais do início do século, em estilo eclético, serviu de residência ao Dr. Pedro Gusmão. Hoje, encontra-se readaptado para sediar uma agência bancária. (EOB)

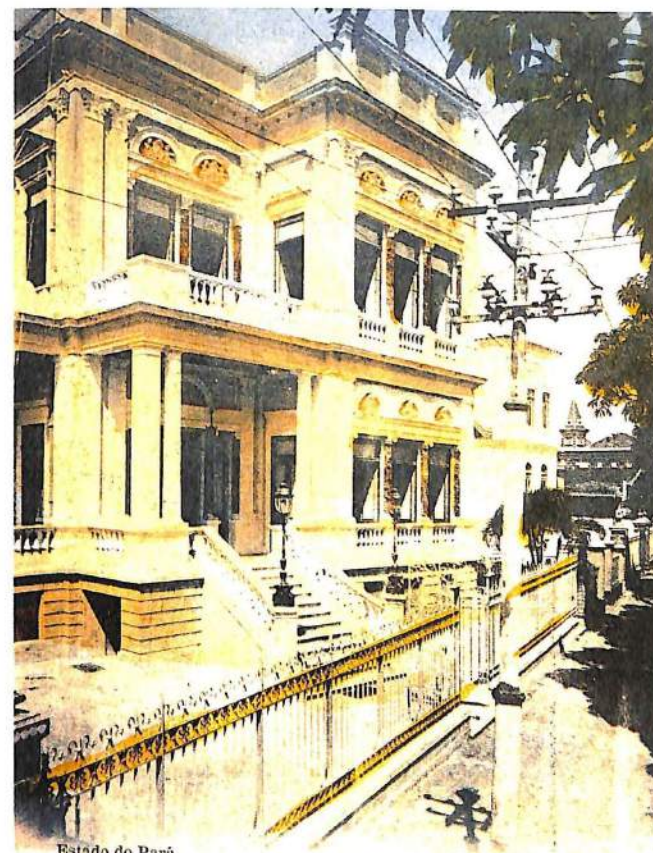


Palacete Bibi Costa, onde hospedou-se o Dr. Affonso Penna

Edição Campbell Penna — Pará (Brazil)

■ Construído em 1905 pelo engenheiro Francisco Bolonha, na Avenida São Jerônimo (atual Governador José Malcher), esquina com a Travessa da Estaçãozinha (atual Rua Joaquim Nabuco) - onde havia a estação da companhia de bondes de Belém - o Palacete Bibi Costa serviu de residência ao major Carlos Brício da Costa. Em primeiro plano, à direita, parte de um pavilhão que se construiu na lateral do prédio. Posteriormente, a rua ficou mais estreita e desapareceram o pavilhão e a estação. (Y)

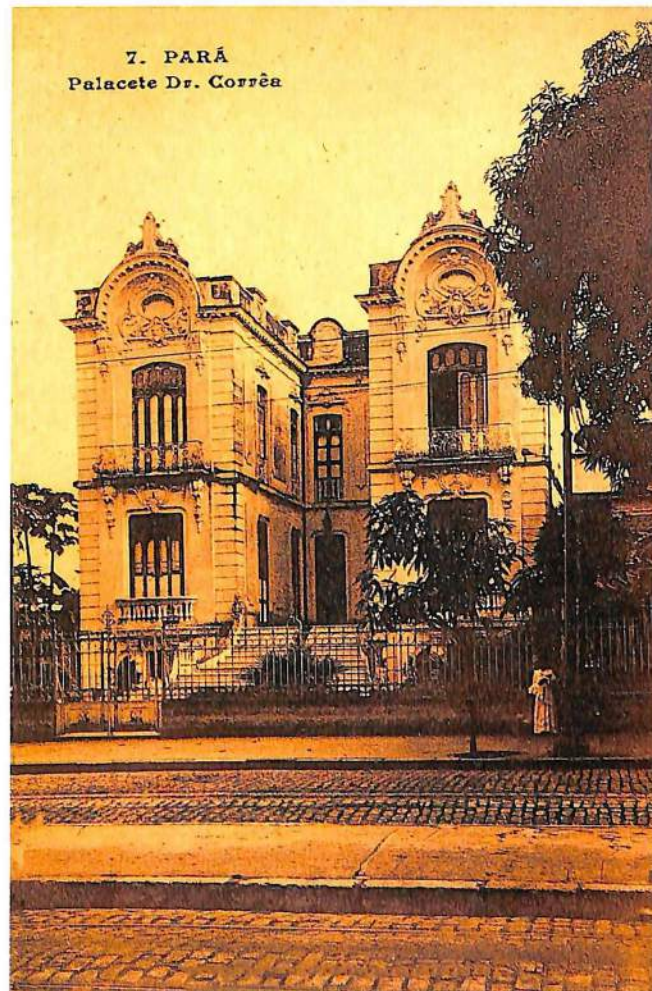
■ De construção datada de 1904, época áurea da borracha, o eclético palacete, situado à Avenida São Jerônimo (Governador José Malcher), esquina da Generalíssimo Deodoro, foi edificado com material importado da Europa, para servir de residência a Augusto Montenegro, governador do Estado. Hoje, abriga o Museu da UFPA. Ao fundo, à direita, o Palacete Bibi Costa, com um dos seus tradicionais torreões. (VCM)



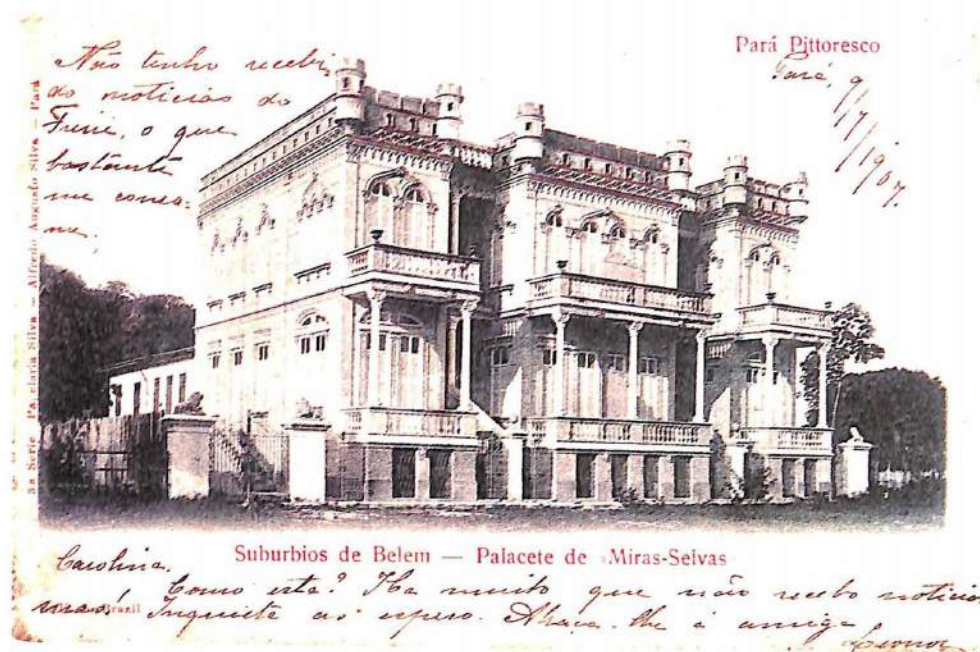
Estado do Pará

Município de Belém

Palacete do Dr. Augusto Montenegro,
à avenida S. Jerônimo.

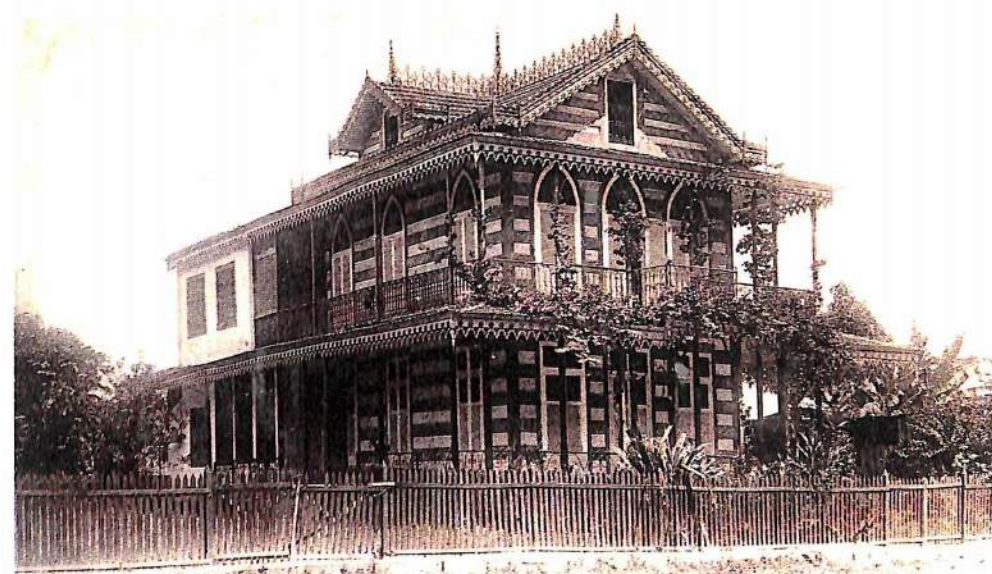


■ Localizado à Avenida da Independência, entre as travessas 3 de Maio e 14 de Abril, o palacete hoje abriga uma escola infantil. (IHGB)



■ Localizado à Travessa de Angustura, entre as avenidas Conde D'Eu (25 de Setembro) e Tito Franco (Almirante Barroso), o Palacete de Mira-Selvas foi propriedade do deputado Antonio Marques de Carvalho e sede do 7º Grupo Escolar da Capital; hoje, demolido. (VCM)

■ O Chalet "Castel D'Amour", típica casa de veraneio localizada no subúrbio de Belém, na Avenida Tito Franco, era de propriedade do deputado Antonio Marques de Carvalho. Hoje, inexistente. (EOB)



12 Pará
 Martins & Araújo, Editores - Para (Brasil)

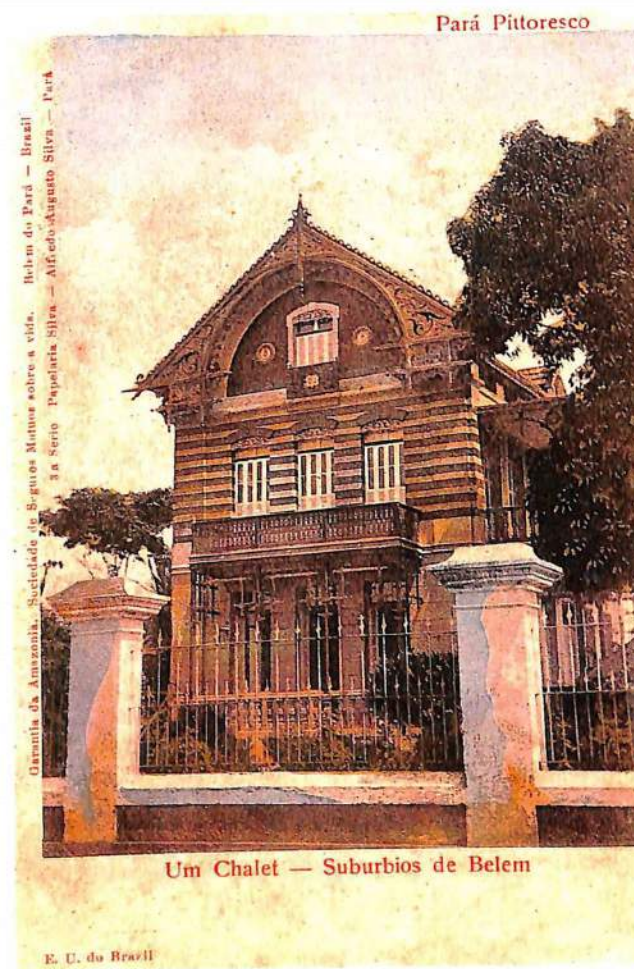
Chalet "Castel d'Amour"

PALACETES



PALACETES

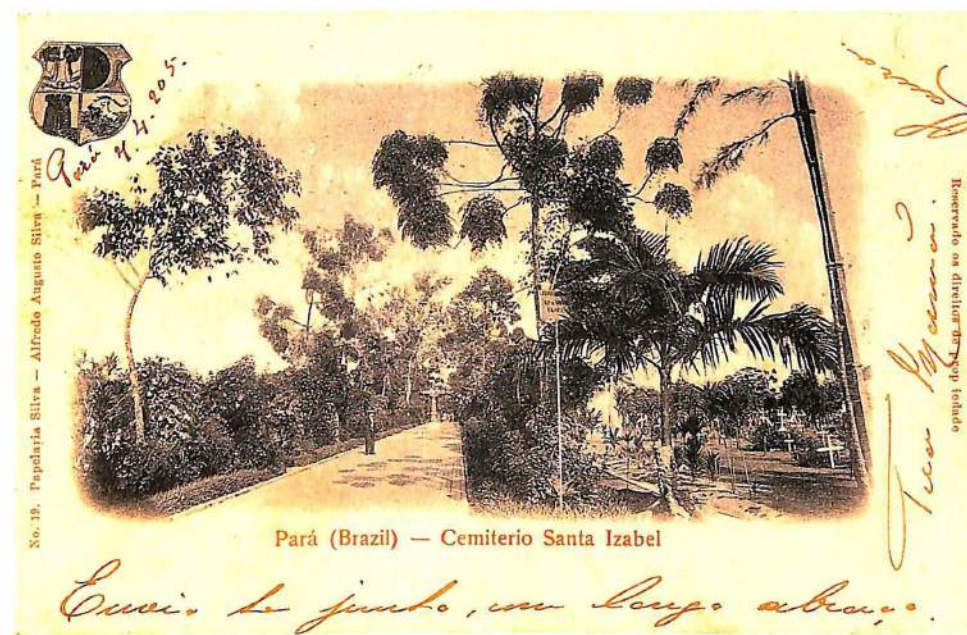
CHALET NO SUBÚRBIO DE BELÉM



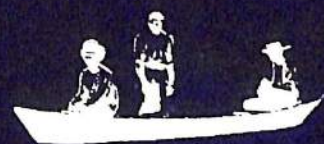
■ Residência característica da arquitetura eclética do início do século, localizada no subúrbio de Belém. (VCM)



■ Quando de sua inauguração, no século XIX, o cemitério situava-se a mais de uma légua da cidade. Durante a administração de Antônio Lemos, recebeu completa urbanização. Vista da fachada principal, à Travessa de José Bonifácio. (VCM)



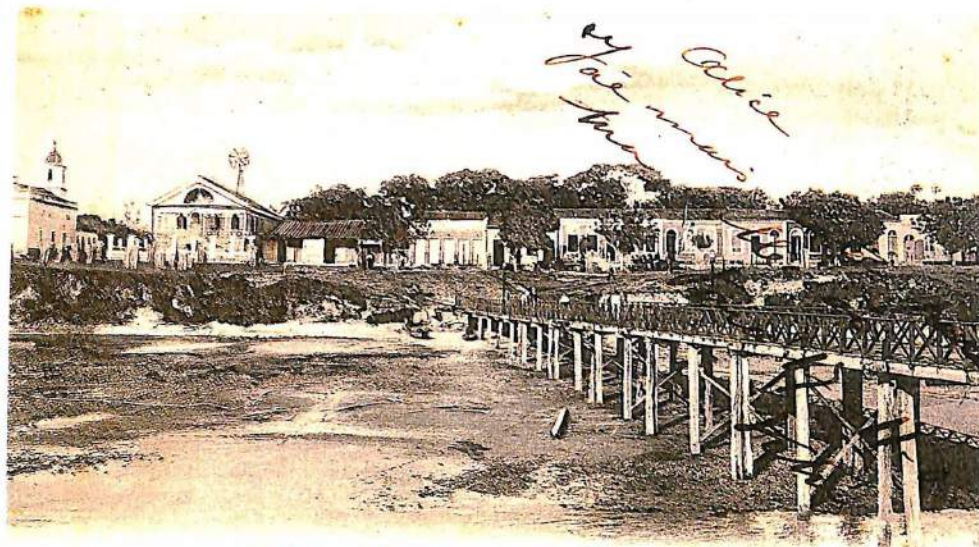
■ Vista da aléia principal, que conduz ao cruzeiro do cemitério. (VCM)



ILHAS & VILAS

Pará. — Ilha de Jatuoca. (Brazil.)





Pinheiro — Desembarque (rua Sequeira Mendes)

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará

■ Foto de trecho do litoral da vila, tomada no correr da Rua Sequeira Mendes. À esquerda, a Bafa do Guajará. (VCM)



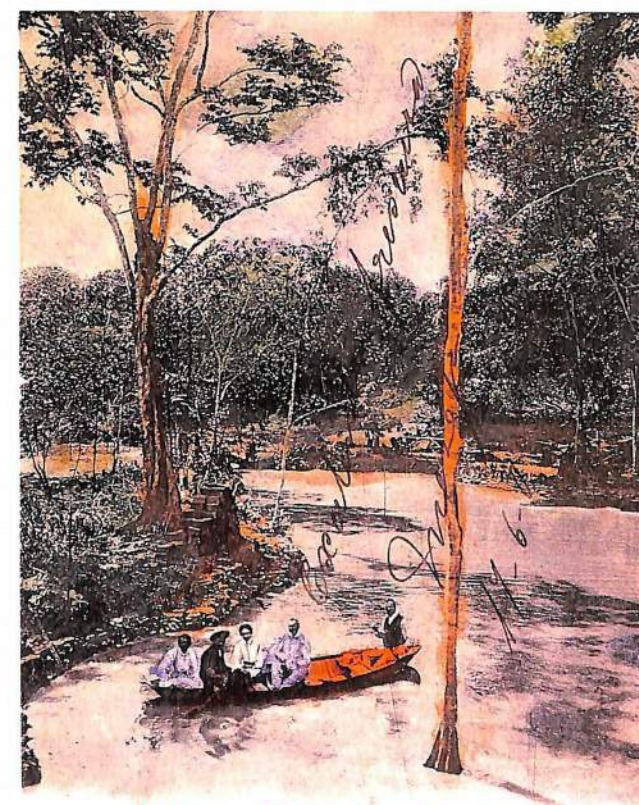
Pinheiro — Litoral (rua Sequeira Mendes)

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará



■ Vista geral do chalet de veraneio da família Tavares Cardoso. Na época, havia uma pequena comporta, que garantia a permanência de um lago, formado pelas águas da Baía do Guajará. (VCM)

■ Outro trecho do lago existente na Chácara Tavares Cardoso. (VCM)



Pinheiro — Chacara Tavares Cardoso

13-II-1940

Rogério R. Pinto da Costa

Livraria Universal — Tavares Cardoso & Cia. — Pará



■ Perspectiva do Viaduto Antonio Lemos, construído em frente ao Chalet Tavares Cardoso, permitindo o prolongamento da Rua Sequeira Mendes sobre o canal que ligava a baía ao lago da propriedade. (PCF)

■ Vista de trecho do Chalet Tavares Cardoso, a partir da Rua Sequeira Mendes. (VCM)



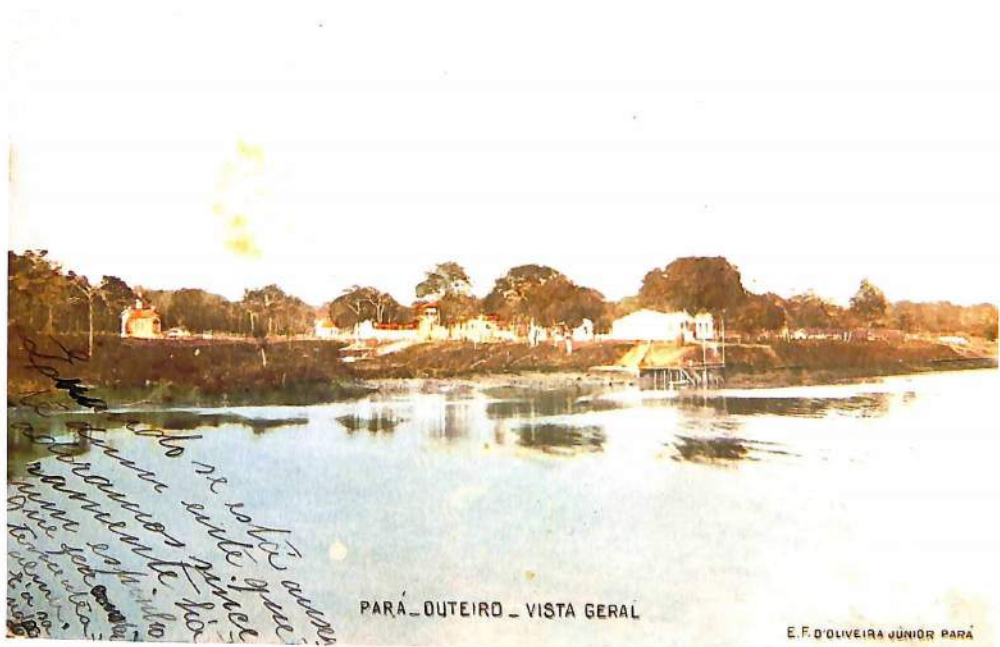


■ Outra das antigas travessas da Vila de Pinheiro. (PCF)

ILHAS E VILAS
VILA DE OUTEIRO



ILHAS E VILAS
VILA DE OUTEIRO



■ Perfil da Vila de Outeiro, localizada na Ilha de Caratateua, em frente à Vila de Pinheiro. (EOB)



Pará — Ponte no Mosqueiro

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará

■ A Vila do Mosqueiro localiza-se na ponta de uma grande ilha, na costa oriental do Rio Pará. Na foto, o tradicional trapiche da vila, localizado na Praia do Areião, inaugurado em 1908 pelo governo estadual, para atracação dos vapores que faziam a linha Belém-Mosqueiro. (VCM)



Pará — Praça da Matriz — Mosqueiro

■ A Praça da Matriz, onde se destaca, ao fundo, a Igreja de Nossa Senhora do Ó, primeira casa religiosa da ilha, com origem no período colonial. (VCM)

Editor — E. F. Oliveira Junior — Pará



Pará — Praça do Matriz — Mosqueiro

Editor -- E. F. Oliveira Junior -- Pará

■ Outra vista da Praça da Matriz, em Mosqueiro, ornamentada para dia de festa. (VCM)

Pará. — Ilha de Tatuoca. (Brazil.)

■ Trapiche para desembarque em Tatuoca, uma das ilhas localizadas à entrada de Belém. (PCF)





20-7-1905

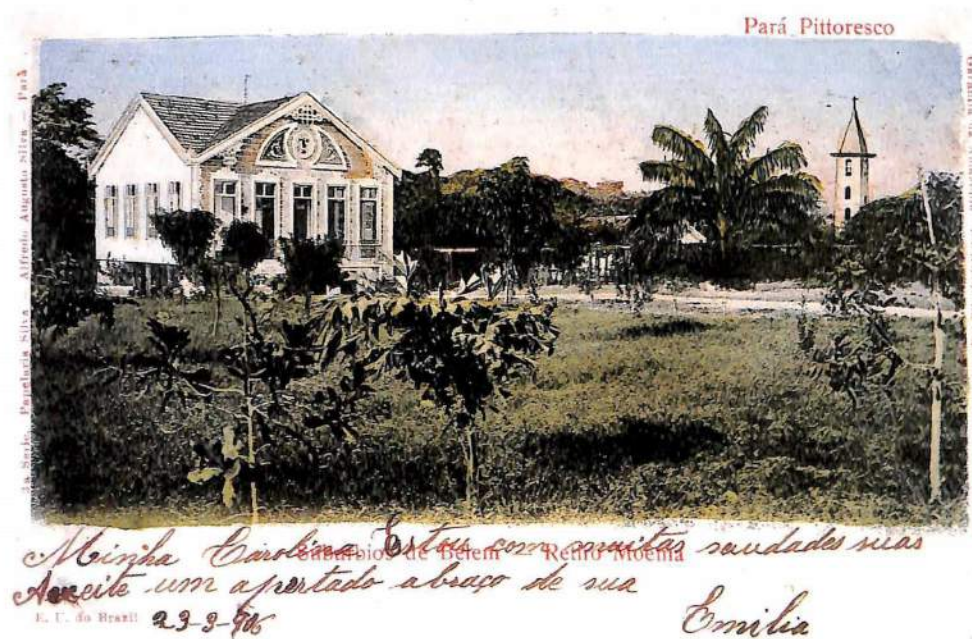
Villa Izabel (arrabaldes do Pará)

Cm postal 253 Para
Mário Cunha

Livraria Universal - Tavares Cardoso & Cia. - Pará

■ Na foto, lago localizado em Santa Izabel, nas cercanias de Belém. (VCM)

■ Vista do Retiro Moema, casa de campo que pertenceu ao intendente Antônio Lemos, em Santa Izabel. (VCM)



Minha Carolina está com muitas saudades suas
Abrace um apertado abraço de sua
Emília

23-9-96
R. T. do Brasil



FESTAS, FOLGUEDOS & PROCISSÕES



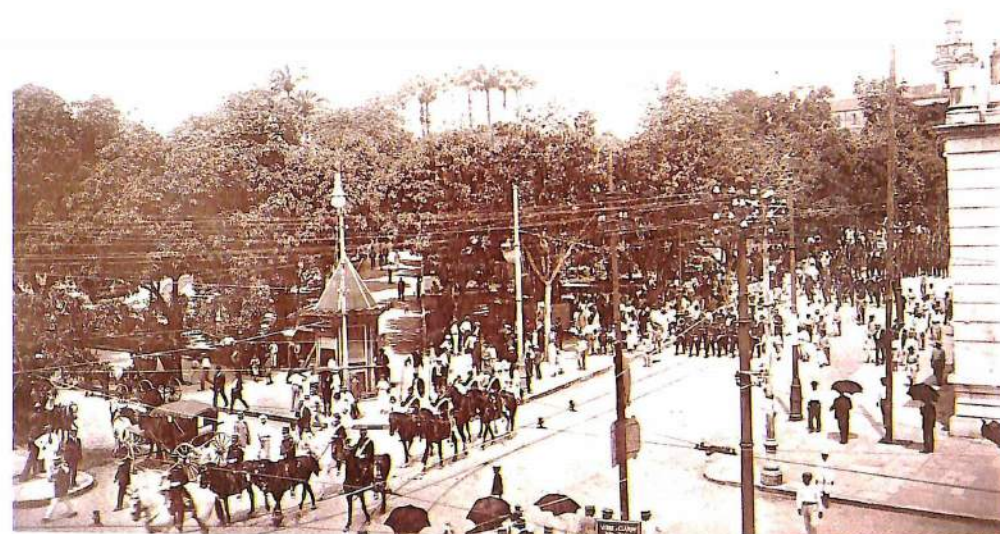
Pará — Excursão á Tatuoca — “Club do Remo”



■ Dia de festa em Belém, com a população ocupando a Praça da Independência, em frente aos palácios Municipal e do Governo, que foram devidamente ornamentados para a ocasião. (EOB)

16 - BRAZIL-PARÁ-BELEM - PARQUE ALFONSO PENNA

■ Desfile militar seguindo em direção à Rua Conselheiro João Alfredo. Em primeiro plano, à direita, parte do prédio da Bolsa de Valores e, ao fundo, as torres da Catedral da Sé. (VCM)





Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.

Praça Frei Caetano Brandão.
Procissão de Corpus-Christi, saindo da Cathedral.

(HFN)

Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém,
Cyríio de N. Sa. de Nazareth.
Passagem da Berlinda conduzindo a imagem da Santa,
no largo de Sant' Anna.



■ Aspecto da procissão do Círio de Nazareth, maior festa religiosa ocorrida na capital paraense, em foto do início do século. Observa-se que, nessa época, o percurso do Círio diferia do atual. A procissão, então, passava pelo Largo de Sant'Ana. (Y)

■ A foto, tomada do antigo prédio de "A Província do Pará", registra a passagem da romaria do Círio pela Avenida da República (atual Presidente Vargas), em direção à Avenida de Nazareth. Ao fundo, à direita, parte do telhado do Theatro da Paz. (Y)

Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém.
Cyríio de N. Sa. de Nazareth ao passar na Avenida da Republica.
Carruagens com devotos acompanhando o cyríio, a primeira conduz S. Exa.
o Senador Antonio Lemos, intendente Municipal de Belém.

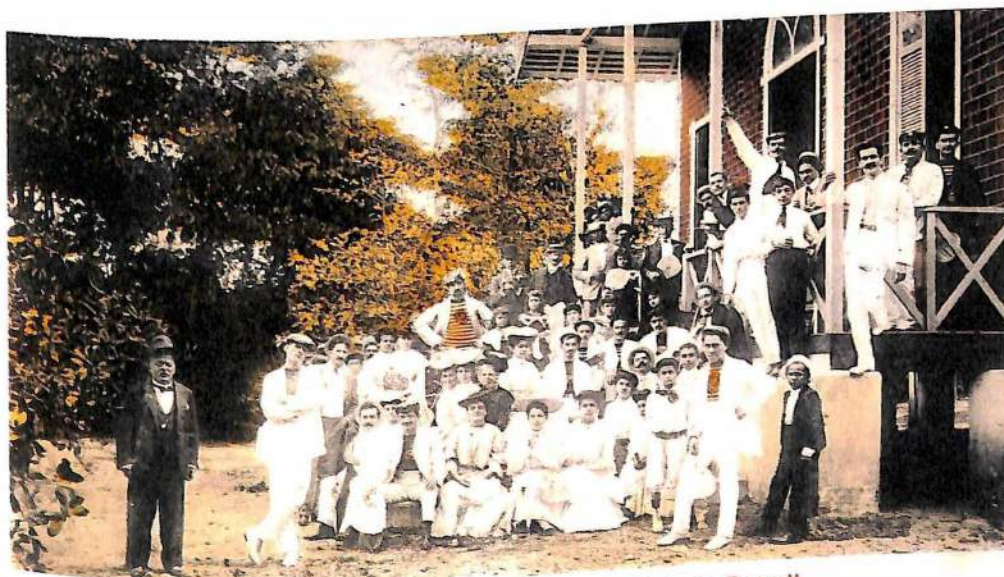




■ Registro do momento da partida de uma corrida de bicicletas em um dos subúrbios de Belém, Bairro de São Braz. (EOB)



Brazil — Estado do Pará — Cidade de Belém
Velodromo Paraense da A. D. Recreativa e Beneficente

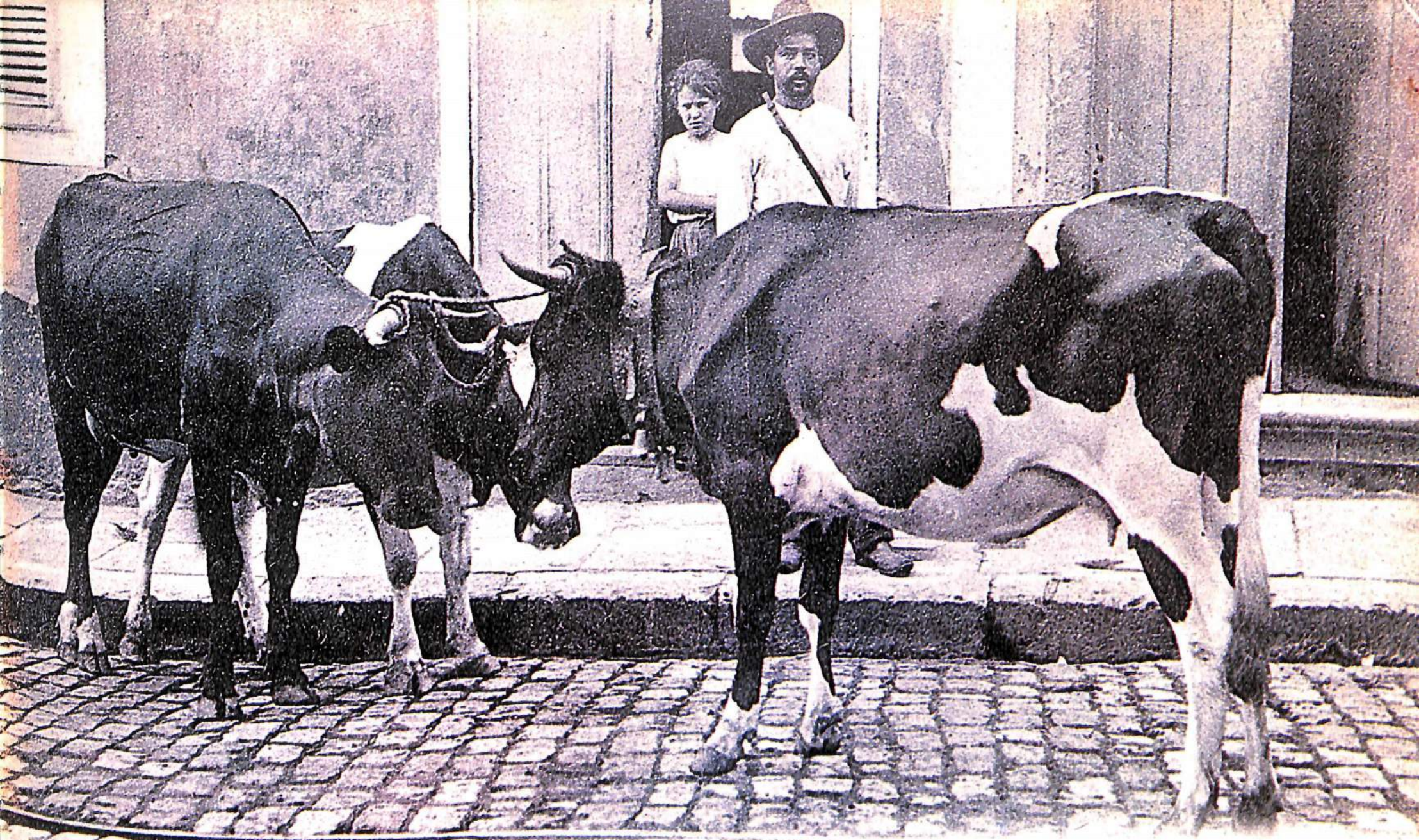


Pará — Excursão á Tatuoca — "Club do Remo"

■ Excursão, programada por um dos mais antigos clubes esportivos do Pará, em direção à Ilha de Tatuoca, em frente ao Outeiro. (VCM)



COSTUMES PARAENSES



This is the only way you are sure of getting
fresh milk PARÁ — Vendedor de leite
Brazil.



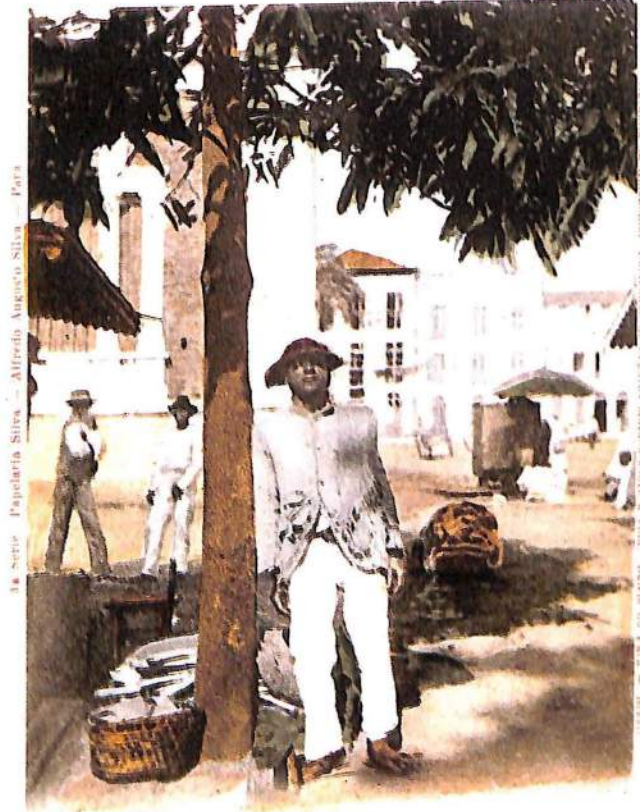
(VCM)



(EOB)



Costumes Paraenses



Um Carregador

(EOB)

Costumes Paraenses



Canoeiros

(Y)

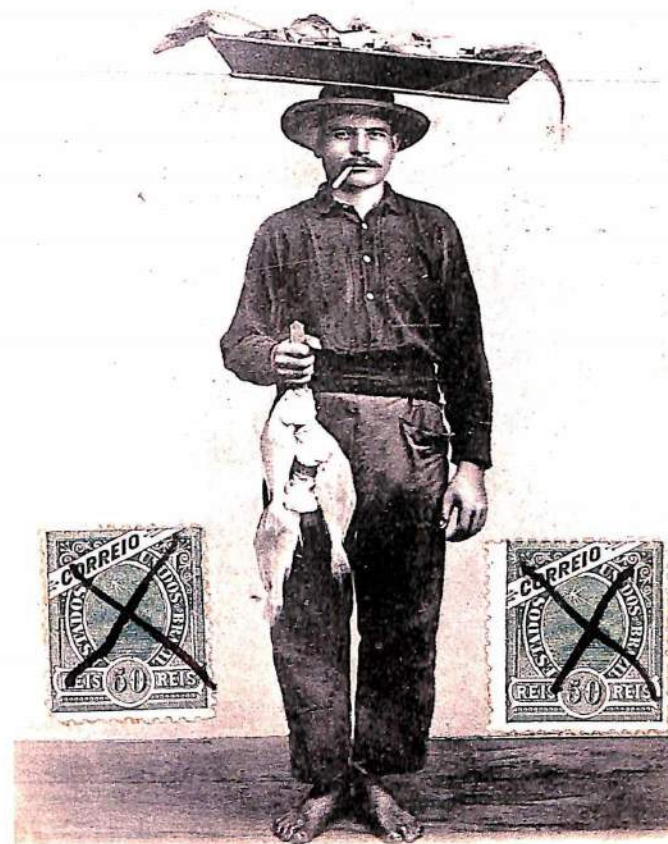


3ª Série, Papularia Silva - Alfredo Augusto Silva - Para

Paraná da Amazônia. Sociedade de Negros Mestres sobre a vila. Itaipu do Pará - Brasil

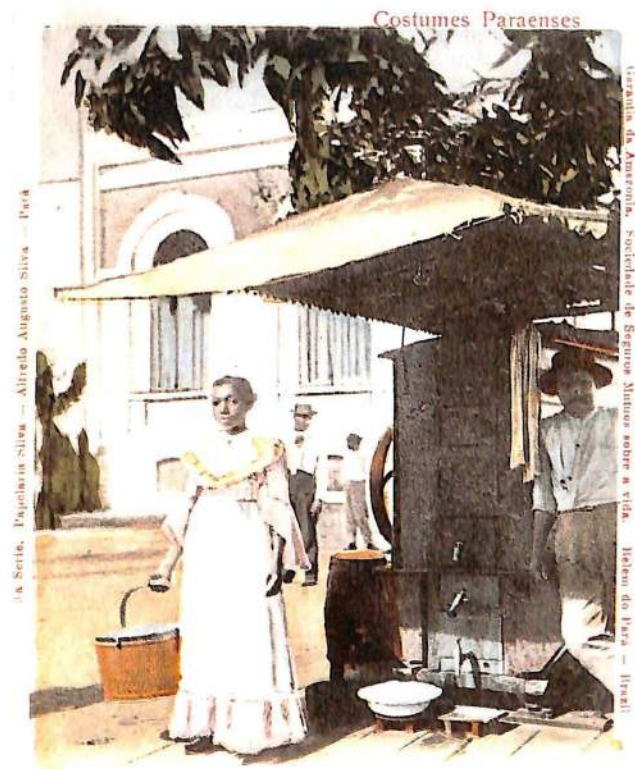
26/3 -
Peres - Para demain pour
l'embarquement

(Y)



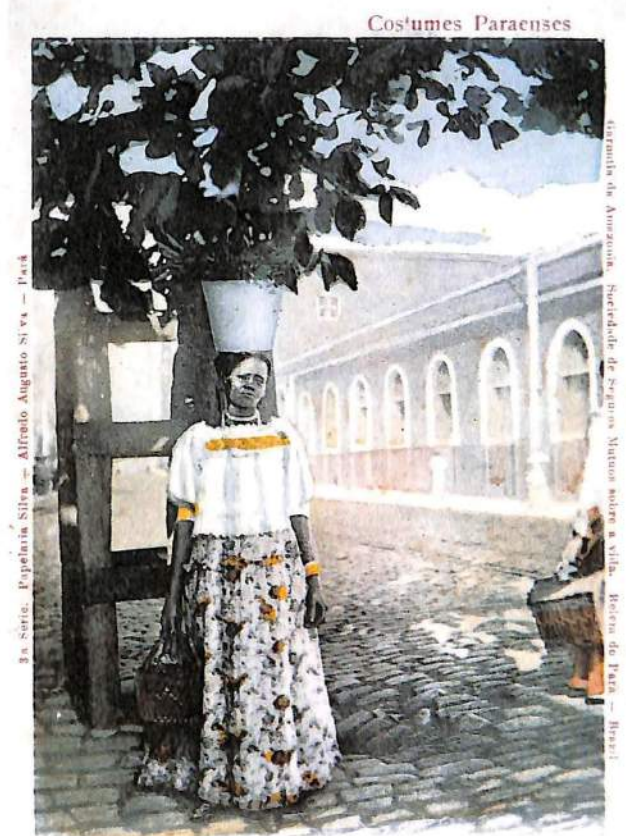
PARÁ — Vendedor de peixe
7-4-06 Cordeal Impres
E. Barros

(JMS)



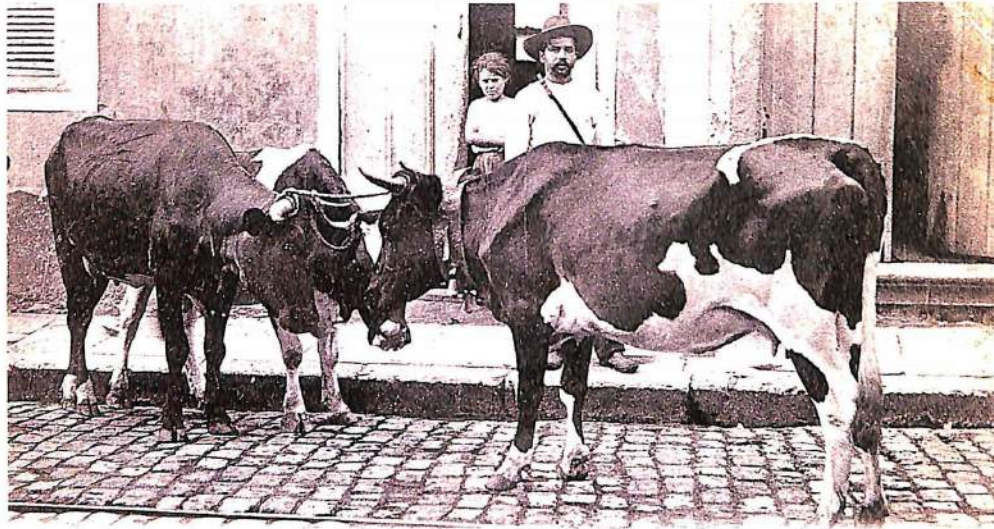
Um Garapeiro

(EOB)



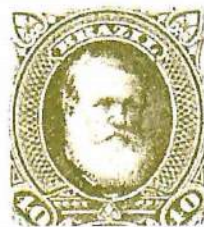
Uma Cosinheira

(VCM)



This is the only way you are sure of getting fresh milk. PARÁ — Vendedor de leite
Buenos.

(AM)



*“Quando a imagem emerge das águas do revelador e a luz se fixa
em sombra para sempre, há um instante único que se desprende do
tempo e se converte em sempre.”*

Eduardo Galeano

Bibliografia

- A BIBLIOTHECA Pública do Pará: no 67º aniversário de sua fundação. Belém: Guajarina, 1938. 30 p.
- ÁLBUM da Colônia Portuguesa no Brasil. Lisboa: Gráfica do "Número", 1929. 668 p.
- ALUMINA DO NORTE DO BRASIL. *Belém do Pará*. Belém: 1995. 119 p. il.
- BARATA, Mário. A encomenda e a concepção da estátua do Dr. José da Gama Malcher, localizada na Praça Visconde do Rio Branco, em Belém do Pará: significado da obra do ponto de vista estético. Circunstâncias de sua elaboração. Estudo histórico-artístico. *Revista de Cultura do Pará*, Belém, v. 7, n. 26-27, p. 13-53, Jan./Jun.1977.
- BASSALO, Célia Coelho. *O "Art Nouveau" em Belém*. Belém: Grafisa, 1984. não paginado.
- BELÉM. Intendente Municipal (1898 - 1911 : A. José de Lemos). *Álbum de Belém*: 15 de novembro de 1902. Paris: P. Renouard, 1902. 104 p. il.
- _____. *O Município de Belém: Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de Novembro de 1902, pelo Intendente Senador Antônio José Lemos*. Belém: Typ. de A. Silva, 1902/1908. 7 v.
- BELÉM: onde se afirmam as promessas da Amazônia. [s.l. : s.n.], [19--]. 78 p. il.
- BRAGA, Theodoro. *Guia do Estado do Pará*. Belém: Typ. do Instituto Lauro Sodré, 1916. 198 p. il.
- BRITO, Eugênio Leitão de. *História do Grêmio Literário e Recreativo Português*. Belém: Gráfica Santo Antônio, 1994. 320 p. il.
- CACCAVONI, Arthur. *Álbum Descritivo Amazônico*. Rio de Janeiro: F. Armanino, 1898. 187 p. il.
- _____. *Pará Commercial*. [s.l. : s.n.], 1900. 117 p. il.
- CASTRO, Fábio. *A cidade sebastiana: era da borracha, memória ...*. Orientação de Benedito Nunes. Belém: 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação).
- CRUZ, Ernesto. *A Estrada de Ferro de Bragança: visão social, econômica e política*. Belém: Spevea, 1955. 158 p.
- _____. *A História da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará: 1871-25 de Março - 1971*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971. 20 p. il.
- _____. *As edificações de Belém: 1783-1911*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971. 301 p. (Coleção História do Pará. Série "Arthur Vianna").
- _____. *As Obras Públicas do Pará*. Belém: Governo do Estado do Pará, Imprensa Oficial, 1967. 2 v.
- _____. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações*. 2. ed. Belém: Cejup, 1992. 142 p.
- _____. *O Ver-o-Peso: um capítulo da História colonial do Pará*. São Paulo: [s. n.], 1962. 8 p.
- _____. *História de Belém*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. 2 v. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica: pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Guaiabá 1783 - 1792*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1971. 2 v.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE BELÉM. *Palácio Antônio Lemos: memória e restauro*. Belém: 1994. não paginado. (Caminhos da Cultura, 1).
- FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE - Museu Paraense Emílio Goeldi. Rio de Janeiro: 1981. 208 p. il. (Coleção Museus Brasileiros, 4).
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ. *Estatutos e Regimento interno: aprovados, respectivamente, em sessões de 28 Dez. 964 e 18 Fev. 965*. Belém: [19--]. 31 p.
- MAIA, Tom; TOCANTINS, Leandro, MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Grão Pará*. São Paulo: Ed. Nacional e Belém: Secretaria de Estado da Cultura, Desportos e Turismo, 1979. 227 p. il.
- MEIRA FILHO, Augusto. *A Capela de Santo Alexandre (1719 - 1969)*. Belém: Falângola, 1971. 14 p.
- _____. *Contribuição à História dos Púlpitos de Santo Alexandre*. Belém: Falângola, 1971. 9 p.
- _____. *Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará*. Belém: Grafisa, 1976. 2 v.
- _____. *Jornal Dominical*, Belém, 1974-1979.
- _____. *O Bi-Secular Palácio de Landi*. Belém: Grafisa, 1974. 323 p.
- _____. *Mosqueiro: ilhas e vilas*. Belém: Grafisa, 1978. 576 p.
- MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. *A Memória Paraense no Cartão-Postal (1900-1930)*. Rio de Janeiro: Liney, 1986. 156 p. il.
- MOURÃO, Leila. *Memória da Indústria Paraense*. Belém: Fiepa, 1989. 93 p. il.
- O SANTUÁRIO de S. Francisco. *Estado do Pará*. Belém, 26. jun. 1919. p. 1, cod. 1º, (Anno IX, n. 2965)
- PARÁ. Governador (1897 - 1901 : J. Paes de Carvalho). *Álbum do Pará em 1899*. [s.l.:s.n.], [19--]. 159 p. il.
- PARÁ. Governador (1901 - 1909 : A. Montenegro). *Álbum do Estado do Pará*. Paris: Chaponet, 1908. 350 p. il.
- PARÁ. Governo. *O Pará em 1900*. Belém: A.A. Silva, 1900. 297 p. (Publicação Commemorativa ao Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil).
- PARÁ. Interventor Federal (1937 - 1939 : J. C. da Gama Malcher). *Álbum do Pará*. Belém: H. Rodrigues, 1939. 268 p. il.
- RÊGO, Orlando L. M. de Moraes. *Esboço histórico do Bosque "Rodrigues Alves"*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, Belém, v.13, p. 89-94, 1952/1965.
- REGULAMENTO interno do Gremio Litterário Portuguez. Belém: Typ. A. Silva, 1893. 39 p.
- ROCQUE, Carlos. *História de A Província do Pará: 1876 - 1976*. Belém: Mitograph, [19--]. 311 p. il.
- SILVA, Geraldo Gomes. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1987. 248 p. il.
- TABET, Sérgio, PUMAR, Sonia. *O Rio de Janeiro em antigos cartões-postais*. Rio de Janeiro: 1985. 227 p. il.
- TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade*. 3.ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Italiana, 1987. 383 p. (Guia das Cidades Brasileiras, 1).
- VALENTE, José Duarte. *A História nas Ruas de Belém: Cidade Velha*. Belém: Cejup, 1993. v. 1, 85 p. il.
- _____. *A História nas Ruas de Belém: Umarizal*. Belém: Cejup, 1993. v. 2, 80 p. il.
- _____. *A História nas Ruas de Belém: Marco/Pedreira*. Belém: Cejup, 1993. v. 3, 95 p. il.
- VIANA, Arthur. *História da Benemérita Portuguesa Beneficente do Pará*. Belém: Grafisa, 1974. 389 p.

Lembrança do Pará.

Avenida 16 de Novembro

Avenida Indio do Brazil

Cathedral

Saudades sinceras
do domingo. Wico



Agradecimentos

Aos cartofilistas: Antônio Miranda (Brasília, DF), Elysio de Oliveira Belchior (Rio de Janeiro, RJ), Habib Fraiha Neto (Belém, PA), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro, RJ), João Baptista Monteiro da Silva (São Paulo, SP), Márcio Meira (Belém, PA), Olínio Gomes Paschoal Coelho (Rio de Janeiro, RJ), Victorino C. Chermont de Miranda (Belém, PA), Yolanda Roberto (Rio de Janeiro, RJ).

Aos colaboradores: Ana Léa Mattos, Antônio Guerreiro Guimarães, Carmen Cal, Ceres Boga, Cláudio de La Rocque Leal, Clóvis C. Pinto, Dantas Feitosa, Elna Trindade, Gilberto Chaves, Gratuliano Bibas, José da Silveira Neto, Maria Helena Meira e Vicente Salles.

